



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Vitória Tassara

**Análise de parâmetros técnicos e tradutórios da Legendagem Descritiva
de filmes e séries: pesquisa de recepção com o público surdo brasileiro**

Florianópolis
2025

Vitória Tassara

Análise de parâmetros técnicos e tradutórios da Legendagem Descritiva de filmes e séries: pesquisa de recepção com o público surdo brasileiro

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Estudos da Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues
Coorientadora: Profa. Dra. Norma Barbosa de Lima Fonseca

Florianópolis

2025

Tassara, Vitória

Análise de parâmetros técnicos e tradutórios da Legendagem Descritiva de filmes e séries : pesquisa de recepção com o público surdo brasileiro / Vitória Tassara ; orientador, Carlos Henrique Rodrigues, coorientador, Norma Barbosa de Lima Fonseca, 2025.

305 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução Audiovisual. 3. Legendagem Descritiva. 4. Pesquisa de Recepção. 5. Participantes Surdos. I. Rodrigues, Carlos Henrique. II. Fonseca, Norma Barbosa de Lima. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. IV. Título.

Vitória Tassara

Análise de parâmetros técnicos e tradutórios da Legendagem Descritiva de filmes e séries:
pesquisa de recepção com o público surdo brasileiro

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 13 de outubro de 2025, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Patrícia Araújo Vieira, Dra.
Instituição: Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Arlene Koglin, Dra.
Instituição: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Prof.^a Helena Santiago Vigata, Dra.
Instituição: Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Diego Mauricio Barbosa, Dr.
Instituição: Universidade Federal de Goiás (UFG)

Prof. João Gabriel Duarte Ferreira, Dr.
Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutora em Estudos da Tradução.



Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Prof. Carlos Henrique Rodrigues, Dr.
Orientador

Florianópolis, 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e ao Universo pela resiliência e determinação necessárias para finalizar esta etapa em minha caminhada acadêmica.

Agradeço à minha mãe, Márcia Tassara, que sempre me incentivou a estudar e a dar o meu melhor em tudo que me proponho a fazer, que em todas as ocasiões me apoiou em minhas decisões e que me proporcionou oportunidades para chegar onde estou hoje. Esta tese também é para você, mãe.

Agradeço ao meu namorado, Jan Luca Kästle, pelo apoio incondicional na conclusão desta tese e por todo o companheirismo e amor compartilhado entre nós.

Agradeço aos meus amigos e amigas, entre os quais destaco João Silveira, Isis Finoto, Aline Kaster, Álvaro de Farias, Fernando Germinatti e Arlete Ataíde, que, mesmo estando em diferentes cidades, estados e países, sempre me apoiaram e ofereceram o suporte emocional necessário em dias difíceis.

Agradeço à comunidade surda, que me motivou a realizar esta pesquisa. Espero que os achados aqui apresentados contribuam para a acessibilidade midiática das pessoas surdas no Brasil. Esta tese é para vocês!

Agradeço aos meus orientadores, Dr. Carlos Henrique Rodrigues e Dra. Norma Barbosa Lima Fonseca, pela orientação e pelo apoio acadêmico e emocional indispensáveis para a finalização desta etapa em minha carreira acadêmica.

Agradeço aos professores da banca de qualificação, Dra. Ana Katarinna Pessoa, Dr. Wharley dos Santos e Dra. Helena Santiago, pelas sugestões para a melhoria da pesquisa e pela leitura atenta do texto.

Agradeço aos professores da banca de defesa, Dra. Arlene Koglin, Dr. Diego Barbosa, Dra. Helena Santiago, Dr. João Gabriel e Dra. Patrícia Vieira pelas contribuições e sugestões para o aprimoramento desta tese.

Agradeço aos participantes desta pesquisa, especialmente às pessoas surdas e com deficiência auditiva, que possibilitaram o desenvolvimento deste estudo. Aos participantes dos estudos exploratórios, aos respondentes do questionário e aos integrantes dos grupos focais: o meu muito obrigada!

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina por todas as disciplinas cursadas e pelo conhecimento compartilhado.

Agradeço aos colegas do grupo de pesquisa InterTrads, do grupo de estudos GETRADTEC e do projeto de extensão Première Acessível, por todas as trocas acadêmicas e aprendizados compartilhados.

Agradeço à CAPES pelo financiamento de seis meses para a realização do Doutorado Sanduíche na Inglaterra, no âmbito do Programa CAPES-PrInt.

Agradeço à University College London (UCL) e ao Deafness Cognition and Language Research Centre (DCAL) pelo período de Doutorado Sanduíche, especialmente à Professora Dra. Bencie Woll, que me recebeu na instituição com muito carinho durante os seis meses de estágio doutoral.

Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo financiamento temporário desta pesquisa, entre agosto de 2021 e fevereiro de 2022.

Agradeço à FAPESC (Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina) pelo financiamento desta pesquisa de março de 2022 até a finalização do estudo.

Agradeço à Fernanda Christmann pela diagramação e formatação deste texto.

Agradeço a todos e todas que, de alguma forma, contribuíram para a conclusão desta tese.

Muito obrigada!

“A verdadeira coragem
é ir atrás de seu sonho
mesmo quando todos dizem
que ele é impossível.” (Cora Coralina)

RESUMO

Esta tese se insere nos estudos desenvolvidos no campo da Tradução Audiovisual (TAV), mais especificamente sobre a modalidade da Legendagem Descritiva, que se diferencia da Legendagem Convencional por apresentar informações sonoras e identificar o turno de fala dos personagens. A Legendagem envolve a tradução do texto-fonte oral, entendido como falas em qualquer modalidade de língua e outras informações relevantes de uma produção audiovisual, para o texto-alvo, ou seja, para o registro escrito na forma de legendas, exibidas na tela simultaneamente ao texto-fonte, respeitando a sincronia e as limitações de espaço e tempo impostas por essa modalidade de tradução. No contexto desta pesquisa, foram utilizados dados quantitativos, de um questionário online, e qualitativos, de quatro grupos focais, para realizar um estudo de recepção com consumidores surdos acerca da Legendagem Descritiva interlingual no par linguístico inglês-português, focando em três parâmetros técnicos e tradutórios: i) estratégias de tradução de músicas; ii) uso de cores nas legendas para identificação de falantes; e iii) mudança de posicionamento das legendas para identificação de falantes. Utilizamos o arcabouço teórico de pesquisadores da área da TAV, como Karamitroglou (2000) e Chaume (2013). Para o desenvolvimento da pesquisa, nos baseamos em outros estudos de recepção sobre Legendagem Descritiva, tendo como principais modelos os estudos de recepção desenvolvidos por Szarkowska, Żbikowska e Krejtz (2013), Romero-Fresco (2016), Mangiron (2016), Gurkan (2019), Aleksandrowicz (2020), Shokoohmand e Khoshsaligheh (2024), entre outros. Nosso estudo foi realizado em duas etapas: primeiramente, um questionário online para levantamento de perfil dos consumidores surdos e checagem de suas preferências acerca dos três parâmetros da Legendagem Descritiva investigados. Em seguida, foram realizados três grupos focais com 11 participantes surdos que haviam respondido ao questionário, bem como um grupo focal adicional com três participantes surdos que não o haviam respondido, com o objetivo de estabelecer comparações. O objetivo dos grupos focais foi aprofundar as discussões e oferecer aos participantes a oportunidade de justificar as preferências indicadas no questionário em relação aos parâmetros da Legendagem Descritiva testados. Nessa etapa, os participantes também atribuíram notas de 0 a 10 aos vídeos legendados com os parâmetros avaliados na pesquisa. Obtivemos 55 respostas válidas para o questionário online e realizamos os grupos focais com um total de 14 participantes surdos. A estratégia de tradução de músicas que foi mais bem recebida pelos participantes foi a transcrição da letra da canção em inglês – com apenas 14,5% dos respondentes do questionário se sentindo insatisfeitos e 72,7% se sentindo satisfeitos com esse tipo de estratégia – obtendo também uma nota média de 9,5 dentre os grupos focais. Esse resultado não corroborou os achados de Aleksandrowicz (2020), em que surdos poloneses não demonstraram preferência por estratégias específicas de tradução de música. Indo no sentido oposto, o uso de cores para identificar falantes obteve uma recepção negativa por parte dos respondentes do questionário, com 74,5% se sentindo satisfeitos com o uso de legendas de uma única cor (branca) e 41,8% se declarando satisfeitos com as legendas coloridas — tendência também observada na nota média de 6,6 para o uso de legendas coloridas dentre os grupos focais. Este resultado não dialoga com os achados de Shokoohmand e Khoshsaligheh (2024), em que os autores encontraram que pessoas surdas persas demonstraram maior nível de compreensão de produtos audiovisuais legendados com o uso de cores do que com a apresentação do nome dos personagens entre colchetes. Finalmente, a mudança de posicionamento para identificar personagens obteve uma recepção equilibrada, com 76,3% dos respondentes preferindo as legendas centralizadas na parte inferior da tela e 56,3% se sentindo satisfeitos com a estratégia de mudança de posicionamento — obtendo uma nota média de 7,2 dentre os grupos focais — resultado corroborado por Mangiron (2016) em pesquisa realizada com surdos espanhóis, que preferiram as legendas centralizadas em jogos. Apesar de apenas o primeiro parâmetro testado ter recebido avaliação majoritariamente positiva, observamos que

os participantes demonstraram um certo nível de abertura para o uso de estratégias inovadoras de legendagem, desde que aplicadas com parcimônia e adequação aos diferentes gêneros e contextos audiovisuais. Assim, nossa pesquisa traz contribuições relevantes para a área da Legendagem Descritiva por apresentarmos inovações teóricas e metodológicas – ao articular questionário e grupos focais — uma combinação ainda pouco explorada na área e por dar visibilidade às preferências dos consumidores surdos. Finalmente, espera-se que tendências criativas de legendagem possam ser mais profundamente investigadas em estudos realizados no Brasil, descobrindo as preferências de pessoas surdas brasileiras e se convertendo em melhores práticas de legendagem para esse público.

Palavras-chave: Tradução Audiovisual; Legendagem Descritiva; Pesquisa de Recepção. Participantes Surdos.

ABSTRACT

This thesis is situated within the field of Audiovisual Translation (AVT), more specifically within the modality of Subtitling for the Deaf and the Hard-of-Hearing (SDH), which differs from Conventional Subtitling by including sound information and identifying characters' turns of speech. Subtitling involves translating the oral source text, which includes speech in any language modality as well as other relevant information from an audiovisual production, into the target text, that is, into written subtitles displayed on screen simultaneously with the source text, while respecting the synchrony and the spatial and temporal constraints imposed by this translation modality. In this study, quantitative data from an online questionnaire and qualitative data from four focus groups were used to conduct a reception study with Deaf consumers regarding interlingual SDH in the English-Portuguese language pair, focusing on three parameters: (i) strategies for music translation; (ii) the use of colors in subtitles to identify speakers; and (iii) changes in subtitle position to identify speakers. The theoretical framework draws on AVT scholars such as Karamitroglou (2000) and Chaume (2013). The research design is informed by previous reception studies on SDH, including seminal work by Szarkowska, Żbikowska and Krejtz (2013), Romero-Fresco (2016), Mangiron (2016), Gurkan (2019), Aleksandrowicz (2020), Shokoozmand and Khoshsaligheh (2024), among others. Our study was conducted in two stages: first, an online questionnaire was used to gather profile information on Deaf consumers and to assess their preferences regarding the SDH parameters investigated here. Subsequently, three focus groups were conducted with 11 Deaf participants who had completed the questionnaire, along with an additional focus group with three Deaf participants who had not completed it, for comparative purposes. The focus groups aimed to deepen the discussions and offer participants the opportunity to justify the preferences they had indicated in the questionnaire regarding the tested SDH parameters. At this stage, participants also assigned scores from 0 to 10 to the subtitled videos featuring the parameters evaluated in the study. A total of 55 valid responses were obtained from the online questionnaire, and the focus groups involved 14 Deaf participants. The music translation strategy that received the most positive feedback was the transcription of the English song lyrics — only 14.5% of questionnaire respondents reported not being satisfied with it, while 72.7% expressed satisfaction with this strategy — which also achieved an average score of 9.5 in the focus groups. This finding does not corroborate Aleksandrowicz's (2020) results, in which Polish Deaf participants did not demonstrate a preference for specific song translation strategies. In contrast, the use of colors to identify speakers received a negative reception among questionnaire respondents: 74.5% reported satisfaction with single-color (white) subtitles, while only 41.8% expressed satisfaction with colored subtitles, a trend also reflected in the average score of 6.6 for colored subtitles in the focus groups. This result diverges from the findings of Shokoozmand and Khoshsaligheh (2024), who reported that Persian Deaf viewers showed better comprehension of subtitled audiovisual products when colors were used than when speakers' names were displayed between brackets. Finally, repositioning subtitles to identify characters received a balanced reception: 76.3% of respondents preferred subtitles centered at the bottom of the screen, and 56.3% were satisfied with repositioned subtitles, which received an average score of 7.2 in the focus groups. This result aligns with Mangiron's (2016) study with Spanish Deaf participants, who preferred centered subtitles in video games. Although only the first parameter received most predominantly positive evaluations, participants showed a degree of openness to innovative subtitling strategies, provided they are applied with caution and adapted to different audiovisual genres and contexts. Thus, our study makes significant contributions to the field of SDH by introducing theoretical and methodological innovations, particularly through the combination of questionnaire and focus groups, a still underexplored approach in the field, and by giving visibility to the preferences

of deaf consumers. Finally, we hoped that creative subtitling trends will be further explored in studies conducted in Brazil, thereby identifying the preferences of the Brazilian Deaf audience and informing better subtitling practices for this population.

Keywords: Audiovisual Translation; Subtitling for the Deaf and the Hard-of-Hearing; Reception Study; Deaf Participants.

RESUMO EM LIBRAS



Resumo em Libras também disponível no *link*: <https://youtu.be/3xyhEag37O0>

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modalidades da TAV	39
Figura 2 – Parâmetros técnicos e tradutórios da Legendagem	48
Figura 3 – Parte da interface do <i>software</i> de Legendagem <i>Subtitle Edit</i>	51
Figura 4 – Legenda com segmentação	52
Figura 5 – Legenda sem segmentação	53
Figura 6 – Utilização de diferentes cores em um mesmo bloco de legendas	56
Figura 7 – Níveis de alinhamento das legendas	57
Figura 8 – Mudança no alinhamento de legendas para evitar sobreposição textual.....	58
Figura 9 – Tipos de redução textual, segundo Zárte (2021)	60
Figura 10 – Tipos de tradução de músicas para legendas	64
Figura 11 – Tradução de efeitos sonoros entre colchetes	65
Figura 12 – Opções de legendas na plataforma Netflix Brasil	70
Figura 13 – Opções de legenda na plataforma da Amazon Prime Video Brasil	71
Figura 14 – Utilização dos colchetes na Legendagem Descritiva	73
Figura 15 – Legendas com cores azul ciano, verde, amarelo e magenta.....	75
Figura 16 – Legendas com mudança de posicionamento e alinhamento	77
Figura 17 – Mudança no alinhamento de legendas para identificar falantes.....	78
Figura 18 – Mudança no posicionamento de legendas para identificar falantes e uso de hífen para identificar falantes	79
Figura 19 – Transcrição da letra da música na Legendagem intralingual	82
Figura 20 – Indicação do nome da música nas legendas	83
Figura 21 – Indicação do tipo de música nas legendas.....	84
Figura 22 – Tradução de efeitos sonoros: suspiro	85
Figura 23 – Visualização do vídeo 2 do questionário do estudo exploratório 2	104
Figura 24 – Visualização do vídeo apresentado no questionário da pesquisa.....	107
Figura 25 – Per1: Você é pessoa surda ou com deficiência auditiva?.....	116
Figura 26 – Per2: Aceite em participar da pesquisa	117
Figura 27 – Per4: Qual a sua idade?	118
Figura 28 – Per5 – Onde você mora?	121
Figura 29 – Per6: Como você se autodeclara	123
Figura 30 – Per7: Qual sua L1 e L2?.....	125
Figura 31 – Per8: Qual sua língua de maior conforto?.....	127

Figura 32 – Per9: Grau de surdez	129
Figura 33 – Per10: Como você classificaria o seu nível de proficiência em português escrito?	131
Figura 34 – Per12: Nível de escolaridade.....	132
Figura 35 – Per13: Você assiste a filmes e séries legendados em português?	134
Figura 36 – Per14: Atualmente, com que frequência você assiste a filmes e séries legendados em português?.....	136
Figura 37– Per15: Qual a importância das legendas para que você tenha acesso a filmes e séries?	138
Figura 38 – Per16: Em que idioma são, na maioria das vezes, os filmes e séries que você assiste?	140
Figura 39 – Per17: Onde você costuma assistir a filmes e séries legendados?	142
Figura 40 – Per18: Qual gênero cinematográfico de filmes e séries você assiste com mais frequência?.....	145
Figura 41 – Captura de tela exibida na pergunta 19 do questionário	147
Figura 42 – Captura de tela exibida na Pergunta 20 do questionário	150
Figura 43 – Captura de tela exibida na Pergunta 21 do questionário	153
Figura 44 – Exemplo de tradução de músicas na pergunta 22 do questionário.....	157
Figura 45 – Exemplo de tradução de músicas na pergunta 23 do questionário.....	159
Figura 46 – Exemplo de legendas coloridas na pergunta 24 do questionário	163
Figura 47 – Exemplo do vídeo controle exibido na pergunta 25 do questionário.....	165
Figura 48 – Exemplo de legendas centralizadas e com uso de colchetes para identificar falantes na pergunta 26 do questionário.....	169
Figura 49 – Exemplo do vídeo experimental exibido na pergunta 27 do questionário	172
Figura 50 – Preferências da tradução de músicas por faixa etária.....	181
Figura 51 – Preferências do uso de cores por faixa etária	185
Figura 52 – Preferências do uso de cores por faixa etária	189
Figura 53 – Preferências de Tradução de Músicas por escolaridade.....	194
Figura 54 – Preferências de uso de cores por escolaridade	197
Figura 55 – Preferências de posicionamento por escolaridade.....	201
Figura 56 – Combinação de resultados do questionário e dos grupos focais – Preferências: Tradução de Músicas	260
Figura 57 – Combinação de resultados do questionário e dos grupos focais – Preferências: Uso de Cores	263

Figura 58 – Combinação dos resultados do questionário e grupos focais – Preferências: Posicionamento.....	266
--	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tradução diagonal	45
Quadro 2 – Proposta de reformulação do Quadro 1	45
Quadro 3 – Trailers utilizados no estudo exploratório 1	97
Quadro 4 – Trechos de séries utilizados no estudo exploratório 2	100
Quadro 5 – Trechos utilizados no questionário da pesquisa	109
Quadro 6 – Ordem de exibição dos parâmetros técnicos e tradutórios para discussão nos grupos focais.....	112
Quadro 7 – Perfil dos participantes dos grupos focais	112
Quadro 8 – Local de residência dos participantes dos grupos focais	113
Quadro 9 – Grau de importância de efeitos sonoros e músicas nas legendas	148
Quadro 10 – Grau de importância do uso de cores para diferenciar falantes nas legendas....	150
Quadro 11 – Grau de importância da mudança de posicionamento para diferenciar falantes nas legendas	153
Quadro 12 – Grau de importância dos parâmetros da Legendagem testados na pesquisa	155
Quadro 13 – Grau de satisfação com as legendas que apresentam a adjetivação das músicas entre colchetes (vídeo controle).....	157
Quadro 14 – Grau de satisfação com as legendas que apresentam a transcrição da letra da música (vídeo experimental).....	159
Quadro 15 – Comparação da recepção das legendas de tradução de músicas - Questionário	160
Quadro 16 – Grau de satisfação com o uso de cores nas legendas para identificar os personagens (vídeo experimental).....	163
Quadro 17 – Grau de satisfação com legendas brancas que apresentam o nome dos personagens entre colchetes (vídeo controle).....	166
Quadro 18 – Comparação da recepção entre legendas coloridas e legendas brancas – Questionário.....	167
Quadro 19 – Grau de satisfação com legendas centralizadas na parte inferior da tela e com o uso de colchetes para identificar os personagens (vídeo controle).....	170
Quadro 20 – Grau de satisfação das legendas com mudança de posicionamento para identificar falantes (vídeo experimental)	172
Quadro 21 – Comparação da recepção das legendas centralizadas e legendas com mudança de posicionamento - Questionário.....	173

Quadro 22 – Resultados das preferências entre parâmetros controle e experimentais - Questionário	176
Quadro 23 – Número de respondentes do questionário por geração	178
Quadro 24 – Preferências por da idade dos vídeos controle e experimental – Tradução de Músicas.....	179
Quadro 25 – Preferências por idade dos vídeos controle e experimental – Uso de cores	183
Quadro 26 – Preferências por idade dos vídeos controle e experimental – Posicionamento .	187
Quadro 27 – Grupos de escolaridade dos respondentes	192
Quadro 28 – Preferências por escolaridade dos vídeos controle e experimental – Tradução de Músicas.....	193
Quadro 29 – Preferências por escolaridade dos vídeos controle e experimental – Uso de cores	196
Quadro 30 – Preferências por escolaridade dos vídeos controle e experimental – Posicionamento.....	200
Quadro 31 – O que cada participante dos grupos focais pensa que poderia melhorar na Legendagem no Brasil.....	255
Quadro 32 – Trechos de vídeos legendados utilizados na pesquisa	305

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Preferências do Grupo Focal 1 – Tradução de Músicas	212
Tabela 2 – Preferências do Grupo Focal 2 – Tradução de Músicas	214
Tabela 3 – Preferências do Grupo Focal 3 – Tradução de Músicas	216
Tabela 4 – Preferências do Grupo Controle – Tradução de Músicas	219
Tabela 5 – Avaliação da Tradução de Músicas por Grupo Focal.....	221
Tabela 6 – Preferências do Grupo Focal 1 – Uso de cores.....	223
Tabela 7 – Preferências do Grupo Focal 2 – Uso de cores.....	226
Tabela 8 – Preferências do Grupo Focal 3 – Uso de cores.....	229
Tabela 9 – Preferências do Grupo Controle – Uso de cores.....	231
Tabela 10 – Avaliação do uso de cores por Grupo Focal	234
Tabela 11 – Preferências do Grupo Focal 1 – Posicionamento das legendas.....	236
Tabela 12 – Preferências do Grupo Focal 2 – Posicionamento das legendas.....	238
Tabela 13 – Preferências do Grupo Focal 3 – Posicionamento das legendas.....	243
Tabela 14 – Preferências do Grupo Controle – Posicionamento das legendas	246
Tabela 15 – Avaliação do posicionamento por Grupo Focal	249

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Audiodescrição
AM	Acessibilidade Midiática
Ancine	Agência Nacional do Cinema
BBC	<i>British Broadcasting Company</i>
CC	<i>Closed Captions</i>
ET	Estudos da Tradução
GETRADTEC	Grupo de Estudos e de Pesquisa em Tradução e Tecnologia
IA	Inteligência Artificial
InterTrads	Núcleo de Pesquisas em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais e Vocais
Latav	Laboratório de Tradução Audiovisual
Latravis	Laboratório de Tradução Audiovisual da Língua de Sinais
Letra	Laboratório Experimental de Tradução
Lead	Legendagem e Audiodescrição
LO	Legendagem para Ouvintes
LSE	Legendagem para Surdos e Ensurdecidos
Matav	Mídia Acessível e Tradução Audiovisual
SDH	<i>Subtitling for the Deaf and the Hard-of-Hearing</i>
TA	Tradução Automática
TAV	Tradução Audiovisual
TAVa	Tradução Audiovisual Acessível
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TrAce	Tradução e Acessibilidade
Uece	Universidade Estadual do Ceará
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	Universidade de Brasília
Unesp	Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	23
1.1	APRESENTAÇÃO GERAL DA PESQUISA	23
1.2	INSERÇÃO DA PESQUISA	24
1.3	OBJETIVOS	26
1.4	PÚBLICO-ALVO E CONTRIBUIÇÕES ESPERADAS	29
1.5	CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCRITA E ESCOLHAS TERMINOLÓGICAS	33
1.6	ESTRUTURA DA TESE	34
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	36
2.1	TRADUÇÃO AUDIOVISUAL (TAV).....	36
2.2	LEGENDAGEM	43
2.2.1	Parâmetros técnicos: <i>timing</i>, duração e velocidade.....	49
2.2.2	Parâmetros técnicos: número de caracteres por linha e por segundo	50
2.2.3	Parâmetros técnicos: segmentação.....	52
2.2.4	Parâmetros técnicos: uso de cores.....	54
2.2.5	Parâmetros técnicos: posicionamento e alinhamento.....	57
2.2.6	Parâmetros tradutórios: estratégias de tradução específicas da Legendagem	59
2.2.7	Parâmetros tradutórios: especificidades do registro oral.....	61
2.2.8	Parâmetros tradutórios: tradução de músicas.....	63
2.2.9	Parâmetros tradutórios: tradução de efeitos sonoros	64
2.3	LEGENDAGEM DESCRITIVA.....	66
2.3.1	Uso de cores nas legendas para identificação de falantes	72
2.3.2	Posicionamento das legendas para identificação de falantes.....	75
2.3.3	Tradução de músicas e efeitos sonoros	80
2.4	ESTUDOS DE RECEPÇÃO SOBRE LEGENDAGEM DESCRITIVA.....	86
3	METODOLOGIA.....	95
3.1	METODOLOGIA DE COLETA.....	95
3.1.1	Estudo exploratório 1	96
3.1.2	Estudo exploratório 2	99
3.2	METODOLOGIA DE ANÁLISE	101
3.2.1	Estudo exploratório 1	101
3.2.2	Estudo exploratório 2	103
3.3	DESENHO FINAL DO ESTUDO	105

3.3.1	Coleta e Análise do Questionário Online.....	105
3.3.2	Coleta e Análise dos Grupos Focais	110
4	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	114
4.1	RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO.....	114
4.1.1	Seção 1 do questionário: Apresentação do TCLE e do vídeo-convite em Libras	115
4.1.2	Seção 2 do questionário: Informações gerais	117
4.1.3	Seção 3 do questionário: Preferências sobre produtos audiovisuais	134
4.1.4	Seção 4 do questionário: Legenda Descritiva	146
4.1.4.1	<i>Perguntas 22 e 23: tradução de músicas.....</i>	<i>156</i>
4.1.4.2	<i>Perguntas 24 e 25: uso de cores.....</i>	<i>162</i>
4.1.4.3	<i>Perguntas 26 e 27: posicionamento das legendas.....</i>	<i>169</i>
4.1.5	Relacionando os resultados – Faixa etária	178
4.1.6	Relacionando os resultados – Escolaridade.....	192
4.1.7	Relacionando os resultados – Regiões do Brasil	203
4.1.8	Relacionando os resultados – Grau de surdez	205
4.1.9	Relacionando os resultados – Português e Libras	207
4.1.10	Relacionando os resultados – Hábitos de consumo de produtos audiovisuais	209
4.2	RESULTADOS DOS GRUPOS FOCALIS	210
4.2.1	Parâmetro 1: Tradução de músicas	211
4.2.1.1	<i>Grupo Focal 1</i>	<i>211</i>
4.2.1.2	<i>Grupo Focal 2</i>	<i>213</i>
4.2.1.3	<i>Grupo Focal 3</i>	<i>216</i>
4.2.1.4	<i>Grupo Focal Controle</i>	<i>218</i>
4.2.1.5	<i>Resumo Dos Grupos Focais – Tradução de Músicas.....</i>	<i>220</i>
4.2.2	Parâmetro 2: Uso de cores para identificar personagens	222
4.2.2.1	<i>Grupo Focal 1</i>	<i>222</i>
4.2.2.2	<i>Grupo Focal 2</i>	<i>225</i>
4.2.2.3	<i>Grupo Focal 3</i>	<i>228</i>
4.2.2.4	<i>Grupo Focal Controle</i>	<i>230</i>
4.2.2.5	<i>Resumo dos Grupos Focais</i>	<i>233</i>
4.2.3	Parâmetro 3: Posicionamento das legendas para diferenciar personagens	235
4.2.3.1	<i>Grupo Focal 1</i>	<i>235</i>
4.2.3.2	<i>Grupo Focal 2</i>	<i>237</i>

4.2.3.3	<i>Grupo Focal 3</i>	242
4.2.3.4	<i>Grupo Focal Controle</i>	246
4.2.3.5	<i>Resumo dos Grupos Focais</i>	248
4.2.4	Relatos dos participantes sobre possíveis melhorias na Legendagem no Brasil	250
4.3	COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS: QUESTIONÁRIO E GRUPOS FOCALIS	258
4.3.1	Tradução de músicas	258
4.3.2	Uso de cores	261
4.3.3	Posicionamento	264
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	269
	REFERÊNCIAS	278
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ONLINE	290
	APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE FILMAGEM	302
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	303
	APÊNDICE D – VÍDEOS LEGENDADOS UTILIZADOS NA PESQUISA	305

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO GERAL DA PESQUISA

O consumo de produções audiovisuais ocupa um papel central no direito ao lazer, à cultura e à integração social nas sociedades contemporâneas, além de constituir um meio relevante de circulação de informações, narrativas e conhecimento. Entretanto, para pessoas surdas, o acesso pleno a esse conteúdo muitas vezes depende de recursos de acessibilidade midiática que atendam às suas especificidades linguísticas e comunicacionais. Entre esses recursos, a Legendagem Descritiva — objeto de estudo desta tese — destaca-se por apresentar informações sonoras e pela identificação dos falantes nas legendas, favorecendo uma compreensão mais completa da obra audiovisual pelo público surdo. Nesse sentido, este estudo busca investigar as preferências desse público, a fim de contribuir para o desenvolvimento de práticas mais condizentes com as necessidades das comunidades surdas brasileiras no que diz respeito à Legendagem Descritiva.

Assim, esta pesquisa propõe-se a realizar um estudo de recepção acerca da Legendagem Descritiva em português brasileiro de filmes e séries em inglês estadunidense. Estudos de recepção dedicam-se a analisar como determinado público interage, reage e se relaciona com algum produto. No caso deste trabalho, realizamos uma investigação quali-quantitativa com vistas a examinar as preferências de um público específico — integrantes das comunidades surdas brasileiras — quanto a parâmetros definidos da Legendagem Descritiva em português brasileiro de filmes e séries estrangeiros. Assim, investigamos a recepção de legendas descritivas interlinguais (inglês estadunidense → português brasileiro), utilizando dados quantitativos de um questionário online e dados qualitativos de grupos focais.

Legendas descritivas podem ser interlinguais ou intralinguais e adotar diferentes tipos de layout, a depender de fatores como idioma e gênero do texto-fonte audiovisual, espaço e país de veiculação das legendas, além da pressão de tempo aplicada ao legendista. Neste trabalho, focou-se em três parâmetros específicos da Legendagem Descritiva e analisamos como participantes surdos recebem esses recursos: (i) estratégias de tradução de músicas; (ii) uso de cores para identificação de falantes; e (iii) mudança de posicionamento das legendas para identificação de personagens.

A análise da recepção das estratégias de tradução de músicas em legendas descritivas será feita com base em um trecho da série *Brooklyn 99* (2013-2021). A análise do uso de cores para identificação de falantes será realizada a partir de um trecho da série *Friends* (1994–2004).

Já a análise da recepção da mudança de posicionamento das legendas será feita a partir de um trecho do filme *Carnage* (2011). A seleção desses trechos considerou um conjunto de características específicas, que serão detalhadas no capítulo de Metodologia.

O diferencial desta pesquisa de recepção reside na combinação de dois métodos: um questionário online, composto por perguntas fechadas e de múltipla escolha, e a realização de grupos focais. O questionário fornece dados quantitativos acerca das preferências das pessoas surdas participantes em relação à Legendagem Descritiva, enquanto os grupos focais oferecem a oportunidade aos participantes de justificar essas escolhas e explicitar as motivações das respostas fornecidas. Assim, no questionário online, a pesquisadora não está presente no momento da participação (preenchimento e envio), ao passo que, nos grupos focais, é possível dialogar, discutir e aprofundar a compreensão das razões apresentadas por cada participante para preferir (ou não) certa estratégia de Legendagem. Em razão dessa articulação metodológica, a pesquisa apresenta um diferencial inovador no âmbito dos estudos de recepção sobre Legendagem no Brasil.

Desse modo, esta pesquisa organiza-se em duas etapas do estudo de recepção. Primeiramente, por meio de um questionário online com a exibição de trechos de filmes e séries com legendas descritivas interlinguais, pediu-se para que os respondentes declarem suas preferências pelos parâmetros técnicos e tradutórios analisados na pesquisa, além de levantar-se o perfil e as preferências dos respondentes surdos. Em seguida, realizaram-se grupos focais com os respondentes surdos do questionário — e um grupo focal com pessoas surdas que não haviam respondido ao questionário para fins de comparação —, a fim de aprofundar os dados obtidos no questionário sobre as preferências dos três parâmetros testados da Legendagem Descritiva Interlingual.

1.2 INSERÇÃO DA PESQUISA

A principal motivação para a realização deste estudo decorre da experiência e da convivência da autora com pessoas surdas e com algumas comunidades surdas brasileiras. Além disso — e não menos importante — sua atuação como tradutora, intérprete e legendista possibilitou perceber, de forma ainda mais evidente, a necessidade urgente de ampliar as discussões e, sobretudo, dar maior visibilidade às demandas dessa parcela da população no que diz respeito à acessibilidade midiática.

Percebe-se uma lacuna, tanto acadêmica quanto prática, no campo da Legendagem e de outros recursos de acessibilidade audiovisual que se delineia no Brasil, sobretudo no

atendimento às demandas de públicos diversos com necessidades específicas. Trata-se não apenas de comunidades surdas, mas também de pessoas cegas e/ou com baixa visão, por meio da audiodescrição, por exemplo. Desse modo, sob uma perspectiva social, este trabalho busca trazer melhorias diretas e indiretas para o público surdo que consome filmes e séries legendados no Brasil.

Desde a criação da Lei Brasileira de Inclusão, em 2015, que, entre outras providências, prevê a presença de legendas ocultas¹ nos serviços de radiodifusão de sons e imagens (Brasil, 2015), ampliou-se a demanda tanto pela formação de profissionais legendistas quanto pela investigação das preferências, necessidades e prioridades do público-alvo ao qual, majoritariamente (mas não exclusivamente), essa medida se destina: o público surdo e/ou com deficiência auditiva. Nesse sentido, investigações sobre a recepção da Legendagem Descritiva com o público brasileiro mostram-se relevantes, especialmente ao se considerar o Brasil como um país de dimensões continentais, com uma quantidade significativa de habitantes surdos, que apresentam perfis heterogêneos como consumidores de produções audiovisuais.

Na esfera acadêmica, no âmbito dos Estudos da Tradução (ET), a Tradução Audiovisual (TAV) vem se consolidando como um campo profícuo de investigação, gerando conhecimento científico e retorno social a partir de aperfeiçoamentos na tradução de produtos audiovisuais ofertados pelo mercado. A TAV compreende modalidades inseridas no audiovisual, como a Legendagem e a dublagem. Assim, as pesquisas da área estão diretamente relacionadas à tecnologia audiovisual e aos “[...] avanços tecnológicos que mudaram uma sociedade que era baseada nos papéis físicos para uma sociedade inserida na mídia [...] fizeram da Tradução Audiovisual o campo mais dinâmico dos Estudos da Tradução” (Orero, 2004, p. 8, tradução nossa²).

As pesquisas acadêmicas em TAV, sobretudo sobre Legendagem e dublagem, começam a ganhar destaque no Brasil a partir do final do século XX e início do século XXI (Spolidoro, 2017), e cada modalidade vem se desenvolvendo até os dias atuais em nichos específicos de pesquisa. No caso desta investigação, a modalidade em foco é a Legendagem, mais especificamente a Legendagem Descritiva, também conhecida no Brasil como Legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE) — tradução corrente da expressão em inglês *Subtitling for the Deaf and the Hard-of-Hearing* (SDH). Trata-se de uma modalidade de

¹ Legendas ocultas, neste contexto, são aquelas que podem ser retiradas ou adicionadas na tela através do controle remoto da televisão.

² Nossa tradução de: “[...] *technological developments which have changed paper oriented society towards media oriented society have also made Audiovisual Translation the most dynamic field of Translation Studies*” (Orero, 2004, p. 8).

Legendagem que inclui informações sonoras, como músicas, efeitos sonoros, sons ambientes e sotaques, além de identificar o turno de fala dos personagens em tela por meio de diferentes estratégias.

Por se tratar de uma modalidade de tradução voltada à acessibilidade, a Legendagem Descritiva tem sido objeto de estudo de pesquisadores da TAV que investigam suas condições de produção e/ou sua recepção pelo público-alvo, comumente representado por espectadores surdos. Contudo, não necessariamente os consumidores dessa modalidade restringem-se a esse grupo, já que qualquer audiência pode se beneficiar das informações adicionais³ nela apresentadas. Independentemente disso, a audiência surda continua a demandar produtos audiovisuais acessíveis, seja por meio da Legendagem Convencional — que não adiciona informações sonoras —, seja por meio da Legendagem Descritiva.

Assim, em uma perspectiva teórica um pouco mais restritiva — que tende a restringir os públicos-alvo dessas modalidades, — os estudos sobre Legendagem Descritiva, juntamente com os de Audiodescrição e sobre a Janela de Libras tem sido inseridos no campo de pesquisa denominado como Tradução Audiovisual Acessível (TAVa). Entretanto, seguindo uma perspectiva mais abrangente e acreditando que o termo “acessível” junto de “tradução audiovisual” pode ser redundante visto que toda tradução já possui o objetivo de tornar algo acessível, optamos por adotar a perspectiva de Acessibilidade Midiática (AM). Desse modo, essa pesquisa se insere no âmbito dos ET, mais especificamente da TAV, focada na AM.

1.3 OBJETIVOS

Estudos de recepção sobre a Legendagem Descritiva no Brasil, isto é, pesquisas que investiguem as preferências do público, já vêm sendo realizados no âmbito de universidades federais e de grupos de pesquisa voltados à acessibilidade. Entre eles, destacam-se as pesquisas que tentam obter *insights* sobre as preferências do público-alvo ao qual comumente essa modalidade se destina: as comunidades surdas brasileiras⁴. Nesse contexto, podem ser citados estudos liderados pelos seguintes grupos: Legendagem e Audiodescrição (Lead)⁵, da Universidade Estadual do Ceará (Uece); Laboratório de Tradução Audiovisual (Latav)⁶,

³ Outros perfis de espectadores podem se beneficiar da Legendagem Descritiva, como pessoas com autismo, com dislexia, pessoas ouvintes que, por alguma razão, estejam impossibilitadas de ter acesso ao áudio de um filme ou vídeo, entre outras possibilidades.

⁴ Menciona-se “comunidades surdas brasileiras”, no plural, visto que definir um perfil homogêneo para o público surdo seria inviável, dada a diversidade e a heterogeneidade que existe nas comunidades surdas.

⁵ Página do Instagram do Grupo Lead: <https://www.instagram.com/latavlead/>

⁶ Website do LATAV: <https://www.uece.br/ch/laboratorios/latav/>

também da Uece; Mídia Acessível e Tradução Audiovisual (Matav)⁷, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Grupo Acesso Livre, da Universidade de Brasília (UnB)⁸; Laboratório de Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (Latravis)⁹, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); Tradução e Acessibilidade (TrAce), da Universidade Federal da Bahia (UFBA)¹⁰; Grupo de Estudos e de Pesquisa em Tradução e Tecnologia (GETRADTEC)¹¹, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Núcleo de Pesquisas em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais (InterTrads)¹², da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); e Projeto Première Acessível¹³, também da UFSC. Os três últimos são aqueles aos quais a autora desta tese se vincula.

Esses grupos investigam a Legendagem sob diferentes perspectivas, abrangendo desde os processos de produção de legendas até a formação de legendistas, bem como o uso da linguística de corpus para contribuir com a sistematização e a caracterização de convencionais. Inserido nessa diversidade de enfoques, o presente estudo investiga a Legendagem Descritiva a partir de sua *recepção* por parte do público-alvo surdo e com deficiência auditiva no Brasil, guardadas as devidas proporções metodológicas de *coortes* de participantes e mediante a utilização de métodos qualitativos e quantitativos para a coleta e análise de dados.

Entretanto, percebe-se que a maioria dos estudos de recepção realizados no Brasil se dedica a analisar parâmetros técnicos da Legendagem Descritiva, como a velocidade, a segmentação, etc. Esse tipo de estudo é essencial para a consolidação de *guidelines* específicas sobre legendas descritivas em nosso país. Com o objetivo de complementar esses tipos de pesquisa, além de advogar pela criação e atualização de diretrizes de Legendagem Descritiva – focando especificamente no público surdo — o estudo desenvolvido aqui se debruça sobre a recepção de parâmetros técnicos e tradutórios mais inovadores, ou seja, pouco testado no contexto brasileiro, a partir da testagem de estratégias de tradução de músicas, do uso de legendas coloridas para diferenciar personagens em tela e da mudança de posicionamento das legendas para identificar falantes.

O estudo desenvolvido nesta tese tem como **objetivo geral** analisar a recepção da Legendagem Descritiva Interlingual em português brasileiro por parte de pessoas surdas,

⁷ Website do MATAV: <https://matavunesp.wordpress.com/>

⁸ Website do Grupo Acesso Livre: <http://www.acesolivre.unb.br/index.php/pt-br/grupo>

⁹ Website do Grupo Latravis: https://www.tilsp.ufscar.br/laboratorios_latravis.html

¹⁰ Não encontramos páginas informativas do Grupo TrAce.

¹¹ Website do GETRADTEC: <https://sites.ufpe.br/getradtec/>

¹² Website do InterTrads: <https://intertrads.paginas.ufsc.br/>

¹³ Página no Instagram do Projeto Première Acessível: <https://www.instagram.com/projeto.premiere/>

investigando preferências em diferentes estratégias de tradução de músicas, uso de cores e posicionamento das legendas. Como **objetivos específicos**, este estudo pretende:

- i. Avaliar a recepção de duas estratégias para tradução de músicas: (a) indicação do gênero musical/ adjetivação da canção e (b) transcrição da letra.
- ii. Examinar a preferência por legendas em cor única (branca ou amarela) em comparação ao uso de cores variadas para identificação de falantes em tela.
- iii. Analisar a aceitação da mudança de posicionamento das legendas em relação à inserção do nome dos personagens entre colchetes.

Com base nesses objetivos, nossa pergunta de pesquisa norteadora foi: Como pessoas surdas recebem a Legendagem Descritiva Interlingual em português brasileiro em relação às estratégias de tradução de músicas, ao uso de cores e ao posicionamento das legendas? Assim, com base nos objetivos específicos, o estudo buscou responder às seguintes **perguntas de pesquisa**:

- i. Os participantes surdos preferem legendas descritivas interlinguais que indiquem o gênero musical/adjetivação da canção ou que transcrevam a letra original da música?
- ii. Os participantes surdos preferem legendas em cor única (branco ou amarelo) que tragam o nome dos personagens entre colchetes ou legendas com cores que variam para identificar os falantes?
- iii. Os participantes surdos preferem que as legendas mudem de posição para acompanhar os falantes ou que tragam o nome dos personagens entre colchetes?

Para responder a essas questões, partiram-se das seguintes **hipóteses**:

- i. Os participantes surdos tenderão a preferir legendas interlinguais que indiquem o gênero musical e/ou tragam uma adjetivação da canção, em vez da transcrição integral da letra, por se tratar de uma legenda interlingual e por considerarem que essa estratégia fornece melhor contextualização da cena.
- ii. Os participantes surdos tenderão a preferir legendas em cor única (branca ou amarela) em toda a produção audiovisual, por estarem mais habituados a esse padrão e considerarem que ele causa menor estranhamento do que o uso de cores variadas.

- iii. A alteração do posicionamento das legendas para acompanhar os falantes em tela será preferida pelos participantes em relação à inclusão do nome dos personagens entre colchetes, por oferecer identificação mais imediata em cenas com múltiplos falantes e reduzir o número de caracteres nas legendas.

Em síntese, nossas três hipóteses trazem que: participantes surdos preferem legendas interlinguais que indiquem o gênero musical e/ou tragam adjetivação da canção, em vez da transcrição da letra; participantes surdos preferem legendas em cor única (branca ou amarela) a legendas com cores variadas e participantes surdos preferem o posicionamento das legendas acompanhando o falante em tela em vez da inclusão do nome do personagem entre colchetes. Em síntese, nossos objetivos, nossas perguntas de pesquisa e hipóteses aqui apresentadas orientam a investigação e estabelecem os parâmetros que serão examinados ao longo do estudo de recepção. A partir delas, torna-se possível delinear o foco das análises das preferências do público, mas também os limites e alcances desta pesquisa. Na seção seguinte, define-se o público-alvo do estudo e detalha-se as contribuições esperadas, situando de que forma os objetivos, perguntas de pesquisa e hipóteses dialogam com o impacto potencial do trabalho.

1.4 PÚBLICO-ALVO E CONTRIBUIÇÕES ESPERADAS

Cabem algumas considerações sobre o público surdo, visto que este trabalho visa ser uma contribuição para as comunidades surdas brasileiras. Destacamos que a pesquisa investigou participantes surdos específicos, isto é, representantes de uma parcela da população surda, e não a comunidade surda brasileira em sua totalidade. Tal abrangência seria inviável, dada a heterogeneidade dessa comunidade e o elevado número de pessoas que a compõem. Assim, o estudo não pretende esgotar a diversidade existente, mas identificar tendências e apontar possíveis generalizações a partir do grupo analisado.

Usamos o conceito de comunidade(s) surda(s) conforme Perlin (2003), que pode abranger as pessoas surdas em si, filhos ouvintes de pais surdos, intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras), outros familiares e amigos de pessoas surdas, entre outros. Em outras palavras, trata-se de indivíduos que convivem e participam, de algum modo, da constituição de pessoas surdas como sujeitos sociais. Contudo, optamos por empregar a expressão “público surdo”, pois esperamos que esta pesquisa de recepção contribua diretamente para a vida de pessoas surdas brasileiras que utilizam Legendagem Descritiva em nosso país.

Existe, no Brasil, uma dicotomia entre pessoa surda e pessoa com deficiência auditiva. Segundo a área dos Estudos Surdos (Perlin, 2003; Ladd, 2003), a pessoa surda seria aquela que utiliza língua de sinais e que possui uma identidade atrelada ao povo surdo; já a pessoa com deficiência auditiva é aquela que pode optar por não utilizar língua de sinais e se identifica mais com a comunidade ouvinte. Essas denominações serão adotadas no decorrer deste trabalho. Outra denominação que têm ganhado proeminência são as dicotomias surdos vs. não-surdos, como forma de valorizar o termo surdo. Esses termos não foram utilizados neste trabalho devido a uma escolha terminológica, optando-se por utilizar “pessoa surda” e “pessoa ouvinte”.

Nesta tese, adotamos a terminologia “pessoas surdas” para nos referirmos aos participantes da pesquisa, alinhados à perspectiva socioantropológica e cultural dos Estudos Surdos. Evitamos o uso da expressão “pessoas com deficiência auditiva”, uma vez que o estudo não contemplou essa categorização nem buscou trabalhar com uma dicotomia entre sentido cultural e clínico da surdez ora como traço cultural ora como deficiência. Entretanto, entendemos que no caso de pesquisas de recepção, é importante entender como os participantes se posicionam no mundo (como pessoa surda ou como pessoa com deficiência auditiva), qual sua relação com o português escrito e com a Legendagem, se utilizam Libras ou português para sua comunicação, qual seu nível de surdez, quanto conseguem ouvir de sons e etc. Devido a isso, entendemos as diferentes formas de se posicionar no mundo e respeitamos as escolhas identitárias de cada um.

Nesse contexto, destacam-se duas abordagens: a médica, segundo a qual pessoas que não ouvem apresentam uma doença, precisam ser curadas e são obrigadas a aprender a língua vocal oficial do país; e a socioantropológica, segundo a qual ser surdo é uma forma legítima de se colocar no mundo, sendo encorajado o uso de línguas de sinais, sem a perspectiva de que lhes “falte” algo. Todavia, não temos o objetivo de desconsiderar participantes devido à sua escolha por um ou outra abordagem, mas de compreender o perfil dos participantes surdos que compõem este estudo, a fim de interpretar os resultados de modo coerente. Assim, mesmo em face de participantes que se considerem como “pessoa com deficiência auditiva”, optamos por, no decorrer desse texto, sempre nos referir à “pessoa surda”, utilizando esse termo da forma mais inclusiva possível.

Assim, ao realizar pesquisas de recepção sobre Legendagem com participantes surdos, é necessário compreender o perfil dos participantes, como seus níveis de surdez, com o objetivo de identificar o quanto conseguem ouvir de sons em produções audiovisuais e o quanto dependem das legendas. Pode-se seguir a classificação da Organização Mundial da Saúde, de 1991, segundo a qual a audição de pessoas sem deficiência auditiva situa-se entre os limiares

abaixo de 20–25 dB, o que significa ausência ou quase ausência de dificuldades auditivas, inclusive para perceber sussurros (WHO, 1991). A surdez é classificada em quatro níveis: leve (26–40 dB; conseguem ouvir e repetir palavras faladas em voz normal a 1 metro de distância); moderada (41–60 dB; conseguem ouvir e repetir palavras faladas em voz alta a 1 metro de distância); severa (61–80 dB; são capazes de ouvir algumas palavras quando gritadas junto ao ouvido com melhor audição); e profunda (acima de 81 dB; não conseguem ouvir nem compreender sons, mesmo por meio de gritos) (WHO, 1991).

Independentemente do grau de surdez, as pessoas surdas, a partir de sua língua, a Libras, lutam por reconhecimento de sua arte e sua literatura, bem como de sua identidade e seus direitos linguísticos, incluindo a circulação da Libras em todos os contextos sociais. As línguas de sinais, de modo diferente de línguas vocais-auditivas, são denominadas de línguas de modalidade gestual-visual (Rodrigues, 2018) e consideradas pela linguística como línguas naturais (Quadros e Karnopp, 2004). Pessoas que se identificam como tendo deficiência auditiva também possuem seus direitos e suas reivindicações, como a luta pela qualidade de implantes cocleares e de sua inclusão plena na sociedade — pauta que, em parte, se articula às demandas da comunidade surda.

A L1 de pessoas surdas pode variar, sendo a Libras ou o português, dependendo do ambiente familiar e da inserção cultural e social de cada indivíduo. Muitas pessoas surdas se desenvolvem linguisticamente em situação bilinguismo, dominando tanto o português quanto a Libras, o que lhes permite comunicar-se com proficiência em ambas as línguas. Esse domínio bilíngue tem implicações diretas para a acessibilidade audiovisual: enquanto legendas atendem melhor àqueles que compreendem a língua escrita, a janela de Libras garante a compreensão para quem tem maior fluência em língua de sinais. Porém, esses recursos não se autoexcluem — podendo ser proveitoso para uma pessoa surda acompanhar legendas tanto quanto para uma pessoa com deficiência auditiva ter acesso à tradução e/ou interpretação para Libras. Por isso, é essencial oferecer ambas as formas de acessibilidade, permitindo que cada pessoa escolha o recurso que melhor atende às suas necessidades comunicativas e garantindo acesso pleno ao conteúdo audiovisual.

Outro ponto relevante nessa discussão é a importância da Libras e da Legendagem para pessoas surdas. Defendemos que a presença da Libras em produtos audiovisuais não substitua as legendas, mas que ambas coexistam como modalidades complementares de tradução e interpretação, ampliando as possibilidades de acesso. Assim, um vídeo pode conter simultaneamente uma janela de Libras e legendas em português. Nesse sentido, em 2004 foi iniciada, por Marcelo Pedrosa, no estado de Pernambuco, a campanha “Legenda Nacional”,

divulgada em todo o país com o logotipo “Legenda para Quem não Ouve mas se Emociona”. O projeto reivindica legendas em diferentes tipos de produções audiovisuais, sobretudo brasileiras, e contribui para dar visibilidade à luta por acessibilidade midiática de pessoas surdas. A iniciativa também defende a presença de tradução e interpretação em Libras e de audiodescrição, reiterando que recursos de acessibilidade midiática não se excluem, mas se complementam, gerando produtos acessíveis a variados perfis e necessidades.

Em síntese, compreender a diversidade de perfis, experiências e necessidades linguísticas do público surdo é fundamental para que estudos sobre Acessibilidade Midiática, como este, gerem resultados relevantes e aplicáveis. Ao considerar aspectos como grau de surdez, uso da Libras ou do português escrito, relação com a Legendagem e preferências individuais, cria-se uma base sólida para interpretar os dados de forma coerente e propor soluções inclusivas. Nesse sentido, a coexistência entre diferentes recursos de acessibilidade — como a Legendagem Descritiva e a interpretação em Libras — reforça a ideia de que ampliar as possibilidades de acesso não apenas respeita, mas valoriza a pluralidade da comunidade surda e das pessoas com deficiência auditiva, contribuindo para a efetivação de seus direitos linguísticos e culturais.

Assim, esta pesquisa propõe-se a realizar um estudo com participantes surdos sobre suas preferências em relação à Legendagem Descritiva Interlingual. O foco está em compreender como esses participantes percebem três parâmetros específicos da Legendagem Descritiva: (i) estratégias de tradução de músicas; (ii) uso de cores para identificação de falantes; e (iii) mudança de posicionamento das legendas para identificação de personagens. Dessa forma, espera-se que a pesquisa contribua para o aprimoramento da oferta de Legendagem Descritiva no Brasil, considerando as percepções e preferências dos participantes investigados como indicativos de possíveis tendências e caminhos para atender, de forma mais adequada, às comunidades surdas brasileiras.

Finalmente, as contribuições deste estudo podem ser resumidas em dois níveis: acadêmico-científico, por fornecer dados empíricos sobre como pessoas surdas recebem diferentes estratégias de tradução de músicas, o uso de cores e o posicionamento das legendas, fortalecendo o campo da TAV e dos Estudos Surdos em uma perspectiva socioantropológica; e social e cultural, por colaborar com indicativos que favoreçam a ampliação do acesso de pessoas surdas a filmes e séries legendados, apoiando a elaboração de práticas tradutórias mais inclusivas e próximas das preferências desse público.

1.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCRITA E ESCOLHAS TERMINOLÓGICAS

Cabem algumas considerações sobre a escrita e as escolhas terminológicas adotadas nesta tese. O termo LSE está amplamente consolidado na área da Legendagem, sobretudo em estudos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa LEAD, reconhecido como pioneiro no campo. No entanto, optou-se por utilizar a terminologia Legendagem Descritiva (ou legendas descritivas), alinhando-se às publicações mais recentes da Agência Nacional do Cinema (Ancine, 2018) e a uma decisão terminológica e tradutória fundamentada neste trabalho, conforme discutido por Costa (2020), Peres (2023), Silva e Moura (2023), Sluzala (2024) e Vigata (2023), além das próprias diretrizes da Ancine, como na Instrução Normativa de 2018.¹⁴ Assim, neste trabalho, optamos por utilizar o termo Legendagem Descritiva ao invés de LSE, salvo quando citarmos documentos ou autores que empregam LSE. No segundo capítulo, detalharemos cada um dos pontos que justificam essa escolha.

Além disso, adotamos consistentemente o termo “pessoa surda”, conforme explicado na seção 1.4 deste capítulo. Consideramos importante respeitar a forma como os participantes se identificam, podendo declarar-se como surdos ou como pessoas com deficiência, porém, optamos por, no decorrer desse texto, sempre nos referir à “pessoa surda”, utilizando esse termo da forma mais inclusiva possível. Optamos também por não utilizar o termo “não surdo”, visto que o escopo da pesquisa não envolve pessoas ouvintes. Por fim, não adotamos a distinção gráfica entre “Surdo” (com maiúscula) e “surdo” (com minúscula), por entendermos que identificar-se como pessoa surda vai além de uma convenção ortográfica: trata-se de uma forma de se perceber e se posicionar no mundo. Assim, adotamos a terminologia “**pessoas surdas**” para nos referirmos aos participantes da pesquisa, alinhados à perspectiva socioantropológica e cultural dos Estudos Surdos. Evitamos o uso da expressão “**pessoas com deficiência auditiva**”, uma vez que o estudo não contemplou essa categorização nem buscou trabalhar com uma dicotomia entre sentido cultural e clínico da surdez ora como traço cultural ora como deficiência.

É importante destacar outros cuidados terminológicos e conceituais adotados nesta pesquisa. Em primeiro lugar, faz-se referência a comunidades surdas, no plural, uma vez que não existe uma única comunidade surda homogênea, mas diferentes comunidades que variam cultural, linguística e socialmente. Isso significa que os resultados aqui apresentados refletem percepções de participantes surdos específicos, não podendo ser atribuídos a uma suposta

¹⁴ <https://www.gov.br/ancine/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/instrucoes-normativas/instrucao-normativa-no-145>

“comunidade surda brasileira” como um todo, já que tal entidade não existe de forma concreta. Em segundo lugar, utiliza-se o termo línguas de sinais no plural, ou a forma “uma língua de sinais” quando não há especificação. Esse cuidado é necessário para evitar a ideia equivocada de que haveria uma língua de sinais universal. Por fim, quanto ao termo ensurdecidos — pensando na terminologia LSE, que também não é adotada nesse trabalho, sua ocorrência neste trabalho aparece apenas ao indicar citações de autores, documentos oficiais ou materiais de referência, não sendo usado como categoria analítica própria. Nessas situações, o uso é mantido de forma crítica e contextualizada, sem que a pesquisa utilize o termo para classificar os participantes.

Outras escolhas de escrita incluem o uso dos termos público e audiência de forma intercambiável, em consonância com o *Dicionário Michaelis*, que define “audiência”, por extensão, como público em geral. O *itálico* é empregado para estrangeirismos, conforme orientação do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), e também para indicar falas ou relatos de participantes da pesquisa. O **negrito** é utilizado para destacar informações relevantes e chamar a atenção para pontos específicos do texto. Além disso, no corpo do texto, os algarismos serão grafados por extenso quando maiores que nove, conforme orientação da norma padrão da Língua Portuguesa, exceto quando se tratar da identificação de participantes, para a qual utilizaremos a seguinte convenção: “P01, P02”; para dois dígitos: “P10, P11”, e assim sucessivamente.

1.6 ESTRUTURA DA TESE

Este trabalho está organizado da seguinte forma: além desta Introdução — na qual são apresentadas a justificativa, os objetivos, as perguntas norteadoras da pesquisa e as hipóteses —, a tese compreende os capítulos 2, 3, 4 e 5.

No Capítulo 2, intitulado *Fundamentação Teórica*, são apresentadas as definições e perspectivas que embasam teoricamente o estudo.

No Capítulo 3, *Metodologia*, descrevem-se os procedimentos de coleta e análise de dados, contemplando os estudos exploratórios, o questionário aplicado e os grupos focais.

No Capítulo 4, intitulado *Apresentação e Discussão dos Resultados*, são apresentados e analisados os dados obtidos a partir dos estudos exploratórios, do questionário online de levantamento de perfil e dos grupos focais.

Por fim, no Capítulo 5, *Considerações Finais*, são expostas as conclusões da pesquisa e suas contribuições, bem como os principais desdobramentos do estudo, suas limitações e sugestões de etapas futuras para o aprofundamento do tema.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A presente pesquisa tem a Legendagem Descritiva como principal objeto de estudo. Para sua realização, serão utilizados dados quantitativos e qualitativos como parte de um estudo de recepção com consumidores dessa modalidade de TAV, especificamente pessoas surdas, concentrando-se na análise de Legendas Descritivas Interlinguais. Mais precisamente, o foco recai sobre a recepção de três parâmetros técnicos e tradutórios: (i) estratégias de tradução de músicas; (ii) uso de cores nas legendas e (iii) posicionamento das legendas na tela.

Este capítulo tem como objetivo apresentar o embasamento teórico que sustenta a análise e justificar as decisões metodológicas adotadas. Concomitantemente, são expostos os estudos recentes que fundamentam e validam as escolhas teóricas e metodológicas.

Assim, este capítulo encontra-se dividido em quatro seções, a saber: (i) Tradução Audiovisual (TAV); ii) Legendagem; iii) Legendagem Descritiva e iv) Estudos de recepção sobre Legendagem Descritiva.

2.1 TRADUÇÃO AUDIOVISUAL (TAV)

A TAV caracteriza-se como a área dos ET que abrange quaisquer formas de tradução realizadas no contexto audiovisual, isto é, a tradução de mídias ou conteúdos que combinam elementos visuais e sonoros. Inicialmente, uma de suas primeiras denominações era *screen translation* (em tradução livre, “tradução em tela”). Esse campo disciplinar contempla diversas modalidades de tradução, como a Legendagem e a Dublagem, que englobam as especificidades tradutórias de diferentes tipos de produtos audiovisuais.

Historicamente, segundo Díaz-Cintas, a TAV:

[...] apesar de ser uma prática profissional que remonta às origens do cinema, somente a partir da metade da década de 1990 é que a tradução audiovisual (TAV) começou a ser discutida de maneira sistemática sob uma perspectiva de tradução em círculos educacionais, acadêmicos e profissionais (Díaz-Cintas, 2005, p. 3, tradução nossa¹⁵).

Como mencionado, com o crescimento da importância da tecnologia em nossa sociedade, e com intuito de investigar a tradução e suas peculiaridades dentro de contextos audiovisuais, essa área passou a ser incluída em pesquisas acadêmicas e em discussões mercadológicas, a partir do que alguns estudiosos chamam da “virada da TAV”, ou, em inglês,

¹⁵ Nossa tradução de: “[...] *despite being a professional practice that can be traced back to the very origins of cinema, it has only been since the mid-1990s that audiovisual translation (AVT) has started to be systematically discussed from a translational point of view in educational, academic and professional circles*” (Díaz-Cintas, 2005, p. 3).

Turn of Audiovisual Translation (Chaume, 2013). No Brasil, Franco e Araújo (2011, p. 1) afirmam que “[...] desde o momento em que o VHS se tornou popular, no final dos anos 1980s, e a atenção foi deslocada para a tradução realizada nesse meio, o termo ‘tradução audiovisual’ (TAV) [...] passou a vigorar”.

As definições e refinações terminológicas, bem como a consolidação da TAV como um campo disciplinar, intensificaram-se nos últimos 20 anos com o aumento da produção e circulação de materiais audiovisuais e de suas respectivas traduções (Legendagem, Dublagem, etc.). Esse movimento ocorreu, sobretudo, pela democratização do acesso a tais produções em plataformas de *streaming*, como a Netflix, bem como em plataformas de compartilhamento de vídeos, como o YouTube, atualmente amplamente presentes no cotidiano brasileiro.

Assim, a presença da TAV no Brasil não é recente. Graças aos avanços tecnológicos e à democratização do acesso à informação em redes sociais e na internet de modo geral, a população brasileira passou a consumir mais materiais audiovisuais. Conseqüentemente, essa crescente demanda transformou o público em consumidor de diversas modalidades de TAV, como Legendagem, Dublagem, e outros serviços que tornam o conteúdo audiovisual acessível a um público mais amplo. Essa tendência reflete a importância da TAV como ferramenta essencial para a disseminação de conteúdo cultural e informativo nos contextos brasileiro e global.

Neste cenário audiovisual, marcado pela globalização e cada vez mais acessível¹⁶ e em virtude da visibilidade trazida pelas plataformas de *streaming* e redes sociais, as modalidades de TAV mais conhecidas permanecem sendo Dublagem e a Legendagem, embora a área englobe diversas outras modalidades. Para fins teóricos, há duas formas principais de diferenciar e categorizar as modalidades de TAV: (i) a partir de suas finalidades e de seus públicos-alvo; e (ii) a partir de suas condições de produção e exibição.

A primeira perspectiva diferencia as modalidades de TAV entre aquelas voltadas à promoção da acessibilidade para pessoas com algum tipo de deficiência — como a LSE, a Janela de Libras e a Audiodescrição (AD) — e aquelas que não possuem como objetivo inicial a acessibilidade, como a dublagem e o *voice-over*. Já a segunda forma de categorização relaciona-se às condições de produção e exibição, dividindo a TAV em duas grandes áreas: *captioning* e *revoicing* (Karamitroglou, 2000; Chaume, 2013). Neste trabalho, adota-se essa segunda perspectiva.

¹⁶ No sentido de “fácil acesso”, “facilmente conseguido” e “democratizado”.

Como mencionado, há ainda a perspectiva que enxerga a TAV como um campo disciplinar que possui uma subárea denominada Tradução Audiovisual Acessível (TAVa). Essa nomenclatura, utilizada no Brasil, ganhou notoriedade e, segundo Araújo e Alves (2017), tornou-se quase uma área autônoma. Desde então, a TAVa vem sendo abordada em diversas pesquisas brasileiras. No entanto, Araújo (2021, p. 14) observa que “[...] apesar de parecer redundante, já que toda tradução é, por definição, uma forma de tornar acessíveis os mais diversos tipos de produção (artística, técnica e outras), pensamos que a expressão ‘tradução acessível’ já se consolidou na área”.

De fato, muitas pesquisas brasileiras que tratam de modalidades de TAV voltadas à acessibilidade — como a LSE, a AD e a Janela de Libras — têm sido classificadas como pertencentes à TAVa. Todavia, ao considerar a reflexão de Araújo (2021), pode-se argumentar que toda tradução, em essência, busca tornar algo acessível. Nesse sentido, uma compreensão mais ampla de acessibilidade sugere que a divisão entre TAV e TAVa é mais produtiva em termos apenas de categorização acadêmica, enquanto, na prática, terminologias mais abrangentes tendem a ser mais adequadas.

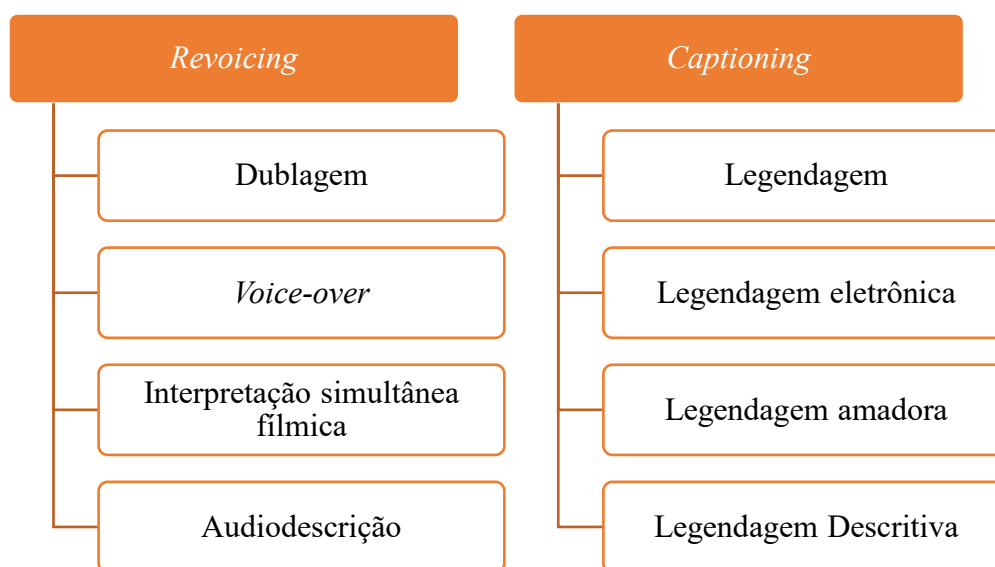
Essa perspectiva mais ampla é defendida por teóricos do cenário europeu, como Greco (2020), Greco e Romero-Fresco (2023), Greco e Jankowska (2020), Romero-Fresco (2019, 2020) e Neves (2018). Assim, neste trabalho, opta-se, em detrimento à terminologia TAVa, utilizar o conceito de Acessibilidade Midiática (AM), no mesmo sentido de adoção do termo Legendagem Descritiva em lugar de LSE, buscando uma abordagem mais ampla e menos reducionista das modalidades de TAV. As discussões terminológicas sobre os termos selecionados para esta pesquisa serão detalhadas na seção 2.3 (Legendagem Descritiva) e 2.4 (Estudos de recepção sobre Legendagem Descritiva).

O conceito de AM combina ideias mais amplas de acessibilidade e do direito ao acesso, sem restringir modalidades de tradução a *apenas* um público específico — o que desconstrói, por exemplo, a percepção de que a LSE ou a Legendagem Descritiva se destinam exclusivamente a pessoas surdas. Essa é a mesma discussão que nos levou a utilizar o conceito de legendas descritivas em detrimento de LSE, por se caracterizar como uma denominação mais abrangente e menos restritiva. Obviamente, as condições de produção e de exibição podem ser, em sua maioria, pensadas para um público específico; porém isso não limita a circulação da modalidade, tampouco seu consumo por espectadores de diferentes perfis.

Considerando a TAV a partir das condições de produção, adota-se, neste trabalho, a perspectiva teórica de Chaume (2013), que descreve duas grandes categorias, mantidas em inglês conforme o autor: *captioning*, que compreende “[...] modos [de tradução] baseados em

um texto traduzido ou transcrito escrito inserido na tela ou ao lado dela, onde o texto original é exibido” (Chaume, 2013, p. 112, tradução nossa¹⁷); e *revoicing*, definido como “[...] modos [de tradução] baseados na gravação e inserção de uma nova trilha de áudio e subsequente sincronização de som” (Chaume, 2013, p. 107, tradução nossa¹⁸). Alguns exemplos dessas categorias são apresentados por Chaume (2013) e são expostos na Figura 1, sendo detalhados na sequência.

Figura 1 – Modalidades da TAV



Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Chaume (2013).

Percebe-se, a partir do exposto na Figura 1, que Chaume (2013) não diferencia as modalidades pela ideia de serem ou não produzidas com o objetivo de tornar materiais audiovisuais acessíveis, mas, sim, a partir de condições de produção compartilhadas. É importante destacar que as modalidades pertencentes ao grupo *captioning*, por tratarem da Legendagem, objeto central deste trabalho, serão apresentadas brevemente nesta seção e retomadas de forma detalhada na seção 2.2 (Legendagem). A seguir, são descritas, de forma sucinta, cada uma das modalidades da Figura 1.

Entre as modalidades de *revoicing*, a Dublagem é a mais conhecida e se caracteriza por substituir totalmente o texto-fonte do produto audiovisual, traduzindo-o em áudio. Em outras palavras, consiste no processo de substituição da trilha original (texto-fonte) de um filme,

¹⁷ Nossa tradução de: “[...] *modes based on a written translated or transcribed text inserted on or next to the screen where the original text is shown*” (Chaume, 2013, p. 112).

¹⁸ Nossa tradução de: “[...] *modes based on recording and inserting a new soundtrack and subsequent sound synchronisation*” (Chaume, 2013, p. 107).

programa de televisão, animação ou outra produção audiovisual por uma trilha em outro idioma (texto-alvo), de modo que o conteúdo possa ser compreendido por uma audiência que não conhece a língua original da produção. É uma modalidade consideravelmente mais onerosa do que a Legendagem, pois demanda a contratação de um ator dublador para cada personagem, ao passo que a Legendagem pode ser realizada por um único profissional.

Os dubladores, geralmente atores e atrizes, devem transportar a personalidade e as emoções dos personagens do texto-fonte, sincronizando suas falas com os movimentos labiais dos atores na tela. Isso exige habilidades de atuação e uma compreensão profunda do contexto da cena. A dublagem é uma modalidade que pode afetar significativamente a experiência do espectador, tornando a obra envolvente ou, em certos casos, de difícil apreciação. Além disso, a dublagem apaga totalmente o texto-fonte, o que facilita manipulações, apagamentos e o uso de estratégias de tradução menos comuns em outras modalidades de TAV, como o *voice-over*.

Alguns países apresentam uma tradição mais voltada à dublagem, enquanto outros tendem a privilegiar a Legendagem. Essa diferença histórica e cultural relaciona-se a diversos fatores, como os legados de colonização — que influenciaram o contato com idiomas estrangeiros —, a valorização da cultura e da língua nacional, que pode levar à preferência pela dublagem, o nível de alfabetização da população, que impacta a recepção de legendas, além de políticas públicas e práticas de mercado específicas de cada contexto. Assim, a escolha entre dublagem e Legendagem não é apenas uma questão técnica, mas também reflete fatores socioculturais e educativos distintos.

O *voice-over* consiste na substituição parcial do texto-fonte de um produto audiovisual, mantendo a trilha de áudio original em volume mais baixo e sobrepondo a sua tradução em volume mais alto, sem a preocupação com a sincronização labial — como ocorre na dublagem. O *voice-over* é amplamente utilizado em programas de auditório e documentários, sendo também realizado por profissionais da dublagem e por locutores, que buscam combinar tom de voz, ritmo e estilo de forma adequada entre as vozes do texto-fonte e as de seus tradutores, contribuindo para a experiência geral do espectador.

Diferentemente da dublagem e do *voice-over*, que geralmente substituem o texto-fonte por um texto-alvo na mesma modalidade de língua (tradução intramodal), a interpretação simultânea filmica pode ser tanto intermodal quanto intramodal. Os conceitos de intramodalidade e intermodalidade dizem respeito às modalidades das línguas envolvidas no processo. A modalidade de uma língua corresponde à forma como ela se manifesta no mundo, isto é, sua relação com sistemas de transmissão e canais de produção e percepção (McBurney,

2004; Silva, 2021). Nesse sentido, existem línguas vocais-auditivas (como o português e o inglês) e línguas gestuais-visuais (como a Libras e a *American Sign Language*).

A partir dessa compreensão, sabe-se que a tradução pode ocorrer entre duas línguas de diferentes modalidades (tradução intermodal) ou entre duas línguas de uma mesma modalidade (tradução intramodal). Nesse contexto, a interpretação simultânea — tanto a filmica quanto em outros cenários — pode ser intramodal ou intermodal. No campo audiovisual, a interpretação é valiosa, por exemplo, em transmissões ao vivo realizadas em determinada língua-fonte, em que se contrata um intérprete para efetuar a interpretação simultânea. Já em filmes e vídeos, essa modalidade da TAV apresenta uma mescla entre características da tradução e da interpretação, visto que pode ou não haver acesso prévio ao texto pelo profissional.

A última modalidade do grupo *revoicing* representada na Figura 1 é a Audiodescrição (AD), definida como a tradução de informações visuais em informações sonoras. Grosso modo, consiste em traduzir imagens em palavras. A AD não se restringe às produções audiovisuais, podendo também ser aplicada a peças de teatro, exposições, esculturas, obras de arte, entre outros.

A AD de produtos audiovisuais inclui descrições detalhadas de cenários, ações dos personagens, expressões faciais, figurinos e demais elementos visuais, inseridas em momentos oportunos durante as pausas naturais do áudio original. Costuma ser descrita como uma modalidade destinada a pessoas cegas ou com deficiência visual; contudo, outros perfis de espectadores também podem se beneficiar dela, como pessoas com autismo, baixa visão, dislexia ou mesmo aqueles que, por estarem realizando outra atividade (como lavar a louça), acompanham o conteúdo apenas pelo áudio.

Essas quatro modalidades de *revoicing* compartilham a característica de adicionar ou alterar a trilha de áudio de um produto audiovisual, substituindo-a para realizar sua tradução. Por outro lado, existem as modalidades de TAV vinculadas ao conceito de *captioning*, que serão brevemente apresentadas aqui e explicadas em detalhe na subseção seguinte.

A Legendagem é a modalidade mais proeminente do grupo de *captioning*, conforme Chaume (2013). Sua principal característica é manter a coexistência do texto-fonte e do texto-alvo no produto audiovisual. A Legendagem consiste na tradução das falas e de outras informações textuais de um material audiovisual, exibindo a tradução na tela em formato de legendas. Nessa modalidade, a tradução é condicionada por parâmetros técnicos específicos, como as restrições de tempo e de espaço na tela, já que as legendas devem estar sincronizadas com a oralidade da produção audiovisual.

A segunda modalidade apresentada por Chaume (2013) na Figura 1 é a que circula com a sigla em inglês *Subtitling for the Deaf and the Hard-of-Hearing*, normalmente traduzida no Brasil como “Legendagem para Surdos e Ensurdecidos” ou como “Legendagem Descritiva”. Essa modalidade adiciona informações sonoras nas legendas, bem como apresenta o turno de fala dos personagens em tela. Por serem o objeto central deste trabalho, a Legendagem e a Legendagem Descritiva serão detalhadas, respectivamente, nas seções 2.2 e 2.3.

A segunda modalidade de *captioning* apresentada por Chaume (2013) é a Legendagem eletrônica ou *surtitling*, em inglês, também traduzida para o português como “supra Legendagem” ou “surtítulos”. Trata-se de legendas utilizadas em contextos teatrais, podendo ser legendas convencionais ou LSE. Seu primeiro registro data de 1983, no Canadá (Secară, 2019). A Legendagem eletrônica pode ser exibida acima dos palcos de teatro ou na parte inferior, em espaço reservado, traduzindo de forma intralingual ou interlingual as falas de peças teatrais, óperas, balés etc. Esse tipo de Legendagem não se apresenta sempre da mesma forma: além da exibição acima ou abaixo do palco, também pode ser realizada por meio de dispositivos de vídeo posicionados na parte de trás das poltronas, permitindo ao público acompanhar individualmente as legendas.

Em geral, a Legendagem eletrônica é produzida por tradutores profissionais para contextos muito específicos, como o teatro — diferentemente da Legendagem de outras produções audiovisuais, como filmes e séries, que pode ser realizada de forma amadora. Essa última modalidade, denominada em inglês *Fansubbing*, é a categoria final apresentada na Figura 1 dentro do grupo de *captioning*. A Legendagem amadora é aquela produzida por fãs ou não profissionais da tradução que, atendendo a uma demanda social e dos consumidores de produtos audiovisuais, produzem legendas e as compartilham livremente na internet. Geralmente, a Legendagem amadora não segue os parâmetros técnicos indicados na Legendagem profissional/tradicional — aquela realizada pela indústria —, como número de linhas, uso de cores, velocidade e respeito à norma culta.

A Legendagem amadora é uma realidade da sociedade globalizada em que vivemos, sendo necessárias mais pesquisas acadêmicas sobre suas condições de produção, sobre os legendistas amadores e sobre a recepção pelo público. Pode ser realizada tanto de forma interlingual quanto intralingual; porém, na maioria dos casos, observa-se uma demanda por legendas interlinguais de séries e filmes produzidos em outras línguas que não o português e que, geralmente, demorariam mais tempo para serem disponibilizados oficialmente. Esse contexto cria um nicho mercadológico motivado pela demanda pela Legendagem amadora.

Assim como ocorre com a Legendagem amadora no Brasil, outras modalidades de TAV também ocupam nichos específicos — como o reconhecimento internacional da dublagem brasileira ou a crescente demanda por intérpretes com competências para atuar no campo audiovisual. Como forma de apresentar um panorama geral da TAV, opta-se por seguir a classificação de modalidades proposta por Chaume (2013), dividindo-as de acordo com suas características de produção, e não em função do objetivo de oferecer (ou não) acessibilidade. Isso porque a tradução, em si, já constitui uma forma de tornar algo acessível, considerando-se um conceito mais amplo de acessibilidade.

Dessa forma, as modalidades de TAV foram expostas nesta seção para que, na próxima, seja possível aprofundar as discussões sobre a modalidade que é o objeto principal desta pesquisa: a Legendagem e, mais especificamente, a Legendagem Descritiva.

2.2 LEGENDAGEM

A Legendagem é uma modalidade da TAV que se caracteriza, como já exposto no capítulo anterior, pela tradução que parte do registro oral (aqui entendido como oralidade, e não como a separação entre língua vocal e língua de sinais) de um produto em vídeo para o registro escrito, apresentando essa tradução na tela no formato de legendas. A Legendagem surge no Brasil aproximadamente na década de 1980, com o aumento da presença e circulação de filmes estrangeiros no país. Esse movimento gerou uma demanda por profissionais legendistas¹⁹ que pudessem desempenhar o papel de tradutores e, conseqüentemente, demandou formação na área, bem como o aumento de pesquisas acadêmicas sobre essa modalidade e suas ramificações. Como mencionado na primeira seção deste capítulo, alguns tipos de Legendagem já foram brevemente apresentados; em seguida, serão detalhados os principais parâmetros da Legendagem Convencional, enquanto as especificidades da Legendagem Descritiva serão discutidas individualmente na seção 2.3 deste capítulo.

Uma das características definidoras dessa modalidade de TAV é que a Legendagem sempre parte da tradução de um produto em vídeo (texto-fonte) para um registro escrito (texto-alvo), os quais podem envolver diferentes combinações de línguas e modalidades de línguas,

¹⁹ Petrocínio (2021) afirma que: “Legendista e legendador serão termos utilizados de acordo com as definições de Alvarenga (1998). O termo Legendista refere-se ao tradutor, que de fato traduz a legenda. Legendador é quem grava as legendas já traduzidas nos vídeos.” (Petrocínio, 2021, p. 11)”. Entretanto, essa distinção entre legendador e legendista pode não se sustentar mais nos dias de hoje, já que, com o advento das tecnologias, principalmente da tradução automática e da evolução do campo como um todo, em muitos casos o mesmo profissional é responsável por traduzir e inserir as legendas nos produtos audiovisuais.

como: (i) Legendagem Intralingual, quando a língua do texto-fonte e do texto-alvo é a mesma (por exemplo, um vídeo em português legendado para português); e (ii) Legendagem Interlingual, quando as línguas do texto-fonte e do texto-alvo são distintas (por exemplo, um vídeo em inglês legendado para português). Além disso, argumenta-se que a Legendagem também pode ser intermodal, como nos casos em que o texto-fonte é apresentado em uma língua de sinais e legendado para o registro escrito de uma língua vocal, por exemplo, um vídeo em Libras legendado para o português.

Como já apresentado, a tradução para legendas traz desafios muito específicos que, muitas vezes, não estão presentes em outras modalidades de TAV, como a necessidade de lidar não apenas com a tradução do conteúdo do texto-fonte, mas também com as restrições técnicas de exibição. Entre essas restrições estão a sincronização do vídeo com as legendas, o número máximo de caracteres por linha — de modo a respeitar a velocidade de leitura — e as dificuldades decorrentes de um texto-fonte altamente multimodal, no qual diversas informações visuais coexistem com o texto-alvo em tela, gerando uma série de desafios para o legendista.

Os avanços tecnológicos recentes modificaram profundamente a forma de trabalho dos legendistas. Uma função que antes era realizada de maneira manual hoje pode ser feita com o auxílio de ferramentas de inteligência artificial (IA), softwares de apoio à tradução e de Tradução Automática (TA). A sincronização, por exemplo, já pode ser realizada automaticamente em softwares de Legendagem, assim como a transcrição de vídeos pode ser realizada integralmente por modelos de Inteligência Artificial (IA), cabendo ao legendista a pós-edição²⁰. Além disso, atualmente as legendas podem ser consumidas em diferentes meios, como cinemas, plataformas de *streaming*, TV aberta por meio de *closed caption* (CC), bem como em redes sociais e vídeos online.

Conforme exposto na seção 2.1, a Legendagem é uma modalidade da TAV que traduz as falas e outras informações relevantes de um produto audiovisual para o registro escrito no formato de legendas. Devido a essa característica, Gottlieb (1994) a define como uma tradução diagonal, ou seja, uma tradução que parte de um registro oral (texto-fonte) para um registro escrito (texto-alvo), ocorrendo uma mudança de código. Essa característica da Legendagem também é compartilhada com a Legendagem Descritiva.

²⁰ According to O'Brien (2011), "*Post-editing (PE) is the correction of raw machine-translated output by a human translator according to specific guidelines and quality criteria*" (O'Brien 2011, p. 1). *It is indeed possible to apply PE to different types of texts, as well as to audiovisual texts, such as subtitling. In this case, the post-edited automatic subtitles are produced by MT and later post-edited by a translator in a template, who also needs to pay attention to technical parameters specific to subtitling.*

É importante esclarecer que, neste trabalho, ao aplicar a proposta de Rodrigues (2018) sobre a performance corporal de Tradutores e Intérpretes de Línguas de Sinais ao campo da TAV, entende-se o registro oral como a comunicação ou a informação transmitida a partir de uma interação — isto é, através da oralidade, seja em línguas vocais ou em línguas de sinais. Assim, a oralidade é compreendida aqui como qualquer característica da interação, como ritmo, entonação e gestos, não se restringindo às línguas vocais.

Desse modo, seja na Legendagem de vídeos em línguas vocais, em línguas de sinais ou em produções híbridas, a Legendagem configura-se, *per se*, como uma tradução diagonal. Essa característica é ilustrada no Quadro 1 a seguir, produzido por Martinez (2007, p. 36) com base em Gottlieb (1994):

Quadro 1 – Tradução diagonal

Legendagem	Língua-fonte	Língua-meta
Código oral	Fala (áudio)	
Código escrito		Escrita (legendas)

Fonte: Martinez (2007, p. 36)

A proposta do Quadro 1 é explicitar essa característica intrínseca da Legendagem, introduzida por Gottlieb (1994) e ilustrada por Martinez (2007). Ou seja, a Legendagem é uma modalidade da TAV que se configura como uma tradução diagonal, uma vez que as informações da fala (áudio, conforme apontado no Quadro 1) são traduzidas para o registro escrito no formato de legendas.

Entretanto, sabe-se que, atualmente, nem sempre as falas de um produto audiovisual são expressas em formato de áudio, podendo ser apresentadas, por exemplo, em uma língua de sinais. Assim, neste trabalho propõe-se uma breve reformulação do quadro apresentado por Martinez (2007, p. 36).

Quadro 2 – Proposta de reformulação do Quadro 1

Legendagem	Língua-fonte	Língua-meta
Código oral	Fala (oralidade)	
Código escrito		Escrita (legendas)

Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Martinez (2007, p. 36).

Como se percebe no Quadro 2, a combinação dos tipos de texto-fonte e texto-alvo, ou texto-meta, conforme Martinez (2007), é muito particular da Legendagem, o que influencia

diretamente nas estratégias tradutórias que o legendista utiliza, gerando características específicas desse tipo de tradução. Ou seja, ao pensarmos sobre a tradução para legendas, assim como apresentado por Koglin (2008, p. 10), “[...] é necessário considerar, também, todo o conjunto de especificidades que invariavelmente afetam a tarefa de quem traduz neste meio”. Uma dessas características específicas da Legendagem decorre do fato de ser distinguida como uma tradução diagonal. Há autores, como Zabalbeascoa (2008), que defendem uma perspectiva segundo a qual as legendas não seriam algo isolado do produto audiovisual, mas sim algo produzido e pensado em conjunto com ele. Ainda assim, a necessidade de tradução das legendas se faz presente, independentemente da perspectiva adotada.

Primeiramente, o registro oral da linguagem é geralmente mais flexível, informal e contextual, contendo marcas da oralidade, ao passo que a linguagem escrita costuma demandar uma organização distinta. No caso da Legendagem, pensando especificamente na tradução que aparece em português nos produtos audiovisuais, historicamente se aceita — e até se demanda — a subordinação à norma culta da Língua Portuguesa. Sendo assim, o legendista, além de lidar com todas as restrições de espaço e tempo impostas pelo texto audiovisual a ser legendado, também precisa transpor características coloquiais, expressões idiomáticas e marcas da oralidade para o registro escrito de forma padronizada e compreensível.

Entretanto, observa-se cada vez mais um movimento de diminuição dessa excessiva preocupação com a conformidade estrita à norma culta do português na elaboração de legendas. A depender do escopo e dos meios de circulação, muitas legendas não têm preconizado uma submissão absoluta à norma culta, visto que os legendistas são incentivados a considerar as particularidades do público-alvo e o contexto específico do produto audiovisual. Essa evolução demonstra que os legendistas devem ponderar as implicações de adaptar ou manter elementos linguísticos que compõem a caracterização de personagens — como os erros gramaticais propositais de um personagem em um filme. A supressão dessas informações na legenda pode afetar a compreensão do público que não domina e/ou não escuta a língua-fonte da produção, privando-o de elementos essenciais para compreender a personalidade e as características do personagem. Essa evolução na abordagem das legendas ressalta a crescente importância da consideração do contexto e do público-alvo na TAV.

Outro ponto interessante de ser discutido é o letramento em Legendagem, que se refere à habilidade de compreender e interpretar textos legendados de forma eficiente, um processo que se desenvolve com a prática e a exposição contínua a conteúdos legendados. Quanto mais as pessoas assistem a filmes, séries ou vídeos com legendas, maior é sua familiaridade com o ritmo, a concisão e os recursos linguísticos próprios da Legendagem, aprimorando a leitura

rápida e a compreensão simultânea do áudio e do texto. Esse aprendizado progressivo contribui para que espectadores se tornem mais proficientes na interpretação de informações legendadas, ampliando sua autonomia e enriquecendo a experiência audiovisual.

Assim, o legendista, ao considerar as especificidades da tradução diagonal e o nível de letramento em Legendagem do público-alvo esperado, também precisa realizar o trabalho de tradução aliado às competências específicas que a Legendagem apresenta, como constrição de tempo e espaço — ou seja, a atenção aos seus parâmetros técnicos e tradutórios, que serão detalhados a seguir. Como já foi mencionado, a Legendagem possui uma série de especificidades, sejam elas ligadas à sua forma ou ao seu conteúdo. Esses parâmetros têm como objetivo guiar sua produção e exibição. Nesta tese, optou-se por compreender os parâmetros como diretrizes que orientam a produção e a exibição Legendagem, e não como imposições que obriguem a que ela seja produzida e exibida sempre da mesma forma.

Os parâmetros da Legendagem são divididos por Naves *et al.* (2016) em técnicos, tradutórios e linguísticos. As questões técnicas dizem respeito ao número de linhas de legendas, ao *timing* (tempo de entrada e de saída das legendas em tela), à velocidade e à duração de exibição, ao formato e ao posicionamento (Naves *et al.*, 2016). Os parâmetros linguísticos, por sua vez, referem-se à segmentação e à exclusão ou adição de informações nas legendas e os parâmetros tradutórios correspondem à operacionalização das questões técnicas e linguísticas (Naves *et al.*, 2016).

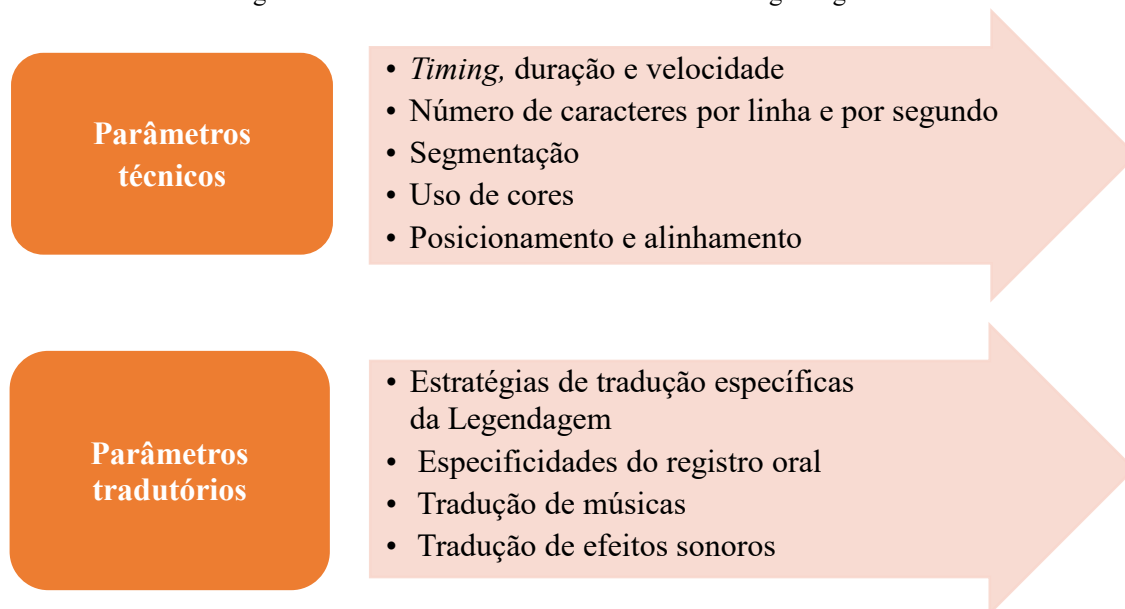
Compreende-se que a classificação em três categorias de parâmetros pode ter sido útil no período que foi produzido o Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis (Naves *et al.*, 2016). No entanto, ao analisar o trabalho dos profissionais de Legendagem, percebe-se que há principalmente dois tipos de parâmetros aos quais os legendistas se atentam²¹: aqueles relacionados à forma de exibição das legendas e aqueles relacionados ao conteúdo da tradução. Portanto, neste trabalho, propõe-se a divisão dos parâmetros da Legendagem em técnicos — que abordam a forma das legendas — e em tradutórios — que dizem respeito ao conteúdo.

É importante notar que a forma e o conteúdo das legendas estão interconectados, influenciando-se mutuamente, sendo necessário considerar ambos os parâmetros ao realizar um trabalho de Legendagem. Assim, nesta pesquisa, os parâmetros serão divididos entre

²¹ O trabalho do legendista é um processo contínuo, não sendo colocado em etapas separadas, por exemplo, inicialmente considerar as questões linguísticas, separadamente dos parâmetros técnicos e tradutórios. Essa divisão é útil para fins acadêmicos e de formação de legendistas. De modo que, neste trabalho, optou-se por simplificar a divisão dos parâmetros aplicando-os aos objetivos dessa pesquisa, que analisa apenas três parâmetros da Legendagem Descritiva: o uso de cores nas legendas, o posicionamento das mesmas e a tradução de músicas.

parâmetros técnicos (ligados à forma) e parâmetros tradutórios (ligados ao conteúdo). A seguir, apresenta-se um esquema da categorização proposta para os parâmetros da Legendagem.

Figura 2 – Parâmetros técnicos e tradutórios da Legendagem



Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Naves *et al.* (2016).

É importante mencionar que esses parâmetros não são exclusivos de um único tipo de Legendagem, podendo (ou não) ser compartilhados entre diferentes modalidades, inclusive com a Legendagem Descritiva. Conforme a Figura 2²², nesta pesquisa, optou-se por dividir as diretrizes de Legendagem entre parâmetros técnicos e tradutórios.

Os parâmetros do primeiro grupo compreendem: (i) *timing*, duração e velocidade; (ii) segmentação; (iii) número de caracteres por linha e por segundo; (iv) uso de cores; e (v) posicionamento e alinhamento²³, sendo os dois últimos parâmetros geralmente associados à Legendagem Descritiva ou ao CC, discussão esta que será detalhada na seção 2.3.

Já os parâmetros tradutórios são: (i) estratégias de tradução específicas da Legendagem; (ii) especificidades do registro oral; (iii) tradução de músicas; e (iv) tradução de efeitos sonoros. Ressalta-se que os dois últimos pontos são mais comumente associados à Legendagem Descritiva, mas também fazem parte da Legendagem em sentido amplo. Por essa razão, todos os parâmetros serão apresentados nesta seção, enquanto a tradução de músicas, a

²² Os parâmetros tradutórios 4 (uso de cores) e 5 (posicionamento e alinhamento), bem como os parâmetros técnicos 3 (tradução de músicas) e 4 (tradução de efeitos sonoros), serão apenas introduzidos de forma breve nesta seção e serão detalhados e aprofundados na seção 2.3 (Legendagem Descritiva) deste capítulo.

²³ Esse parâmetro técnico diz respeito à mudança do posicionamento ou do alinhamento para diferenciar personagens em tela e identificar o turno de fala, e não à mudança de posicionamento da legenda para evitar sobreposição com elementos extralinguísticos do produto audiovisual.

tradução de efeitos sonoros e a utilização de legendas coloridas serão discutidas em maior detalhe na seção 2.3 (Legendagem Descritiva).

A aplicação desses parâmetros pode ser compartilhada (ou não) com as outras modalidades de Legendagem incluídas no grupo de *captioning*, descritas por Chaume (2013) e retomado na seção anterior. O fato de serem (ou não) compartilhados, e/ou utilizados de formas diferentes, depende de fatores como: o tipo de Legendagem (por exemplo, Legendagem Descritivas, ou Legendagem eletrônica), o meio de veiculação (cinema, televisão, séries), o país de circulação (Brasil, países europeus, países orientais) e de aspectos econômicos e sociais (preço pago por minuto de Legendagem, Legendagem amadora etc.).

Independentemente desses fatores, para fins de organização teórica, a seguir serão detalhados os parâmetros técnicos, seguidos dos tradutórios. Os exemplos apresentados referem-se à aplicação dos parâmetros na Legendagem de filmes e séries, gêneros escolhidos por constituírem o corpus analisado nesta pesquisa. A seguir, nas próximas subseções, serão detalhados os parâmetros técnicos e tradutórios da Legendagem apresentados na Figura 2.

2.2.1 Parâmetros técnicos: *timing*, duração e velocidade

O primeiro parâmetro técnico apresentado na Figura 2 — *timing*, duração e velocidade — tem relação direta com as restrições de tempo em que a legenda aparece na tela. O *timing*, também chamado de *spotting*, corresponde à determinação do momento em que uma legenda entra em tela e o instante em que é retirada. O objetivo principal consiste em alinhar a entrada da legenda com o início da fala do personagem em cena e coordenar sua saída com o término da fala, garantindo uma sincronização temporal adequada entre o conteúdo legendado e os acontecimentos em tela (áudio e vídeo). Legendas com problemas de *timing* podem incomodar o espectador (especialmente aquele que se apoia no áudio e/ou na sinalização do texto-fonte), visto que legendas atrasadas ou adiantadas podem prejudicar a experiência audiovisual, gerar estranhamento e comprometer a compreensão, bem como os efeitos de surpresa, terror ou suspense em um vídeo²⁴.

Nesse mesmo sentido, a duração e a velocidade da exibição das legendas também são essenciais para uma experiência audiovisual agradável. No geral, legendistas seguem a regra dos seis segundos (Gottlieb, 1994), segundo a qual uma legenda não deve permanecer na tela por mais de seis segundos (para evitar sua releitura) e deve ter uma duração mínima de um

²⁴ O *timing* também pode ser considerado a partir das mudanças de frames, ou *shot changes*, em inglês.

segundo (para que as legendas não pisquem em tela). Já a velocidade das legendas refere-se ao tempo total de exibição. Vieira (2016), com base em Díaz-Cintas e Remael (2007), apresenta a velocidade das legendas em Palavras Por Minuto (ppm) em três categorias: (i) legendas rápidas (180 ppm); (ii) legendas médias (160 ppm); e (iii) legendas lentas (145 ppm). Outra forma de mensurar a velocidade é pelo número de caracteres por segundo, parâmetro que será discutido na subseção seguinte.

Normalmente, esse parâmetro técnico é atravessado por questões tradutórias, como no caso de falas muito longas que precisam ser condensadas para se adequar à velocidade das legendas e à sincronização com a fala. O *timing*, a duração e a velocidade das legendas são fundamentais para alcançar uma Legendagem fluida e agradável, lembrando que as métricas aplicadas podem variar conforme o contexto de produção.

2.2.2 Parâmetros técnicos: número de caracteres por linha e por segundo

Intimamente ligado à velocidade das legendas, que também podem ser medidas por número de caracteres por segundo, encontra-se o segundo parâmetro apresentado na Figura 2. O número de caracteres por segundo e por linha varia conforme diversos fatores: tipo de Legendagem, local de veiculação, gênero audiovisual, país de circulação, empresas de tradução, Legendagem tradicional ou amadora, público-alvo etc. Considerando o escopo deste estudo (Legendagem industrial de filmes e séries), os guias de Legendagem utilizados no Brasil geralmente orientam que programas não destinados ao público infantil apresentem, no máximo, 17 caracteres por segundo (Amazon Prime Video, 2024a; Netflix, 2024a). Já os programas infantis devem ser legendados com, no máximo, 13 caracteres por segundo (Amazon Prime Video, 2024a; Netflix, 2024a).

A quantidade de caracteres por linha relaciona-se às restrições de espaço da tela em que as legendas aparecem, bem como à quantidade de informações textuais que o espectador consegue absorver no tempo em que a legenda permanece visível. Díaz-Cintas (2020, p. 156, tradução nossa²⁵) afirma que “[...] duas linhas completas com cerca de 35 caracteres cada — 70 no total — podem ser lidas confortavelmente em seis segundos pela vasta maioria de espectadores”. Já os guias de Legendagem da Netflix e da Amazon Prime apresentam um

²⁵ Nossa tradução de: “[...] *two full lines of around 35 characters each—70 in total—can be comfortably read in six seconds by the vast majority of viewers*” (Díaz-Cintas, 2020, p. 156).

número mais elevado de caracteres por linha: até 42 (Amazon Prime Video, 2024a; Netflix, 2024a).

É importante ressaltar que esses valores são propostos pela Legendagem tradicional, que orienta a utilização de blocos de uma ou duas linhas de legenda, não sendo normativamente aceitável, nos parâmetros convencionais, exibir blocos de legenda com três linhas ou mais. Esse parâmetro, contudo, mostra-se mais flexível na Legendagem amadora, em que se observam blocos de três e até quatro linhas. Ou seja, tanto os caracteres por segundo quanto por linha são variáveis e estão em constante atualização, sendo testados por meio de pesquisas empíricas e experimentais.

Figura 3 – Parte da interface do *software* de Legendagem *Subtitle Edit*

#	Start time	End time	Duration	Text
1	00:00:00,533	00:00:01,986	1,453	Olá, tudo bem?
2	00:00:02,113	00:00:04,113	2,000	Meu nome é Vitória Tassara.
3	00:00:04,347	00:00:07,180	2,833	Este vídeo é uma apresentação pessoal para um evento.
4	00:00:07,247	00:00:11,190	3,943	Na área dos Estudos da Tradução (ET) são possíveis difer...
5	00:00:11,438	00:00:14,822	3,384	E sabe-se que a consolidação do campo disciplinar é emer...
6	00:00:15,009	00:00:17,588	2,579	Além disso, os Estudos da Interpretação (EI),
7	00:00:18,073	00:00:22,306	4,233	também se desenvolvem gradualmente no Brasil e em out...

The screenshot shows the Subtitle Edit interface for editing a subtitle. It includes fields for 'Start time' (00:00:00,533), 'Duration' (1,453), and 'Text' (Olá, tudo bem?). On the right, it shows 'Chars/sec: 9,64'. Below the text field, there are buttons for '< Prev', 'Next >', 'Unbreak', and 'Auto br'. At the bottom, it displays 'Single line length: 14' and 'Total length: 14'.

Fonte: Subtitle Edit. Legendas elaboradas pela autora (2025).

Dado que esses parâmetros técnicos precisam ser especialmente considerados pelo legendista, os softwares de Legendagem (tanto os gratuitos quanto os pagos) geralmente oferecem ferramentas que auxiliam a adequação a essas normas. A captura de tela apresentada na Figura 3 ilustra parte da interface do software gratuito *Subtitle Edit*²⁶, na qual é possível observar informações relativas aos parâmetros técnicos mencionados: o timing (tempo de entrada — *start time* — e de saída — *end time*), exibido no canto superior esquerdo, a duração das legendas (*duration*), a quantidade de caracteres por segundo (*chars/sec*, lado direito da tela) e o número de caracteres por linha (*single line length*, parte inferior).

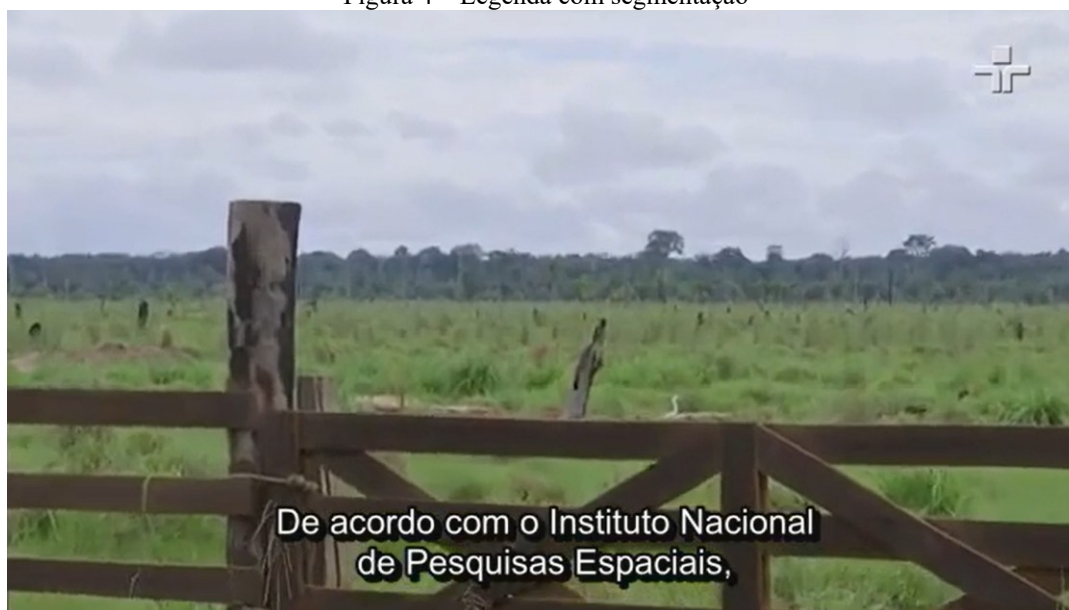
²⁶ O *software* de legendagem *Subtitle Edit* é um editor gratuito, de código aberto, utilizado por muitos legendistas, para produzir legendas de vídeos. Pode ser baixado na internet de graça, no *link*: <https://www.nikse.dk/subtitleedit>

Conforme observado na captura de tela (Figura 3), os dois primeiros parâmetros técnicos discutidos até aqui (timing, duração, velocidade, caracteres por segundo e por linha) são de importância essencial para a produção de legendas. Outro parâmetro técnico igualmente relevante é a segmentação (terceiro parâmetro técnico apresentado na Figura 2), apresentado a seguir.

2.2.3 Parâmetros técnicos: segmentação

A segmentação consiste na divisão das legendas em blocos semânticos e/ou sintáticos, seja em uma mesma legenda de uma ou duas linhas, seja na transição de legendas entre frames. Nas palavras de Vieira (2016, p. 19), “[...] a segmentação está relacionada à distribuição do texto na tela e à divisão da fala dentro da mesma legenda (quebra de linha) e entre legendas diferentes”. Esse parâmetro garante uma organização em tela e maior legibilidade, permitindo que os espectadores acompanhem o conteúdo legendado de forma clara e compreensível. A segmentação adequada das legendas é essencial para proporcionar uma experiência de visualização legível e agradável para o público. Para fins de comparação, a seguir observa-se um exemplo de uma legenda com segmentação e uma legenda sem segmentação, de um mesmo produto audiovisual²⁷:

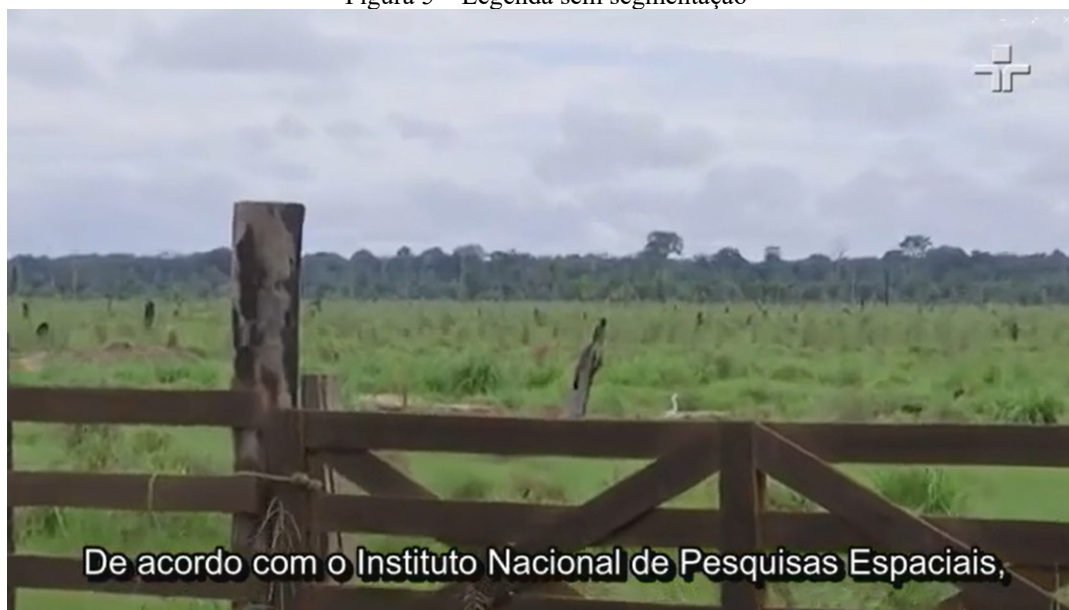
Figura 4 – Legenda com segmentação



Fonte: Amazônia [...] (2022).

²⁷ Retirado do documentário “Amazônia Entre a Vida e a Morte”, disponibilizado pela TV Cultura em 2022.

Figura 5 – Legenda sem segmentação



Fonte: Amazônia [...] (2022).

A partir da comparação das Figuras 4 e 5, observa-se que as legendas segmentadas tendem a ser visualmente mais agradáveis, além de, conforme comprovado em pesquisas empíricas (Monteiro, 2016; Vieira, 2016), oferecerem menos esforço cognitivo ao público-alvo, deixando mais tempo para a exploração das imagens. Por estar sem segmentação, a legenda da Figura 5 possui 58 caracteres em uma linha, o que tende a causar problemas de leitura aos espectadores devido à tendência do olho humano em absorver inputs a partir de blocos de informações. Legendas com mais informações, quando segmentadas em blocos no centro inferior da tela, possibilitam que o movimento ocular (neste caso, de baixo para cima) ocorra de forma mais natural.

Em uma pesquisa com consumidores surdos, Vieira, Teixeira e Chaves (2017, p. 1) encontraram, em seus resultados, que:

[...] as legendas mal segmentadas levaram a uma movimentação ocular dos participantes em que se constatou maior número de movimentos regressivos, atrasos na primeira fixação da legenda e perdas de leitura de partes da legenda, além do maior custo de processamento durante a leitura das legendas (Vieira; Teixeira; Chaves, 2017, p. 1).

Além disso, a tendência de movimentação do olho humano e sua relação com a segmentação de legendas é apontada em pesquisas que utilizam dados empíricos, como o rastreamento ocular, demonstrando que legendas muito longas, com um tempo excessivo de permanência em tela, e não segmentadas (ou mal segmentadas), causam um efeito conhecido como “releitura”, que ocorre quando, ao chegar ao final da legenda, o espectador volta a ler o

seu início, implicando um esforço cognitivo extra (D'ydewalle, De Bruycker, 2003; Vieira, 2016).

Como é pontuado por Vieira (2016), a segmentação desempenha um papel importante na recepção da Legendagem. Acerca disso, a autora também descobriu, em sua pesquisa de doutorado, que problemas de segmentação na LSE influenciaram “[...] tanto no processamento da leitura das legendas quanto no conforto durante a recepção [...]” (Vieira, 2016, p. 9).

A segmentação pode ser colocada em prática no nível linguístico, respeitando os blocos semânticos; no nível retórico, seguindo o fluxo de fala da produção audiovisual; ou no nível visual, a partir das mudanças visuais, como a alteração de frames (Reid, 1990; Díaz-Cintas; Remael, 2007). Além disso, é importante mencionar que as regras para segmentação podem variar, dependendo do conteúdo do material audiovisual, do conteúdo linguístico das legendas em si e das diretrizes em voga no país de circulação dessas legendas.

O legendista também precisa considerar algumas outras questões relevantes na prática de segmentação de legendas, que podem compreender os seguintes aspectos: (i) evitar a separação de artigos de seus substantivos e preposições de locuções substantivas entre distintas linhas de legenda e entre legendas presentes em diferentes frames; (ii) a adoção preferencial de uma frase por legenda, de modo que, no caso de uma legenda abranger duas sentenças, sejam alocadas distintas linhas para cada uma delas; (iii) a aversão à divisão silábica entre linhas consecutivas de legendas; e (iv) evitar a fragmentação entre o verbo e seu objeto.

Os três primeiros parâmetros técnicos apresentados na Figura 2 — (i) *timing*, duração e velocidade; (ii) número de caracteres por linha e por segundo; e (iii) segmentação — têm sido amplamente pesquisados no Brasil, partindo desde estudos empíricos até pesquisas qualitativas. A utilização desses três primeiros parâmetros técnicos é essencial para a produção de qualquer modalidade de Legendagem, ao passo que os dois últimos parâmetros técnicos apresentados na Figura 2 (uso de cores e posicionamento/alinhamento das legendas) não são imprescindíveis para a realização da Legendagem, sendo geralmente atribuídos às Legendagem Descritiva ou ao CC. Devido a isso, nas duas próximas subseções (2.2.4 e 2.2.5) esses dois parâmetros serão apenas brevemente apresentados, sendo abordados de forma mais aprofundada na seção 2.3 (Legendagem Descritiva).

2.2.4 Parâmetros técnicos: uso de cores

No geral, as legendas são exibidas, na maioria dos meios de veiculação — como filmes, séries e outras produções independentes —, utilizando as cores branca ou amarela, o

que é recorrente no Brasil e na maioria dos países europeus. Tradicionalmente, uma cor é escolhida, e as legendas são exibidas com a mesma tonalidade durante toda a produção audiovisual. Os autores Díaz-Cintas e Remael (2007) reiteram esse fato ao afirmarem que:

as duas principais cores que são utilizadas em nossa profissão são o branco e o amarelo. No cinema, as legendas são geralmente brancas simplesmente porque foram gravadas a laser na película e são parte integrante da cópia do filme. Portanto, quando projetadas em uma grande tela branca, as vemos brancas. Se a tela fosse rosa, as veríamos rosa. Em algumas ocasiões, elas são amarelas, o que significa que as legendas não são gravadas na cópia do filme, mas projetadas eletronicamente sobre ele para não danificar a cópia. A Legendagem não analógica permite a utilização de uma ampla gama de cores nas quais as legendas podem ser exibidas. No entanto, normalmente são utilizadas apenas as cores amarela e branca (Díaz-Cintas; Remael, 2007, p. 130, tradução nossa²⁸).

Como é possível observar a partir da citação anterior, as legendas brancas e amarelas configuram-se como a “escolha certa” para uma Legendagem bem-sucedida. Reitera-se que, de 2007 para cá, as cores utilizadas na Legendagem tradicional continuam sendo o amarelo e o branco. Contudo, o mercado de Legendagem se inova constantemente e, com o advento do *fansubbing* e da Legendagem Criativa, bem como com o aumento de pesquisas sobre como a utilização de cores pode contribuir para a imersão e para uma recepção positiva dos espectadores, o uso de legendas coloridas²⁹ vem sendo cada vez mais considerado na área.

Assim, apesar dessa tradição, em outros países, como Espanha, Itália e Reino Unido, entre outros, há o emprego de cores diversas, não se restringindo à apresentação de legendas uniformemente brancas ou amarelas. Nesses casos, ocorre a modificação cromática em um mesmo bloco de legenda, indicando que o diálogo em questão é proferido por um falante diferente, conforme ilustrado na Figura 6.

²⁸ Nossa tradução de: “*The two main colours used in our profession are white and yellow. In cinema, subtitles are mostly white simply because they have been laser engraved on the celluloid and they are an integral part of the film copy. Thus, when they are projected on a big white screen we see them white. If the screen were pink, we would see them pink. On some occasions, they are yellow, which means that the subtitles are not engraved on the copy of the film but electronically projected onto it so as not to damage the copy. Electronic subtitling allows for a wide spectrum of colours in which subtitles can be beamed. However, only yellow and white are normally used*” (Díaz-Cintas; Remael, 2007, p. 130).

²⁹ Legendas coloridas, neste trabalho, referem-se àquelas que **não** utilizam uma única cor durante toda a produção audiovisual.

Figura 6 – Utilização de diferentes cores em um mesmo bloco de legendas



Fonte: BBC (2024)

Geralmente, legendas com diferentes cores são utilizadas para identificar os turnos de fala em tela, diferenciando os interlocutores visualmente. Entretanto, as legendas coloridas também podem ser empregadas para causar impacto no espectador, contribuindo para a visualidade e a imersão do público na produção audiovisual. Além das cores, outros recursos podem ser utilizados, como *emojis*, variações tipográficas (por exemplo, uma fonte com aspecto “derretido” em cenas de terror *gore*³⁰) ou ainda efeitos visuais, como sombreamento em cenas de suspense. Esses elementos funcionam como mensagens adicionais ao espectador. Contudo, tais recursos tornam o processo mais caro, exigem *softwares* mais complexos e demandam cuidado para que a legenda se integre harmonicamente à obra. É preciso refletir se, de fato, *emojis* ou letras estilizadas se adaptam ao contexto audiovisual.

Apesar da gama de possibilidades que a utilização de legendas coloridas apresenta para o produto audiovisual, esse parâmetro ainda é pouco explorado no Brasil e continua muito associado à Legendagem Descritiva. No contexto brasileiro, as legendas coloridas raramente são empregadas na Legendagem tradicional³¹, sendo mais comum a identificação de falantes pelo uso do nome dos personagens entre colchetes ou parênteses no início da fala. A identificação de personagens em tela por meio do uso de cores será abordada de forma detalhada na seção 2.3.

³⁰ Terror *gore* é um subgênero do cinema de terror que se caracteriza pelo uso extremo e gráfico da violência, sangue e mutilações.

³¹A Legendagem amadora no Brasil utiliza extensivamente legendas coloridas tanto para identificar o turno de fala de personagens quanto como parte da animação visual do produto visual em si.

2.2.5 Parâmetros técnicos: posicionamento e alinhamento

O último parâmetro técnico apresentado na Figura 2 (posicionamento/alinhamento das legendas) diz respeito ao local onde as legendas são exibidas na tela. Tradicionalmente, elas são posicionadas na parte inferior central. O posicionamento refere-se ao deslocamento da legenda apenas na parte inferior da tela (ao centro, à direita ou à esquerda), enquanto o alinhamento diz respeito à divisão da tela em três partes verticais, como ilustrado na Figura 7:

Figura 7 – Níveis de alinhamento das legendas



Fonte: JBI Studios (2020).

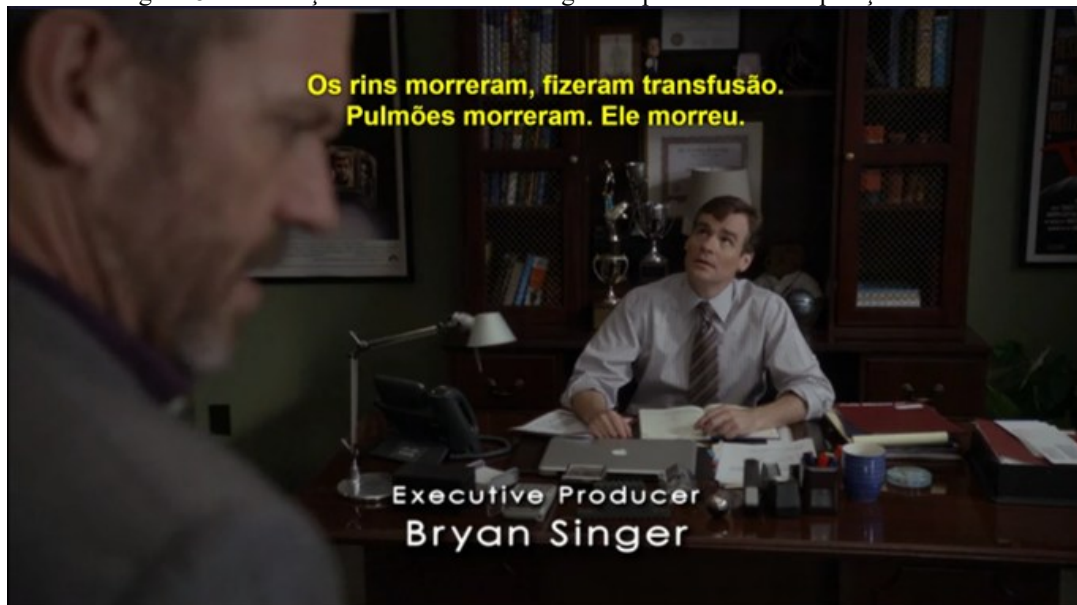
A mudança da escolha tradicional de posicionar as legendas na parte inferior central segue uma lógica semelhante à do uso de cores: trata-se de uma modificação ainda adotada com cautela no Brasil, embora seja mais frequente do que o uso de legendas coloridas. A Legendagem tradicional preconiza que as legendas devem estar centralizadas na parte inferior da tela. De acordo com Naves *et al.* (2016, p. 48):

ela [a legenda] normalmente ocupa a parte debaixo da tela e fica em posição centralizada. Essa posição é a preferida, porque ocupa menos espaço e facilita a movimentação ocular do espectador saindo da legenda para a imagem. Em algumas situações, elas são colocadas na parte de cima da tela: quando os créditos do filme aparecem ou quando o fundo está muito claro, dificultando a visualização (Naves *et al.*, 2016, p. 48).

Assim, conforme apontam Naves *et al.* (2016), caso informações textuais importantes possam se sobrepor às legendas, a Legendagem tradicional prevê o deslocamento, alterando

tanto o posicionamento quanto o alinhamento. Nesses casos, recomenda-se reposicionar as legendas, como ilustrado na Figura 8:

Figura 8 – Mudança no alinhamento de legendas para evitar sobreposição textual



Fonte: Amazon Prime Video (2024d)

Como se observa na Figura 8, com a finalidade de evitar a sobreposição de informações, a mudança no posicionamento/alinhamento das legendas pode ser encontrada amplamente na Legendagem que circula no Brasil, visto que é uma questão voltada à legibilidade das legendas e das informações textuais apresentadas no produto audiovisual. Entretanto, a mudança do posicionamento para acompanhar a localização dos personagens em cena ainda não é tão amplamente utilizada nas legendas em português que circulam no Brasil, estando comumente associada à Legendagem Descritiva, à Legendagem Criativa ou ao CC. Maiores detalhamentos sobre a mudança de posicionamento e alinhamento nas legendas descritivas serão apresentados na seção 2.3.

Finalmente, após apresentação e detalhamento de cada parâmetro técnico apresentado na Figura 2, serão abordados, nas próximas subseções, os parâmetros tradutórios da Legendagem. Conforme proposto nesta tese, esses parâmetros são:: (i) estratégias de tradução específicas da Legendagem; (ii) especificidades do registro oral; (iii) tradução de músicas; e (iv) tradução de efeitos sonoros. A seguir, serão apresentados cada um desses parâmetros tradutórios.

2.2.6 Parâmetros tradutórios: estratégias de tradução específicas da Legendagem

Conforme observado em qualquer atividade de tradução, o tradutor recorre a estratégias específicas para a realização do processo tradutório. O debate sobre “estratégias de tradução” tem sido objeto de extensa investigação por diversos acadêmicos em uma variedade de pares linguísticos e contextos tradutórios. Essas estratégias abrangem domínios que incluem tradução literária, tradução de textos técnicos e outros. No contexto da tradução para legendas, os tradutores enfrentam a tarefa adicional de adaptar as estratégias de tradução ao conjunto de restrições técnicas e espaciais inerentes à Legendagem, dadas as especificidades desse tipo de tradução.

Desse modo, considerando a multimodalidade do texto audiovisual, o legendista precisa trabalhar sua tradução combinando as legendas com as pistas visuais que o vídeo apresenta. Por exemplo: eventualmente, uma estratégia domesticadora de tradução ficará inviabilizada, pois o público enxergará a referência estrangeira em tela. Se o tradutor optar por domesticar essa referência, substituindo o nome estrangeiro por um equivalente local, a estratégia de domesticação pode ser ineficaz³². Isso ocorre porque o público-alvo pode reconhecer visualmente a referência estrangeira no programa e não compreender a substituição feita, o que resultaria em estranhamento e na conseqüente perda do significado do texto audiovisual. Portanto, nesses casos, a estratégia de domesticação pode ser inviável devido à identificação imediata da referência estrangeira pela audiência.

Assim, fica evidenciada a polissemia do texto audiovisual e sua especificidade de exibição, o que influencia a utilização de estratégias de tradução pelo legendista. Acerca desse tema, Sequeira (2018, p. 85) resume a discussão sobre a utilização de estratégias na tradução para legendas afirmando que:

o tradutor deve procurar transmitir aquilo que o texto de partida pretende comunicar, em vez de se preocupar em conseguir uma equivalência formal, ao nível da palavra. Se, para garantir a legibilidade do texto da legenda, o tradutor tiver de se desviar do sentido literal das palavras usadas no texto de partida, não deve hesitar em fazê-lo, desde que consiga transferir, tanto quanto possível, a mensagem transmitida pelo texto original (Sequeira, 2018, p. 85).

É nesse sentido que alguns teóricos pesquisam estratégias que podem ser aplicadas especificamente à Legendagem, como Díaz-Cintas (2003), que propõe uma série de estratégias

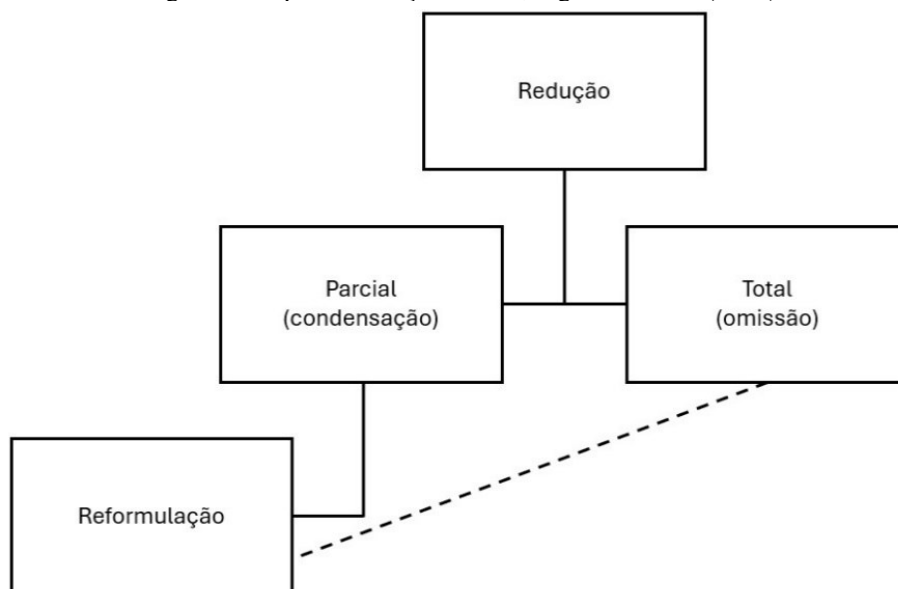
³² Alguns sitcoms, por exemplo Os Simpsons, usam muitas referências estadunidenses, mostrando cenas de Talk Shows, filmes, pessoas famosas, etc. Nesses casos, a legenda domesticadora entra em um “embate” com o que é mostrado na tela, podendo causar estranhamento nos espectadores.

mais utilizadas na TAV. Em sua proposta, o autor traz reflexões ligadas à tradução de referentes culturais, trabalhando com a ideia da multimodalidade presente em materiais audiovisuais e como as estratégias podem variar de acordo com o gênero e o público do material. Rebollo-Couto, Silva e Silva (2017) também analisam as estratégias pragmáticas e conversacionais utilizadas na Legendagem de formas nominais de tratamento, chegando à conclusão de que uma série de fatores influencia a escolha tradutória de manter, traduzir ou omitir funções conversacionais e pragmáticas dessas formas nominais.

Além destas, algumas estratégias tradutórias aplicadas à Legendagem podem ser a síntese/redução de frases, apagamento de pronomes, troca de negação por afirmação, paráfrase etc. — considerando principalmente as restrições de tempo e espaço, mas respeitando a legibilidade e a visualidade das legendas. Normalmente, é perpetuada a noção de que, quanto maior o poder de síntese do legendista, mais eficaz será a legenda, por veicular a mensagem central das falas de forma condensada, deixando mais tempo para o espectador explorar as imagens da tela.

Desse modo, Zárate (2021) explora diferentes estratégias de redução textual que podem ser aplicadas à tradução para legendas e utilizadas por legendistas, conforme apresentado na Figura 9.

Figura 9 – Tipos de redução textual, segundo Zárate (2021)



Fonte: Zárate (2021, tradução nossa)

A partir do que Zárate (2021) apresenta na Figura 9, é possível entender que a redução é uma das estratégias mais utilizadas na tradução para legendas, o que, por exemplo, não ocorre na tradução técnica ou na literária. Essa redução pode ser aplicada por meio da condensação,

da omissão ou, finalmente, da reformulação do texto-fonte em formato oral para o texto-alvo em formato de legendas. Trata-se de um processo que demanda estratégias específicas para o sucesso tradutório dessa modalidade. Nesse contexto, as estratégias tradutórias são, assim como em qualquer tipo de tradução, frequentemente empregadas para dar conta das especificidades técnicas da Legendagem, bem como das especificidades do registro oral, cuja discussão será abordada na subseção seguinte.

2.2.7 Parâmetros tradutórios: especificidades do registro oral

Sabe-se que a Legendagem é uma tradução diagonal. Desse modo, traduzir marcas de oralidade — como o uso de expressões coloquiais, palavras de baixo calão e linguagem ofensiva, ironias, sarcasmo, entonação e ritmo, pausas e repetições, humor etc. — pode ser considerado, dentro do segundo parâmetro tradutório apresentado na Figura 2, como um conjunto de marcas que precisam ser levadas em conta na tradução para legendas. Tais circunstâncias se revelam notadamente complexas na prática, dado que o público-alvo visualiza simultaneamente o texto-fonte (seja oriundo de vídeo, filme, série, jogo etc.) e a legenda, o que adiciona uma considerável complexidade ao ato tradutório.

A coexistência do texto-alvo e do texto-fonte em um mesmo meio é uma característica intrínseca da Legendagem que influencia todos os parâmetros tradutórios presentes no Quadro 1. O legendista pode optar por diferentes estratégias a depender da necessidade de legendar as especificidades do registro oral e do teor do produto audiovisual em questão, seja se atentando a questões terminológicas, seja ao contexto. No caso de programas de humor, a tradução apresenta um agravante: muitas vezes o gatilho cômico está em tela e está atrelado a trocadilhos, sotaques ou outras características da oralidade, limitando as estratégias que o legendista pode utilizar para manter o humor da cena nas legendas.

Como observa Koglin (2008), torna-se difícil para o legendista separar o efeito de humor causado por uma cena audiovisual — com todas as suas polissemias — e transpô-lo para as legendas. Isso porque os momentos de humor no audiovisual “[...] não podem ser desvinculados das apelações típicas da imagem, do som, das expressões faciais e até mesmo do potencial humorístico de cada personagem — características ausentes na escrita” (Koglin, 2008, p. 36). Desse modo, as legendas tendem a agir em conjunto com as pistas fornecidas pelo texto-fonte, configurando um desafio de particular complexidade, devido à natureza culturalmente enraizada e subjetiva do humor.

Outro aspecto da oralidade frequentemente questionado nas legendas em circulação no Brasil diz respeito à censura de palavras de baixo calão. Contudo, observa-se um aumento gradual da inclusão desse tipo de vocabulário nas legendas em língua portuguesa, em consonância com a preocupação de preservar as características essenciais do texto original e dos personagens (Moura, 2024). Um exemplo emblemático é o filme *Cidade de Deus*, dirigido por Fernando Meirelles, que retrata a vida em uma favela do Rio de Janeiro. A omissão da linguagem oral, do vocabulário específico e dos jargões dos personagens, por exemplo, configuraria a exclusão de uma parte significativa da realidade social brasileira, algo que deve ser evitado pelo legendista a fim de preservar o regionalismo e a autenticidade da produção.

Outro desafio imposto pelas especificidades do registro oral refere-se ao apagamento de características linguísticas regionais na Legendagem. É sabido que o português apresenta uma rica diversidade associada às diferentes regiões do Brasil, bem como às classes sociais. No contexto da Legendagem intralingual, quando se considera um filme brasileiro produzido em uma região específica, mas exibido em todo o país, o legendista confronta o desafio de representar múltiplas expressões idiomáticas, regionalismos e variações linguísticas. Esse cenário se manifesta de forma notável em filmes como *O Auto da Compadecida*, dirigido por Guel Arraes, e *O Tempo e o Vento*, dirigido por Jayme Monjardim. Tais obras abordam contextos altamente distintos — no Nordeste, especificamente na Paraíba, e no Sul, no Rio Grande do Sul, respectivamente — ressaltando a necessidade de preservar essas marcas regionais da oralidade durante o processo de Legendagem.

Assim, a escolha de vocabulário e estilo também pode variar conforme o público-alvo e o escopo da produção audiovisual. Filmes e séries, por exemplo, geralmente possuem projetos tradutórios diferentes daqueles de documentários ou videoaulas. Portanto, o legendista precisa adaptar conteúdo e forma da linguagem oral para atender às expectativas do público leitor, mantendo o objetivo inicial do texto-fonte e adequando o tom do texto-alvo. Nesse sentido, a tradução do código oral (texto-fonte) para o código escrito (texto-alvo no formato de legendas) é um processo que requer sensibilidade linguística, conhecimento das culturas e contextos fonte e alvo, além de habilidades de escrita e adaptação para produzir legendas eficazes e coesas.

Desse modo, é possível afirmar que as especificidades do registro oral apresentam desafios ao legendista que vão além dos exemplos expostos, abrangendo também humor, terminologia e regionalismos. É necessário que a Legendagem consiga representar, no registro escrito, as nuances que constroem o produto audiovisual, como entonação, ritmo e até mesmo sotaques regionais. Esse parâmetro é essencial para preservar a imersão do espectador no produto audiovisual, mantendo a experiência multimodal e o significado do texto-fonte —

desafios que se relacionam diretamente com o fato de a Legendagem ser uma tradução diagonal, transpondo o registro oral para o escrito.

2.2.8 Parâmetros tradutórios: tradução de músicas

Indo no mesmo sentido das especificidades do registro oral, das quais o legendista precisa dar conta na tradução para legendas, outro parâmetro tradutório normalmente associado à Legendagem Descritiva é a tradução de músicas. De modo geral, esse parâmetro prevê a apresentação, nas legendas, de músicas ou trilhas sonoras de um produto audiovisual. O legendista pode optar por omitir essas informações sonoras, a depender de sua relevância. Entretanto, apresentar a tradução de músicas na legenda pode contribuir para a imersão de espectadores que estejam privados do áudio da produção. Este é o penúltimo parâmetro tradutório apresentado na Figura 2 e, por ser mais comumente associado à Legendagem Descritiva, será brevemente apresentado aqui e detalhado na seção 2.3.

Comumente, há quatro formas possíveis de indicar a presença de músicas ou de trilha sonora nas legendas:

- i. apresentando uma transcrição completa da letra da música;
- ii. adjetivando e apresentando o gênero, o nome dos cantores/compositores e/ou o tipo da música;
- iii. adicionando uma legenda contendo um símbolo musical (♫ ou ♪); e
- iv. adicionando apenas a palavra *música* entre colchetes.

As estratégias de tradução de músicas variam quanto ao nível de informação transmitido ao espectador. Em geral, não se recomenda empregar unicamente símbolos musicais nas legendas, pois essa escolha não permite compreender o tipo de som representado. No contexto brasileiro, observa-se que as legendas em português tendem a recorrer à adjetivação da música ou da trilha sonora, prática ilustrada no segundo exemplo apresentado na Figura 10.

Figura 10 – Tipos de tradução de músicas para legendas



Fonte: Amazon Prime Video (2024c), legendas elaboradas pela autora

A tradução de músicas para legendas é comumente associada às legendas direcionadas a espectadores surdos; porém, outros públicos também podem se beneficiar desse parâmetro tradutório. Tanto é que algumas orientações para a tradução de músicas passaram a ser incluídas em guias de Legendagem de plataformas de *streaming*, como os da Netflix e da Amazon Prime Video, demonstrando a importância de que os legendistas tenham contato com esse parâmetro, que será detalhado na seção 2.3.

2.2.9 Parâmetros tradutórios: tradução de efeitos sonoros

No mesmo sentido da apresentação da tradução de músicas na Legendagem, a tradução de efeitos sonoros diz respeito ao processo de adicionar, nas legendas, a representação e/ou tradução de sons verbais ou não verbais presentes em uma produção audiovisual. Essa prática é fundamental para proporcionar uma experiência mais imersiva e acessível aos espectadores, pois permite o acesso à totalidade da narrativa, incluindo elementos sonoros importantes. Como já mencionado anteriormente, vários públicos podem se beneficiar desse parâmetro tradutório, não apenas espectadores surdos, mas também pessoas que estejam privadas do áudio do produto audiovisual por alguma razão, ou ainda espectadores que utilizam a legenda para treinar vocabulário na língua original da produção, entre outros casos.

Na Legendagem Descritiva, diferentes tipos de efeitos sonoros podem ser incluídos para transmitir ao espectador informações que não são percebidas visualmente. Entre eles,

destacam-se: sons ambientes, como passos, batidas na porta ou ruídos de tráfego, que ajudam a contextualizar a cena; efeitos sonoros estilizados, como sirenes ou explosões, que reforçam ações ou acontecimentos; e elementos específicos da narrativa televisiva ou cinematográfica, como a *canned laughter* — risada enlatada, em tradução livre —, que indica ao público a presença de humor ou sugere que determinada situação é engraçada, mesmo que a risada não seja natural da plateia. Esses recursos possuem funções informativa e estética, proporcionando uma experiência mais completa e imersiva para pessoas surdas.

Assim, os efeitos sonoros legendados podem abranger uma variedade de sons, como risos, batidas, suspiros, buzinas, sons de instrumentos musicais, sons produzidos por animais e outros elementos relevantes para o contexto da cena e para a compreensão do produto audiovisual. Esses efeitos sonoros são geralmente adicionados na legenda dentro de colchetes ou parênteses, a depender das diretrizes de Legendagem do país em que a obra circula. No Brasil, os parâmetros mais comuns preveem a apresentação dos efeitos sonoros entre colchetes, como se observa na Figura 11:

Figura 11 – Tradução de efeitos sonoros entre colchetes



Fonte: Netflix (2024d)

Como se nota na Figura 11, a informação entre colchetes “[chilrear de pássaros]” só é acessada integralmente — excetuando-se as inferências contextuais — por meio do canal auditivo. Incluir esse tipo de informação, nessa cena específica, contribui para a climatização do filme, reforçando que os personagens se encontram em um contexto rural e silencioso em relação aos ruídos urbanos, marcado apenas pela presença dos cantos dos pássaros.

A tradução de efeitos sonoros na Legendagem tem sido estudada por alguns pesquisadores brasileiros, principalmente aqueles vinculados aos grupos de pesquisa mencionados na introdução deste trabalho. Por se tratar de uma especificidade das legendas descritivas, esse parâmetro será detalhado na próxima seção deste capítulo.

Encerra-se, assim, a exposição dos parâmetros técnicos e tradutórios da Legendagem. Na próxima seção, serão apresentadas informações relevantes sobre o principal objeto de estudo deste trabalho: a Legendagem Descritiva.

2.3 LEGENDAGEM DESCRITIVA

Nesta seção, discutem-se os parâmetros, especificidades e questões terminológicas associadas à Legendagem Descritiva. Também serão apresentadas pesquisas já desenvolvidas no Brasil sobre essa modalidade, de modo a situar o escopo no qual esta tese se insere. Diferentemente da Legendagem Convencional, a Legendagem Descritiva acrescenta às legendas, três tipos de informações: (i) a tradução de efeitos sonoros; (ii) a identificação do turno de fala dos personagens; e (iii) a tradução da trilha sonora e de músicas. Esses parâmetros serão detalhados ao longo desta seção.

Conforme já explicado, o objeto de estudo deste trabalho será um tipo específico de Legendagem: a Legendagem Descritiva. Essa modalidade da TAV tem circulado no âmbito acadêmico brasileiro, em sua maioria, sob a denominação “Legendagem para Surdos e Ensurdecidos”. Mais recentemente, contudo, em publicações acadêmicas como Costa (2020), Peres (2023), Silva e Moura (2023), Sluzala (2024) e Vigata (2023), bem como em instruções normativas de órgãos governamentais como a Ancine (2018)³³, observa-se a adoção da terminologia “Legendagem Descritiva” ou “legendas descritivas” para se referir a essa modalidade da TAV.

O termo LSE, que, segundo Nascimento (2018), foi cunhado por Jiménez Hurtado e Siebel (2007) — e também proposto por Selvatici (2010) — passou a circular no Brasil a partir de uma tradução da sigla em inglês SDH (*Subtitling for the Deaf and the Hard-of-Hearing*). Neste trabalho, opta-se por **não** utilizar o termo LSE, mas, sim, Legendagem Descritiva ou legendas descritivas. Em primeiro lugar, entende-se que a nomenclatura LSE limita a modalidade a apenas um público: o público surdo e ensurdecido. Em segundo lugar, cabe destacar que o termo “ensurdecido”, de acordo com o *Dicionário Michaelis da Língua*

³³ Disponível em: <https://www.gov.br/ancine/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/instrucoes-normativas/instrucao-normativa-no-145>. Acesso em 15 ago. 2025.

Portuguesa, é um adjetivo que significa “que ficou surdo” (Ensurdecido, 2024, s. p.). Assim, questiona-se se essa seria, de fato, a melhor forma de traduzir o termo *Hard-of-Hearing*, geralmente traduzido para português brasileiro, como “pessoa com deficiência auditiva” — ou seja, a incapacidade parcial ou total de ouvir sons, em decorrência de uma lesão no sistema auditivo.

Por fim, este trabalho acompanha a proposta da Ancine, agência reguladora do setor audiovisual no Brasil, que, em sua Instrução Normativa nº 145, de 8 de outubro de 2018, apresenta que:

§ 2º Legendagem Descritiva é a nomenclatura proposta para se referir ao que tradicionalmente é conhecido como Legenda para surdos e ensurdecidos, que consiste na conversão do texto oral para o texto escrito de uma língua para outra, dentro de uma mesma língua ou de uma língua de sinais para uma língua escrita, levando-se em conta, na composição das legendas, a redução textual decorrente das restrições de tempo, espaço na tela, número de caracteres, conveniência de supressão ou acréscimo de informações, segmentação, alinhamento, fonte e local de cada legenda na tela e velocidade de leitura. Devem ser explicitadas informações de efeitos sonoros, música, sons do ambiente, silêncios significativos e aspectos paralinguísticos do discurso perceptíveis pela entonação ou pela emissão de sons não verbais — como choro ou riso —, bem como adicionada a identificação dos falantes (Ancine, 2018, art. 1).

Desse modo, reconhece-se que a terminologia LSE cumpriu seu papel histórico de ampliar a conscientização e chamar a atenção, em diferentes esferas da sociedade, para os direitos linguísticos da parcela da população brasileira com surdez ou algum grau de deficiência auditiva. Contudo, entende-se que, atualmente, seria mais adequado que a nomenclatura dessa modalidade de Legendagem não se restringisse a apenas um público-alvo, mas pudesse ser amplamente denominada como Legendagem Descritiva ou legendas descritivas, terminologia adotada nesta tese.

Nesse sentido, Araújo e Nascimento (2011) publicaram, no início da década, discussões terminológicas pertinentes e relevantes para o momento histórico. Algumas de suas colocações já não são utilizadas em debates atuais, como a afirmação de que a LSE — de acordo com o uso das autoras — se configuraria como uma modalidade de Legendagem intralingual. Ainda assim, é necessário reconhecer o pioneirismo das autoras e do grupo LEAD, vinculado à Universidade Estadual do Ceará, assim como a contribuição de Araújo (2008) para o avanço e a consolidação das discussões sobre a LSE [sic] no país. Esses estudos abriram caminho para que atualmente, possamos desenvolver no Brasil pesquisas de recepção, com abordagens empírico-experimentais acerca da Legendagem Descritiva junto à comunidade surda brasileira.

Ainda no campo terminológico, algumas pesquisas nacionais diferenciam LSE da Legendagem Convencional a partir do uso da terminologia Legendagem para Ouvintes (LO). Neste trabalho, problematiza-se o uso desse tipo de nomenclatura, por entendê-la restritiva e limitadora, ao pressupor que apenas a comunidade surda consome legendas descritivas e apenas a comunidade ouvinte consome LO. Assim, opta-se aqui pela adoção da terminologia Legendagem Descritiva, enquanto para a modalidade de TAV que não acrescenta informações sonoras às legendas utiliza-se o termo Legendagem Convencional.

As legendas descritivas começam a circular no Brasil aproximadamente no início dos anos 2000, quando se intensifica a preocupação com a acessibilidade midiática (AM) e cresce a conscientização sobre a importância da acessibilidade audiovisual para pessoas surdas. Esse movimento foi impulsionado pela criação de leis de acessibilidade e pela maior visibilidade dos direitos das pessoas com deficiência. Exemplo disso é a dissertação de Oliveira (2005), que já relatava, há duas décadas, a luta da comunidade surda pela inserção de legendas em filmes nacionais. Assim, a partir dos anos 2000, as legendas descritivas — ou CC — passam a ser mais amplamente utilizadas na mídia, na produção audiovisual e em instrumentos legais relacionados à acessibilidade no Brasil.

Com o objetivo de ampliar a acessibilidade em produções audiovisuais, e amparado por legislações que asseguram o direito de pessoas com deficiência ao acesso a diferentes setores da sociedade, surge no Brasil a demanda pela LSE ou Legendagem Descritiva. Entre essas legislações, destaca-se a Lei nº 13.146, de 2015³⁴ — a Lei Brasileira de Inclusão —, que, no âmbito do Estatuto da Pessoa com Deficiência, garante a inclusão social dessa população (Brasil, 2015).

No artigo 67, a Lei prevê que “[...] os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso dos seguintes recursos, entre outros: I. Subtitulação por meio de legenda oculta³⁵; II. Janela com intérprete de Libras; III. Audiodescrição” (Brasil, 2015, art. 67). Mais recentemente, a Instrução Normativa nº 1, de maio de 2020, disciplinou a “[...] utilização de recursos de acessibilidade na publicidade, nos pronunciamentos e nos discursos oficiais dos órgãos e entidades do Poder Executivo Federal” (Brasil, 2020, art. 1). Vê-se, portanto, que o avanço nessa área no Brasil está frequentemente vinculado à garantia de direitos linguísticos por meio de instrumentos legais e à crescente conscientização da sociedade.

³⁴ A Lei pode ser acessada no seguinte *link*: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.html

³⁵ Legendas ocultas dizem respeito às legendas que podem ser ativadas na televisão através do controle remoto.

Outro efeito desse tipo de legislação é a exigência de legendas em materiais audiovisuais nacionais, como já havia destacado Oliveira (2005), uma vez que a maior preocupação ainda recai sobre a Legendagem de produções estrangeiras para o português. Entretanto, há uma necessidade urgente de traduzir e legendar também produções brasileiras — filmes, séries, peças de teatro, entre outras. Nesse caso, trata-se de uma modalidade de tradução audiovisual intralingual, em que o texto-fonte em português (oral) é transposto para o português escrito.

Diante dessa demanda, em 2004 foi criado o projeto “Legenda Nacional”³⁶, composto por integrantes da comunidade surda brasileira, com o objetivo de pleitear recursos de acessibilidade — sobretudo legendas — em produções audiovisuais nacionais. O projeto mantém campanhas constantes e atua na conscientização do setor audiovisual, reforçando a importância das legendas em português em conteúdos produzidos no Brasil. Uma de suas iniciativas mais conhecidas foi a campanha “Legenda para quem não ouve mas se emociona”.

Vale ressaltar que, no senso comum, ainda prevalece a ideia de que existem dois tipos de legendas destinadas a pessoas surdas: a LSE, ou legendas descritivas, e o CC. No Brasil, o CC foi tradicionalmente associado às legendas ocultas, ativadas pelo controle remoto da televisão e geradas por reconhecimento de voz, frequentemente exibidas na TV aberta. Já a Legendagem Descritiva era identificada como aquela produzida por legendistas e queimada³⁷ — isto é, embutida no produto audiovisual —, comumente utilizada em filmes e séries disponibilizados em cinemas, plataformas de *streaming* ou festivais.

Contudo, a diferenciação entre essas categorias vem se tornando cada vez mais complexa, na medida em que as modalidades de tradução sofrem rápidas transformações e se ajustam de modo ágil às novas demandas do mercado. Produções acadêmicas sobre LSE de cerca de uma década atrás, por exemplo, ainda apresentavam essa distinção de maneira bastante clara:

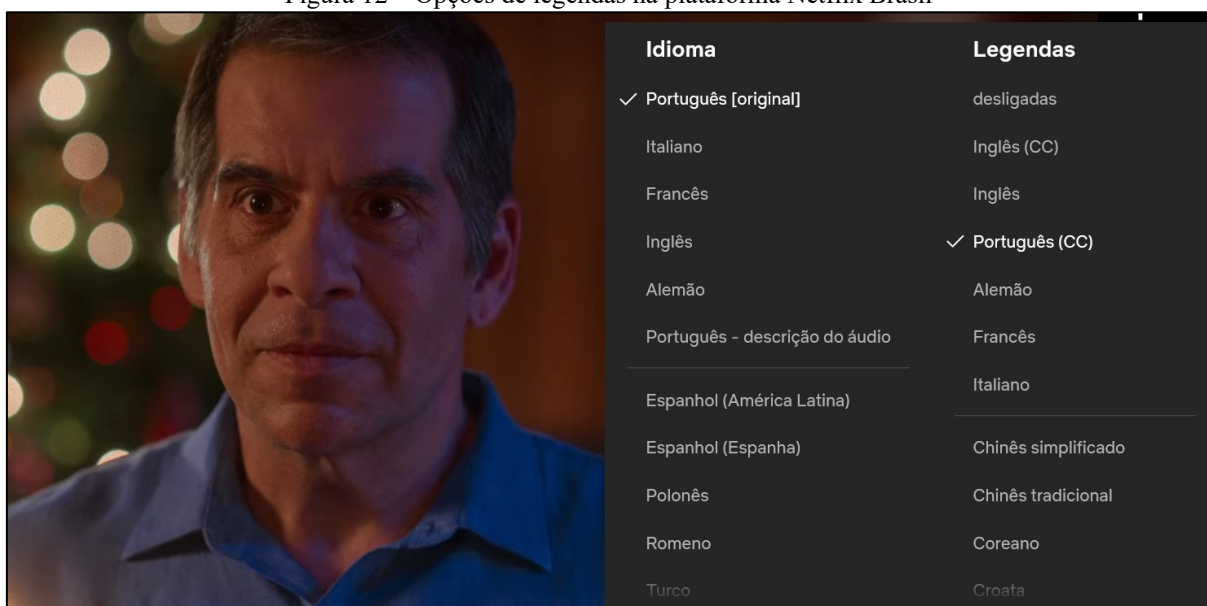
não estamos utilizando *Closed Caption* para nos referirmos à Legendagem para surdos, porque, ao contrário do que muitas pessoas pensam, *Closed Caption* não é sinônimo de “legenda para surdos”. Esta consiste em um sistema de Legendagem fechada ou oculta (o espectador precisa acessá-la no seu controle remoto do aparelho de TV ou DVD) em oposição à Legendagem aberta. *Closed Caption* é um modelo norte-americano de Legendagem usado em muitos países, inclusive no Brasil. Na Europa, o sistema utilizado é o teletexto (Franco; Araújo, 2011, p. 6-7).

³⁶ Mais informações em: <https://www.legendanacional.com.br/>

³⁷ Essa terminologia advém dos primórdios do cinema, onde as imagens das legendas eram compostas diretamente no negativo do filme, resultando em legendas permanentes.

Como é possível observar a partir da citação de Franco e Araújo (2011), o CC³⁸ era considerado, no início da década, *apenas* como um modelo de Legendagem por reconhecimento de voz — o que ainda é, em alguns níveis, verídico. Entretanto, essa modalidade absorveu características de outros tipos de tradução e sua utilização passou a ser mais ampla no Brasil. As produções audiovisuais presentes no catálogo da Netflix Brasil que contam com legendas descritivas, ou seja, aquelas que apresentam informações sonoras nas legendas e incluem a identificação de falantes, por exemplo, aparecem com o seguinte indicador:

Figura 12 – Opções de legendas na plataforma Netflix Brasil



Fonte: Netflix (2024g)

Dessa forma, conforme indicado na Figura 12, percebe-se que a classificação que diferenciava CC de LSE (aqui ainda LSE, pois nessa época a sigla ainda não havia sido problematizada) no início dos anos 2010 gradualmente cai por terra, visto que as características que distinguiam essas duas modalidades (CC e LSE) acabaram por se mesclar, pelo menos no contexto brasileiro, sendo inclusive possível, em muitas situações, utilizar essas nomenclaturas de forma intercambiável. Em razão dessa grande confusão terminológica, ainda presente em um campo em consolidação, torna-se necessário esclarecer, sempre que possível, a qual modalidade de Legendagem se faz referência.

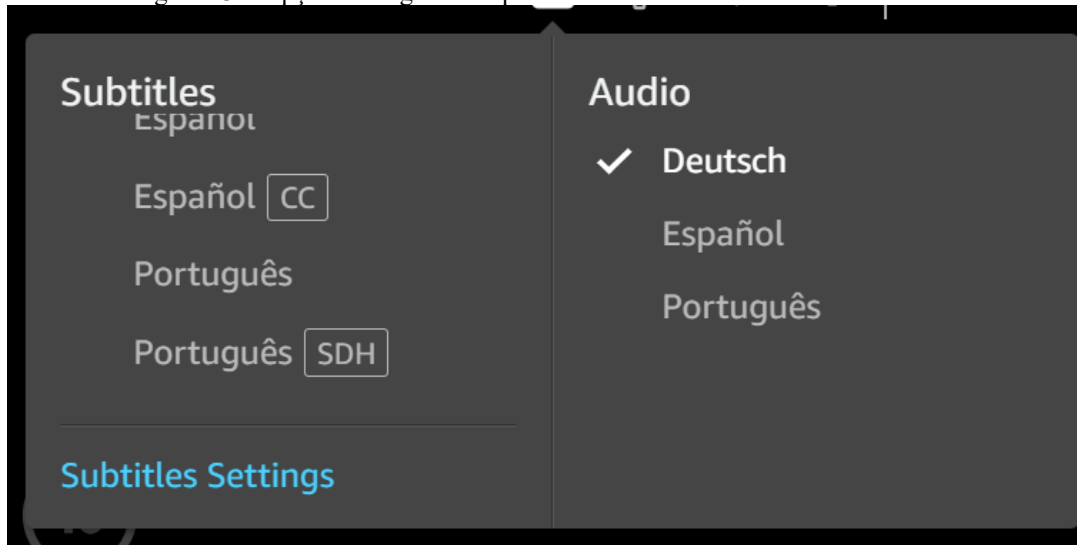
Em contraposição ao que consta na Figura 12 da plataforma Netflix Brasil, na televisão aberta no país ainda se denomina legendas ocultas/fechadas aquelas normalmente produzidas

³⁸ Comumente, o CC utiliza apenas legendas brancas sob um fundo preto. O teletexto europeu utiliza legendas coloridas.

por softwares de reconhecimento de voz e exibidas mediante ativação pelo controle remoto, mas que não necessariamente apresentam informações sonoras, como ocorre no CC.

Curiosamente, outras plataformas de *streaming* no Brasil utilizam a nomenclatura em inglês (SDH) para indicar que as legendas apresentam informações sonoras, como é demonstrado na Figura 13:

Figura 13 – Opções de legenda na plataforma da Amazon Prime Video Brasil



Fonte: Amazon Prime Video (2024b)

Assim, percebe-se que tanto a nomenclatura SDH quanto CC são utilizadas no mercado das plataformas de *streaming* que circulam no Brasil, havendo pouca menção ao termo LSE. Para esclarecer a utilização das siglas neste trabalho, apresenta-se a seguir um quadro que define cada modalidade de acordo com nosso entendimento e aplicação:

Quadro 3 – Conceituação das modalidades de Legendagem

MODALIDADE	DEFINIÇÃO
SDH	<i>Subtitling for the Deaf and the Hard-of-Hearing</i>
LSE	Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (inclui efeitos sonoros e identificação de personagens nas legendas)
<i>Closed caption (CC)</i>	Legendas ocultas que são realizadas, muitas vezes, automaticamente por softwares e apresentam praticamente uma transcrição do áudio, podendo (ou não) incluir efeitos sonoros.
Legendagem Descritiva	Terminologia mais abrangente, segue os mesmos parâmetros da LSE
Legendagem Convencional	Legendas que não acrescentam informações sonoras nem identificam personagens em tela

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Em alguns países falantes da língua inglesa, empresas de tradução estadunidenses e pesquisadores no Reino Unido propõem uma diferenciação entre os conceitos de *caption* e *subtitles*. O primeiro diz respeito ao tipo de Legendagem que inclui ruídos, diferencia falantes e adiciona informações sonoras às legendas; o segundo refere-se às legendas que não apresentam esse tipo de informação sonora nem identificam o turno de fala dos personagens, partindo do pressuposto de que os espectadores têm acesso ao áudio da produção.

Atualmente, nas empresas de tradução e Legendagem brasileiras, observa-se que as terminologias Legendagem Descritiva e LSE vêm sendo utilizadas de forma intercambiável, ambas normalmente associadas ao trabalho de tradução e inserção (ou queima) das legendas em um produto audiovisual. Entretanto, no senso comum no Brasil, o CC ainda é muito associado às legendas geradas automaticamente por reconhecimento de voz e exibidas na televisão aberta (não queimadas no produto).

Nesse contexto, torna-se evidente que a estipulação de uma terminologia clara é imperativa para a condução de pesquisas na área da Legendagem, a fim de explicitar de maneira inequívoca a quais modalidades de tradução as investigações se referem. Assim, após elucidar que, neste trabalho, as legendas estudadas correspondem à Legendagem Descritiva profissional de filmes e séries, conduzida por um legendista e posteriormente queimada no produto audiovisual, apresentam-se, nas subseções a seguir, as discussões teóricas sobre os parâmetros técnicos e tradutórios da Legendagem Descritiva analisados nesta pesquisa, a saber: (i) a utilização de cores nas legendas para diferenciar personagens; (ii) o posicionamento das legendas para diferenciar personagens; e (iii) a tradução de músicas e efeitos sonoros.

2.3.1 Uso de cores nas legendas para identificação de falantes

A Legendagem Descritiva segue os parâmetros técnicos e tradutórios da Legendagem Convencional — como número de linhas, número de caracteres por segundo, segmentação, entre outros —, apresentando algumas adaptações quando necessário. No caso de ser preciso incluir informações sonoras extras ou identificar falantes por meio da apresentação dos nomes dos personagens entre colchetes e/ou parênteses, por exemplo, ocorre um aumento no número de caracteres por linha e por segundo, exigindo que o legendista trabalhe ainda mais as estratégias de tradução, como a síntese, a fim de reduzir o volume de caracteres. É nesse sentido que se recorre à estratégia de produzir legendas coloridas para identificar os falantes em cena, já que apenas alterar a cor das legendas não acrescenta caracteres, evitando, assim, sobrecarregar a linha.

No Brasil, é comum identificar os personagens em cena colocando seus nomes entre colchetes ou parênteses. Em outros países, contudo, a utilização de legendas coloridas para diferenciar falantes é mais difundida, inclusive na televisão aberta. Na grade de programação da *British Broadcasting Company* (BBC), do Reino Unido, por exemplo, em programas de entrevista com dois falantes (um entrevistador e um entrevistado), geralmente se utilizam legendas brancas para o entrevistador e amarelas para o entrevistado. No Brasil, esse estilo ainda não é utilizado, principalmente porque a maior parte da grade da televisão aberta não possui legendas abertas, mas sim legendas fechadas ativadas pelo controle remoto, que aparecem apenas na cor branca.

No contexto das plataformas de streaming, as legendas descritivas em português brasileiro identificam os falantes colocando o nome do personagem entre colchetes, no início da linha correspondente. Abaixo, apresenta-se um exemplo de uma produção da Netflix Brasil que utiliza legendas descritivas com essa característica:

Figura 14 – Utilização dos colchetes na Legendagem Descritiva



Fonte: Netflix (2024g).

Desse modo, muito possivelmente a única familiaridade que o público brasileiro tem com legendas coloridas decorre da Legendagem amadora (*Fansubbing*), que emprega cores tanto para diferenciar falas quanto para causar impacto visual em determinadas cenas. Em produções de terror, por exemplo, podem ser utilizadas legendas vermelhas para intensificar a atmosfera. Entretanto, para além da Legendagem amadora, infere-se que o público brasileiro não possui familiaridade prévia com o uso de cores diferentes de branco e amarelo, o que reforça

a necessidade de pesquisas de recepção com espectadores — surdos e ouvintes — a fim de investigar preferências e necessidades.

A pouca familiaridade do público brasileiro com legendas coloridas foi corroborada em uma pesquisa do grupo LEAD, que testou hipóteses como o uso de cores distintas para falas e outras informações, por exemplo: cor branca para as falas e amarela para a identificação dos falantes. Nesse estudo, exposto por Vieira, Assis e Araújo (2020), os participantes surdos tiveram boa recepção das legendas, embora tenham feito comentários pontuais sobre a mudança constante de cores em um mesmo vídeo. Segundo os autores, esse estranhamento estaria relacionado à falta de costume do público brasileiro com esse recurso. Portanto, fica evidente que a aplicação de cores nas legendas deve ser feita com sensibilidade, considerando a legibilidade e evitando prejudicar a experiência do espectador, o que reitera a necessidade de mais pesquisas de recepção no Brasil.

Além do estudo de Vieira, Assis e Araújo (2020), não há outros trabalhos brasileiros que tenham investigado a recepção de legendas coloridas pelo público surdo. Outros países, como Reino Unido, Alemanha, França e Espanha, possuem maior tradição nesse campo, e alguns de seus resultados podem servir de base, mas não devem ser assumidos como verdades universais, dado o contexto audiovisual e o perfil do público brasileiro.

É importante ressaltar que, em países onde o uso de cores nas legendas é consolidado, essa prática segue regras específicas. Guias de Legendagem indicam quando e por que cada cor deve ser usada, atribuindo a cada personagem uma cor fixa ao longo de toda a obra. A seleção das cores exige cuidado, considerando fatores como contraste com o fundo para garantir legibilidade e a realização de pesquisas de recepção com abordagens qualitativas e quantitativas, capazes de oferecer uma visão mais geral sobre as preferências do público.

Normalmente, o consenso é de que as cores branca e amarela sejam destinadas aos personagens principais. Zárte (2021, p. 63, tradução nossa³⁹) apresenta que o guia de Legendagem da BBC “[...] especifica o uso de quatro cores: branco, amarelo, ciano e verde em ordem de prioridade”. Na Polônia, segundo Mliczak (2018, p. 90, tradução nossa⁴⁰, grifo nosso), recomenda-se que “[...] os diferentes personagens [...] sejam identificados por meio de indicações contendo seus nomes ou através de uma paleta de cores que inclua branco, amarelo,

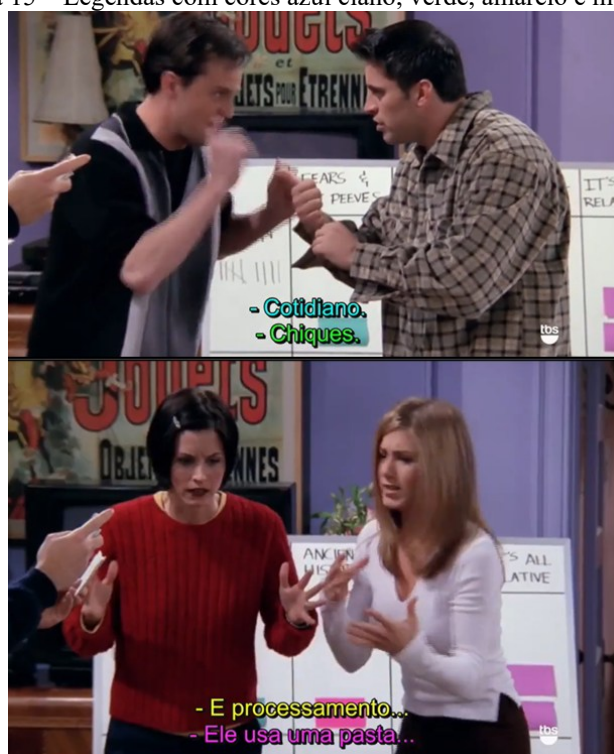
³⁹ Nossa tradução de: “[...] *The BBC specifies the use of four colours: white, yellow, cyan and green, in order of priority*” (Zárte, 2021, p. 63).

⁴⁰ Nossa tradução de: “[...] *the various characters [...] are identified either by using labels with their names or a palette of colours including white, yellow, cyan, green and, when necessary, magenta, but with the explicit exclusion of red*” (Mliczak, 2018, p. 90).

azul ciano, verde e, quando necessário, magenta, com a explícita exclusão da cor vermelha”. Já na Espanha, conforme Neves (2005), a cor vermelha é utilizada para indicar efeitos sonoros.

Percebe-se, portanto, que o consenso sobre o uso de cores na identificação de personagens ainda está em construção, mesmo em países com tradição nessa estratégia. Além disso, a finalidade do uso deve ser considerada. Em cenas com muitos personagens, por exemplo, o excesso de cores pode causar confusão, especialmente entre espectadores que não estão habituados a esse recurso.

Figura 15 – Legendas com cores azul ciano, verde, amarelo e magenta⁴¹



Fonte: Friends [...] (2014).

Como pode ser observado na Figura 15, as legendas coloridas cumprem a função de identificar qual personagem proferiu determinada fala. Ademais, como já exposto anteriormente, a utilização de nomes entre colchetes (Figura 14) e o uso de cores (Figura 15) não constituem a única forma de identificar falantes em cena. Outra estratégia é a mudança de posicionamento e/ou alinhamento das legendas, acompanhando os personagens em tela. As discussões teóricas sobre esse parâmetro técnico serão apresentadas na próxima seção.

2.3.2 Posicionamento das legendas para identificação de falantes

⁴¹ Legendas elaboradas pela autora.

Normalmente, as legendas são posicionadas na parte inferior e central da tela e, de acordo com Díaz-Cintas e Remael (2007), esse é o local onde há menor interferência entre imagem e legenda. Além disso, Díaz-Cintas (2020) também afirma que:

[...] as legendas podem ser deslocadas para outras partes da tela, se necessário, por exemplo, quando uma ação importante ocorre na parte inferior da tela, quando o fundo é tão claro que as legendas correm o risco de se tornar ilegíveis, ou quando a parte inferior do programa original é ocupada por informações textuais com datas ou informações sobre o falante, ou o logotipo da emissora (Díaz-Cintas, 2020, p. 152-153, tradução nossa⁴²).

Entretanto, com o desenvolvimento da Legendagem criativa, dos chamados *integrated titles*⁴³ e também da Legendagem Descritiva, somado ao avanço das pesquisas, ao aumento do letramento do público em Legendagem e ao maior conhecimento geral sobre TAV, novas abordagens para o posicionamento e alinhamento das legendas em tela foram introduzidas. O uso da criatividade passou a ser essencial para adaptar as legendas de modo a enriquecer a narrativa visual e proporcionar uma experiência mais envolvente. Esse parâmetro passou, assim, a desempenhar um papel diferenciado na experiência audiovisual dos espectadores.

Como já explicado na primeira seção deste capítulo, o posicionamento diz respeito ao deslocamento da legenda apenas na parte inferior da tela (central, à direita ou à esquerda), enquanto o alinhamento refere-se à divisão da tela em três partes verticais, gerando três quadrantes. Tanto a mudança de posicionamento quanto a de alinhamento (ou ambas em combinação) podem ser utilizadas para diferentes fins, como indicar quais personagens estão com o turno de fala, promover maior imersão do público no audiovisual ou causar um impacto específico em determinada cena, como ocorre na indústria de localização de jogos ou de programas interativos.

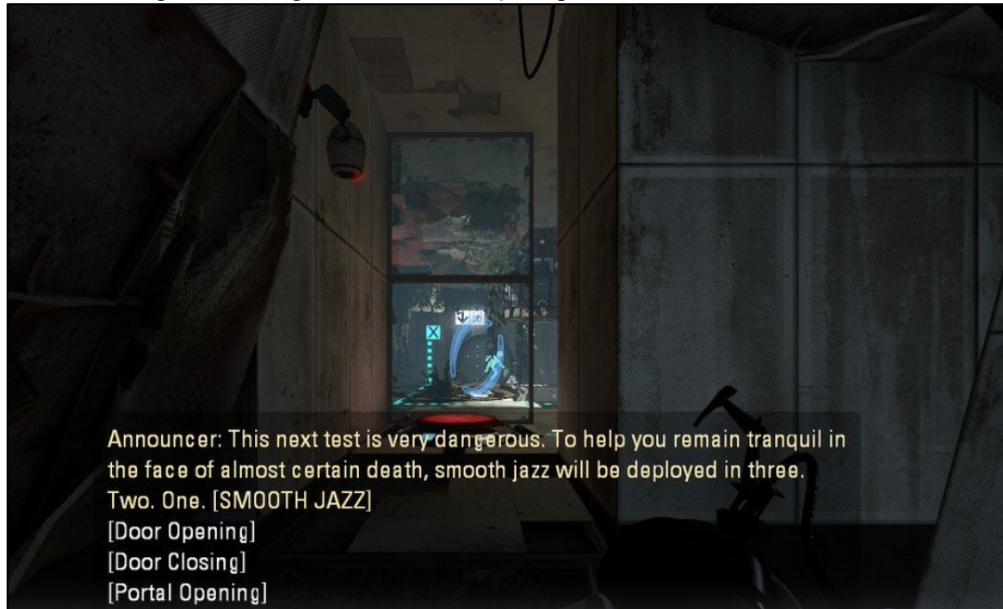
Observa-se, ainda, que esse tipo de recurso pode ser explorado de maneira criativa, resultando em legendas que fogem dos parâmetros mais convencionais. No exemplo a seguir, além da inovação nos parâmetros de posicionamento e alinhamento, verifica-se o aumento do número de caracteres por linha e de linhas por bloco de legenda — quando normalmente são utilizadas duas linhas, nesse caso chegam a ser exibidas até seis, acompanhadas do uso

⁴² Nossa tradução de: “[...] subtitles can be displaced to other parts of the screen if the need arises, for example, when important action takes place in the lower part of the screen, when the background is so light that subtitles risk being illegible, or when the bottom part of the original programme is taken up by written hard titles providing dates or information about a speaker, or the broadcaster’s logo” (Díaz-Cintas, 2020, p. 152-153).

⁴³ *Integrated titles* são as legendas incorporadas à composição da cena (Fox, 2016; 2018).

simultâneo de duas cores para diferenciar falas e efeitos sonoros. A Legendagem amadora também é reconhecida por adotar soluções desse tipo.

Figura 16 – Legendas com mudança de posicionamento e alinhamento



Fonte: <https://gaming.stackexchange.com/questions/251640/portal-2-glitchy-fonts> (2016).

Para além da Legendagem amadora e da indústria da localização, em países como a Espanha pesquisas têm sido realizadas para analisar a recepção de legendas com mudança de alinhamento, visando deixar claro a qual personagem pertence determinada fala, como pode ser observado na Figura 17.

Figura 17 – Mudança no alinhamento de legendas para identificar falantes

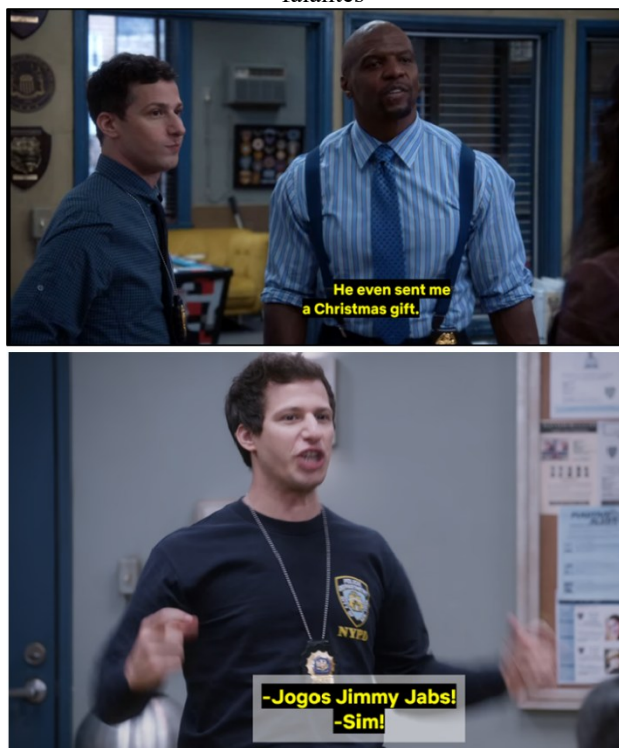


Fonte: Romero-Fresco (2022).

No Brasil, a indústria da localização e a Legendagem amadora recorrem mais frequentemente às mudanças de posicionamento e alinhamento do que a Legendagem tradicional. Em algumas plataformas de streaming que oferecem legendas em português brasileiro, são raras as produções que alteram o posicionamento (e ainda menos o alinhamento) das legendas para identificar falantes ou aumentar a imersão. Entretanto, ao selecionar a opção CC em inglês em uma produção também em inglês na plataforma Netflix Brasil, as legendas geralmente mudam de posicionamento para acompanhar os falantes em cena. Na Figura 18⁴⁴, observam-se duas capturas de tela de uma mesma série estadunidense exibida pela Netflix: na parte superior, as legendas CC em inglês; e, na inferior, as legendas em português.

⁴⁴ Na captura de tela superior é apresentado o *Closed Caption* em inglês e na captura de tela inferior pode-se observar as legendas interlinguais em português

Figura 18 – Mudança no posicionamento de legendas para identificar falantes e uso de hífen para identificar falantes



Fonte: Netflix (2024b).

Percebe-se, assim, uma tendência da indústria da Legendagem no Brasil em manter a identificação de falantes por meio de colchetes e parênteses ou do uso de hífen no início de legendas em duas linhas, indicando o diálogo entre dois personagens. Apesar de o público brasileiro estar mais acostumado a essa estratégia, caso o espectador não saiba qual personagem está proferindo as falas (especialmente em cenas com mais de dois interlocutores), a alteração no posicionamento das legendas pode se mostrar mais proveitosa para a imersão em filmes, séries, jogos etc.

É fundamental destacar a necessidade de equilíbrio entre inovação e respeito às preferências do público consumidor de Legendagem. Até o momento, não existem pesquisas de recepção com espectadores brasileiros sobre o uso de mudanças de posicionamento e/ou alinhamento em produções legendadas em português. Assim como ocorre nas preferências por legendas coloridas, é necessário recorrer a estudos estrangeiros como base de discussão, sem desconsiderar que o perfil do público, as tradições nacionais e a relação com o audiovisual e com a Legendagem influenciam fortemente os resultados. Por isso, reitera-se a necessidade de se realizarem pesquisas de recepção no Brasil, tanto qualitativas quanto quantitativas, sobre esses parâmetros.

Uma pesquisa de recepção com *integrated titles* realizada por Fox (2016), na Alemanha, com público ouvinte, constatou — por meio de rastreamento ocular — que legendas integradas ao vídeo resultaram em menos sacadas e mais tempo de observação das imagens. Segundo a autora:

[...] *integrated titles* parecem incentivar o espectador a retornar aos pontos focais mais rapidamente e a passar mais tempo explorando a imagem entre as legendas. Sua colocação parece permitir sacadas mais curtas, reduzindo assim o tempo em que nenhuma informação visual é recebida (Fox, 2016, p. 1, tradução nossa⁴⁵).

Por outro lado, um estudo conduzido por Mangiron (2016), em Barcelona, com participantes surdos, testando o alinhamento de legendas em um jogo, constatou que a maioria do público preferiu legendas centralizadas por uma questão estética do jogo. Como mencionado anteriormente, resultados de outros países podem servir de motivação para estudos semelhantes no Brasil, que até o momento da redação deste texto não haviam sido realizados.

No Brasil, há maior tradição em pesquisas de recepção voltadas para parâmetros técnicos da Legendagem, como segmentação, caracteres por segundo e velocidade de leitura. Estudos recentes, entretanto, vêm analisando a influência da TA na Legendagem Convencional (Silveira, 2022) e também da tradução de efeitos sonoros (Oliveira, 2022) na Legendagem Descritiva. Especificamente sobre a tradução de efeitos sonoros e músicas na Legendagem Descritiva, destaca-se o levantamento realizado por Nascimento (2018), que reúne as convencionalidades desse parâmetro na LSE e se apresenta como uma fonte valiosa de consulta para legendistas brasileiros. Nesse sentido, a próxima subseção abordará as discussões teóricas sobre a tradução de músicas e efeitos sonoros na Legendagem Descritiva.

2.3.3 Tradução de músicas e efeitos sonoros

Traduzir músicas e efeitos sonoros nas legendas de um conteúdo audiovisual tem um efeito profundo na imersão do público que está privado do áudio. Assim sendo, nesta seção, primeiramente serão apresentadas as discussões teóricas sobre a tradução de músicas. Como já mencionado, há diferentes estratégias utilizadas pela **Legendagem Descritiva** para traduzir a trilha sonora de uma produção audiovisual: (i) apresentar a transcrição completa da letra da música; (ii) adjetivar e indicar o gênero, o nome dos cantores/compositores e/ou o tipo de

⁴⁵ Nossa tradução de: “[...] *integrated titles appear to motivate the viewer to return to the focal points faster and spend more time exploring the image in between titles. Their placement seems to allow for shorter saccades and thereby decreases the time in which no visual information is obtained*” (Fox, 2016, p. 1).

música; (iii) adicionar uma legenda contendo um símbolo musical (♪ ou 🎵); e (iv) adicionar apenas a palavra *música* [música] entre colchetes.

É importante reiterar que as duas últimas estratégias normalmente não são bem aceitas nem recomendadas, visto que não oferecem informações suficientes sobre o efeito emocional da música e/ou da trilha sonora em questão. Esse fato é corroborado por Nascimento (2018, p. 180), que “[...] reitera a necessidade de transmitir o sentimento e tom incorporados à cena pela música de fosso, o que não ocorre com a simples presença do símbolo musical”.

Entretanto, Aleksandrowicz (2020, p. 1, tradução nossa⁴⁶), em uma pesquisa com pessoas surdas na Polônia, comparando três versões de legendas — com descrição das músicas, com título e nome do cantor e sem nenhuma informação sobre a música —, concluiu que “[...] os resultados de cada método de Legendagem são muito semelhantes entre si, sugerindo que qualquer um dos três métodos para legendar músicas é igualmente eficaz em uma cena com alguma emoção”. Esse resultado é surpreendente e instiga a curiosidade sobre como seria a recepção do público brasileiro sob as mesmas condições, lembrando que a tradução de músicas e trilhas sonoras visa contribuir para o entendimento do contexto, da atmosfera e da intenção emocional da cena. Ao legendar músicas, é possível transmitir as letras, o tom e, muitas vezes, até o impacto narrativo da trilha.

A utilização da transcrição de letras nas legendas geralmente ocorre em Legendagem intralingual, embora também possa aparecer em Legendagem Interlingual. Contudo, surgem duas indagações: (i) o público-alvo compreenderá o conteúdo da trilha sonora e seu papel na narrativa?; e (ii) a presença de longas linhas de legendas com a transcrição das letras mais atrapalharia ou auxiliaria na experiência audiovisual?

Díaz-Cintas e Remael (2007) afirmam que não há necessidade de legendar músicas quando a trilha não é relevante para a trama. Além disso, Aleksandrowicz (2020, p. 70, tradução nossa⁴⁷) observa que “[...] se um espectador consegue ver uma cena de amor romântica, a legenda [MÚSICA ROMÂNTICA] não transmite nenhuma informação nova. Da mesma forma, a legenda [MÚSICA INTENSA] não acrescenta nada a uma cena de luta intensa”. Assim, a tradução de músicas deve ser entendida como um recurso da Legendagem Descritiva que realmente acrescente algo à produção audiovisual. Daqui para frente, ao se considerar a

⁴⁶ Nossa tradução de: “[...] *the results for each subtitling method are very similar to each other, suggesting that either method of subtitling music is equally effective in an emotional scene*” (Aleksandrowicz, 2020, p. 1).

⁴⁷ Nossa tradução de: “[...] *if a viewer can see a romantic love scene, the subtitle [ROMANTIC MUSIC] does not convey any new information. Similarly, the subtitle [INTENSE MUSIC] does not add anything to an intensive fight scene*” (Aleksandrowicz, 2020, p. 70).

Legendagem de músicas relevantes para a obra, espera-se que novas pesquisas analisem as preferências do público privado de som.

Aleksandrowicz (2019), em um estudo com 209 participantes, investigou a importância de manter rimas de músicas nas legendas. Os resultados indicaram que a manutenção das rimas teve pouco efeito na satisfação do público. Independentemente das escolhas tradutórias, é prática comum que as transcrições de músicas sejam apresentadas com símbolos musicais no início e no final das linhas e em *itálico*, como ilustrado na Figura 19.

Figura 19 – Transcrição da letra da música na Legendagem intralingual



Fonte: Netflix (2024f)

Como pode ser observado na Figura 19, em uma produção audiovisual em inglês com legendas em inglês ativadas, a transcrição da música é exibida entre símbolos musicais. Nesse caso específico, a canção desempenhava papel relevante na trama, intensificando a narrativa.

No Brasil, mesmo em produções nacionais legendadas em português, observa-se frequentemente nas plataformas de streaming a indicação do tipo de música, como ilustrado na Figura 20:

Figura 20 – Indicação do nome da música nas legendas



Fonte: Netflix (2024g)

Na Figura 20, o nome da música *Jingle Bells* aparece entre aspas, enquanto os colchetes sinalizam a característica da Legendagem Descritiva. Outro ponto interessante é a escolha do tempo verbal⁴⁸: o legendista pode optar por conjugar o verbo *tocar* no presente do indicativo (*Jingle Bells toca*) ou no gerúndio (*Jingle Bells tocando*), como mostrado no exemplo. Essa escolha depende das orientações do guia de Legendagem, das restrições de tempo e espaço ou mesmo da preferência do profissional.

Outro caso ocorre quando a trilha é composta apenas por música instrumental, criada para provocar determinada emoção, como calma ou agitação. Nesses contextos, no Brasil, a tradução costuma ser apresentada por meio da indicação do tipo de música — prática ilustrada na Figura 21 a seguir. Tal estratégia deve ser adotada com cautela, já que qualquer escolha tradutória precisa equilibrar a relevância da trilha sonora com as possibilidades de Legendagem, sempre considerando as orientações dos guias e as limitações de tempo e espaço. Ressalta-se, entretanto, que ainda não existem pesquisas de recepção no Brasil que comparem as preferências do público quanto às formas de tradução de músicas, seja em Legendagem Interlingual, seja em intralingual.

⁴⁸ Geralmente, observa-se o uso do gerúndio, por exemplo, criança chorando, quando a legenda é concomitante com a ação. E a utilização do presente do indicativo, por exemplo, criança chora, quando a legenda não é concomitante com a ação.

Figura 21 – Indicação do tipo de música nas legendas



Fonte: Netflix (2024e)

Da mesma forma, pesquisas sobre recepção de efeitos sonoros também são inexistentes no Brasil, restringindo-se aos guias de Legendagem disponíveis e aos levantamentos de Nascimento (2018) e Sluzala (2024). A Legendagem de efeitos sonoros, de modo geral, circula colocando o som entre colchetes ou parênteses. Nascimento (2018, p. 28) observa que “[...] os efeitos sonoros na LSE são acionados para preencher aspectos importantes provenientes de outros tipos de informações acústicas, pois o som no cinema tem grande importância na trama fílmica”. Esses efeitos podem variar desde sons ambientes, passos, batidas, impactos de objetos, sons da natureza, tons de voz, sotaques, sons de ação, entre outros. Assim como ocorre com as músicas, devem ser legendados apenas os sons relevantes para a trama.

Normalmente, os efeitos sonoros são apresentados entre colchetes ou parênteses, centralizados na parte inferior da tela (exceto quando informações textuais ocupam esse espaço). Ainda assim, a Legendagem criativa já vem propondo alternativas, apresentando os efeitos sonoros próximos à fonte emissora do som. Nas plataformas de streaming no Brasil, eles costumam aparecer como na Figura 22.

Figura 22 – Tradução de efeitos sonoros: suspiro



Fonte: Netflix (2024e)

Assim como nas músicas, a legenda [suspira] poderia ser apresentada como *suspirando*, dependendo das restrições de tempo e espaço ou das orientações de guias específicos. Sobre isso, Nascimento (2018, p. 81) observa que as traduções de efeitos sonoros podem ser formuladas de diferentes formas:

orações no presente do indicativo (PESSOAS REZAM, CAVALO RELINCHA), orações reduzidas de gerúndio (HOMEM TOSSINDO, MENINAS RINDO) e orações reduzidas de particípio (VOZARIO ABAFADO, PULSAÇÃO ACELERADA). As orações podem ser um período simples (PORTA ABRE) ou composto (PORTA ABRINDO, RANGENDO, FECHANDO). Podem ainda apresentar sujeito simples (CABRAS BALINDO) ou oculto (TECLANDO, BATE PALMAS) (Nascimento, 2018, p. 81).

Como mostra Nascimento (2018), existem diferentes escolhas terminológicas possíveis para a tradução de efeitos sonoros na Legendagem Descritiva. Em geral, o legendista deve seguir as orientações do guia vigente em seu contexto, embora muitas vezes essas diretrizes sejam subjetivas ou não contemplem situações específicas, como em jogos, séries ou outros produtos audiovisuais. Soma-se a isso a necessidade de equilíbrio entre a tendência ao *over subtitling* e práticas de ouvintismo⁴⁹, que frequentemente não são consideradas nos guias, mas impactam diretamente a experiência de imersão do público privado de áudio.

Como o foco deste trabalho não é a tradução de efeitos sonoros, mas apenas de músicas, não serão detalhados outros encaminhamentos teóricos sobre esse parâmetro. Ainda

⁴⁹ Ouvintismo é uma prática ideológica que valoriza e dá mais privilégio a cultura, a língua e as normas das pessoas ouvintes em detrimento das experiências, línguas e identidades das pessoas surdas.

assim, é importante reforçar que ele também constitui um aspecto técnico relevante na Legendagem Descritiva e carece de estudos de recepção com o público brasileiro.

Desse modo, encerram-se aqui as discussões teóricas sobre os parâmetros técnicos e tradutórios que serão analisados neste estudo de recepção — legendas coloridas, posicionamento das legendas e tradução de músicas —, passando-se à apresentação de como alguns estudos de recepção vêm testando esses parâmetros na Legendagem Descritiva.

2.4 ESTUDOS DE RECEPÇÃO SOBRE LEGENDAGEM DESCRITIVA

Nesta seção, serão apresentados os estudos de recepção sobre Legendagem Descritiva que abordam os parâmetros técnicos e tradutórios analisados neste trabalho. Estudos de recepção se dedicam a examinar como determinado produto é recebido e avaliado pelo público. No caso da TAV, essas pesquisas desempenham um papel importante ao avaliar a recepção das diferentes modalidades. Por exemplo, na área da Localização, estudos de recepção são relevantes para testar a jogabilidade e a aceitabilidade em jogos. Já na área da Legendagem, servem para analisar como um recorte de público recebe as legendas de um produto audiovisual específico, entre outros objetivos.

Entretanto, de acordo com Di Giovanni e Gambier (2018, p. 5, tradução nossa⁵⁰), as pesquisas de recepção na área da TAV se caracterizam por serem “[...] relativamente novas e pouco sistemáticas, inclusive se configurando como o trabalho isolado de alguns estudiosos [...]”. Todavia, observa-se recentemente um crescimento nesse campo, e tais pesquisas “[...] já têm contribuído com a expansão e maturidade do campo disciplinar, ao mostrar insights significativos e instigantes sobre o mundo dos espectadores, suas preferências e necessidades” (Di Giovanni; Gambier, 2018, p. 5, tradução nossa⁵¹).

As pesquisas de recepção na TAV geralmente utilizam ferramentas que buscam identificar padrões de comportamento em uma população específica, como questionários e entrevistas, além de abordagens empírico-experimentais, como o rastreamento ocular, que permite associar dados de esforço cognitivo ao estudo. Assim, serão apresentados a seguir os estudos de recepção que fundamentam a discussão deste trabalho, ou seja, aqueles que testaram os mesmos parâmetros analisados nesta pesquisa — ainda que com enfoques diferentes —,

⁵⁰ Nossa tradução de: “[...] *relatively young and unsystematic, if not in the work of isolated scholars [...]*” (Di Giovanni; Gambier, 2018, p. 5).

⁵¹ Nossa tradução de: “[...] *have already been contributing to the expansion and maturity of the discipline, by providing significant and stimulating insights into the world of the receivers, their preferences and needs*” (Di Giovanni; Gambier, 2018, p. 5).

examinando na Legendagem Descritiva o uso de cores para identificar personagens, a tradução de músicas e a mudança de posicionamento das legendas para identificação de falantes.

No Brasil, poucos estudos de recepção foram realizados analisando esses parâmetros específicos. Isso confere um fator de inovação ao presente trabalho, mas limita a base comparativa com outros estudos produzidos no mesmo contexto nacional. Por esse motivo, a maioria das pesquisas utilizadas como embasamento teórico provém de outros países. Em países vizinhos, como Argentina e Uruguai, também são escassas as pesquisas de recepção com a comunidade surda sobre legendas descritivas com foco em parâmetros mais inovadores. Destacam-se, na Argentina, publicações que tratam de acessibilidade de forma mais ampla (D'Angelo, 2012) e, no Uruguai, estudos sobre a Legendagem para o espanhol de materiais originalmente em língua de sinais uruguaia (Tancredi, 2015), além de uma pesquisa de recepção sobre o uso de ícones para representar sons (Herrero; Oliver, 2023).

Na Europa, alguns países se destacam pela realização de pesquisas de recepção sobre Legendagem Descritiva com pessoas surdas, como Espanha (Mangiron, 2016; Tsaousi, 2016), Polônia (Aleksandrowicz, 2020; Szarkowska; Żbikowska; Krejtz, 2013), Reino Unido (Romero-Fresco, 2016; Zárata, 2014) e Itália (Morettini, 2012; Eugeni, 2016). Também se observam estudos em países do Oriente Médio, como Irã (Shokoohmand; Khoshsaligheh, 2024), Catar (Al-Adarbi, 2022) e Turquia (Gurkan, 2019).

A única pesquisa brasileira conhecida que analisou algum desses parâmetros inovadores da Legendagem Descritiva — denominados pelas autoras de “modelo europeu”⁵² — foi realizada pelo projeto MOLES, vinculado ao Grupo LEAD da UECE. Araújo, Monteiro e Vieira (2013) realizaram um estudo com surdos da região Sudeste do Brasil, testando o uso do “modelo europeu”. Entretanto, optaram por “deixar os colchetes [...], porque os surdos brasileiros já estão habituados com este tipo de convenção” (Araújo; Monteiro; Vieira, 2013, p. 297). Dessa forma, os participantes não chegaram a assistir de fato a uma proposta inovadora de Legendagem.

Assim, nos resultados de Araújo, Monteiro e Vieira (2013), os participantes surdos brasileiros inicialmente estranharam o modelo europeu de Legendagem, que utiliza cores para identificar personagens e posiciona as legendas sobre os falantes, diferindo do padrão ao qual estão acostumados. Apesar das primeiras reações negativas, como a percepção de que a legenda era rápida ou confusa, os relatos mostraram que conseguiram compreender bem o conteúdo do vídeo. Ainda assim, de acordo com as autoras, o formato preferido continua sendo o proposto

⁵² Ou seja, utilizando o sistema de cores e colocando as legendas sobre os falantes.

pelo grupo LEAD, mais alinhado ao modelo tradicional brasileiro, o que sugere que o estranhamento está relacionado ao hábito de leitura de legendas conforme convenções já estabelecidas no país.

Em uma pesquisa brasileira, Silva (2025) analisa, por meio de um estudo de recepção, as estratégias de tradução de efeitos sonoros, especialmente de onomatopeias. Este não é exatamente o foco⁵³ desta tese, mas é interessante mencionar os resultados encontrados. Silva (2025) demonstrou que participantes surdos preferem a combinação de onomatopeias com descrições, por entenderem que essa estratégia aumenta a expressividade da cena, promove maior engajamento e favorece o aprendizado de vocabulário e de aspectos da cultura ouvinte. Uma diferença observada entre os públicos foi a escolha verbal nas descrições: surdos preferiram o uso do presente simples, enquanto pessoas com deficiência auditiva optaram pelo gerúndio. Além disso, os participantes destacaram a importância do uso do símbolo musical na tradução de músicas. Os resultados também sugerem que estratégias antes rejeitadas, como o uso de cores ou a localização espacial das legendas, devem ser reavaliadas.

Em outro estudo desenvolvido no Brasil, Oliveira (2022) investigou experimentalmente o impacto da tradução de efeitos sonoros nas legendas descritivas sobre as emoções de espectadores surdos durante a recepção de um filme de ação. Foram selecionados quatro trechos de um filme de ação e apresentados a 16 participantes surdos em duas versões: com e sem tradução de efeitos sonoros. As reações emocionais dos participantes foram registradas por um software de reconhecimento facial (Visage), e os dados foram analisados por meio de técnicas estatísticas, como Análise de Variância e Modelo Linear Misto. Os resultados revelaram variação na intensidade das emoções conforme a presença ou ausência da tradução dos efeitos sonoros, com destaque para a emoção *tristeza* e para o estado *neutro*, embora o efeito tenha sido pequeno. Ainda assim, constatou-se uma tendência de intensificação emocional com a inclusão desses elementos na legenda, indicando um impacto positivo da estratégia de tradução.

Até onde vai o conhecimento da autora desta tese, essas são as pesquisas de recepção brasileiras realizadas com os parâmetros da Legendagem Descritiva que se aproximam dos abordados aqui. Outros estudos de recepção brasileiros tratam da velocidade das legendas e de sua segmentação, como Vieira (2016), Monteiro (2016), Souza (2020) e outros trabalhos do grupo LEAD, mas não constituem o foco desta pesquisa. Também não se concentram no objeto deste trabalho os estudos sobre Legendagem Descritiva para pessoas surdas, como Nascimento

⁵³ Nesta tese não analisamos tradução de efeitos sonoros e sim estratégias de tradução de músicas.

(2018), que analisa a Legendagem de efeitos sonoros em filmes brasileiros propondo diretrizes e padronizações, ou as pesquisas sobre a leitura de legendas por pessoas surdas, como Assis (2019) e Vieira, Assis e Araújo (2020). Passa-se, agora, para os estudos de recepção que embasam teoricamente e metodologicamente a presente pesquisa.

No contexto espanhol, Mangiron (2016) investigou a recepção de legendas em videogames por jogadores surdos e ouvintes, utilizando questionários e rastreamento ocular. Os resultados mostraram que jogadores surdos preferem legendas projetadas diretamente na tela, enquanto ouvintes optam por formatos mais criativos, como balões de fala e caixas de texto decoradas. Todos os participantes preferiram legendas centralizadas, embora a maioria dos jogos no contexto espanhol utilize alinhamento à esquerda. Constatou-se que participantes ouvintes leem mais rapidamente que os surdos e que legendas com duas linhas foram lidas ligeiramente mais rápido por ambos os grupos. A utilização de avatares dos personagens para identificar quem fala mostrou-se pouco eficaz, enquanto efeitos sonoros representados por onomatopeias em estilo de quadrinhos foram bem recebidos, desde que compatíveis com o estilo do jogo. Apesar de aplicada ao contexto de jogos, a pesquisa oferece resultados relevantes para a discussão sobre posicionamento das legendas nesta tese.

Ainda na Espanha, no contexto da Catalunha, Tsaousi (2016) investigou como os efeitos sonoros são representados nas legendas descritivas e como essas estratégias impactam a experiência do público, incluindo participantes surdos, usuários tanto de línguas vocais quanto de línguas de sinais. Os resultados mostram que ambos os grupos geralmente aceitam as estratégias verbais utilizadas na televisão espanhola, mas demonstram abertura para legendas mais detalhadas, que incluam informações sobre a origem e o volume dos sons. O engajamento narrativo e o prazer com o conteúdo foram semelhantes entre todos os participantes, independentemente do tipo de estratégia utilizada (verbal ou não verbal). Os achados indicam uma leve preferência por estratégias verbais e apontam para possibilidades de abordagens mais criativas nas legendas descritivas de efeitos sonoros.

Na América do Sul, uma pesquisa uruguaia conduzida por Herrero e Oliver (2023) testou um formato alternativo de legendas descritivas utilizando ícones para representar efeitos sonoros e informações paralinguísticas, com o objetivo de reduzir o tamanho das legendas e melhorar a experiência de visualização. As legendas com ícones não aumentaram a aceitabilidade ou o prazer geral em comparação às legendas tradicionais em texto. No entanto, os pesquisadores afirmam que pessoas com deficiência auditiva valorizam muito a descrição explícita de efeitos sonoros, sinais paralinguísticos, identificação de personagens e música — mesmo quando essas informações podem ser inferidas pelas imagens. O estudo sugere que

ícones bem desenhados e simples podem reduzir a carga de leitura sem perder informações auditivas importantes, embora apenas cerca de um quarto dos participantes tenha preferido legendas com ícones.

Percebe-se um número expressivo de pesquisas investigando a descrição de efeitos sonoros e um número menor de estudos de recepção voltados especificamente à tradução de músicas na Legendagem Descritiva. Nascimento (2018), no contexto brasileiro, realizou um extenso levantamento sobre convencionalidades tanto na tradução de músicas quanto de efeitos sonoros em produções comercializadas em DVD no Brasil. Entretanto, até onde vai o conhecimento da autora desta tese, não há estudos de recepção⁵⁴ com surdos brasileiros que investiguem quais seriam suas formas preferidas de tradução de músicas na Legendagem Descritiva — seja a apresentação da letra da canção por extenso, a adjetivação da música entre colchetes, o uso apenas de um ícone musical, entre outras.

No contexto polonês, Aleksandrowicz (2020) investigou como diferentes formas de Legendagem de músicas influenciam a resposta emocional de pessoas surdas em cenas intensas. Utilizando três trechos de filmes e diferentes tipos de legenda — descrição da música, nome do cantor e título da composição ou ausência de informação musical —, o pesquisador observou que a intensidade emocional relatada pelos participantes com deficiência auditiva foi semelhante em todos os formatos e também em relação ao grupo ouvinte. Os resultados indicam que, quando a narrativa visual expressa claramente as emoções, a presença ou ausência de legendas musicais não altera significativamente a recepção emocional. Segundo o autor:

[...] quando assistem a uma cena de filme emocionalmente intensa, as pessoas surdas experimentam a mesma intensidade emocional, independentemente de como a informação sobre a música do filme é legendada, mesmo se [as músicas] não forem legendadas (Aleksandrowicz, 2020, p. 69, tradução nossa⁵⁵).

Como pode ser observado no estudo de Aleksandrowicz (2020), para as pessoas surdas da Polônia, as diferentes formas de Legendagem de músicas não influenciaram a recepção pelos participantes. Como já mencionado, pesquisas de recepção sobre esses parâmetros específicos da Legendagem Descritiva ainda não foram realizadas com o público brasileiro, de modo que não há dados comparativos para generalizar as preferências de espectadores surdos brasileiros.

⁵⁴ Os estudos de recepção brasileiros que encontramos não se dedicaram especificamente a investigar as preferências por diferentes tipos de tradução de músicas de pessoas surdas brasileiras.

⁵⁵ Nossa tradução de: “[...] *the results seem to point to the conclusion that, when watching an emotionally intense film scene, the DHH experience the same emotion intensity no matter how the information about film music is subtitled, if at all*” (Aleksandrowicz, 2020, p. 69).

Ainda no contexto polonês, pesquisas de recepção sobre outros parâmetros da Legendagem Descritiva, como o uso de cores e o posicionamento das legendas para identificação de falantes, também vêm sendo desenvolvidas. Por exemplo, em um estudo conduzido por Szarkowska, Żbikowska e Krejtz (2013), realizado com 135 poloneses surdos, foram investigadas diferentes estratégias de Legendagem Descritiva em filmes multilíngues. Os resultados mostraram que a codificação por cores, quando utilizada para distinguir legendas entre diferentes idiomas, foi uma das estratégias preferidas por muitos participantes. Estratégias mais informativas, como *vehicular matching* (manutenção da língua original com tradução) e *explicit attribution* (atribuição explícita de idioma), foram preferidas em relação à *linguistic homogenisation* (uniformização linguística). Entretanto, “[...] na pergunta aberta que pedia aos participantes para deixarem seus comentários, algumas pessoas afirmaram que as cores deveriam ser usadas para identificar personagens em vez de idiomas” (Szarkowska; Żbikowska; Krejtz, 2013, p. 305, tradução nossa⁵⁶).

Saindo do contexto polonês e passando para o cenário inglês, dois pesquisadores do Reino Unido se dedicaram a investigar a preferência de pessoas surdas em relação à Legendagem Descritiva. Romero-Fresco (2016) organizou um livro que examina como pessoas surdas de diferentes países da Europa percebem e compreendem legendas descritivas. As pesquisas estão vinculadas ao projeto Digital TV for All (DTV4ALL; 2010; 2013), uma iniciativa colaborativa entre emissoras de TV, prestadores de serviços de acessibilidade e universidades. O estudo combina métodos subjetivos e objetivos — como questionários, testes de compreensão e rastreamento ocular — para avaliar as preferências dos espectadores, seu nível de entendimento e o modo como direcionam sua atenção visual.

A obra de 2016 está dividida em duas partes: a primeira apresenta os resultados de questionários aplicados em sete países europeus (Dinamarca, Polônia, Itália, Espanha, Reino Unido, França e Alemanha), revelando preferências locais e hábitos de consumo midiático; a segunda analisa, por meio de experimentos com rastreamento ocular, como os espectadores leem e processam legendas ao assistir a trechos de vídeo com variações específicas de parâmetros da Legendagem Descritiva. Embora o objetivo inicial fosse propor um padrão europeu unificado para legendas acessíveis, os resultados evidenciam a diversidade de contextos socioculturais, necessidades e práticas entre os países. A conclusão do livro reflete

⁵⁶ Nossa tradução de: “[...] in the open-ended question asking the participants about their comments, some people stated that colours should be used to identify characters instead of languages” (Szarkowska; Żbikowska; Krejtz, 2013, p. 305).

sobre os dados nacionais e transnacionais, destacando divergências entre o que os espectadores afirmam preferir e a forma como, de fato, compreendem e processam as legendas.

Com outro foco, mas ainda no contexto do Reino Unido, Zárate (2014) investiga a Legendagem para crianças surdas, analisando as práticas atuais na TV infantil britânica e examinando como essas crianças leem e compreendem as legendas. A autora realizou um estudo empírico para testar técnicas voltadas ao aprimoramento do reconhecimento de palavras e da compreensão do conteúdo. Os resultados, apoiados por análises estatísticas e pelo feedback dos participantes, oferecem contribuições práticas para melhorar a Legendagem destinada ao público infantil surdo.

Na Itália, Morettini (2012) realizou um estudo que investiga as necessidades, preferências e expectativas dos usuários italianos de legendas descritivas, por meio de um questionário respondido por 232 participantes. Com o objetivo de suprir a carência de pesquisas voltadas ao público-alvo italiano, o estudo destaca a importância de considerar o *design* de audiência na criação de conteúdos acessíveis. Os resultados oferecem insights valiosos sobre o perfil dos usuários e apresentam sugestões para aprimorar os serviços de SDH, revelando uma demanda não apenas por maior qualidade, mas também por uma oferta mais ampla de conteúdos audiovisuais acessíveis.

Eugeni (2016), também no contexto italiano, realizou um estudo de recepção utilizando um questionário seguido de testes com rastreamento ocular, com participantes surdos, no âmbito do projeto DTV4ALL, publicado em formato de livro organizado por Romero-Fresco (2016). Embora o questionário tenha indicado as cores como método preferido para identificação de personagens, os dados de compreensão e preferência sugerem que o uso de nomes e/ou de posicionamento — com ou sem cores — pode ser benéfico e bem aceito pelo público surdo italiano. Com relação ao posicionamento, todos os participantes preferiram legendas na parte inferior da tela, confirmando os resultados do questionário. No entanto, os bons desempenhos das legendas superiores nos testes de compreensão e rastreamento ocular indicam que essa posição também é adequada, especialmente quando é preciso evitar cobrir informações relevantes na parte inferior da imagem.

Na Itália, a representação sonora nas legendas descritivas é feita com descrições centralizadas em letras azuis sobre fundo amarelo. Embora essa prática tenha sido bem aceita pela maioria dos participantes com deficiência auditiva no estudo de Eugeni (2016), o excesso de texto pode prejudicar o tempo de leitura e a compreensão visual. Por isso, o autor recomenda que essas descrições sonoras sejam utilizadas apenas quando realmente necessárias. Percebe-se que, assim como no Brasil, a tradição e o hábito dos participantes surdos desempenham um

papel importante na recepção de diferentes formas de legendar, sendo necessárias cada vez mais pesquisas de recepção para testar estratégias inovadoras de Legendagem Descritiva.

Saindo do contexto europeu, algumas pesquisas de recepção sobre Legendagem Descritiva realizadas no Oriente Médio também apresentam *insights* valiosos acerca das preferências de pessoas surdas, e inclusive são utilizadas neste trabalho como base comparativa — guardadas as devidas proporções, assim como ocorre com todos os outros estudos realizados em países do exterior, considerando o contexto cultural, linguístico e de vivências surdas do Brasil e de outros países.

Al-Adarbi (2022), em um estudo piloto, investigou as preferências e a compreensão de estratégias de *enriched subtitles* para identificação de falantes entre públicos surdos, com deficiência auditiva e ouvintes no Catar. Três métodos foram avaliados: uso de cores, apresentação dos nomes e deslocamento das legendas na tela. Enquanto os ouvintes preferiram cores e apresentaram alta compreensão independentemente da estratégia, os participantes surdos demonstraram preferência pelo deslocamento, embora sua compreensão tenha sido maior com o uso de cores. A apresentação dos nomes foi considerada confusa por todos. Fatores como idade, nível educacional e grau de perda auditiva influenciaram a recepção, assim como o gênero audiovisual utilizado no estudo, um curta-metragem de animação. A autora destaca que as preferências dos participantes sugerem que o uso de cores e o deslocamento das legendas podem ser soluções eficazes para a identificação de falantes.

Outra pesquisa relevante, realizada na Turquia, foi conduzida por Gurkan (2019), que investigou o estado atual da Legendagem para surdos e ensurdecidos (SDH) no país, com o objetivo de melhorar a acessibilidade por meio da criação de diretrizes nacionais. A pesquisa começou com uma análise da legislação vigente e das práticas limitadas, seguida de um estudo comparativo com diretrizes internacionais, a fim de identificar estratégias comuns e divergentes. Aspectos como identificação de falantes, velocidade de leitura e indicação de sons foram testados. A maioria dos participantes preferiu identificar os falantes por meio da combinação de cores e do posicionamento das legendas próximas ao personagem (89,2% dos participantes). Para sons, as descrições foram as mais escolhidas (78,4%), seguidas por ícones e onomatopeias. Embora emoticons exijam menor habilidade de leitura, muitos participantes preferiram a descrição, por considerarem que a tecnologia ainda é limitada para representar todos os sons. Em relação às informações paralinguísticas, as preferências ficaram equilibradas entre emoticons (78,8%) e descrições (75,7%), sendo que participantes com mais dificuldades de leitura optaram por representações visuais.

Também merece destaque um estudo experimental realizado por Shokoohmand e Khoshsaligheh (2024), no Irã, que analisou técnicas de Legendagem Descritiva sob a perspectiva da compreensão do conteúdo e do reconhecimento das imagens por espectadores surdos. Três grupos de participantes, que assistiram a vídeos com diferentes estratégias de legendagem (n = 78) integraram a pesquisa. O estudo focou em quatro parâmetros: velocidade das legendas, identificação do locutor, indicação de emoção e indicação sonora. Para cada parâmetro, três técnicas usuais foram selecionadas, resultando em três versões legendadas de um filme. Cada grupo assistiu a uma das versões, e foram aplicados testes de compreensão e *freeze-frame tests*⁵⁷ para avaliar a recepção. Os resultados mostraram que, exceto no caso do reconhecimento das imagens, houve diferenças significativas entre as técnicas em relação à compreensão do conteúdo. Quanto à identificação do falante, o uso de cores proporcionou resultados significativamente melhores do que a técnica de marcação por nomes (*tagging*). Em relação à compreensão dos sons, as três técnicas — descrições detalhadas, indicação da fonte sonora e ícones — não apresentaram diferenças significativas entre si. Já no que diz respeito à compreensão das emoções, tanto a ausência de informações quanto o uso de emojis auxiliaram os participantes a entenderem melhor o tom e o humor dos personagens do que as descrições verbais das emoções.

Como pode ser percebido nos estudos descritos nesta seção, as principais ferramentas utilizadas em pesquisas de recepção variam de questionários e entrevistas até métodos empíricos, como o rastreamento ocular. Esses instrumentos permitem medir, de algum modo, a recepção dos participantes, trazendo à tona suas preferências e insatisfações em relação aos parâmetros de Legendagem Descritiva testados. Nesse sentido, a maioria dos estudos apresentados aqui foi utilizada para embasar a discussão dos resultados desta tese, uma vez que nossa pesquisa de recepção também se valeu de ferramentas semelhantes para investigar as preferências de pessoas surdas brasileiras acerca de três parâmetros específicos da Legendagem Descritiva: o uso de cores nas legendas para identificar falantes, as estratégias de tradução de músicas e o posicionamento das legendas para identificação de falantes.

⁵⁷ Um método utilizado em estudos (especialmente em pesquisas audiovisuais) em que o vídeo é pausado ou “congelado” em um quadro ou imagem específicos e os participantes são convidados a responder perguntas relacionadas ao que veem ou compreendem naquele exato momento.

3 METODOLOGIA

Para realizar a presente pesquisa, foi utilizada uma abordagem metodológica quali-quantitativa⁵⁸, combinando os dados de um questionário online e de grupos focais⁵⁹ realizados com pessoas surdas, visando à análise da recepção de produtos audiovisuais legendados com Legendagem Descritiva a partir da investigação com o público surdo brasileiro. O tipo de produto audiovisual utilizado foram trechos de filmes e séries em inglês, com legendas em português brasileiro, e a pesquisa foi realizada em duas etapas: (i) aplicação de um questionário online para levantamento do perfil e das preferências do público acerca das legendas descritivas interlinguais; e (ii) realização de grupos focais com os respondentes do questionário para aprofundamento dos dados, além de um grupo focal controle com pessoas surdas que não haviam respondido ao questionário.

A primeira etapa (questionário online) teve como objetivo levantar o perfil de pessoas surdas brasileiras sobre o consumo de materiais audiovisuais que contêm legendas descritivas, enquanto a segunda etapa (grupos focais) buscou aprofundar os dados obtidos no questionário sobre a parcela investigada de espectadores surdos do Brasil e suas preferências sobre Legendagem Descritiva.

Previamente à efetivação das etapas da investigação, dois estudos exploratórios foram conduzidos com o propósito de verificar a viabilidade da utilização de certas ferramentas metodológicas, ou seja, de selecionar o caminho metodológico mais adequado para atingir os objetivos da pesquisa. Os dois estudos exploratórios serão detalhados nas próximas seções deste capítulo, que será dividido em: metodologia de coleta de dados, metodologia de análise de dados e descrição do estudo final.

3.1 METODOLOGIA DE COLETA

Antes da definição do desenho final do estudo, foram realizados dois estudos exploratórios. A seguir, são detalhadas suas metodologias de coleta e de análise, bem como as

⁵⁸ A definição do método quali-quantitativo pode ser encontrado no site da Academia Brasileira de Letras, o qual apresenta que esse método “[...] une a descrição, classificação e interpretação de informações de caráter empírico (baseadas em entrevistas, grupos focais, fenômenos etc.) à análise de estatísticas e dados numéricos” (Quali-quantitativo, 2024, s. p.).

⁵⁹ O grupo focal é uma ferramenta metodológica para obtenção de dados quantitativos. Lima e Sampaio (2023) afirmam que a essência desse método é o foco atribuído a um grupo, estruturado em entrevista coletiva na forma de discussão, revelando as percepções de fenômenos explorados.

adequações decorrentes desses estudos para o desenvolvimento da investigação definitiva de recepção.

3.1.1 Estudo exploratório 1

O primeiro estudo exploratório teve como objetivo testar a viabilidade e a efetividade da utilização de uma abordagem empírico-experimental para analisar a recepção de parâmetros técnicos e tradutórios, comparando a Legendagem Descritiva e a Legendagem Convencional, bem como a recepção de Legendagem Intralingual e Interlingual. Para isso, dois participantes (uma pessoa surda e uma pessoa ouvinte) assistiram a quatro trailers filmicos, de modo randomizado, em um aparelho de rastreamento ocular, presencialmente no Laboratório Experimental de Tradução da Universidade Federal de Minas Gerais (Letra-UFMG). Em seguida, os participantes responderam a uma entrevista semiestruturada, que foi gravada, transcrita e analisada. O estudo exploratório 1 teve duração média de uma hora. A condução foi feita em Libras com o participante surdo e em português com o participante ouvinte.

Além de testar a viabilidade e a relevância da utilização de métodos empíricos para analisar a recepção da Legendagem em relação aos objetivos desta pesquisa, buscou-se também investigar o quão pertinente seria comparar a recepção dos diferentes tipos de Legendagem a partir do perfil de espectadores normalmente associados a essas modalidades de tradução, ou seja, pessoas surdas e pessoas ouvintes. Assim, o estudo exploratório 1 permitiu avaliar se a distinção entre Legendagem Descritiva e Legendagem Convencional e a comparação entre as preferências de espectadores ouvintes e surdos com legendas intralinguais e interlinguais seriam de fato profícuas. Por esse motivo, optou-se pelo recrutamento de um participante surdo e de um participante ouvinte.

O processo de recrutamento dos participantes ocorreu da seguinte forma: inicialmente, foi elaborado um questionário para seleção de participantes⁶⁰; em seguida, esse questionário foi divulgado em redes sociais; por fim, foi feito o contato com dois participantes que atendiam aos critérios estabelecidos para a pesquisa. Os critérios para o participante ouvinte foram: (i) ser brasileiro e ter o português como L1; (ii) não possuir diagnóstico de problemas de visão; (iii) ter algum conhecimento de inglês; (iv) ter o costume de assistir a filmes ou séries legendados; e (v) assistir a filmes e séries legendados pelo menos duas vezes por semana. Já os

⁶⁰ Elaborou-se um questionário, na plataforma *Google Forms*, para seleção dos participantes do primeiro estudo exploratório, contando com perguntas que possibilitassem a seleção de um participante surdo e um participante ouvinte que estivessem de acordo com os critérios estabelecidos.

critérios para o participante surdo foram: (i) ser brasileiro, ter a Libras como L1 e o português como L2; (ii) não possuir diagnóstico de problemas de visão; (iii) ter algum conhecimento de leitura labial em inglês; (iv) ter o costume de assistir a filmes ou séries legendados; e (v) assistir a filmes e séries legendados pelo menos duas vezes por semana.

Os dois participantes apresentavam perfis similares quanto ao nível de escolaridade, faixa etária, região de residência no Brasil e área de estudo/trabalho. O participante surdo é estudante de doutorado na área de Letras e Linguística, possui faixa etária entre 28 e 32 anos e reside no estado do Tocantins. O participante ouvinte, por sua vez, realiza pós-doutorado na área de Letras e Linguística, tem entre 38 e 42 anos e reside no estado do Pará. Ambos foram recrutados por meio do questionário de seleção de participantes, divulgado online através da plataforma Google Forms.

Os dois participantes do primeiro estudo exploratório assistiram a quatro trailers fílmicos em um aparelho de rastreamento ocular. Os trailers foram selecionados com base em alguns critérios: previu-se a escolha de dois trailers em português brasileiro legendados em português (legendas intralinguais) e dois trailers em inglês legendados em português (legendas interlinguais). Todos tinham duração aproximada, pertenciam aos mesmos gêneros (comédia/drama/romance) e haviam sido lançados nos últimos quatro anos. A seguir, apresenta-se a relação dos quatro trailers, suas línguas-fonte, respectivas durações, gêneros e ano de lançamento no Brasil.

Quadro 3 – Trailers utilizados no estudo exploratório 1

Trailer do filme	Língua-Fonte	Duração	Gênero	Ano
Tudo bem no Natal que vem	Português	2min 38s	Drama/Comédia	2020
Maria do Caritó	Português	2min 05s	Comédia	2019
<i>Where'd You Go, Bernadette</i>	Inglês	2min 38s	Drama/Comédia	2019
<i>Love Wedding Repeat</i>	Inglês	2min 27s	Comédia/Romance	2020

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os quatro trailers foram baixados da internet e legendados pela pesquisadora utilizando o *software Subtitle Edit*, um programa gratuito de Legendagem. Para o primeiro estudo exploratório, as legendas dos trailers foram produzidas conforme as normas amplamente difundidas no contexto brasileiro, seguindo os postulados de Naves *et al.* (2016) e os guias de Legendagem da Netflix (2022). Como um dos objetivos do estudo exploratório 1 era comparar a recepção da Legendagem Descritiva e da Legendagem Convencional, dois trailers (um em inglês e outro em português) foram legendados com base nos parâmetros de Legendagem

Descritiva de Naves *et al.* (2016), enquanto os outros dois seguiram os parâmetros de Legendagem Convencional do guia da Netflix (2022). Após o processo de tradução, as legendas foram queimadas nos vídeos utilizando o software Handbrake, também gratuito e voltado à edição de vídeos.

O trailer dos filmes *Maria do Caritó* e *Where'd You Go, Bernadette?* foi legendado com Legendagem Descritiva. Nesses trailers, a tradução de efeitos sonoros, como “[buzinas]”, “[gritos]” e “[tiros]”, foi mantida entre colchetes, e as músicas presentes foram legendadas utilizando três estratégias diferentes: (i) adjetivação da música, como [música de forró]; (ii) inserção do nome da banda/cantor e título da música; e (iii) transcrição literal das letras, entre símbolos musicais (♫) no início e no final de cada legenda, apresentadas em itálico. No caso do trailer em inglês, as músicas foram transcritas diretamente no idioma original, sem tradução para o português, a fim de testar também a recepção dessa estratégia.

Já os trailers dos filmes *Tudo Bem no Natal que Vem* e *Love Wedding Repeat* foram legendados com Legendagem Convencional. Neles, não foram acrescentados efeitos sonoros ou identificação de falantes. Além disso, seguiram-se parâmetros técnicos como: duração das legendas (mínimo de um segundo e máximo de seis segundos), número de caracteres por linha (máximo de 42) e velocidade (18 caracteres por segundo). Foram ainda adotados parâmetros tradutórios, como o uso de abreviações (“senhor” → “Sr.” etc.), em conformidade com o guia da Netflix (2022).

A realização do estudo exploratório 1 dividiu-se em duas etapas: (i) os participantes assistiam a um trailer; e (ii) respondiam a uma entrevista semiestruturada sobre o trailer recém-assistido. Esse processo foi repetido quatro vezes, uma para cada trailer. As entrevistas com o participante surdo foram conduzidas diretamente em Libras e gravadas em vídeo, enquanto as entrevistas com o participante ouvinte foram conduzidas em português e gravadas em áudio.

As perguntas da entrevista do estudo exploratório 1 foram as seguintes:

- i. Você gostou do trailer? Por quê?;
- ii. Você já assistiu ao filme desse trailer?;
- iii. Você teve dificuldade para compreender o conteúdo das legendas?;
- iv. Dê sua opinião sobre as legendas do trailer: se você pudesse dar uma nota para elas de zero a dez, qual seria?.

É importante ressaltar que, antes do início das coletas, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), contendo o número de autorização da

pesquisa no Comitê de Ética⁶¹. Ao final, foram informados de que seriam notificados sobre a finalização do estudo caso tivessem interesse em obter uma cópia da tese.

Com base na condução do estudo exploratório 1, observaram-se necessidades de ajustes metodológicos, que serão expostas na seção da Metodologia de Análise. Após a realização do estudo exploratório 1, decidiu-se de realizar um segundo estudo exploratório antes da coleta definitiva de dados. O estudo exploratório 2 será detalhado em seguida.

3.1.2 Estudo exploratório 2

O segundo estudo exploratório envolveu adaptações metodológicas derivadas do estudo exploratório 1, as quais serão detalhadas na Metodologia de Análise. Como consequência dessas adaptações, o estudo exploratório 2 consistiu na mudança da principal ferramenta metodológica da pesquisa, que passou a ser o questionário online. Assim, nesse estudo, um participante surdo brasileiro respondeu a um questionário na plataforma Google Forms. Após a conclusão, o participante deu seu feedback sobre a compreensão das perguntas, o tempo gasto para respondê-las, entre outras observações. O estudo foi realizado de forma presencial na University College London (UCL), durante o período de Doutorado Sanduíche da autora na Inglaterra, e contou com a participação de um único surdo brasileiro.

O objetivo principal desse estudo foi testar o questionário online, elaborado para ser aplicado em âmbito nacional a fim de obter informações sobre o perfil de participantes surdos em relação às suas preferências sobre a Legendagem Descritiva. Durante o preenchimento, o participante foi convidado a registrar quaisquer dúvidas, comentários ou sugestões que surgissem. O participante tinha entre 23 e 27 anos de idade, possuía Ensino Superior incompleto e era consumidor frequente de produtos audiovisuais legendados.

Ao responder ao questionário, além de fornecer informações de perfil, o participante foi solicitado a assistir a seis trechos de séries legendadas com Legendagem Descritiva e, em seguida, preencher uma escala Likert para avaliar sua satisfação e indicar preferências. Foram selecionados dois trechos de séries em inglês, ambos do gênero comédia, com duração aproximada. Cada trecho foi legendado utilizando três estratégias tradutórias diferentes (diversas formas de tradução de músicas e diversas formas de identificação de personagens) e totalizando seis versões. A seguir, apresenta-se o detalhamento dos trechos escolhidos:

⁶¹ Número CAAE: 60652622.7.0000.0121. Data do Parecer: 08/09/2022. Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Seguimos as diretrizes da LGPD para armazenamento e proteção dos dados.

Quadro 4 – Trechos de séries utilizados no estudo exploratório 2

Trecho da série	Língua-Fonte	Duração	Gênero	Ano
<i>Friends</i>	Inglês	1min 08s	Comédia	1994-2004
<i>Brooklyn 99</i>	Inglês	2min 11s	Comédia	2013-2021

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os trechos foram baixados da internet e legendados pela pesquisadora utilizando o *software Subtitle Edit*. Ambos foram traduzidos para o português com Legendagem Descritiva, e as legendas foram queimadas no arquivo final utilizando o software Handbrake. A seleção se deu porque ambos os trechos permitiam observar parâmetros essenciais da Legendagem Descritiva: a identificação de falantes e a tradução de músicas/efeitos sonoros. No trecho da série *Friends*, havia grande quantidade de personagens em cena; no trecho de *Brooklyn 99*, a presença da música desempenhava papel importante no desenvolvimento narrativo.

O objetivo de produzir três cópias de cada trecho foi oferecer uma base comparativa para o participante. Assim, cada trecho foi legendado de maneira distinta, permitindo que ele indicasse a versão que considerava melhor. O trecho de *Friends* foi legendado de três formas diferentes:

- i. identificação de falantes com o nome dos personagens entre colchetes;
- ii. mudança da cor da legenda para indicar diferentes falantes;
- iii. mudança do posicionamento e/ou alinhamento da legenda para acompanhar o respectivo falante em cena.

Já o trecho de *Brooklyn 99*, voltado à análise da Legendagem de músicas, foi legendado da seguinte maneira:

- i. adição do símbolo musical [♪] sempre que havia música;
- ii. adjetivação da música entre colchetes, como [música pop];
- iii. transcrição da letra da música no idioma original do trecho, em itálico, com a adição de símbolos musicais no início e no final da legenda.

Após responder ao questionário, o participante relatou suas impressões à pesquisadora. Os relatos ocorreram diretamente em Libras, e as anotações resultantes foram utilizadas para implementar as adequações apontadas no desenho experimental da coleta oficial. As adaptações decorrentes do estudo exploratório 2 serão apresentadas na subseção 3.2.2.

3.2 METODOLOGIA DE ANÁLISE

A seguir, serão descritas as mudanças metodológicas decorrentes do primeiro estudo exploratório.

3.2.1 Estudo exploratório 1

A partir da realização do primeiro estudo exploratório, algumas adequações foram propostas para a pesquisa. Previamente ao estudo, o perfil dos participantes havia sido definido de modo a corresponder ao senso comum associado aos espectadores e consumidores de Legendagem Convencional (ouvintes) e de Legendagem Descritiva (surdos), restringindo essas modalidades de TAV a um único perfil de público-alvo. Entretanto, essa visão carrega um estereótipo, ao limitar a Legendagem Descritiva apenas a pessoas surdas e a Legendagem Convencional apenas a ouvintes. Dessa forma, de modo a não reforçar esses estereótipos, optou-se por analisar exclusivamente a Legendagem Descritiva e sua recepção por espectadores surdos, como forma de homogeneizar os dados e dar visibilidade às demandas das comunidades surdas.

Além dessa mudança, o primeiro estudo exploratório também forneceu *insights* metodológicos importantes. Inicialmente, havia sido prevista a utilização de ferramentas empírico-experimentais para analisar a recepção de parâmetros da Legendagem, sobretudo com rastreamento ocular. Entretanto, como já existem no Brasil inúmeras pesquisas empírico-experimentais utilizando essa ferramenta — principalmente lideradas pelo grupo LEAD da Universidade Estadual do Ceará — voltadas a parâmetros técnicos como segmentação e velocidade, optou-se por reformular a metodologia. A reformulação buscou contemplar questões de conteúdo das legendas descritivas, produzindo dados qualitativos e direcionando a análise para parâmetros menos investigados no Brasil, como o uso de cores, o posicionamento das legendas e as preferências em relação às estratégias de tradução de músicas, de modo que os dados de rastreamento ocular foram descartados e excluídos da análise.

Essa reformulação, ao privilegiar um estudo de recepção com dados mais qualitativos, fortalece as diretrizes sobre Legendagem Descritiva no que diz respeito a parâmetros técnicos e tradutórios ainda pouco explorados no contexto brasileiro. Assim, optou-se por não utilizar rastreamento ocular, mas sim instrumentos qualitativos, como o questionário. Também se decidiu não testar parâmetros técnicos já consolidados, como velocidade e segmentação, mas

direcionar a análise a aspectos específicos da Legendagem Descritiva: o uso de cores, a tradução de músicas e o posicionamento das legendas.

Outra adequação decorrente do primeiro estudo exploratório diz respeito ao tipo de produto audiovisual utilizado. Inicialmente, a escolha por trailers filmicos se justificava pelo fato de constituírem textos audiovisuais acabados, com início, meio e fim. No entanto, os trailers receberam avaliações negativas de ambos os participantes: o participante surdo relatou desconforto devido ao ritmo acelerado, que dificultava o acompanhamento das legendas; já o participante ouvinte observou que os trailers concentram muita informação em pouco tempo, sobrecarregando o espectador e não proporcionando uma experiência agradável.

Diante desses feedbacks e de reflexões sobre a frequência com que espectadores realmente assistem a trailers, optou-se por substituí-los por trechos de séries ou filmes, priorizando excertos com cenas independentes, que apresentassem início, meio e fim. O gênero dos trechos também foi definido a partir daqueles mais consumidos por brasileiros: dramas, comédias e suspenses. Dessa forma, adequaram-se tanto o tipo de texto audiovisual quanto o gênero para o segundo estudo exploratório, que utilizou trechos de séries.

Em consonância com a decisão de não manter a comparação entre Legendagem Descritiva e Legendagem Convencional — desconstruindo, assim, essa dicotomia —, padronizaram-se também as línguas-fonte dos produtos audiovisuais a serem utilizados. No segundo estudo exploratório, optou-se por selecionar apenas trechos de séries em inglês legendados para o português com Legendagem Descritiva, ou seja, trabalhar apenas com legendas interlinguais.

Essa mudança foi importante para demonstrar que a Legendagem Descritiva é versátil. Ao evitar a restrição à modalidade intralingual (produto audiovisual em português legendado em português), contrariou-se a visão predominante nos anos 2000 de que toda Legendagem Descritiva seria necessariamente intralingual. Além disso, trabalhar com trechos em inglês ampliou o escopo e o interesse da pesquisa, considerando que esse tipo de produto audiovisual é amplamente consumido pelo público surdo brasileiro em plataformas de streaming e no cinema.

Outra decisão decorrente do primeiro estudo exploratório foi a redefinição do papel do questionário: inicialmente pensado apenas como instrumento de recrutamento de participantes, ele passou a ser uma das principais ferramentas metodológicas da pesquisa. Reformulado, o questionário passou a conter, além de perguntas de perfil dos participantes surdos que consomem Legendagem no Brasil, trechos de filmes e séries legendados com Legendagem

Descritiva, para que os participantes indicassem suas versões preferidas. Essa mudança permitiu maior alcance e participação online, ampliando a base de dados.

Por fim, uma última adaptação resultante do primeiro estudo exploratório refere-se à necessidade de explorar novos desenvolvimentos e inovações na área da Legendagem, especialmente à luz de pesquisas realizadas na Europa e no Reino Unido. Nesse sentido, destacam-se parâmetros técnicos e tradutórios que, até o momento, receberam pouca atenção no Brasil: o uso de cores nas legendas, o posicionamento das legendas para identificação de falantes e a tradução de músicas na Legendagem Descritiva.

Esses três parâmetros passaram, então, a integrar os objetivos da pesquisa. Em virtude dessas considerações, optou-se por reformular os objetivos específicos de modo a abarcar análises mais alinhadas com os avanços tecnológicos da TAV. Após todas as adequações decorrentes do primeiro estudo exploratório, realizou-se o segundo estudo exploratório, que também trouxe mudanças necessárias para a coleta oficial de dados. As adaptações derivadas do segundo estudo exploratório serão descritas a seguir.

3.2.2 Estudo exploratório 2

No segundo estudo exploratório, foi analisado o questionário a ser utilizado para o levantamento do perfil e das preferências de espectadores surdos consumidores de Legendagem Descritiva. Um participante surdo respondeu presencialmente ao questionário em um *laptop* disponibilizado pela pesquisadora. Após concluí-lo, registrou suas impressões e forneceu *feedback* diretamente em Libras, visto que o estudo ocorreu presencialmente.

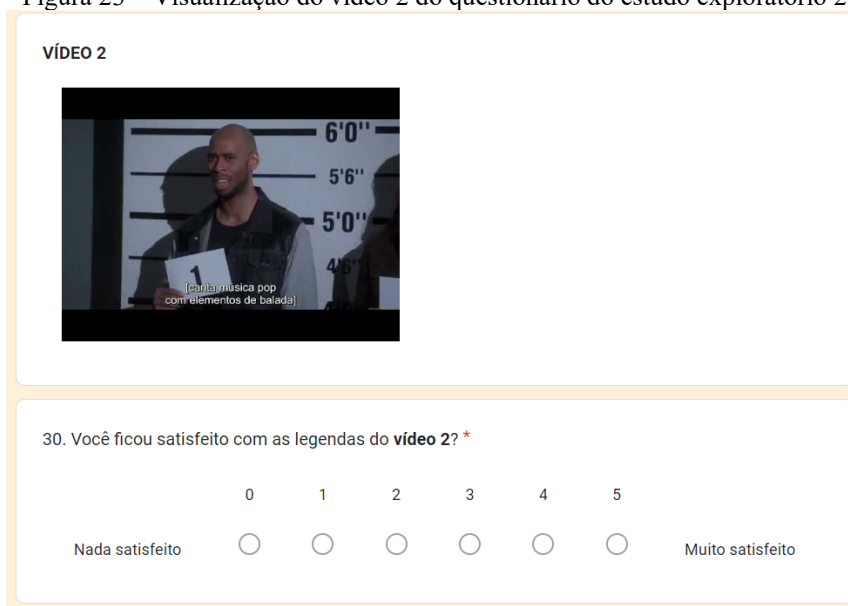
O questionário do estudo exploratório 2 foi estruturado em sete seções⁶²: (i) apresentação da pesquisa; (ii) vídeo de apresentação do questionário em Libras; (iii) TCLE; (iv) informações gerais; (v) preferências sobre produtos audiovisuais; (vi) LSE com tradução de músicas e efeitos sonoros; e (vii) LSE⁶³ com identificação de falantes. Na sexta seção, o participante assistiu a trechos da série *Brooklyn 99*, legendados com Legendagem Descritiva, e, na última seção, a trechos da série *Friends*, também com Legendagem Descritiva. Após cada trecho, o participante era solicitado a avaliar, em uma escala Likert de cinco pontos, seu nível de satisfação com as legendas, podendo optar entre “nada satisfeito” (0) e “muito satisfeito” (5).

⁶² O questionário do estudo exploratório pode ser acessado no seguinte *link*: <https://forms.gle/Z5jciZKjyZ5JJeeNA>

⁶³ Aqui, foram reproduzidos os nomes exatos das seções, e, no período da realização do estudo exploratório 2, ainda trabalhávamos com a terminologia LSE ao invés de Legendagem Descritiva.

O preenchimento do questionário do estudo exploratório 2 levou aproximadamente 34 minutos. Ao final, quando questionado sobre o tempo total, o participante relatou ter se sentido cansado e fadigado nas etapas finais. Outro ponto de dificuldade foi a limitação técnica da plataforma Google Forms, escolhida para hospedar o questionário: os vídeos apareciam em uma janela reduzida, exigindo que o participante clicasse no ícone inferior “YouTube” para ser redirecionado ao site. Esse processo prolongava o tempo de resposta, e os vídeos foram assistidos em tamanho reduzido, prejudicando a visualização das legendas, como ilustrado na Figura 23.

Figura 23 – Visualização do vídeo 2 do questionário do estudo exploratório 2



VÍDEO 2

[cantor] música pop
com elementos de balada]

30. Você ficou satisfeito com as legendas do vídeo 2? *

0 1 2 3 4 5

Nada satisfeito Muito satisfeito

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Como se observa na Figura 23, a experiência de leitura das legendas é comprometida em uma janela tão pequena. Assim, para a coleta oficial de dados, tornou-se necessário utilizar uma forma de reprodução em tela cheia ou adaptar a exibição das legendas para que aparecessem de modo expandido e claro. Além da limitação técnica, percebeu-se que o participante demonstrou certo tédio ao assistir ao mesmo trecho três vezes — cada versão com uma estratégia de Legendagem distinta. Essa questão da repetição também precisou ser repensada para o estudo definitivo.

Outras observações do participante referiram-se à redação das perguntas, que, segundo seu feedback, apresentavam português muito formal e de difícil compreensão. Um exemplo foi a questão nº 14: “Com que frequência você assiste a filmes e séries?”, que o participante sugeriu reformular para algo como: “Quantas vezes por semana você assiste a filmes e séries?”. Outra foi a questão nº 23: “Qual plataforma de streaming você assina?”. O verbo “assinar” gerou

confusão, sendo recomendada a reformulação para “Quais dessas plataformas de streaming você possui?”. Nessa mesma pergunta, o participante observou a ausência da plataforma Mubi, que precisou ser incluída na lista de opções.

Com relação às línguas das legendas analisadas, optou-se por trabalhar apenas com legendas interlinguais, a fim de mostrar a versatilidade da Legendagem Descritiva, aplicável também a produções internacionais que circulam no Brasil. Dessa forma, em consonância com as demandas das comunidades surdas por legendas tanto em produções nacionais quanto estrangeiras, a coleta oficial será realizada exclusivamente com legendas interlinguais, contemplando os três parâmetros já definidos: (i) uso de cores; (ii) posicionamento das legendas; e (iii) tradução de músicas.

Os dados obtidos com esse segundo estudo exploratório permitiram ajustar as perguntas do questionário, priorizando construções simples, objetivas e sem ambiguidades, além de aperfeiçoar a exibição dos vídeos legendados. Assim, a partir dos *insights* desse estudo, definiu-se o desenho definitivo da pesquisa, que será detalhado na seção seguinte.

3.3 DESENHO FINAL DO ESTUDO

Após todas as adequações decorrentes dos dois estudos exploratórios, definiu-se o desenho final da pesquisa. Nesta seção, serão detalhados os percursos de coleta e análise. A investigação final foi dividida em duas etapas: (i) questionário online para levantamento de perfil e de preferências dos espectadores surdos sobre Legendagem Descritiva; e (ii) grupos focais com os respondentes surdos do questionário e com pessoas surdas que não haviam respondido ao questionário, para aprofundamento dos dados.

3.3.1 Coleta e Análise do Questionário Online

A primeira etapa do estudo se caracterizou pelo disparo⁶⁴ de um questionário online com o objetivo de realizar um levantamento robusto de dados sobre as preferências dos surdos acerca da Legendagem Descritiva. A segunda etapa do estudo foi composta pela realização de três grupos focais com respondentes do questionário, para aprofundar os dados obtidos, além

⁶⁴ Divulgamos o questionário da pesquisa através de redes sociais como Instagram, Facebook e LinkedIn; através do contato individual, por e-mail, com os Departamentos de Letras das Universidades Federais que possuem o curso de Letras-Libras e também através do WhatsApp, a partir da postagem do *link* do questionário em grupos e do envio particular para potenciais respondentes do questionário.

de um grupo focal controle com pessoas surdas que não responderam ao questionário, destinado apenas à comparação dos dados.

Na primeira etapa da pesquisa, o questionário, disponibilizado na plataforma SurveyMonkey, teve tempo médio de preenchimento de aproximadamente 25 minutos e apresentou perguntas sucintas e objetivas em português. No total, foram 28 perguntas, distribuídas nas seguintes seções: (i) Apresentação do TCLE e do vídeo-convite em Libras; (ii) Informações gerais; (iii) Preferências sobre produtos audiovisuais; e (iv) Legendagem Descritiva. É importante mencionar que, antes da votação por satisfação das legendas testando os parâmetros analisados na pesquisa, os participantes também respondiam sobre o grau de importância desses parâmetros a partir da visualização de capturas de tela, sendo solicitados a avaliar em níveis de importância por meio de uma barra de rolagem. A reprodução do questionário em formato PDF pode ser consultada no Apêndice 1 deste texto.

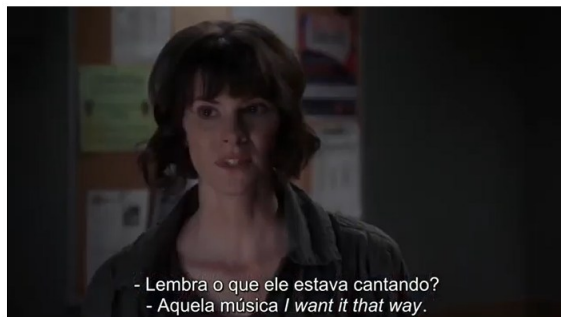
Algumas adequações no questionário foram feitas em decorrência dos achados dos estudos exploratórios 1 e 2. Duas se destacam: (i) tornar o questionário mais sucinto, com menor tempo de duração e perguntas menos ambíguas; e (ii) melhorar a visualização das legendas nos trechos em vídeo.

Quanto à primeira adequação, o questionário foi reduzido de 42 perguntas (segundo estudo exploratório) para 28 perguntas (versão final). Para a exibição das legendas, decidiu-se substituir o Google Forms pela plataforma *SurveyMonkey*, devido às limitações de visualização de vídeos em janelas pequenas no Google Forms e às funcionalidades adicionais do *SurveyMonkey*, como o uso de barras de rolagem. Essa mudança garantiu maior clareza e adequação na apresentação dos vídeos.

Figura 24 – Visualização do vídeo apresentado no questionário da pesquisa

* 22. Como você avalia as legendas deste vídeo:

- Você pode clicar no ícone  para aumentar o tamanho do visor.



Fonte: Série "Brooklyn 99"

- Para assinalar "totalmente insatisfatórias", apenas clique no círculo abaixo da opção.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Além disso, a escala de avaliação também foi adaptada em decorrência do estudo exploratório 2. Nos estudos anteriores, apresentou-se uma linha de votação que variava de zero (nada satisfeito) a cinco (muito satisfeito). No questionário final, optou-se por utilizar uma barra de rolagem, tornando a votação mais clara e menos ambígua.

Os trechos de vídeos selecionados para o questionário final seguiram os critérios: (i) pertencer a um filme ou série; (ii) ser uma produção audiovisual originalmente em inglês e legendada em português do Brasil; (iii) ser de comédia ou comédia romântica; e (iv) ter sido lançada a partir dos anos 2000⁶⁵. Após assistir a cada trecho, os participantes avaliavam as legendas em uma escala do tipo barra de rolagem, que variava de “totalmente satisfatória” a “totalmente insatisfatória”.

Foram mantidos os dois primeiros trechos de vídeos utilizados no estudo exploratório 2 (série *Friends* e série *Brooklyn 99*), e um terceiro trecho que atendia aos mesmos critérios foi selecionado para testar a mudança de posicionamento das legendas. Utilizamos a duplicação dos trechos para analisar os parâmetros testados na pesquisa. Descritos a seguir como vídeo controle e vídeo experimental (ou legendas controle e legendas experimentais).

O trecho da série *Friends*⁶⁶ constitui-se de uma cena do episódio 12 da quarta temporada, em que quatro personagens aparecem disputando um jogo de perguntas e respostas,

⁶⁵ Esse período foi selecionado para que não seja uma produção tão antiga, podendo causar estranhamento nos respondentes.

⁶⁶ “De acordo com uma pesquisa feita pelo G1 (2019), a série *Friends* se tornou o quarto programa mais visto da TV americana até 2004, ano em que foi lançado o último episódio.” (Petrocínio, 2021, p. 16).

cujo resultado decidiria qual deles moraria em um apartamento melhor. Há, no total, cinco personagens na mesma cena, e um deles atua como host do jogo, fazendo as perguntas e confirmando as respostas. Os personagens acabam intercalando suas falas de forma rápida e dinâmica, sendo essa a motivação principal para que o trecho tenha sido selecionado para testar a recepção do parâmetro de identificação de falantes por meio de cores na Legendagem Descritiva Interlingual. Para o vídeo experimental, uma cor diferente foi atribuída a um personagem. Pensando nos personagens com mais falas para menos falas, as seguintes cores foram utilizadas: branco, amarelo, azul, verde, vermelho e magenta. Para o vídeo controle, foi utilizado a cor branca em todas as legendas e o nome dos personagens foi adicionado entre colchetes quando necessário identificá-los.

O trecho da série *Brooklyn 99* é uma cena do episódio 7 da quinta temporada, em que o detetive de polícia e personagem principal da série interroga quatro suspeitos de um crime. Os suspeitos estão enfileirados em uma parede atrás de um espelho falso, onde se encontram o detetive e uma testemunha do crime, a qual relata não ter visto o criminoso, mas ter ouvido sua voz ao cantar a música *I Want it That Way*, da banda estadunidense Backstreet Boys. O detetive então pede a cada suspeito para cantar um trecho da música, ao mesmo tempo em que acompanha alguns deles, cantando junto — gerando o gatilho de humor da cena. A música desempenha papel essencial no episódio, causando o humor, sendo essa a motivação principal para que esse trecho tenha sido selecionado para testar a recepção do parâmetro de tradução de músicas na Legendagem Descritiva Interlingual — a música foi legendada como “[música pop]” no vídeo controle e a letra da música em inglês foi transcrita (em itálico e com o símbolo musical no início e no final de cada linha de legenda) no vídeo experimental.

O terceiro trecho escolhido foi do filme *Carnage* (2011). O filme, dirigido por Roman Polański, é baseado na peça teatral francesa *Le Dieu du Carnage*. Em uma briga no playground, o filho do casal Nancy e Alan Cowan acaba ferindo o filho de Penelope e Michael, e seus pais vão até a casa do menino agredido para resolver o assunto civilizadamente. Porém, a discussão acaba saindo do controle. No trecho selecionado para a pesquisa, os quatro personagens principais estão em uma sala discutindo sobre quem, entre seus filhos, teria sido o culpado da briga. Nessa cena, os quatro se exaltam, falam uns “por cima dos outros” e jogam objetos no chão. Essa dinamicidade foi a motivação principal para que o trecho tenha sido selecionado para testar a recepção do parâmetro de posicionamento das legendas para identificação de falantes na Legendagem Descritiva Interlingual. No vídeo controle, as legendas apareciam sempre centralizadas na parte inferior da tela, com o nome dos personagens entre colchetes. No

vídeo experimental, as legendas se deslocavam em tela para “seguir” os personagens, mudando seu posicionamento.

Os três vídeos foram legendados com base nos parâmetros técnicos e tradutórios do Guia de Legendagem da Netflix, incluindo atenção à segmentação, ao limite de 18 caracteres por segundo e até 42 caracteres por linha. Para a Legendagem Descritiva, também se aplicaram diretrizes do mesmo guia, além de parâmetros utilizados em outros países, como os presentes no Guia de Legendagem da BBC (2019), por exemplo, acerca do uso de cores nas legendas para diferenciar personagens. Os trechos foram baixados da internet, legendados pela pesquisadora no *software Subtitle Edit* e tiveram as legendas incorporadas pelo *software Handbrake* para exibição no questionário.

Ao todo, a partir dos três trechos selecionados, eles foram apresentados no questionário final em versões duplicadas — totalizando seis trechos de vídeo — para estabelecer uma base de comparação entre os três parâmetros técnicos e tradutórios investigados na pesquisa: o uso de cores nas legendas, diferentes estratégias de tradução de músicas e a mudança do posicionamento das legendas. A seguir, exibe-se um quadro demonstrativo dos trechos utilizados no questionário e o parâmetro testado em cada um deles.

Quadro 5 – Trechos utilizados no questionário da pesquisa

Trecho de série/filme	Idioma	Ano	Parâmetro testado
<i>Friends</i>	Inglês	1994-2004	Utilização de cores nas legendas
<i>Brooklyn 99</i>	Inglês	2013-2021	Tradução de músicas
<i>Carnage</i>	Inglês	2011	Posicionamento das legendas

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O trecho da série *Friends* foi utilizado para testar a recepção acerca do uso de cores nas legendas. Esse trecho foi legendado de duas formas: (i) utilizando legendas coloridas para diferenciar os personagens em cena; e (ii) com todas as legendas em branco, utilizando colchetes para identificar os falantes. A escolha das cores atribuídas a cada personagem foi feita de acordo com critérios definidos em pesquisas realizadas na Europa e no Reino Unido, como apresentado em Zárate (2021), citando a BBC (2019).

O trecho da série *Brooklyn 99* foi utilizado para testar as estratégias de tradução de músicas. Esse trecho foi legendado de duas formas: (i) transcrição da letra da música no idioma original em itálico, entre símbolos musicais; e (ii) apresentação da adjetivação da música entre colchetes.

O trecho do filme *Carnage* foi utilizado para testar o posicionamento das legendas. Esse trecho foi legendado de duas formas: (i) com legendas centralizadas na parte inferior da tela; e (ii) com mudança de posicionamento para indicar o turno de fala dos personagens, “seguindo-os” na tela.

Como já mencionado, o questionário oficial contou com 28 perguntas, divididas em quatro seções. Na última pergunta, que não era obrigatória, os respondentes podiam escrever comentários, críticas ou sugestões para a pesquisa, além de receberem um agradecimento pela participação. O questionário foi então finalizado e enviado para dois colegas surdos e acadêmicos, que atuaram como respondentes-pilotos, apontando possíveis ambiguidades ou estranhamentos. Após esse teste piloto, o questionário foi oficialmente divulgado e permaneceu disponível online por aproximadamente três meses. Ao final desse período, foram recebidas 214 respostas, entre ouvintes e surdos. Entre os participantes surdos, 121 responderam ao questionário, mas apenas 55 o concluíram até o fim.

As análises dos dados do questionário seguiram as seguintes etapas: (i) todos os arquivos pertinentes foram baixados e reunidos em uma pasta; (ii) foi criada uma tabela com todas as respostas; (iii) foram excluídas as respostas inválidas e, em seguida, criada uma tabela apenas com os dados válidos; e (iv) a partir desses dados foram elaborados gráficos individuais para cada seção do questionário. Os resultados obtidos serão apresentados e analisados no capítulo 4 (Apresentação e Discussão dos Resultados) desta tese.

3.3.2 Coleta e Análise dos Grupos Focais

Concluída a primeira etapa do estudo, procedeu-se a uma leitura geral dos dados obtidos por meio do questionário. Em seguida, foram realizados grupos focais com participantes que haviam respondido ao instrumento. O questionário dispunha de um campo destinado à justificativa das preferências por determinados parâmetros técnicos, contudo, esse espaço foi pouco utilizado pelos respondentes. Dessa forma, os grupos focais tiveram como principal objetivo aprofundar a compreensão das motivações que levaram os participantes a optarem por um parâmetro técnico em detrimento de outro.

Para realizar essa etapa, os respondentes do questionário (55 pessoas surdas) foram contatados por meio do WhatsApp, e os grupos focais foram organizados de acordo com a disponibilidade dos participantes. Alguns não responderam ao contato, de modo que os grupos focais foram realizados apenas com aqueles que retornaram à pesquisadora. Foram realizados três grupos focais — um com quatro respondentes, outro com três e um último com quatro —,

além de um grupo focal controle, com três pessoas surdas que não haviam respondido ao questionário, para fins de comparação das preferências. Assim, no total, foram realizados quatro grupos focais.

Os grupos focais foram conduzidos totalmente em Libras e de forma online, por meio da plataforma Zoom, sendo gravados do início ao fim. Após o aceite dos respondentes, um dia e horário em comum foram definidos pelo WhatsApp, conforme a disponibilidade dos participantes, e um *link* do Zoom foi criado e enviado. Os grupos tiveram duração aproximada de 30 minutos a 1 hora, dependendo da quantidade e do grau de interatividade dos participantes. Inicialmente, os participantes eram agradecidos pela disponibilidade e recebiam um Termo de Autorização de Filmagem para consentirem com a gravação. A reprodução do Termo encontra-se no Apêndice 3 deste texto. Após o envio do documento pelo WhatsApp, os participantes assinavam de forma virtual e devolviam à pesquisadora pelo mesmo aplicativo.

Na sequência, os grupos focais foram conduzidos da seguinte forma: a partir dos mesmos trechos de vídeos utilizados no questionário, um vídeo era exibido por vez, por meio do compartilhamento de tela da pesquisadora, seguido de perguntas e discussões em grupo direcionadas às legendas. Esse processo foi repetido para cada um dos seis trechos de vídeo exibidos, com a ordem randomizada em cada grupo focal, sempre utilizando os mesmos seis trechos legendados do questionário, com os mesmos parâmetros técnicos e tradutórios analisados.

Após cada exibição de vídeo, a pesquisadora iniciava a discussão com perguntas estratégicas, para que os participantes relatassem suas opiniões sobre as legendas. As mesmas três perguntas eram aplicadas a cada vídeo: (i) vocês gostaram desse vídeo e dessas legendas?; (ii) por quê?; (iii) se vocês pudessem dar uma nota a essas legendas, de 0 a 10, qual seria e por quê? A partir dessas questões, os participantes discutiam o que acharam das legendas, comentavam as respostas uns dos outros e, em alguns casos, até mudavam suas preferências diante das perspectivas apresentadas por outros participantes — o que constitui justamente a dinâmica do grupo focal. Antes de finalizar cada encontro, a pesquisadora agradecia novamente e perguntava se havia mais alguma questão acerca da Legendagem no Brasil que gostariam de comentar. O mesmo procedimento foi adotado nos três grupos focais e no grupo controle.

Como mencionado, três grupos focais foram realizados com randomização da ordem de exibição dos vídeos, para reduzir possíveis efeitos de preferência pelos vídeos. No grupo controle, manteve-se a mesma ordem de exibição apresentada no questionário. A seguir, observa-se um quadro sistematizando a ordem de exibição dos vídeos nos grupos focais.

Quadro 6 – Ordem de exibição dos parâmetros técnicos e tradutórios para discussão nos grupos focais

Grupo Focal 1	Legendas coloridas	Legendas brancas	Gênero da música entre colchetes	Transcrição da letra da música	Legendas com uso de colchetes	Legendas com mudança de posicionamento
Grupo Focal 2	Transcrição da letra da música	Gênero da música entre colchetes	Legendas brancas	Legendas coloridas	Legendas com mudança de posicionamento	Legendas com uso de colchetes
Grupo Focal 3	Legendas com uso de colchetes	Legendas com mudança de posicionamento	Legendas coloridas	Legendas brancas	Gênero da música entre colchetes	Transcrição da letra da música
Grupo Focal Controle	Gênero da música entre colchetes	Transcrição da letra da música	Legendas coloridas	Legendas brancas	Legendas com uso de colchetes e centralizadas	Legendas com mudança de posicionamento

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Após a realização dos grupos focais, as gravações de cada encontro foram baixadas para uma pasta na nuvem pessoal da pesquisadora e os relatos foram transcritos para o português, com o objetivo de sistematizar a análise das respostas dos participantes. Para preservar o sigilo, foi criada uma denominação para cada participante do grupo focal: G1 (Grupo 1), P01, P02, P03; G2 (Grupo 2), P04, P05, P06, P07; G3 (Grupo 3), P08, P09, P10 e P011. O Grupo Controle foi codificado como GP, com os participantes P12, P13 e P14. A partir dessas denominações, foi criada uma tabela no Excel, em que cada linha representava um participante e suas respectivas respostas no grupo focal, para fins de análise. Esses dados foram sistematizados, analisados a partir de seu conteúdo e serão descritos no próximo capítulo.

Os participantes dos grupos focais apresentavam o seguinte perfil — extraído dos dados coletados com o questionário para os grupos experimentais e, no caso do grupo focal controle, a partir de um *Google Forms* aplicado no início do encontro — conforme exibido na tabela a seguir:

Quadro 7 – Perfil dos participantes dos grupos focais

Participantes	Idade	Escolaridade	Grau de surdez	Pessoa surda ou DA?	Depende das legendas?
Grupo Focal 1					
P01	29	Superior Completo	Profunda	Pessoa surda	Totalmente
P02	43	Doutorado Completo	Profunda	Pessoa surda	Totalmente
P03	28	Mestrado completo	Profunda	Pessoa surda	Totalmente
Grupo Focal 2					
P04	31	Superior Completo	Profunda	Pessoa surda	Totalmente
P05	38	Mestrado Completo	Profunda	Pessoa surda	Totalmente
P06	35	Doutorado Completo	Profunda	Pessoa surda	Totalmente
P07	38	Mestrado Completo	Profunda	Pessoa surda	Totalmente
Grupo Focal 3					
P08	42	Doutorado Completo	Severa	Pessoa surda	Totalmente
P09	31	Especialização Completa	Severa	Pessoa surda	Totalmente

P10	37	Superior completo	Moderada	Pessoa surda	Totalmente
P11	36	Doutorado completo	Profunda	Pessoa surda	Totalmente
Grupo Focal Controle					
P12	25	Superior Completo	Profunda	Pessoa surda	Totalmente
P13	33	Mestrado Completo	Severa	Pessoa surda	Totalmente
P14	27	Mestrado completo	Severa	Pessoa surda	Totalmente

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Percebe-se um perfil similar entre os participantes dos grupos focais. Com relação à faixa etária, a média de idade dos 14 participantes foi de 33,79 anos, com desvio padrão de 5,35. Além disso, todos os 14 participantes possuíam nível superior — aqui consideramos a Especialização como curso de nível superior. Todos declararam depender totalmente das legendas para ter acesso a filmes e séries e todos se identificaram como pessoas surdas. Entre os 14 participantes, quatro possuíam grau de surdez severa e apenas um, grau moderado. Quanto ao local de residência, a distribuição pode ser observada no quadro a seguir:

Quadro 8 – Local de residência dos participantes dos grupos focais

Estado	Sigla	Nº de Participantes
Santa Catarina	SC	6
Rio Grande do Sul	RS	5
Paraná	PR	1
Minas Gerais	MG	1
Ceará	CE	1
Total		14

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Nota-se, portanto, que a maioria dos participantes dos grupos focais reside na região Sul. Esse dado acompanha a tendência de que o local de realização da pesquisa exerce alguma influência sobre a quantidade de participantes provenientes dessa região. Além disso, como os participantes foram recrutados a partir de sua disponibilidade, e considerando que muitos deles já haviam estudado com a pesquisadora responsável pelo estudo, não se pode ignorar o fator de coleguismo como possível motivação para a participação.

Espera-se que, ao combinar os dados do questionário e dos grupos focais, seja possível articular informações quantitativas e qualitativas, conferindo maior robustez aos resultados do estudo de recepção. No próximo capítulo, serão apresentados e discutidos os achados da pesquisa.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, serão expostos e analisados os resultados da pesquisa. Assim, apresentamos e discutimos os dados obtidos com a aplicação de um questionário online e com a realização de quatro grupos focais (um grupo controle e três grupos experimentais). Os parâmetros da Legendagem Descritiva analisados foram avaliados, na primeira etapa do estudo, por meio do questionário online, respondido por pessoas surdas brasileiras. Na segunda etapa, foram realizados três grupos focais com 11 pessoas surdas que haviam respondido ao questionário, visando o aprofundamento dos dados. Além disso, foi conduzido um grupo controle, composto por três pessoas surdas que não haviam respondido ao questionário, para fins de comparação. A organização segue a seguinte estrutura: (i) Resultados do Questionário; (ii) Resultados dos Grupos Focais; e (iii) Comparação dos Resultados: Questionário e Grupos Focais.

4.1 RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO

A aplicação do questionário online teve dois objetivos: (i) realizar um levantamento geral do perfil dos consumidores surdos de produtos audiovisuais no Brasil; e (ii) identificar suas preferências acerca dos três parâmetros da Legendagem Descritiva analisados.

Diversas pesquisas de levantamento e/ou estudos de recepção já utilizam questionários para fins semelhantes, como Szarkowska, Żbikowska e Krejtz (2013), Szarkowska e Laskowska (2014), Romero-Fresco (2016), Mangiron (2016), Gurkan (2019), Aleksandrowicz (2020) e Shokoohmand e Khoshsaligheh (2024), entre outros. Entretanto, quando aplicados a participantes que podem não ter o português — ou outra língua vocal-auditiva — como L1, como é o caso de pessoas surdas, tais instrumentos precisam ser cuidadosamente elaborados e refinados, como foi feito nesta pesquisa por meio dos estudos exploratórios.

Para investigar as preferências do público no campo da TAV — como tipos de legendas, gêneros cinematográficos favoritos ou formas de consumo do audiovisual —, os estudos de recepção têm se mostrado uma estratégia especialmente eficaz. Ao se centrarem nas experiências e percepções dos espectadores, permitem coletar dados qualitativos valiosos sobre escolhas e expectativas. Nesse sentido, o uso de questionários consolidou-se como ferramenta profícua na coleta de dados em TAV.

Mais especificamente, tratando das preferências de um público sobre a Legendagem Descritiva, apresentamos a seguir os dados obtidos com o questionário online, disponível no

Apêndice 1. À medida que os resultados forem sendo expostos, também serão realizados cotejamentos com estudos anteriores que aplicaram a mesma metodologia e buscaram compreender as preferências da comunidade surda em relação à Legendagem Descritiva.

Como mencionado no capítulo da Metodologia, o questionário foi inicialmente testado com dois participantes-pilotos surdos, ambos acadêmicos: um professor universitário de uma universidade federal e um aluno de mestrado do mesmo Programa de Pós-Graduação ao qual esta pesquisa está vinculada. Após a validação do instrumento, o questionário foi divulgado online entre 29 de setembro de 2024 e 16 de dezembro de 2024, obtendo 215 respostas, número bastante significativo. Entretanto, após a exclusão de respostas inválidas (respondentes que não eram pessoas surdas e/ou com deficiência auditiva, que não aceitaram dar continuidade após a leitura do TCLE ou que não finalizaram o questionário), chegou-se a um total de 55 respostas válidas.

Neste capítulo, cada seção do questionário será abordada em subseções individuais, de forma detalhada. Inicialmente, os resultados são apresentados de forma descritiva e, em seguida, discutidos e comparados a pesquisas pertinentes, tanto brasileiras quanto estrangeiras. Os estudos utilizados como base para essas discussões estão sistematizados no Capítulo 2 desta tese. Assim, cada pergunta do questionário será identificada como Per1 (Pergunta 1), Per2 (Pergunta 2) e assim por diante. O questionário da pesquisa foi dividido em quatro seções: (i) Apresentação do TCLE e do vídeo-convite em Libras; (ii) Informações gerais (perguntas 3 a 12); (iii) Preferências sobre produtos audiovisuais (perguntas 13 a 18); e (iv) Legendagem Descritiva (perguntas 19 a 27). Para a apresentação dos resultados, serão utilizados gráficos com cores contrastantes, como verde e roxo, visando acessibilidade a pessoas com baixa visão e com daltonismo⁶⁷.

Ao final, havia um espaço denominado “Pergunta 28”, de caráter não obrigatório, em que os participantes podiam registrar sugestões, críticas e comentários sobre o questionário.

4.1.1 Seção 1 do questionário: Apresentação do TCLE e do vídeo-convite em Libras

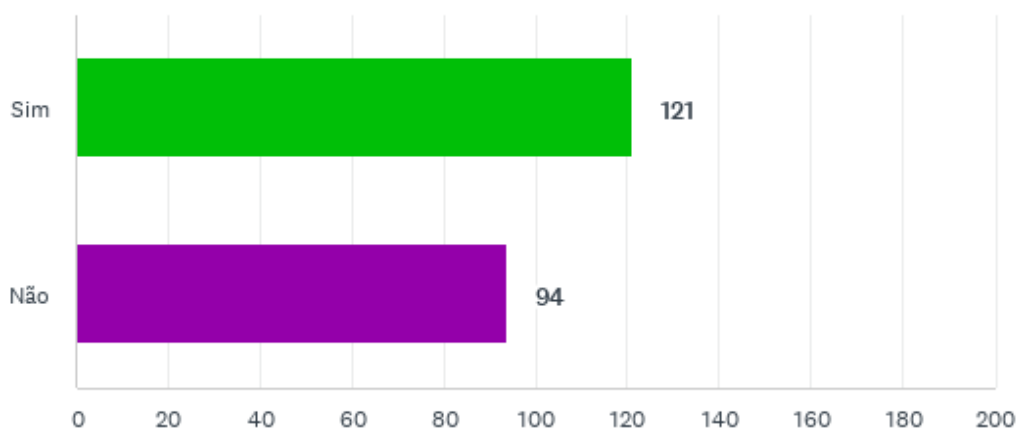
Ao acessarem o questionário, os participantes eram inicialmente apresentados ao título da pesquisa, seguido por um convite para participação. Esse convite estava disponível em duas formas: em língua portuguesa escrita e, logo abaixo, em um vídeo em Libras gravado pela própria pesquisadora, visando demonstrar aos participantes que a pesquisadora também está

⁶⁷ Indicação de cores acessíveis retiradas do seguinte website: <https://davidmathlogic.com/colorblind/>

inserida na comunidade surda. Após esse momento introdutório, os respondentes eram convidados a responder à seguinte pergunta de triagem: “*Você é pessoa surda ou com deficiência auditiva?*” Mantemos as duas opções de modo a respeitar e incluir quaisquer posicionamentos identitários de nossos potenciais respondentes.

No total, 215 pessoas iniciaram o processo de resposta ao questionário. Dessas, 121 afirmaram ser pessoa surda ou com deficiência auditiva e 94 afirmaram não ser. Para aqueles que responderam não serem pessoas surdas, o questionário encerrava automaticamente, apresentando uma mensagem de agradecimento pela participação. Assim, a partir desse ponto, apenas as pessoas que se declaravam surdas e/ou com deficiência auditiva continuaram a responder o questionário. A visualização da primeira pergunta pode ser observada no gráfico⁶⁸ da Figura 25.

Figura 25 – Per1: Você é pessoa surda ou com deficiência auditiva?



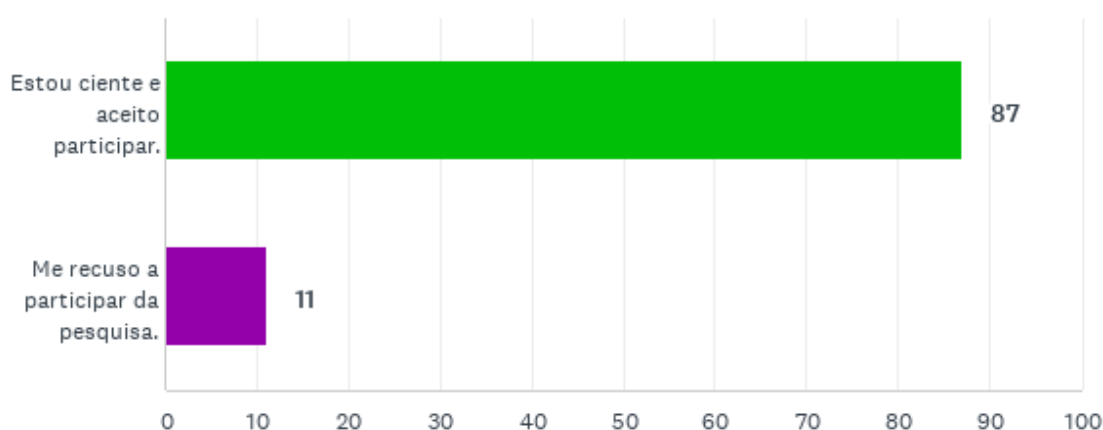
Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O número de 121 pessoas surdas que iniciaram o preenchimento do questionário revelou-se expressivo, demonstrando o interesse do público-alvo em contribuir com a pesquisa. Após a pergunta de triagem inicial, os 121 respondentes eram direcionados à página seguinte, onde lhes era apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), disponível em língua portuguesa escrita e, em seguida, em vídeo com tradução em Libras feita pela própria pesquisadora, garantindo acessibilidade e transparência no processo.

⁶⁸ As cores utilizadas nos gráficos foram selecionadas de modo a garantir acessibilidade para pessoas com daltonismo, assegurando distinção visual adequada entre os elementos apresentados.

Na sequência, os participantes eram questionados se haviam compreendido o TCLE e se aceitavam ou não participar da pesquisa. Do total de 121 respondentes, 87 declararam estar cientes do conteúdo do termo e aceitaram participar da pesquisa, enquanto 11 optaram por não participar, conforme ilustrado na Figura 26.

Figura 26 – Per2: Aceite em participar da pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Dos 87 participantes que aceitaram participar, apenas 55 responderam ao questionário até o final. Isso pode ter ocorrido devido ao tempo relativamente longo do questionário, composto por 28 perguntas, ou por algum outro tipo de cansaço físico e/ou mental causado pelo processo (risco que estava previsto no TCLE e do qual os participantes declararam estar cientes). Além disso, todos também estavam informados de que poderiam desistir de participar a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Assim, a partir deste ponto serão expostos os dados do questionário referentes aos 55 participantes surdos que responderam integralmente ao instrumento.

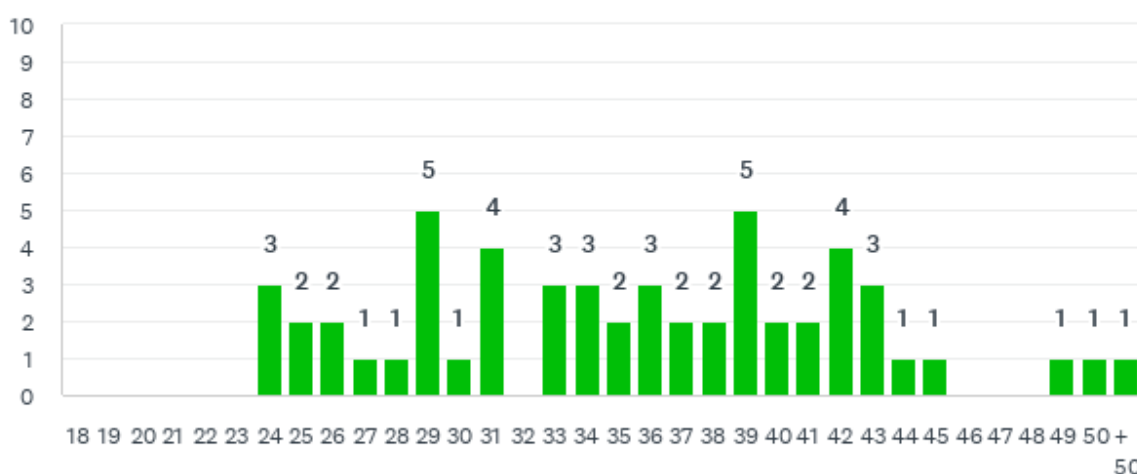
4.1.2 Seção 2 do questionário: Informações gerais

Após a primeira seção, a segunda parte do questionário, intitulada “Informações gerais”, reuniu dados de perfil dos participantes, com o objetivo de contextualizar as preferências manifestadas ao longo da pesquisa. A seguir, são apresentados os resultados correspondentes a essa etapa. Inicialmente, os participantes eram solicitados a informar seu nome completo (pergunta 3), seguido da indicação de sua idade (pergunta 4). A coleta desse

dado se justifica pela possibilidade de identificação de tendências geracionais no que se refere às preferências de Legendagem e suas relações com o contexto audiovisual, considerando que diferentes faixas etárias podem estabelecer relações distintas com materiais audiovisuais e suas modalidades de tradução.

Dos 55 participantes que responderam à questão relativa à idade, a maior concentração encontra-se entre 24 e 43, com destaque para os 29 (cinco participantes), 39 (cinco participantes) e 42 anos (quatro participantes). Apenas três participantes tinham 45 anos ou mais. Essa distribuição etária está representada de forma detalhada na Figura 27.

Figura 27 – Per4: Qual a sua idade?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Assim, obtivemos um maior número de respostas de pessoas surdas com 29 anos de idade (cinco respostas) e com 39 anos de idade (cinco respostas); e o menor número entre 18 e 23 anos, com 32 anos de idade e entre 46 e 48 anos de idade (nenhuma resposta). Percebe-se um grande *gap* no número de respostas no grupo de faixa etária mais jovem, já que, dentre os respondentes de 18 a 23 anos, não obtivemos nenhuma resposta. Também obtivemos um número reduzido de respostas a partir da faixa etária dos 44 anos: apenas cinco respondentes. A média de idade dos participantes, excluindo-se o participante que marcou ter 50+, é de 35,2 anos, com desvio padrão de 6,58.

Percebe-se que a maioria dos respondentes do questionário são jovens adultos. Uma forma de tentar atingir algum nível de generalização entre a faixa etária dos respondentes seria

dividi-los em gerações⁶⁹. Entretanto, observa-se uma predominância muito elevada de respondentes pertencentes à chamada Geração Y — indivíduos nascidos entre 1981 e 1999 — que, em 2025, teriam entre 26 e 44 anos de idade. Dessa forma, dentre os 55 participantes, 46 deles fariam parte da Geração Y⁷⁰, apenas 5 (três participantes com 24 anos e dois com 25 anos) estariam categorizados na Geração Z, nascidos a partir dos anos 2000, e apenas quatro respondentes com 45 anos ou mais estariam compondo uma faixa etária superior à Geração Y, ou seja, a Geração X — nascidos entre 1965 e 1980. Além disso, não obtivemos respostas de pessoas entre 18 e 23 anos.

Desse modo, não parece ser vantajoso dividir os participantes em gerações para tentar generalizar suas preferências. De qualquer modo, como mencionado por Reilly (2012), baseado em Lancaster e Stillman (2002), a Geração Y — caracterizada como a grande maioria dos nossos respondentes — é composta por pessoas “confiantes e tecnologicamente avançadas”⁷¹. Assim, pode-se considerar que a maioria de nossos respondentes cresceu em meio à transição entre mídias analógicas e digitais, sendo possível que suas preferências em relação à Legendagem estejam relacionadas a experiências consolidadas de contato com o audiovisual ao longo do tempo.

A distribuição etária sugere que os dados analisados ao longo da pesquisa refletem, em sua maior parte, as percepções de adultos jovens e de meia-idade, o que pode ter influenciado as tendências observadas quanto às preferências por determinadas estratégias de Legendagem mais ou menos inovadoras. Com relação ao alcance do questionário, indivíduos mais jovens tendem a apresentar maior familiaridade com ferramentas digitais, o que pode facilitar sua participação em instrumentos de coleta de dados online, como questionários. No entanto, é importante considerar que a divulgação deste questionário, em particular, foi realizada majoritariamente em ambientes acadêmicos, o que pode ter influenciado o perfil etário dos participantes.

Apesar da expectativa de uma maior adesão por parte de pessoas surdas mais jovens, para justamente testar formas de Legendagem mais inovadoras, é possível que essa faixa etária

⁶⁹ Refere-se à definição de “geração” usada pelos autores Costanza, Rudolph e Zacher (2023), apresentada como: “[...] generations are groups of individuals, roughly the same age, who have been influenced by a common set of significant events (e.g., wars, economic depressions). These significant events shape these individuals, transforming them into a distinct group whose members are more similar to each other and more differentiated from other groups or those who did not experience the events.” (Costanza; Rudolph; Zacher, 2023, p. 2).

⁷⁰ Utilizamos a divisão dos grupos de idade entre gerações a partir de Lancaster e Stillman (2002). Segundo os autores, as gerações são divididas entre os anos de nascimento dos indivíduos da seguinte forma: Geração Baby Boomer (1946 – 1964), Geração X (1965–1980), Geração Y (1981–1999) e Geração Z (2000–presente).

⁷¹ Nossa tradução de: “*Its members are identified as confident and technologically advanced*”. (Lancaster; Stillman (2002).

não tenha sido amplamente alcançada pela divulgação, uma vez que circula por espaços diversos e, muitas vezes, fora do âmbito universitário — visto que o acesso de pessoas surdas ao nível superior de educação ainda é um desafio no Brasil. Assim, o público efetivamente alcançado corresponde, em sua maioria, a adultos jovens e de meia-idade, perfil condizente com os canais e estratégias de divulgação utilizados na pesquisa.

Em algumas pesquisas de recepção sobre Legendagem envolvendo as comunidades surdas realizadas no Brasil — ainda que não tenham investigado exatamente os mesmos parâmetros abordados neste estudo —, observa-se uma tendência semelhante em relação à faixa etária dos participantes. Trabalhos como os de Silva (2025), Araújo, Monteiro e Vieira (2013) e Oliveira (2022) também identificaram uma predominância de adultos jovens e de meia-idade entre os respondentes surdos, o que sugere um padrão recorrente nesse tipo de investigação. Silva (2025), considerando nove participantes surdos, apontava que a maioria dos seus participantes se encontrava na faixa de 36 a 50 anos. Araújo, Monteiro e Vieira (2013), considerando 10 participantes surdos, obtiveram duas mulheres e três homens com idades entre 18 e 26 do estado de Minas Gerais e quatro mulheres e um homem com idades entre 25 e 29 anos. Por fim, Oliveira (2022), considerando 16 participantes surdos, também obteve uma média de idade de 28,75 anos.

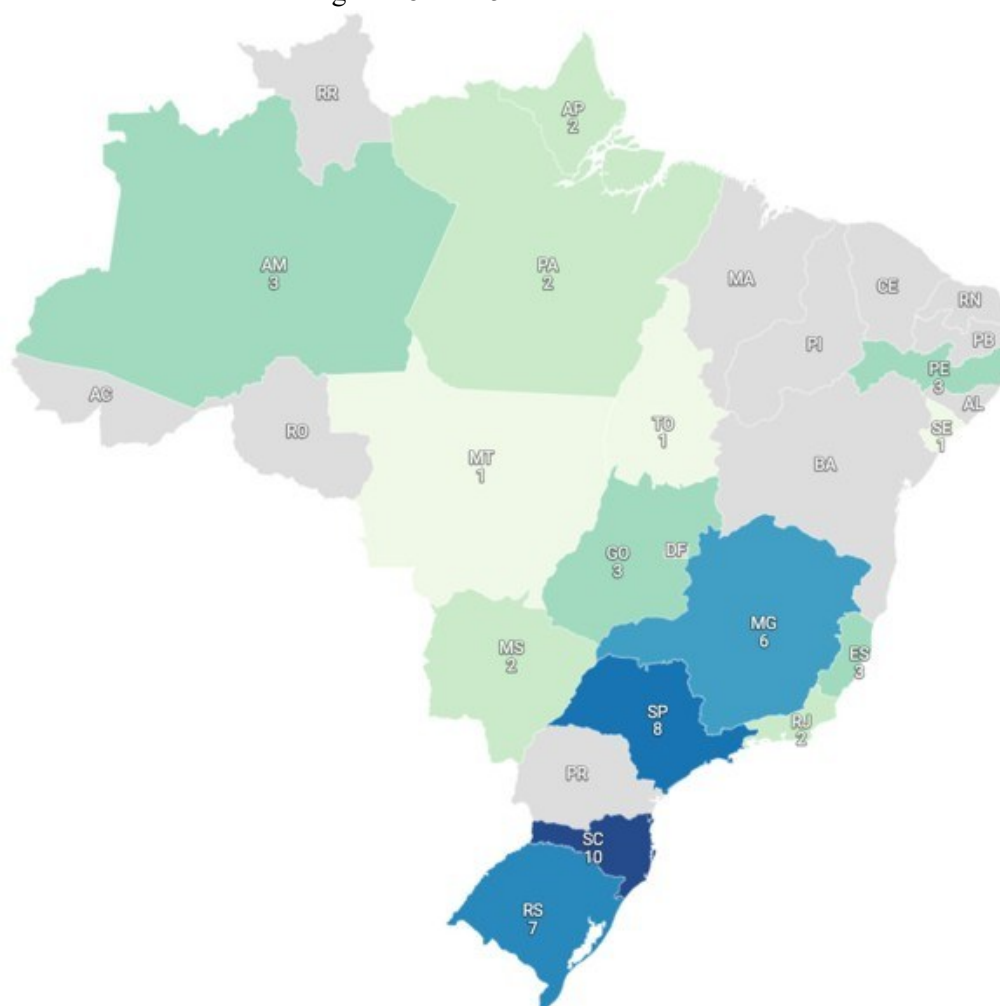
É possível considerar que as experiências vividas por cada geração, especialmente no que diz respeito ao uso de tecnologias, à exposição à multimodalidade e aos diversos estímulos visuais e cognitivos das produções audiovisuais, inclusive da Legendagem, influenciam diretamente suas preferências com a Legendagem. Assim, compreender a faixa etária dos participantes contribui para contextualizar as preferências encontradas pelos participantes da pesquisa e refletir sobre como diferentes gerações constroem seus modos de recepção e interação com o conteúdo audiovisual legendado.

Após responderem sua idade, a próxima pergunta do questionário pedia aos respondentes que selecionassem em uma lista suspensa seu local de residência. Recebemos respostas de todas as regiões do Brasil, algumas mais proeminentes do que outras. As regiões que mais se destacaram nos dados foram a região Sul e a região Sudeste, com 17 pessoas surdas respondentes da região Sul (10 de Santa Catarina e sete do Rio Grande do Sul) e 19 da região Sudeste (oito respondentes de São Paulo, seis de Minas Gerais, três do Espírito Santo e dois do Rio de Janeiro).

Da região Norte, recebemos respostas de pessoas surdas dos estados do Amapá (duas respostas), Amazonas (três respostas), Pará (duas respostas) e Tocantins (uma resposta). Da região Centro-Oeste, recebemos respostas dos três estados: três respondentes de Goiás, dois de

Mato Grosso do Sul e um de Mato Grosso. Já a região Nordeste foi a menos expressiva em nossos dados, com apenas três respondentes de Pernambuco e apenas um de Sergipe. Dentre os 55 respondentes, um afirmou não morar no Brasil. Os dados de local de residência podem ser observados na Figura 28.

Figura 28 – Per5: Onde você mora?



Criado com Datawrapper

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

A maior concentração de respondentes está na região Sudeste, com 19 participantes, o que equivale a cerca de 34,5% do total. Esse resultado confirma a predominância da região mais populosa do país na pesquisa, refletindo, possivelmente, a maior concentração de centros urbanos e instituições de ensino. A segunda maior concentração foi na região Sul, com 18 respondentes (32,7% do total), valor provavelmente justificado pelo local em que a pesquisa foi realizada — apenas o estado de Santa Catarina corresponde a aproximadamente 18,1% de todos os respondentes.

Sete participantes informaram residir na região Norte, totalizando 12,7% da amostra. A região Centro-Oeste foi representada por seis participantes (10,9% do total), enquanto a região Nordeste contou com apenas quatro respondentes (7,3%). Apenas um participante declarou não residir no Brasil, correspondendo a 1,8% da amostra.

Como se observa, a região menos expressiva nos dados foi o Nordeste, com apenas quatro participantes (três de Pernambuco e um de Sergipe). Essa lacuna pode ser explicada por dois fatores: (i) dificuldade de divulgação do questionário online; e (ii) ausência de familiaridade das pessoas surdas com a pesquisadora e/ou com esse tipo de pesquisa. Curiosamente, é em um dos estados do Nordeste que foi idealizado e criado o Projeto Legenda Nacional, mais especificamente em Recife, Pernambuco, o que justifica as três respostas oriundas desse estado.

No caso do Centro-Oeste, ainda que tenhamos recebido respostas dos três estados (seis no total), esperava-se maior representatividade, considerando que em Goiás e Mato Grosso do Sul existem cursos de Bacharelado e/ou Licenciatura em Letras-Libras. Situação semelhante ocorreu no Norte: embora tenham sido recebidas oito respostas, havia a expectativa de maior participação, visto o crescimento recente dos cursos de Letras-Libras na região.

Levanta-se a hipótese de que pessoas surdas possam preferir participar de pesquisas que utilizem ferramentas distintas do questionário online, especialmente quando este é apresentado apenas em português. Esse dado demográfico reforça a necessidade de desenvolver estratégias para alcançar públicos mais diversos, em cada um dos 26 estados brasileiros. Entre elas, destacam-se: a criação de instrumentos bilíngues e interativos (em português e em Libras) e a realização de pesquisas presenciais em diferentes regiões do país, por meio de visitas e/ou parcerias com pesquisadores de outras instituições.

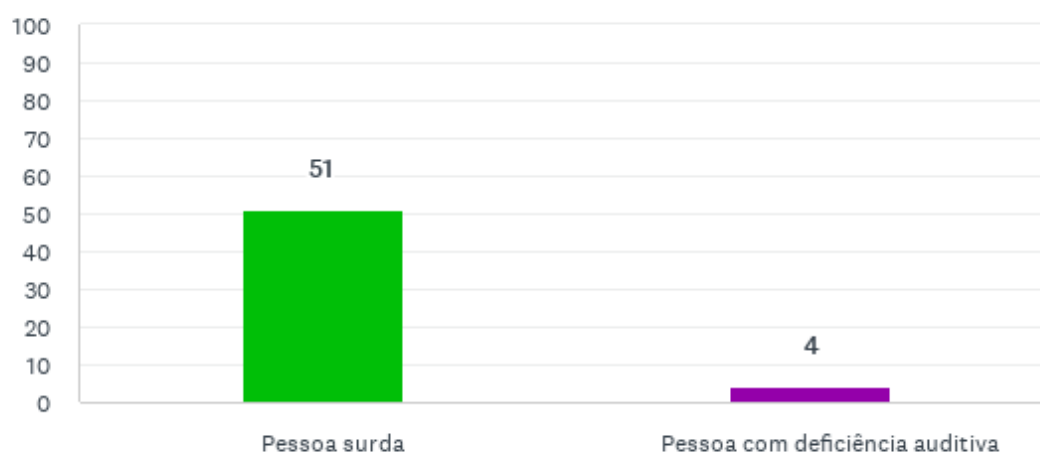
A localidade de onde o questionário foi disparada para coleta de respostas aparentemente influenciou os resultados. As regiões Sul (18 respondentes) e Sudeste (19 respondentes) concentraram a maioria das respostas, com destaque para Santa Catarina (estado-base da pesquisa) e São Paulo (estado de origem da pesquisadora, onde mantém laços acadêmicos e pessoais). Além disso, a rede de contatos dos orientadores, incluindo outras regiões, contribuiu para ampliar a participação. A presença de alunos do orientador da pesquisa no Amazonas também auxiliou na divulgação, o que justifica a quantidade relativamente expressiva de respostas oriundas desse estado (sete respondentes).

Outros estudos de recepção sobre Legendagem no Brasil — como Silva (2025), Araújo, Monteiro e Vieira (2013) e Oliveira (2022) — também revelam que o recorte de participantes tende a ser restrito à região onde a pesquisa é conduzida. Isso se deve, em grande

medida, às dimensões continentais do país e às vivências distintas das comunidades surdas em cada região. Por essa razão, tais estudos optaram por focar em uma única região, restringindo e homogeneizando os dados. Diferentemente, o objetivo desta tese foi realizar um levantamento nacional, buscando alcançar participantes em todo o país, embora essa meta não tenha sido plenamente atingida.

Dando sequência às perguntas de perfil, após indicarem seu local de residência, os participantes precisaram se autodeclarar como pessoa surda ou pessoa com deficiência auditiva. Entre os 55 respondentes, 51 se autodeclararam surdos e quatro se identificaram como pessoas com deficiência auditiva. Como mencionado no capítulo da Revisão de Literatura, esse posicionamento envolve aspectos políticos, ideológicos e identitários, que serão discutidos adiante. Os resultados referentes a essa pergunta podem ser visualizados na Figura 29.

Figura 29 – Per6: Como você se autodeclara



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Observou-se entre os respondentes um posicionamento identitário marcante, uma vez que a maioria (51 indivíduos) optou por se autodeclarar como pessoa surda, enquanto apenas 4 escolheram a categoria “pessoa com deficiência auditiva”. Essa escolha evidencia uma afirmação consciente da surdez como identidade cultural e linguística, e não apenas como condição clínica. Do ponto de vista médico, a diferença entre surdez e deficiência auditiva está associada ao grau da perda: pessoas com perda profunda, que não escutam nada, são classificadas como surdas; já aquelas com perda leve ou moderada, que mantêm parte da audição, são consideradas deficientes auditivas.

Entretanto, entendemos que a perspectiva clínica muitas vezes não corresponde ao modo como as próprias pessoas surdas se percebem, sobretudo quando lhes é dado o direito de se autodeclarar e se posicionar de acordo com a forma como se identificam no mundo. Assim, considerar apenas a perspectiva médica não é suficiente, já que a terminologia também envolve um componente cultural importante: a centralidade da Libras e a questão identitária, como já discutido.

No contexto da presente pesquisa, a Pergunta 6 do questionário buscou justamente compreender a posição dos respondentes em relação à sua identidade e/ou vínculo com comunidades surdas. Em outros países, essa diferenciação também existe, inclusive no uso das grafias “*Deaf*” (com D maiúsculo) e “*deaf*” (com d minúsculo), o que poderia, guardadas as devidas proporções, ser comparado ao contraste entre pessoas que se enxergam como surdas e aquelas que preferem o termo “com deficiência auditiva”.

Essa prática de distinguir identidades também é comum em pesquisas de recepção sobre Legendagem Descritiva. Na pesquisa de Silva (2025), por exemplo, todos os participantes se identificaram como pessoas surdas, declarando integrar uma cultura surda e ter a Libras como língua. Ao analisar esse tipo de dado, é fundamental considerar o contexto histórico de cada país, as condições de acessibilidade midiática (como a predominância de práticas de dublagem ou Legendagem), o papel das associações de surdos, o uso de línguas de sinais ou de línguas orais, bem como o grau de identificação com uma cultura surda. No caso desta pesquisa, pode-se afirmar que a maioria dos respondentes do questionário se posiciona claramente como pessoas surdas, o que sugere que utilizam a Libras e se reconhecem como parte da comunidade surda.

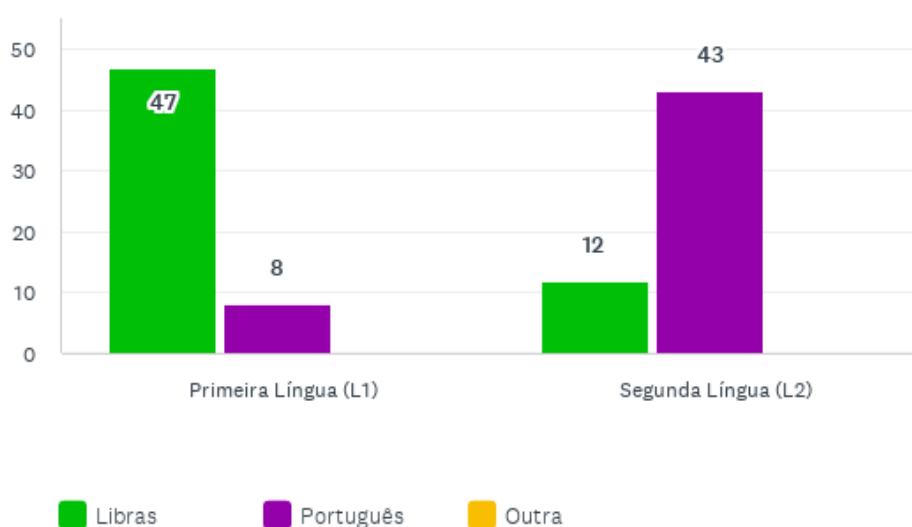
Compreender como os participantes se autodefinem — como pessoas surdas ou como pessoas com deficiência auditiva — é essencial em pesquisas sobre Legendagem Descritiva, pois essa autodeclaração reflete experiências linguísticas, culturais e de acessibilidade, influenciando suas preferências e percepções em relação às legendas. Do ponto de vista identitário, pessoas surdas tendem a estar inseridas em uma cultura surda, usar línguas de sinais como L1 e apresentar demandas específicas em relação à Legendagem; já pessoas com deficiência auditiva, nessa mesma perspectiva, podem ter o português como primeira língua e apresentar diferentes níveis de compreensão auditiva e textual.

Assim, além de obter o posicionamento identitário dos participantes, buscamos reforçar a compreensão de seu perfil ao questionar quais línguas consideravam como L1 e L2. Vale lembrar que, geralmente, pessoas que se identificam como parte de comunidades surdas indicam a Libras como L1 e se autodeclaram surdas; enquanto aquelas que se identificam como

peças com deficiência auditiva tendem a declarar o português como língua de maior uso e conforto.

Entre os 55 respondentes do questionário, 47 afirmaram ter a Libras como L1 e 8 indicaram o português como L1. Quanto à L2, 43 responderam português e 12 responderam Libras. Além disso, um participante mencionou, na seção de comentários, que possuía o inglês como L3. A distribuição dessas respostas pode ser observada na Figura 30.

Figura 30 – Per7: Qual sua L1 e L2?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Esse resultado é interessante, visto que, seguindo os resultados da pergunta 6, havíamos criado a hipótese de que apenas quatro pessoas iriam declarar que o português era sua L1. Entretanto, tivemos um total de oito respondentes declarando o português como sua L1. Dentre esses 8, três afirmaram ser pessoas com deficiência auditiva e os outros cinco, apesar de terem o português como L1, se declararam como pessoas surdas. Esse dado é relevante por dois motivos: (i) nos leva a desconstruir uma perspectiva engessada sobre comunidades surdas no Brasil, segundo a qual a autodeclaração como pessoa surda seria, de forma incontestável, indicativa do uso da Libras como primeira língua; e ii) nos leva a refletir sobre o que os respondentes compreenderam como L1 e L2.

Com relação a essa “problemática” da L1 e L2 em estudos com participantes surdos sobre preferências em Legendagem, algumas pesquisas de recepção no exterior já utilizam formulações diferentes para captar com quais línguas os participantes se sentem mais confortáveis: “qual sua língua natural?” ou “qual a sua língua de maior conforto?” (Romero-

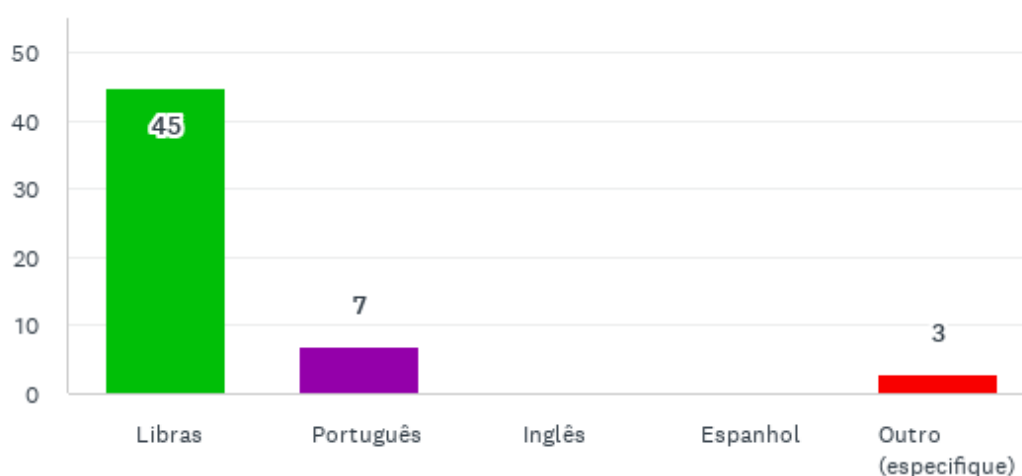
Fresco, 2016), por exemplo. Essa forma de perguntar evita confusões terminológicas e vai direto ao ponto do que o pesquisador deseja saber. Muitas pessoas surdas, por exemplo, são alfabetizadas em uma língua oral (sua L1, no sentido estrito do conceito), aprendem línguas de sinais na vida adulta (sua L2, formalmente) e passam a considerá-la como sua língua de maior conforto, onde se expressam de forma mais natural. Outras podem se tornar bilíngues, alternando entre língua oral e língua de sinais de forma intercambiável.

Esse dado é importante para compreender a relação dos participantes surdos com a acessibilidade midiática e a Legendagem, uma vez que algumas pessoas surdas podem preferir, em determinados contextos, a interpretação em língua de sinais em vez das legendas. Por isso, é necessário cautela na análise desse tipo de informação: apenas perguntar aos respondentes sobre L1 e L2 não parece suficiente para entender em profundidade seu perfil linguístico e suas relações com as legendas em português escrito.

No caso dos 8 participantes que declararam o português como L1, três se autodeclararam pessoas com deficiência auditiva. Contudo, apenas esse dado não esclarece a proficiência desses respondentes em português escrito nem sua relação com a Legendagem. Em Szarkowska e Laskowska (2015), por exemplo, as autoras investigaram as preferências do público polonês em geral sobre diferentes modalidades da TAV. Quando questionados sobre suas preferências em programas de TV, nenhum participante surdo escolheu a interpretação em língua de sinais polonesa como modo preferido (Szarkowska; Laskowska, 2015). Esse resultado pode estar relacionado ao uso prolongado do Polonês Sinalizado na televisão pública, em vez da Língua de Sinais Polonesa. Além disso, na época da pesquisa, muitos indivíduos no contexto polonês sequer conheciam línguas de sinais, o que pode ter contribuído para a preferência por legendas (Szarkowska; Laskowska, 2015).

Diante dessa complexidade, e com o objetivo de compreender de forma mais precisa as preferências linguísticas dos nossos respondentes, incluímos, na sequência do questionário, uma pergunta sobre qual seria sua língua de maior conforto: Libras, português ou outra. A questão foi apresentada em formato de lista com seleção única. A tendência se manteve: 45 respondentes afirmaram que a Libras era sua língua de maior conforto; sete indicaram o português; e três marcaram a opção “Outro”, especificando: “Libras e português (dupla)”, “Usar Libras e português” e “Os dois, Libras e Português”. Podemos inferir que esses três respondentes quiseram destacar que se consideram bilíngues, ou seja, que possuem conforto intercambiável entre Libras e português. A visualização dessas respostas pode ser observada na Figura 31.

Figura 31 – Per8: Qual sua língua de maior conforto?



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Como pode ser observado na Figura 31, a maioria dos participantes manteve seu posicionamento (L1 e língua de maior conforto eram a mesma: a Libras). Entretanto, a noção de língua de maior conforto nem sempre coincide com a definição tradicional de L1. Em muitos contextos bilíngues, especialmente no caso de pessoas surdas, a L1 pode não representar, necessariamente, a língua com a qual o indivíduo se sente mais à vontade para compreender mensagens ou se expressar de forma natural. Essa distinção é fundamental para refletirmos sobre as práticas linguísticas e identitárias da comunidade surda.

Assim, como já discutido anteriormente, as reflexões geradas por esses dados se entrelaçam com o conceito de língua materna, que, em contextos de bilinguismo, ganha contornos mais complexos. Em vez de uma hierarquia fixa entre L1 e L2, o que observamos é uma convivência mais fluida e funcional entre as línguas — nesse caso, o português e a Libras —, o que desafia classificações rígidas e exige abordagens mais sensíveis às experiências individuais. Aplicando essa discussão à recepção de legendas por parte da comunidade surda, espera-se que pessoas mais bilíngues (língua de sinais e língua oral) tenham uma recepção ainda mais positiva com a Legendagem, contribuindo para sua acessibilidade midiática.

Reforçando ainda mais o papel do bilinguismo entre os participantes do estudo, dentre os três que marcaram a opção “Outro” ao serem questionados sobre a língua de maior conforto, é possível inferir, a partir de suas respostas nos comentários, que esses indivíduos se reconhecem como altamente bilíngues, relatando níveis equivalentes de domínio e conforto

tanto em Libras quanto em português. Esse perfil indica uma vivência de bilinguismo que rompe com a lógica da preferência única por uma das línguas.

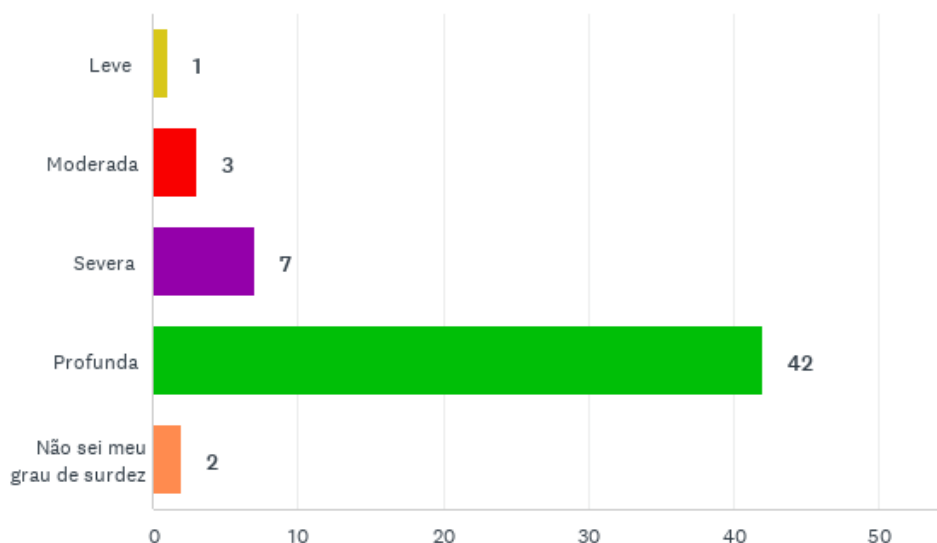
Apesar disso, a maioria dos respondentes da pesquisa — 45 pessoas — indicou, na pergunta 8, que a Libras é a língua com a qual se sentem mais confortáveis, inclusive uma das quatro pessoas que se declararam como “pessoa com deficiência”. Esse dado oferece pistas importantes sobre a recepção de conteúdos em português por esse público, especialmente no que se refere às legendas em produtos audiovisuais. Ele nos leva a refletir: para esse grupo, a presença de legendas em português e de tradução simultânea em Libras são estratégias que se complementam ou que se excluem mutuamente na mediação do conteúdo? Ainda que a resposta não seja conclusiva, é razoável afirmar que tais recursos tendem a não se autoexcluir, podendo, ao contrário, funcionar de forma articulada para promover uma experiência mais acessível e inclusiva.

Na sequência, com o intuito de corroborar e complementar os dados obtidos nas perguntas 7 e 8, os participantes foram convidados a selecionar, em uma lista suspensa, o seu grau de surdez. Os resultados indicam que a maioria dos respondentes (42 pessoas) declarou possuir surdez profunda, seguida por sete pessoas com surdez severa. Além disso, duas pessoas afirmaram não saber qual o seu nível de surdez, e uma pessoa indicou ter surdez leve. Esses dados contribuem para uma melhor compreensão do perfil do público participante, permitindo contextualizar suas respostas anteriores.

Nosso objetivo não era definir as pessoas surdas a partir de uma perspectiva médica acerca de seu nível de surdez, mas sim tentar descobrir o quanto nossos respondentes poderiam ouvir e/ou depreender dos sons advindos dos produtos audiovisuais, para entender melhor sua relação com as legendas em português, como inclusive foi perguntado mais adiante⁷² no questionário. Os dados da pergunta 9 podem ser visualizados no gráfico da Figura 32.

⁷² A pergunta 15 “Qual a importância das legendas para que você tenha acesso a filmes e séries?” também teve esse papel de nos indicar o quanto os respondentes dependiam das legendas para compreender o produto audiovisual. Os resultados da pergunta 15 estão expostos seguidamente.

Figura 32 – Per9: Grau de surdez



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Como pode ser observado na Figura 32, a maioria dos respondentes (42 pessoas dentre as 55 que responderam ao questionário) possui surdez profunda, o que significa dizer que essas 42 pessoas não conseguem ouvir praticamente nenhum som. Esse resultado nos leva a inferir que a maioria dos nossos respondentes depende totalmente das legendas para acompanhar um produto audiovisual.

De acordo com a OMS, há uma definição de limiares auditivos, ou seja, o quanto as pessoas conseguem ouvir dependendo do nível de perda auditiva do indivíduo. Por exemplo, a audição de pessoas sem nenhum tipo de deficiência auditiva varia entre os limiares auditivos abaixo de 20 dB e 25 dB, isto é, possuem nenhum ou quase nenhum problema para ouvir sons, podendo ouvir inclusive sussurros (WHO, 1991). Já as pessoas com perda auditiva leve ouvem em limiares entre 26 dB e 40 dB e conseguem ouvir e repetir palavras faladas em voz normal a 1 metro de distância (WHO, 1991).

Pessoas que apresentam perda auditiva moderada conseguem ouvir e repetir palavras faladas em voz alta a 1 metro de distância e possuem um limiar auditivo entre 41 dB e 60 dB. Pessoas com perda auditiva severa são capazes de ouvir algumas palavras quando gritadas no ouvido com melhor audição e possuem um limiar auditivo entre 61 dB e 80 dB (WHO, 1991). Por fim, na perda auditiva profunda, os indivíduos possuem limiares acima de 81 dB e não conseguem ouvir ou entender sons mesmo através de gritos (WHO, 1991).

Como a grande maioria dos respondentes possui surdez profunda (42 respondentes), seguida de sete respondentes com surdez severa (ou seja, 49 respondentes possuem um grau

elevado de perda auditiva), é possível inferir que, ao assistir algum tipo de produto audiovisual, esses indivíduos dependam totalmente ou quase totalmente das legendas.

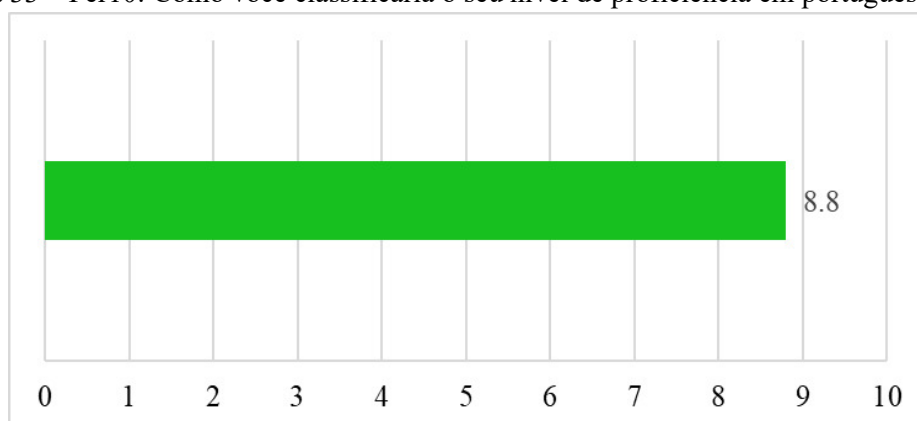
Desse modo, até a nona pergunta do questionário, o perfil que se estabelece é de uma maioria de respondentes que se identificam como pessoas surdas, em uma faixa etária entre 29 e 40 anos, que moram na região Sul e Sudeste do Brasil, com a maioria possuindo a Libras como sua L1 e o português como sua L2, além de um grau de surdez profunda ou severa. Esse perfil é similar ao encontrado por Oliveira (2022), onde o pesquisador, ao considerar um total de 16 participantes surdos para testar a recepção de efeitos sonoros na Legendagem Descritiva, recrutou pessoas surdas tendo a Libras como sua L1, apresentando também surdez profunda pré-linguística, com uma idade média de 28,75 anos. Nesse mesmo sentido, na pesquisa realizada por Shokoohmand e Khoshsaligheh (2024), a maioria dos participantes surdos também se declararam como pessoas com surdez profunda — sendo que, nesse estudo, os pesquisadores recrutaram 78 pessoas com algum grau de deficiência auditiva.

Esse dado é importante pois o grau de surdez exerce influência na forma como as pessoas surdas consomem produtos audiovisuais e se relacionam com as legendas. Por exemplo, uma pessoa com surdez profunda não tem a mesma relação com filmes do gênero musical do que uma pessoa com um grau de surdez leve — sendo necessário, em um mundo ideal, que as legendas descritivas se adaptem às necessidades desse indivíduo com surdez profunda. Desse modo, saber o grau de surdez dos participantes, além de nos mostrar um perfil mais completo das pessoas que participaram da pesquisa, é prática comum das pesquisas de recepção sobre Legendagem Descritiva realizadas tanto no Brasil quanto no exterior.

Entretanto, não é apenas o grau de surdez que pode influenciar a forma como os respondentes consomem produtos audiovisuais e se relacionam com as legendas. O nível de proficiência em português escrito (ou na língua oral escrita, a depender do país) também desempenha um papel fundamental para compreender se as críticas dirigidas às legendas se referem, de fato, à sua qualidade ou à dificuldade de compreensão decorrente da modalidade escrita da língua em que estão apresentadas.

Desse modo, dando seguimento ao questionário, na décima pergunta, as 51 pessoas surdas e quatro pessoas com deficiência auditiva que responderam ao questionário indicaram, em uma barra de rolagem que ia de zero (nenhuma proficiência) até 10 (totalmente proficiente), seu nível de proficiência em português escrito. O objetivo dessa pergunta era averiguar como é a relação dos respondentes com o português escrito e, conseqüentemente, com as legendas em português. Os respondentes afirmaram ter uma média 8,8 de fluência em português escrito, como pode ser visualizado na Figura 33.

Figura 33 – Per10: Como você classificaria o seu nível de proficiência em português escrito?



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Como as pessoas surdas foram convidadas a indicar seu nível de proficiência em Libras utilizando uma barra de rolagem que variava de 0 (nenhuma proficiência) a 10 (totalmente proficiente), para fins de análise qualitativa essa escala foi categorizada em cinco níveis: 0 a 2 – nenhuma ou muito baixa proficiência; 3 a 4 – baixa proficiência; 5 a 6 – proficiência mediana; 7 a 8 – boa proficiência; 9 a 10 – alta ou total proficiência. Como a média obtida foi 8,8, pode-se afirmar que os respondentes apresentam um nível próximo de alta ou total proficiência em Libras.

Percebe-se que essa tendência do perfil de pessoas surdas — que possuem a língua de sinais de seu país como sua L1, são fluentes na mesma, mas também apresentam boa proficiência na língua escrita e têm grau profundo ou severo de surdez — se mantém em outras pesquisas de recepção que testam parâmetros da Legendagem Descritiva. É o caso de Shokoohmand e Khoshsaligheh (2024) e de Oliveira (2022), cujos participantes surdos também declararam a língua de sinais de seu país, Língua de Sinais Persa e Libras, respectivamente, como sua primeira língua. Esse dado é interessante, pois demonstra certo grau de uniformidade no perfil dos participantes de diferentes pesquisas, o que possibilita uma comparação, discussão e cotejamento mais consistentes entre os resultados — guardadas as devidas proporções de contexto social, geográfico e cultural.

Além disso, é inegável a importância das línguas de sinais na vida das pessoas surdas, bem como a garantia de seu direito linguístico de acessar informações em sua primeira língua. Por isso, é fundamental assegurar, sempre que possível, a presença da interpretação⁷³ em Língua de Sinais e de legendas em qualquer forma de veiculação, evitando que essas modalidades de

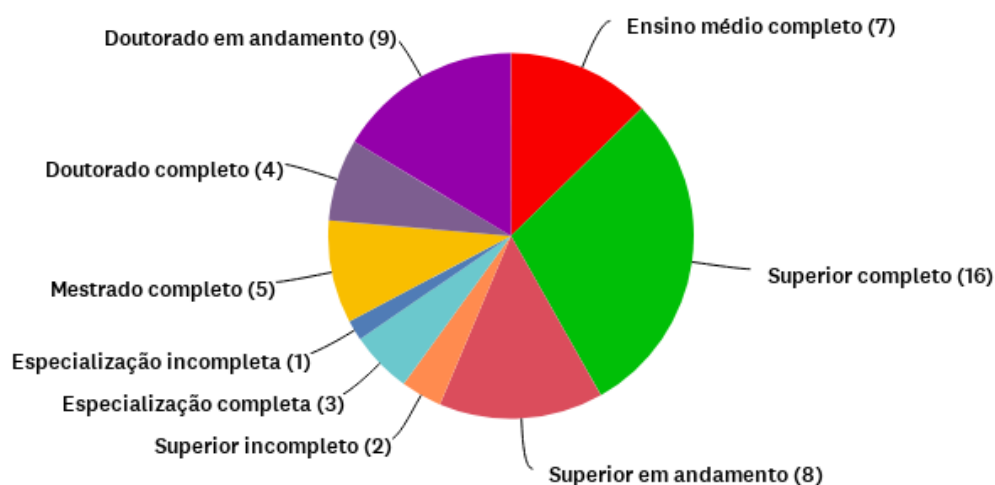
⁷³ Como o foco deste trabalho não é comparar a recepção de diferentes modalidades de tradução, como a interpretação midiática para língua de sinais e a Legendagem, não iremos nos aprofundar nessa temática. Recomendamos a leitura de Wehrmeyer (2014) e Gökce (2018) para mais informações.

tradução se excluam mutuamente. Entretanto, ainda há um longo caminho a percorrer na conscientização da sociedade e dos provedores de informação acerca das necessidades linguísticas e de acessibilidade midiática das comunidades surdas.

Na sequência, a última pergunta da Seção de Informações Gerais do questionário abordou o nível de escolaridade dos respondentes. O objetivo era compreender a “maturidade intelectual” dos participantes e concluir a definição de seu perfil. Dentre os 55 respondentes, a maioria afirmou ter Ensino Superior Completo (16 respostas). Também se observou um número expressivo de pessoas com Doutorado em andamento (nove respondentes) e Ensino Superior em andamento (oito respondentes).

Por outro lado, notou-se um número reduzido de pessoas com Especialização Completa (três respondentes) e Incompleta (um respondente), bem como apenas dois participantes com Ensino Superior Incompleto. Além disso, cinco respondentes declararam ter Mestrado Completo e quatro, Doutorado Completo. Finalmente, sete pessoas — um número relativamente alto dentro do grupo — afirmaram ter apenas o Ensino Médio Completo. Esses dados podem ser visualizados na Figura 34.

Figura 34 – Per12: Nível de escolaridade



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Percebemos, no geral, que, a partir das respostas, obtivemos um perfil de respondentes com nível elevado de escolaridade. Dividindo o grupo em dois — aqueles que já acessaram o Ensino Superior e aqueles que nunca o acessaram —, temos 48 respondentes que já tiveram acesso ao Ensino Superior e apenas sete que nunca o fizeram. Esse dado pode estar relacionado

a habilidades linguísticas e cognitivas mais desenvolvidas, o que influencia a forma como os participantes interpretam, compreendem e interagem com os materiais utilizados na pesquisa, como o questionário, os vídeos para testar a recepção das legendas, entre outros.

Outras pesquisas de recepção sobre Legendagem Descritiva também costumam levantar esse tipo de dado. Por exemplo, em Silva (2025), dentre 16 participantes surdos, apenas um não havia tido acesso ao Ensino Superior; já entre os sete participantes ensurdecidos, apenas dois não tinham tido esse acesso. A mesma tendência foi observada em Oliveira (2022), em que todos os surdos possuíam formação básica, sendo um com ensino técnico, quatro com Ensino Superior incompleto, quatro com pós-graduação e sete com Ensino Superior completo.

Assim, levantamos aqui a hipótese — e também o alerta — de que as pesquisas de recepção acerca da Legendagem Descritiva tendem a alcançar majoritariamente pessoas surdas com maior nível de escolaridade, uma vez que estas estão mais inseridas em contextos institucionais e acadêmicos. No entanto, é fundamental que os estudos de recepção também consigam atingir o público surdo que não circula nesses espaços, de modo a contemplar uma gama mais ampla de demandas, preferências e realidades sociolinguísticas, garantindo maior representatividade e validade às análises realizadas.

Além disso, o grau de escolaridade pode indicar exposição prévia a determinados conteúdos, tecnologias ou línguas (como o português escrito, a Libras formal ou o discurso acadêmico), o que pode afetar diretamente as preferências e expectativas dos participantes. Também é importante considerar que o nível de escolaridade está associado a fatores socioeconômicos, como renda, acesso a recursos e oportunidades. Em geral, pessoas com maior escolaridade tendem a apresentar uma consciência crítica mais desenvolvida, razão pela qual conhecer o nível educacional dos participantes é fundamental para avaliar a diversidade da amostra e verificar como ela representa o público-alvo da pesquisa.

A pergunta 12 encerrava a primeira seção do questionário, dedicada às informações gerais dos respondentes e voltada a contextualizar suas respostas. O objetivo dessa seção foi traçar um perfil geral dos participantes, de modo a possibilitar, guardadas as devidas proporções, a realização de generalizações e a compreensão mais clara do perfil do público surdo que consome produtos audiovisuais com Legendagem Descritiva no Brasil.

Nesse sentido, após o levantamento do perfil geral dos respondentes, a seção seguinte do questionário passou a apresentar questões centradas na relação dos participantes com produtos audiovisuais, com o objetivo de compreender melhor suas preferências, hábitos de consumo e posicionamentos em relação à Legendagem. Na próxima seção, serão expostos os

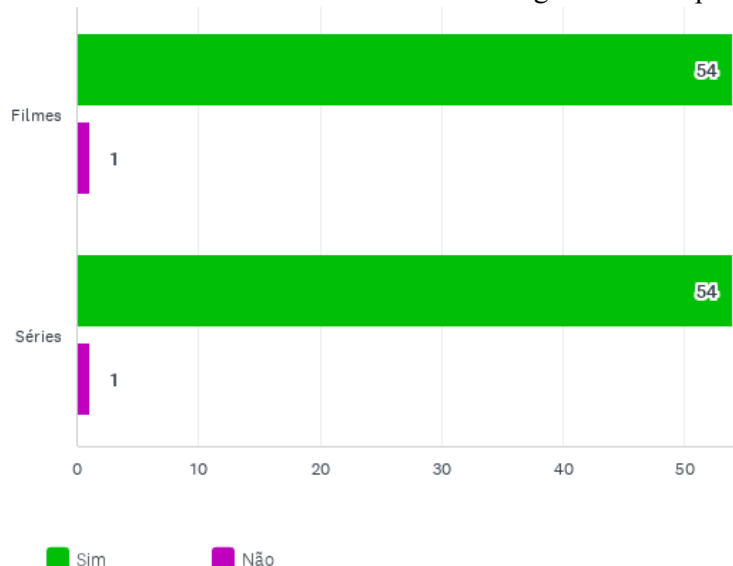
resultados da terceira parte do questionário, intitulada “Preferências sobre produtos audiovisuais”.

4.1.3 Seção 3 do questionário: Preferências sobre produtos audiovisuais

Dando continuidade ao questionário, após a primeira seção com 12 perguntas (Informações Gerais), na segunda seção os participantes responderam a seis perguntas acerca de suas preferências sobre produtos audiovisuais. Essa seção tinha como objetivo compreender melhor a relação dos respondentes com produções audiovisuais, incluindo a frequência de consumo de produtos legendados, como filmes e séries.

A primeira pergunta dessa seção, a pergunta 13, buscou identificar se os respondentes assistiam a filmes e séries com legendas em português. Em outras palavras, o objetivo foi mensurar o quão “íntimos” os participantes eram da Legendagem, ou seja, seu nível de letramento em Legendagem, conforme proposto nesta pesquisa. Obtivemos um resultado significativo: dentre os 55 respondentes, apenas um indivíduo afirmou não assistir a filmes e séries legendados em português, ao passo que 54 afirmaram que assistiam. As respostas podem ser observadas no gráfico da Figura 35.

Figura 35 – Per13: Você assiste a filmes e séries legendados em português?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Esse tipo de pergunta é recorrente em pesquisas de recepção sobre Legendagem, pois a rejeição à Legendagem, por parte de algumas pessoas surdas, pode não estar relacionada à qualidade do recurso em si, mas sim à falta de familiaridade com essa modalidade de tradução

audiovisual. Em certos casos, a recusa pode decorrer da preferência por outras formas de tradução mais habituais ou confortáveis, como a interpretação em língua de sinais. Isso evidencia a importância de considerar a diversidade de experiências, repertórios e expectativas do público surdo ao generalizar resultados.

Essa também é uma preocupação presente em pesquisas internacionais. Por exemplo, em Romero-Fresco (2016), no questionário aplicado a participantes surdos no Reino Unido — cujo foco era a Legendagem televisiva — foi perguntado se eles utilizavam legendas ao assistir TV. As opções de resposta eram: “todo o tempo”, “algumas vezes”, “apenas em programas específicos”, “nunca” e “nenhuma das opções”. Dentre os 434 participantes, 304 afirmaram que assistiam TV com legendas “todo o tempo”, seguidos por 91, 27, nove e três participantes, respectivamente, nas demais categorias (Romero-Fresco, 2016). Assim, a tendência observada entre os participantes surdos do Reino Unido foi semelhante à dos 55 participantes desta pesquisa.

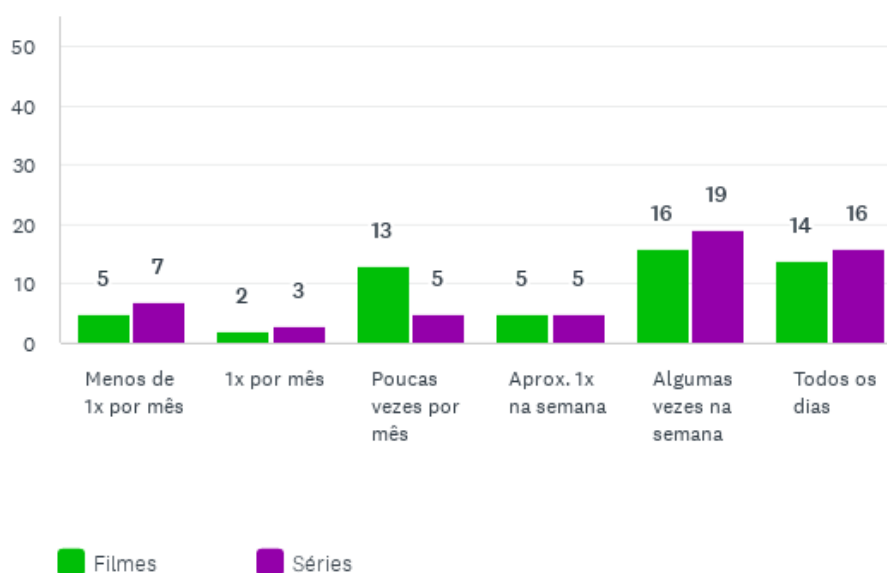
Ainda nesse contexto, Romero-Fresco (2016) destacou diferenças entre pessoas surdas e pessoas com deficiência auditiva no Reino Unido. Dentre os 434 participantes, 141 pessoas surdas e 161 com deficiência auditiva afirmaram assistir TV com legendas “todo o tempo”. Já na opção “algumas vezes”, 18 pessoas surdas e 68 pessoas com deficiência auditiva marcaram essa alternativa. Para “apenas em programas específicos”, votaram três pessoas surdas e 22 pessoas com deficiência auditiva. Na opção “nunca”, nenhuma pessoa surda votou, ao passo que sete pessoas com deficiência auditiva o fizeram. Por fim, na opção “nenhuma das opções”, duas pessoas surdas e uma pessoa com deficiência auditiva foram registradas.

Esses dados indicam que, no Reino Unido, pessoas surdas tendem a utilizar legendas de forma mais constante e recorrente do que pessoas com deficiência auditiva, o que pode estar relacionado ao grau de perda auditiva ou ao tipo de conteúdo consumido. Para o público surdo, as legendas parecem representar uma necessidade contínua de acesso à informação audiovisual, enquanto, para o público com deficiência auditiva, o uso é mais variável.

No caso de nossos respondentes, o único participante que afirmou não assistir a filmes e séries legendados em português se declarou como pessoa surda, com surdez profunda, tendo a Libras como L1 e o português como L2, sendo a Libras sua língua de maior conforto. Além disso, declarou possuir doutorado completo. Podemos inferir que se trata de um *outlier*, considerando o conjunto da amostra. Diferentemente do cenário observado por Romero-Fresco (2016) no Reino Unido, não foi possível identificar diferenças consistentes entre pessoas surdas e pessoas com deficiência auditiva neste estudo.

Na sequência, como forma de complementar a pergunta 13, os respondentes foram convidados a assinalar com que frequência assistiam a filmes e séries com legendas em português. Os resultados podem ser visualizados no gráfico da Figura 36.

Figura 36 – Per14: Atualmente, com que frequência você assiste a filmes e séries legendados em português?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Como pode ser observado no gráfico acima, a maioria dos participantes assinalou que assiste a conteúdos legendados com frequência. As categorias mais marcadas foram “Algumas vezes na semana” (35 pessoas no total, sendo 16 para filmes e 19 para séries) e “Todos os dias” (30 pessoas, 14 para filmes e 16 para séries). Esses dados indicam, possivelmente, um hábito consolidado de consumo de filmes e séries legendados entre os respondentes.

Curiosamente, quando comparadas as preferências entre filmes e séries, há uma leve tendência para que os respondentes assistam a séries com maior frequência. Por exemplo, na categoria “Todos os dias”, 53,33% (16 respondentes) afirmaram assistir a séries, enquanto 46,67% (14 respondentes) afirmaram assistir a filmes. Da mesma forma, em “Algumas vezes na semana”, 54,29% (19 respondentes) assistem a séries e 45,71% (16 respondentes) a filmes.

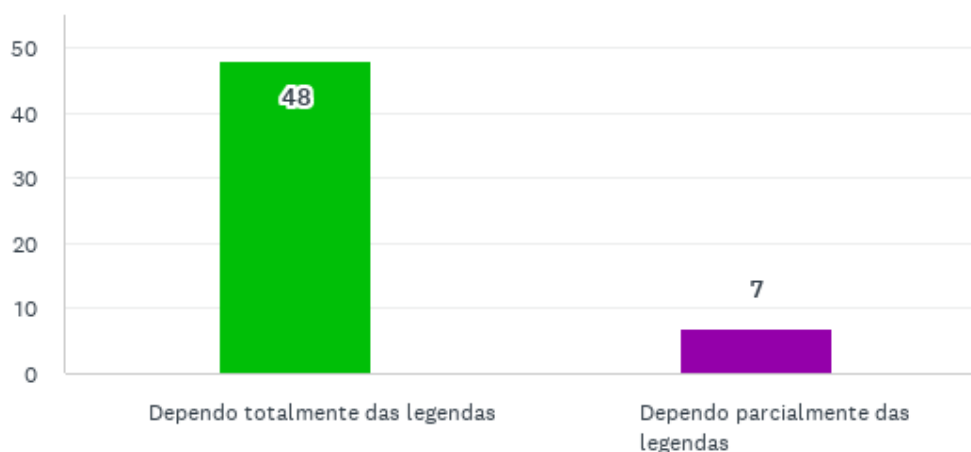
O que podemos depreender do resultado dessa pergunta é que o número de pessoas que consomem filmes e séries legendados com pouca frequência é relativamente baixo. Apenas 12 pessoas relataram assistir filmes e séries “Menos de 1x por mês”, cinco pessoas “1x por mês” e 18 participantes assinalaram “Poucas vezes por mês”, revelando que o uso esporádico é menos comum entre os participantes.

Os resultados obtidos indicam que o consumo de filmes e séries — assim como o uso de legendas em português, conforme apontado na pergunta anterior (Pergunta 13) — integra o cotidiano dos respondentes, com destaque para as séries, que parecem ocupar um espaço mais significativo no consumo frequente desse público. Esse tipo de questionamento é comum em estudos de recepção voltados à comunidade surda, como na publicação organizada por Romero-Fresco (2016). Por exemplo, na parte da pesquisa conduzida no Reino Unido, buscou-se investigar, entre outros aspectos, os hábitos de consumo televisivo da população surda, por meio da pergunta sobre o número de horas diárias dedicadas à televisão. Dentre 434 participantes surdos, 21 afirmaram assistir TV menos de uma hora por dia, 148 declararam assistir de duas a três horas por dia, e a maioria esmagadora, 401 respondentes, afirmou assistir programas de notícias (“*The News*”, em inglês). Assim, fica claro que a tendência de consumir com frequência materiais audiovisuais legendados é uma variável de interesse recorrente em pesquisas dessa natureza.

Esse tipo de dado também é influenciado pelo fato de determinados países serem tradicionalmente legendadores ou dubladores. O Brasil, por exemplo, no início da era da TV, se constituiu como um país predominantemente dublador. Na TV aberta, a acessibilidade midiática para pessoas surdas é limitada até hoje, visto que toda a programação é dublada. Por isso também perguntamos aos respondentes, mais adiante no questionário, por quais meios eles costumam assistir a produtos audiovisuais. Esses dados serão apresentados mais adiante neste texto. Ainda assim, já é possível perceber que nossos respondentes tendem a assistir a produtos audiovisuais com certa frequência.

Dando continuidade ao questionário, uma pergunta fundamental e complementar à anterior foi apresentada aos respondentes, a pergunta 15: “Qual a importância das legendas para que você tenha acesso a filmes e séries?”. Saber qual o nível de dependência das legendas por parte dos consumidores pode trazer insights importantes para legendistas e produtores de Legendagem no país. Para essa pergunta, obtivemos um total de 48 respondentes afirmando que dependem totalmente das legendas para ter acesso a filmes e séries, enquanto apenas sete pessoas afirmaram que dependem parcialmente. Esse dado pode ser visualizado no gráfico da Figura 37.

Figura 37– Per15: Qual a importância das legendas para que você tenha acesso a filmes e séries?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A maioria dos respondentes do questionário afirmou depender totalmente das legendas para ter acesso a filmes e séries, como pode ser observado na Figura 37. Este dado é corroborado pelo perfil da maioria dos respondentes: 42 pessoas com surdez profunda (que não conseguem ouvir praticamente nenhum som) e sete pessoas com surdez severa (que podem ouvir apenas sons muito altos, como o barulho de um avião em decolagem). Dentre as sete pessoas que afirmaram, na pergunta 15, depender apenas parcialmente das legendas, um indivíduo possuía surdez leve (e também se declarou como pessoa com deficiência auditiva e não como pessoa surda), um indivíduo possuía surdez moderada e os outros cinco declararam ter surdez profunda.

É interessante destacar que pessoas com surdez profunda podem ter diferentes níveis de audição devido a uma série de fatores, como ter nascido surdas, ter perdido a audição ao longo da vida, o uso de implantes cocleares, entre outros. A pergunta acerca do nível de surdez tinha o objetivo apenas de nortear o levantamento de perfil, de modo que as respostas da segunda seção (sobre as preferências acerca de produtos audiovisuais), como a pergunta 15 em questão, se complementam com os dados de perfil. O fato é que a maioria dos nossos respondentes (48 pessoas) depende totalmente das legendas para ter acesso a filmes e séries.

Em outras pesquisas de recepção, por exemplo, na realizada em sete países da Europa e organizada por Romero-Fresco (2016), também foi perguntado aos participantes com qual finalidade utilizavam legendas. No Reino Unido, mais da metade dos participantes afirmou que as legendas “eram a única forma de acessar o diálogo”. No mesmo projeto, porém na Alemanha (um país tipicamente dublador), entre os participantes surdos (253 pessoas), 72,3% afirmaram que as legendas os “ajudavam a entender” e 50,6% declararam que as legendas “eram a única

forma de acessar o diálogo”, mantendo a tendência encontrada no Reino Unido (um país tipicamente legendador). O Brasil, sendo um país tipicamente dublador, mantém essa tendência nos dados encontrados no questionário desta pesquisa, visto que a maioria dos participantes afirmou depender totalmente das legendas.

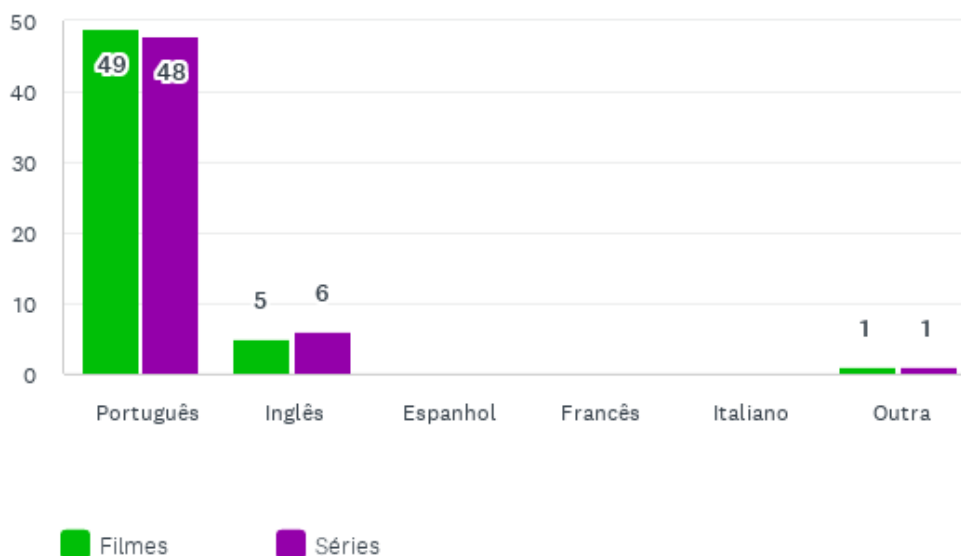
A noção de que pessoas surdas “dependem” das legendas varia conforme seus níveis de audição residual — algumas podem captar sons mais intensos, como explosões ou efeitos sonoros marcantes, o que pode influenciar sua experiência audiovisual. No entanto, reduzir a oferta de legendas apenas a uma questão de necessidade auditiva seria limitar a compreensão da acessibilidade a uma lógica funcionalista. O acesso às legendas deve ser concebido como um direito linguístico e de acessibilidade midiática para todas as pessoas, independentemente do grau de audição de cada indivíduo.

Além de não limitarmos a oferta de recursos de acessibilidade midiática ao grau de surdez do público, outro fator que não deve restringir a oferta de Legendagem é a língua-fonte das produções. Assim, a acessibilidade deve ser garantida não apenas em produções audiovisuais estrangeiras, mas também em produções nacionais. Esse é um debate de extrema importância, visto que defendemos que pessoas surdas não precisem escolher o que assistir pensando em qual filme ou série terá acessibilidade, mas sim que possam assistir a qualquer produção audiovisual de sua preferência, com seu direito assegurado.

Seguindo essa discussão, em nosso questionário também perguntamos aos participantes em qual idioma eram a maioria dos filmes e séries que consomem (Pergunta 16). Já temos os dados de que a maioria dos participantes consome produtos audiovisuais com legendas em português (Pergunta 13) e que também têm o hábito de assistir a filmes e séries (Pergunta 14). Agora, o objetivo era identificar em qual idioma se encontram essas produções.

Os resultados foram surpreendentes, pois a maioria dos respondentes assinalou, em duas linhas distintas (filmes e séries separadamente), que a maioria das produções que consomem é em português. Nossos resultados foram os seguintes: na categoria filmes, 49 participantes afirmaram assistir, na maioria das vezes, filmes em português e 5 pessoas declararam assistir, na maioria das vezes, filmes em inglês. Na categoria séries, 48 respondentes afirmaram assistir, na maioria das vezes, séries em português, e 6 pessoas declararam assistir, na maioria das vezes, séries em inglês. Um participante assinalou a opção “Outro idioma” e escreveu na seção de comentários: “As [sic] vezes eu assisto em português e troco para espanhol para treino e inglês”. Os dados referentes aos resultados da Pergunta 16 estão sistematizados na Figura 38.

Figura 38 – Per16: Em que idioma são, na maioria das vezes, os filmes e séries que você assiste?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Percebemos algumas questões a partir do resultado dessa pergunta. Surpreendentemente, o português é a língua-fonte na qual, na maioria das vezes, os respondentes assistem a filmes e séries — lembrando que a maioria também afirmou depender totalmente das legendas para ter acesso a esse tipo de conteúdo. Esse resultado é bastante significativo, especialmente no caso do Brasil, visto que as produções brasileiras que circulam na TV aberta, por exemplo, não possuem legendas — contando apenas com o CC. Por isso, para complementar a discussão desse dado, é importante saber onde a maioria dos respondentes assiste a filmes e séries, informação obtida na pergunta seguinte, cujos resultados serão exibidos a seguir.

O inglês recebeu uma votação ínfima em comparação ao português, contrariando a noção comum de que a maioria das produções audiovisuais consumidas no Brasil seriam provenientes dos Estados Unidos. Essa é uma ideia baseada na grande influência que produções em língua inglesa exercem no cenário audiovisual brasileiro — desde a disseminação do “*American Dream*” nos anos 1990 até os filmes e séries que marcaram gerações, sobretudo os clássicos das décadas de 1980 e 1990.

As três outras línguas nas quais os respondentes poderiam votar — espanhol, francês e italiano — não receberam nenhum voto. É importante destacar que a pergunta formulada utilizava a expressão “na maioria das vezes”, de modo que esse dado não significa que os respondentes nunca assistem a produções audiovisuais nessas línguas. Esse resultado abre espaço para refletir sobre o cenário audiovisual e a circulação do cinema estrangeiro no Brasil.

Há, no país, forte influência do cinema norte-americano, que domina grande parte das salas de exibição e plataformas de streaming, o que pode limitar a diversidade linguística acessível ao público. Teria sido relevante investigar também com que frequência os participantes assistem a filmes em outras línguas, como o cinema argentino ou de outros países latino-americanos, bem como em que medida consomem produções nacionais e por quais meios essas obras chegam até eles.

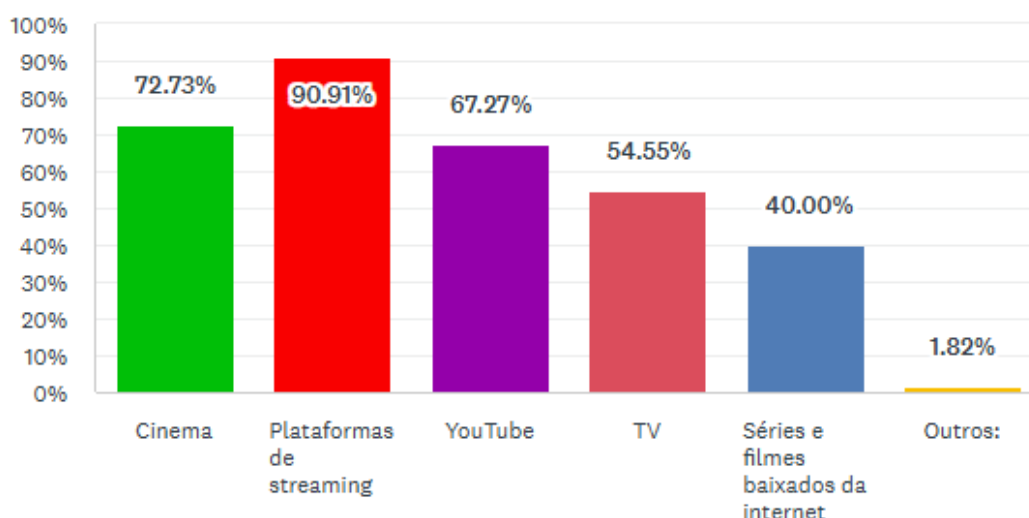
Esse resultado é relevante porque dialoga com um senso comum bastante difundido no Brasil: a ideia preconceituosa de que “filme brasileiro é ruim” e, portanto, pouco consumido pela população. Guardadas as devidas proporções do número de participantes da pesquisa, nossos dados mostram o contrário: a maioria dos respondentes assiste a filmes e séries em português. Assim, é possível inferir, de acordo com a visão geral dos dados, que consomem, majoritariamente, legendas intralinguais.

Outra questão interessante é que, no início da década de 2010, aproximadamente quando começaram a surgir as publicações acadêmicas sobre TAV no Brasil, a Legendagem Descritiva, ou LSE, era definida unicamente como uma modalidade de tradução intralingual (Araújo; Nascimento, 2011). Atualmente, essa noção já foi atualizada, e há consenso de que a Legendagem Descritiva pode ocorrer tanto de forma interlingual quanto intralingual. Assim, é interessante notar que a maioria de nossos respondentes consome, na maioria das vezes, legendas intralinguais — sejam elas descritivas ou não —, ou no formato de CC.

Ademais, outro fator relevante na formação dos hábitos audiovisuais diz respeito às condições de acesso — seja a cinemas, plataformas de streaming ou outros meios que, no contexto brasileiro, oferecem, em geral, maior nível de acessibilidade midiática. Em contrapartida, a televisão aberta no Brasil ainda apresenta diversas limitações nesse aspecto, especialmente no que se refere à exibição de filmes e séries majoritariamente dublados ou apenas com CC, o que restringe o acesso pleno de pessoas surdas ao conteúdo audiovisual. Apesar de a pesquisa aqui desenvolvida não tratar especificamente do acesso à TV, é importante refletir sobre o papel desse meio na vida de pessoas surdas.

De modo a complementar os dados sobre os hábitos de consumo dos participantes em relação a filmes e séries, a pergunta 16, penúltima da terceira seção do questionário, solicitava aos respondentes que indicassem, em uma lista com múltipla escolha, onde costumavam assistir a filmes e séries legendados. As opções eram: “Cinema”, “Plataformas de streaming”, “YouTube”, “TV”, “Séries e filmes baixados da internet” e “Outros”. A seguir, na Figura 39, apresentamos a distribuição das respostas obtidas.

Figura 39 – Per17: Onde você costuma assistir a filmes e séries legendados?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

As plataformas de *streaming* (90,91%) e o cinema (72,73%) foram as opções mais votadas pelos respondentes, seguidas pelo YouTube (67,27%) e pela TV (54,55%). A alternativa menos escolhida foi “séries e filmes baixados da internet”, com 40% dos votos. Houve ainda um voto em “Outros”, sem especificação, embora o questionário previsse que o respondente detalhasse sua escolha. Vale destacar que, por se tratar de uma pergunta de múltipla seleção, o número total de respostas supera o de participantes, já que cada indivíduo pôde assinalar diferentes opções de acordo com sua experiência de consumo.

Esses resultados mostram que o acesso a filmes e séries entre os participantes está fortemente associado a ambientes digitais sob demanda, especialmente às plataformas de *streaming*. Essa predominância pode ser explicada tanto pela variedade de conteúdos quanto pela presença, ainda que desigual, de recursos de acessibilidade. Outro dado que chama atenção é a relevância atribuída ao cinema, prática cultural que, apesar da queda no número de frequentadores no Brasil⁷⁴, continua significativa no grupo pesquisado.

A seguir, cada uma das opções selecionadas pelos participantes será brevemente descrita, partindo da menos assinalada (*downloads* da internet) até chegar à mais recorrente (plataformas de *streaming*).

As plataformas de *streaming*, como Netflix, Amazon Prime Video, Globoplay e outras, consolidaram-se como um dos principais meios de acesso a filmes e séries no Brasil. Com

⁷⁴ Em 2022, o público nos cinemas registrou uma recuperação de 82% em relação a 2021 (95,1 milhões de espectadores), porém ainda representava uma queda de 46,5% em comparação a 2019. Fonte: <https://www.gov.br/ancine/pt-br/assuntos/noticias/salas-de-cinema-mostram-forte-recuperacao-do-mercado-em-2022>. Acesso em 10 set. 2025.

assinatura paga e valores relativamente acessíveis para determinados perfis socioeconômicos, oferecem uma ampla variedade de conteúdos sob demanda. De acordo com dados do Pnad IBGE (2024), 42,1% dos lares brasileiros — cerca de 31,1 milhões — possuem pelo menos uma assinatura de *streaming*⁷⁵. Do ponto de vista da acessibilidade, a maioria dessas plataformas disponibiliza legendas em português, e muitas já incorporam recursos como Legendagem Descritiva e audiodescrição. Ainda assim, a qualidade e a presença desses recursos variam conforme o serviço e o título, embora, no geral, as plataformas de streaming se apresentem como o meio com maior diversidade de conteúdos e com mais opções de acessibilidade atualmente.

O cinema, por sua vez, embora venha enfrentando queda no número de frequentadores nos últimos anos, permanece como prática cultural significativa, sobretudo entre os participantes desta pesquisa. Como lembra Petrocínio (2020, p. 10), “até a década de 50, assistir a um filme só era possível se fossemos ao cinema”. No entanto, o acesso a esse espaço é condicionado por fatores como localização geográfica, infraestrutura e custo, o que pode restringir a ida ao cinema em cidades menores ou regiões periféricas. Em termos de acessibilidade, observa-se que a Legendagem nem sempre está disponível em sessões regulares, já que a preferência do público geral por versões dubladas tem levado os exibidores a reduzirem a oferta de sessões legendadas, muitas vezes concentrando-as apenas em horários menos atrativos, como o da última sessão noturna.

Já o YouTube, plataforma de acesso gratuito e de grande alcance no Brasil, abriga uma diversidade considerável de conteúdos — que vão desde produções independentes a disponibilizações não oficiais de filmes e séries. Entretanto, a Legendagem automática gerada por reconhecimento de voz, quando disponível, apresenta limitações, como erros de transcrição e ausência de Legendagem Descritiva. Criadores que adicionam legendas manuais ainda são minoria, o que compromete a experiência de usuários surdos.

A televisão continua sendo um meio de amplo acesso no Brasil, sobretudo para as camadas de menor renda⁷⁶. A TV aberta, com cobertura nacional, transmite filmes e séries nacionais e estrangeiros, sendo o CC um recurso obrigatório por lei. No entanto, problemas recorrentes, como atrasos, falhas de sincronização e traduções imprecisas, prejudicam a

⁷⁵ Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-08/presenca-de-tv-diminui-e-421-dos-lares-com-televisao-tem-streaming?utm_source=chatgpt.com Acesso em 10 set. 2025.

⁷⁶ IBGE – PNAD Contínua 2023: Apesar de ser uma tendência – menos residências com televisão, a pesquisa mostra que apenas 5,7% dos domicílios não possuem TV, ou seja, mais de 94% das residências brasileiras têm televisão, mesmo entre famílias de baixa renda. Fonte: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-08/presenca-de-tv-diminui-e-421-dos-lares-com-televisao-tem-streaming?utm_source. Acesso em 10 ago. 2025.

qualidade do recurso. Já a TV por assinatura, embora possa oferecer melhores condições técnicas, enfrenta barreiras de custo que limitam o acesso a esse serviço.

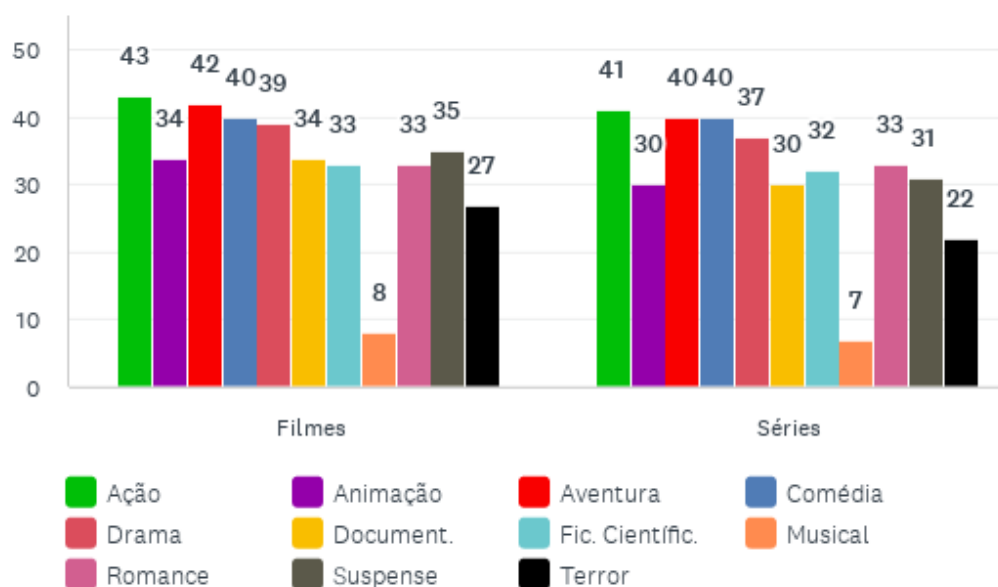
Por fim, o consumo de filmes e séries por meio de *downloads*, frequentemente realizado por vias informais, permanece presente, ainda que menos expressivo. Essa prática foi mais comum antes da popularização dos serviços de *streaming*. Nesses casos, a Legendagem geralmente é produzida por comunidades de fãs (*Fansubbing*) ou disponibilizada em sites de acesso gratuito, resultando em variações significativas de qualidade e, muitas vezes, ausência de legendas descritivas.

Assim, pode-se concluir que os participantes da pesquisa demonstram preferência por consumir filmes e séries principalmente em plataformas de streaming e no cinema. Esse perfil indica uma busca tanto por acessibilidade midiática — como a possibilidade de ativar legendas nas plataformas — quanto pela participação em práticas culturais socialmente relevantes, como a ida ao cinema.

Encerrando a Seção 3 do questionário, após a identificação dos meios preferidos de acesso a filmes e séries, investigou-se também quais gêneros cinematográficos são consumidos com maior frequência. A Pergunta 18, organizada em listas separadas para filmes e séries, permitia múltiplas respostas entre as opções “Ação”, “Drama”, “Romance”, “Animação”, “Documentário”, “Suspense”, “Aventura”, “Ficção Científica”, “Terror”, “Comédia” e “Musical”, além da alternativa “Outro”.

Os resultados dessa questão podem ser observados na Figura 40 a seguir, que apresenta a quantidade absoluta de votos para cada gênero. Como mostra a figura, os participantes indicaram seus gêneros preferidos separadamente para filmes e séries. Em ambos os formatos, o gênero ação destacou-se como o mais votado, com 43 menções para filmes e 41 para séries, evidenciando uma forte inclinação por narrativas dinâmicas, marcadas por ritmo acelerado e apelo visual. Aventura (42 votos para filmes e 40 para séries) e comédia (40 votos em ambos os formatos) também apresentaram índices elevados, revelando interesse por produções que combinam imaginação, entretenimento e humor.

Figura 40 – Per18: Qual gênero cinematográfico de filmes e séries você assiste com mais frequência?



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Na sequência, o gênero drama recebeu 39 votos para filmes e 37 para séries, seguido por suspense, com 35 votos para filmes e 31 para séries. Já ficção científica (33 votos para filmes e 32 para séries), documentário (34 e 30 votos) e romance (33 votos em ambos os formatos) apresentaram resultados bastante próximos, sugerindo uma preferência equilibrada por esses três gêneros entre os respondentes.

Em contrapartida, terror (27 votos para filmes e 22 para séries) e, sobretudo, musical (8 e 7 votos) foram os menos selecionados. A baixa adesão ao gênero musical pode estar relacionada à centralidade da trilha sonora e das canções nesse tipo de produção, o que pode dificultar a fruição plena quando os recursos de acessibilidade — em especial a Legendagem Descritiva — não estão adequadamente disponíveis. Esse dado, no entanto, não deve ser interpretado como falta de interesse de pessoas surdas por música ou musicais, mas sim como um indicativo da relevância de assegurar a presença de legendas descritivas em todos os gêneros audiovisuais, garantindo o direito de acesso universal.

Esses resultados dialogam com tendências já identificadas no consumo audiovisual no Brasil. Segundo pesquisa da Kantar IBOPE Media⁷⁷, 65% dos entrevistados afirmaram preferir filmes de ação e aventura, seguidos de 45% que elegeram a comédia como gênero favorito. Tal convergência reforça que os hábitos de consumo das pessoas surdas acompanhados nesta pesquisa se aproximam dos padrões gerais da audiência brasileira. Além disso, tais dados

⁷⁷ Disponível em: <https://gente.globo.com/o-brasileiro-no-escrinho-do-cinema/>. Acesso em 10 ago. 2025.

justificam a seleção de trechos de filmes e séries desses gêneros para a etapa seguinte do questionário⁷⁸, dedicada à análise de recepção da Legendagem.

Conclui-se, assim, a exposição da terceira seção do questionário, voltada ao mapeamento das preferências de consumo audiovisual dos participantes. Esse panorama é essencial para a contextualização dos resultados apresentados na última seção, na qual são discutidos especificamente os três parâmetros da Legendagem Descritiva investigados neste estudo.

4.1.4 Seção 4 do questionário: Legendagem Descritiva

A quarta e última seção do questionário iniciou-se com um bloco composto por três perguntas (números 19, 20 e 21), voltadas à percepção dos participantes sobre o grau de importância de três parâmetros da Legendagem Descritiva analisados nesta pesquisa. Para cada questão, os respondentes visualizavam uma captura de tela com um trecho de filme ou série no qual o parâmetro em destaque era exemplificado. Logo abaixo da imagem, aparecia uma barra de rolagem, de 0 a 100, por meio da qual os participantes indicavam o quanto consideravam aquele recurso importante. A extremidade esquerda correspondia a “nada importante” e a extremidade direita a “muito importante”.

Vale destacar que os valores numéricos (0 a 100) não eram exibidos diretamente aos respondentes. Eles apenas deslizavam o marcador de acordo com sua percepção subjetiva, e o sistema registrava automaticamente a posição escolhida. Para fins de análise, os valores foram agrupados em categorias, de modo semelhante a uma escala Likert, conforme segue:

- 0 a 20: Totalmente desimportante
- 21 a 40: Desimportante
- 41 a 60: Nem importante nem desimportante
- 61 a 79: Importante
- 80 a 100: Totalmente importante

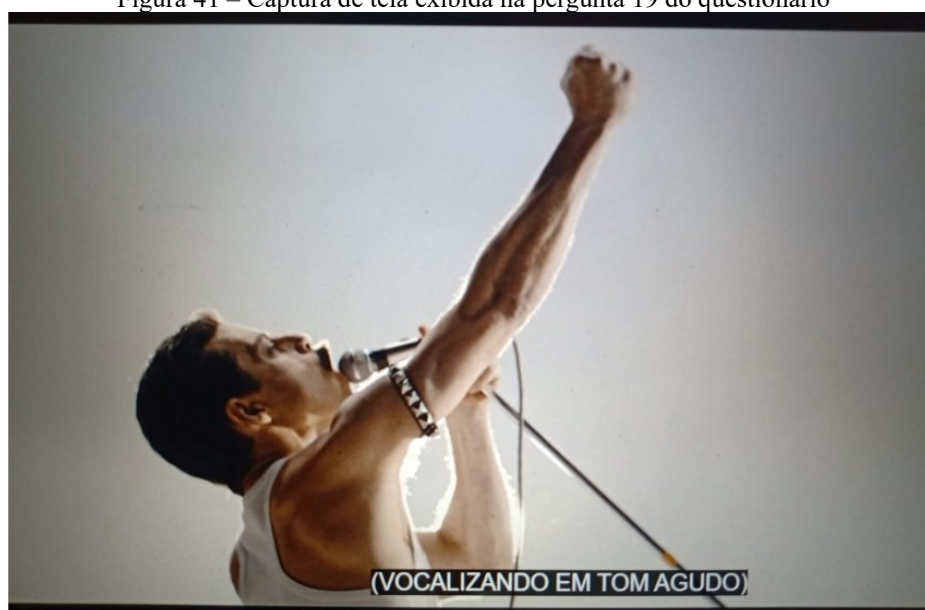
No presente estudo, os pontos de corte adotados (0–20, 21–40, 41–60, 61–80 e 81–100) foram definidos com o objetivo de facilitar a interpretação dos resultados e a apresentação

⁷⁸ Como já explicado, na última seção do questionário, os participantes assistiam a alguns trechos de filmes e séries legendados com diferentes estratégias de Legendagem Descritiva, e então deveriam votar em quais estratégias eram mais satisfatórias. O gênero dos trechos de filmes e séries foi comédia/romance/drama. Não escolhemos ação visto que geralmente esses filmes possuem pouco diálogo, e nosso objetivo era justamente testar diferentes tipos de parâmetros técnicos e tradutórios da Legendagem em cenas que favorecessem seu uso, que foram explicadas no Capítulo 2 desta tese.

dos dados. Reconhece-se, contudo, que tal categorização implica uma redução da granularidade da escala original (0–100), podendo levar a interpretações menos precisas em casos limítrofes (por exemplo, uma resposta 60 ser classificada como “neutra” e uma resposta 61 como “importante”). Trata-se de uma decisão analítica, voltada à clareza expositiva. Essa escolha, portanto, deve ser entendida como uma simplificação didática, que organiza as respostas em faixas de interpretação, ainda que com perda parcial da riqueza dos dados contínuos. Além disso, foram utilizados códigos de cores para representar cada categoria: vermelho (totalmente desimportante), amarelo (desimportante), verde (nem importante nem desimportante), roxo (importante) e azul (totalmente importante).

A primeira questão desse bloco, pergunta 19, foi intitulada: “Qual é o grau de importância da descrição de informações sonoras (músicas, sotaques, tons de voz e outros sons) nas legendas de filmes e séries, como na imagem a seguir:”. Logo abaixo, aparecia a referência da imagem apresentada: “Fonte: Filme *Bohemian Rhapsody*”. Dessa forma, os respondentes observavam o exemplo e, em seguida, atribuíam sua avaliação ao parâmetro da Legendagem referente à descrição de músicas e efeitos sonoros.

Figura 41 – Captura de tela exibida na pergunta 19 do questionário



Fonte: Filme *Bohemian Rhapsody* (2019).

Como pode ser observado na Figura 41, que apresenta uma cena do filme *Bohemian Rhapsody* (2019) — na qual o personagem principal, Freddie Mercury, aparece cantando e a legenda exibida entre parênteses indica: *(vocalizando em tom agudo)* — a pergunta 19 tratava da percepção dos respondentes quanto ao grau de importância da descrição de músicas e efeitos

sonoros em produções audiovisuais. O objetivo dessa questão era compreender se, para pessoas surdas, faz sentido que esse tipo de informação seja acrescentado nas legendas descritivas.

A maioria dos respondentes (29 indivíduos) avaliou que a descrição de informações sonoras é totalmente importante. Em seguida, nove pessoas consideraram o recurso totalmente desimportante, oito afirmaram que ele não é nem importante nem desimportante, sete pessoas classificaram como importante e apenas duas o avaliaram como desimportante. Esses resultados estão sistematizados no Quadro 9.

Quadro 9 – Grau de importância de efeitos sonoros e músicas nas legendas

CATEGORIZAÇÃO	QUANTIDADE DE RESPONDENTES
0-20: Totalmente Desimportante	9 respondentes
21-40: Desimportante	2 respondentes
41-60: Nem importante nem desimportante	8 respondentes
61-79: Importante	7 respondentes
80-100: Totalmente Importante	29 respondentes
TOTAL	55 respondentes

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Como pode ser observado no Quadro 9, a maioria dos respondentes considera que descrever músicas e efeitos sonoros nas legendas é totalmente importante. Ainda, se dividirmos os resultados em dois grandes grupos (29 + 7), 36 participantes avaliaram esse parâmetro como importante, em comparação com apenas 11 indivíduos (9 + 2) que o consideraram pouco ou nada relevante. Essa tendência indica que, para a maioria, esse recurso deve ser contemplado nas legendas descritivas.

Há diversas estratégias para indicar músicas e efeitos sonoros nas legendas. Entretanto, o objetivo da pergunta 19 não era investigar preferências formais de tradução, mas sim a percepção geral dos participantes sobre a relevância desse parâmetro tradutório. Nesse sentido, vale mencionar a pesquisa de recepção conduzida por Aleksandrowicz (2020), com 60 pessoas surdas, sobre a transmissão de emoções da música na Legendagem Descritiva. Nesse estudo, cerca de ¼ dos participantes afirmou preferir não ter nenhuma informação sobre música nas legendas, tendência mais frequente entre pessoas com perda auditiva profunda.

No presente questionário, uma hipótese inicial era de que os 9 respondentes que classificaram a descrição de músicas e efeitos sonoros como totalmente desimportante poderiam ser indivíduos com algum nível de audição residual, já que não dependeriam tanto

das legendas para esse tipo de informação. Entretanto, essa hipótese não se confirmou: apenas uma pessoa declarou ter surdez moderada (e se identificou como pessoa com deficiência auditiva), uma afirmou não saber seu grau de surdez e as demais 7 declararam surdez profunda. Além disso, todos esses respondentes afirmaram depender totalmente das legendas para acompanhar filmes e séries.

Esse dado desconstrói uma ideia comum de que pessoas surdas não veriam valor em legendas que indiquem música, seja por dificuldades de associar sons a emoções, seja por considerarem esse recurso dispensável. Ao contrário, os resultados apontam para a importância de se reconhecer que pessoas surdas têm o direito de acompanhar também os efeitos emocionais das músicas e dos sons em produtos audiovisuais. Essa perspectiva é confirmada pelos dados desta pesquisa: dentre 55 participantes, 39 avaliaram esse parâmetro como totalmente importante.

Passando ao próximo parâmetro analisado e, conseqüentemente, à pergunta seguinte do questionário — Pergunta 20 — os participantes foram apresentados a uma captura de tela de um filme de animação em que as legendas de cada personagem apareciam em cores distintas (brancas e amarelas). A pergunta era intitulada: “Qual é o grau de importância do uso de diferentes cores nas legendas para diferenciar os personagens, como na imagem a seguir?”. Logo abaixo, constava a informação sobre a fonte da imagem: “Fonte: Filme *Soul*”. Assim, os respondentes observavam a cena e, em seguida, indicavam, na barra de rolagem, o quão importante consideravam esse parâmetro da Legendagem — o uso de cores para diferenciar personagens.

Como ilustra a Figura 42, a cena selecionada do filme *Soul* (2019) apresenta dois personagens em diálogo — o protagonista, Joe, cujas falas estavam legendadas em branco, e a personagem Dorothea, cujas falas apareciam em amarelo. O objetivo dessa questão foi verificar a percepção dos respondentes quanto à utilidade de cores distintas para indicar quem está falando. Para ouvintes, essa distinção costuma ocorrer naturalmente pela variação timbrística e tonal das vozes; já para pessoas surdas, o recurso visual poderia cumprir a função de marcar o turno de fala, reduzindo ambigüidades na compreensão da cena.

Figura 42 – Captura de tela exibida na Pergunta 20 do questionário



Fonte: Filme Soul (2019).

Os resultados apontam uma clara tendência: 39 respondentes consideraram o recurso totalmente importante, contra apenas oito que o classificaram como totalmente desimportante. Outros seis participantes afirmaram que o parâmetro não era nem importante nem desimportante, enquanto apenas dois o avaliaram como importante. Nenhum respondente classificou o uso de cores como desimportante. Os dados sistematizados podem ser visualizados no Quadro 10.

Quadro 10 – Grau de importância do uso de cores para diferenciar falantes nas legendas

Categorização	Quantidade de respondentes
0-20: Totalmente Desimportante	8 respondentes
21-40: Desimportante	0 respondentes
41-60: Nem importante nem desimportante	6 respondentes
61-79: Importante	2 respondentes
80-100: Totalmente Importante	39 respondentes
TOTAL	55 respondentes

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Como pode ser observado no Quadro 8, a maioria dos respondentes considera que utilizar diferentes cores nas legendas para diferenciar os falantes de um filme ou série é

totalmente importante. Ainda, se dividirmos os resultados em dois grandes grupos (39+2), temos 41 participantes que julgaram esse parâmetro importante, em comparação com apenas 8 indivíduos (8+0) que o classificaram como não importante. Esse resultado indica que a maior parte dos respondentes acredita que esse recurso deve ser considerado na Legendagem Descritiva.

O uso de cores na Legendagem Descritiva para diferenciar falantes em tela ainda é pouco explorado no Brasil, sendo surpreendente que uma maioria tão expressiva dos respondentes o considere importante. Nenhum participante o classificou como desimportante, e apenas 8 indivíduos o marcaram como totalmente desimportante. Levantamos a hipótese de que esses 8 participantes poderiam pertencer a uma faixa etária mais avançada, atribuindo sua classificação negativa a um possível estranhamento e/ou à falta de hábito em acompanhar legendas que mudam de cor — recurso que, por exemplo, aparece cada vez mais em vídeos curtos de redes sociais como Instagram e TikTok, além de estar presente na Legendagem Amadora, frequentemente consumida por públicos mais jovens.

Quando observamos a faixa etária dos 8 participantes que classificaram o uso de cores como totalmente desimportante, encontramos: uma pessoa com 25 anos, uma com 27 anos, uma com 34 anos, uma com 36 anos, duas com 38 anos, uma com 41 anos e uma com 42 anos. Trata-se, portanto, de um grupo relativamente mais velho dentro da amostra.

No estudo de Shokoohmand e Khoshsaligheh (2024), conduzido no contexto iraniano com 78 pessoas surdas, a codificação por cores apresentou o maior índice de compreensão do estímulo audiovisual utilizado. Nesse caso, a média etária dos participantes era de 23,5 anos — um perfil um pouco mais jovem do que o dos respondentes da nossa pesquisa (35,3 anos). Apesar disso, os próprios autores destacam que houve uma “distribuição desproporcional de participantes entre os grupos etários, com metade pertencendo ao grupo de 30 a 39 anos” (Shokoohmand; Khoshsaligheh, 2024, p. 15, tradução nossa⁷⁹).

Diante disso, permanece incerto considerar a idade como variável determinante para explicar a avaliação do uso de cores nas legendas, especialmente porque, neste ponto do questionário, a questão se limitava a investigar se os participantes julgavam o parâmetro importante ou não. É possível considerar um recurso relevante, mas não se sentir plenamente satisfeito com sua aplicação durante a experiência de assistir a um filme ou série. Por essa razão, nas perguntas finais do questionário, os respondentes foram convidados a assistir a trechos reais de produções audiovisuais com esses parâmetros em uso, avaliando seu grau de satisfação —

⁷⁹ Tradução nossa de: “[...] *there was also a disproportional distribution of participants among age groups, with half being in the 30-39 group*”.

dados que serão apresentados posteriormente neste trabalho. Até aqui, contudo, nossos dados são consistentes: a maioria (39 participantes) considera que o uso de cores para diferenciar personagens em filmes e séries é totalmente importante.

Passando ao próximo parâmetro analisado, na pergunta 21 — a última desse bloco de três questões sobre o grau de importância dos parâmetros da Legendagem —, os participantes foram apresentados a uma captura de tela de uma cena do filme *Carnage*, em que as legendas eram deslocadas para acompanhar o posicionamento dos personagens na tela. A pergunta era intitulada: “Qual é o grau de importância da mudança do posicionamento das legendas para identificar o turno de fala dos personagens, como na imagem a seguir:” Logo abaixo, aparecia a referência à fonte da imagem: “Fonte: Filme *Carnage*.”

Assim, os respondentes observavam a cena apresentada e, em seguida, indicavam, por meio da barra de rolagem, o quanto consideravam importante o parâmetro da mudança de posicionamento das legendas para diferenciar os personagens em tela.

Desse modo, fica incerto vincular a idade como a variável principal para avaliar a importância do uso de cores nas legendas, considerando que, nesse ponto do questionário, apenas se indagava aos participantes se o parâmetro era importante ou não. É possível considerar um recurso da Legendagem relevante, mas não se sentir plenamente satisfeito com sua aplicação durante a experiência de assistir a um filme ou série. Por essa razão, nas perguntas finais do questionário, os respondentes assistiram a trechos reais de produções audiovisuais com esses parâmetros em uso e avaliaram seu grau de satisfação — dados que serão apresentados mais adiante neste trabalho. Até aqui, contudo, nossos resultados são claros: a maioria (39 participantes) considera que o uso de cores para diferenciar personagens em filmes e séries é totalmente importante.

Passando ao próximo parâmetro analisado na pesquisa, correspondente à pergunta 21 — a última do bloco de três questões sobre o grau de importância dos parâmetros da Legendagem —, os participantes foram apresentados a uma captura de tela de uma cena do filme *Carnage*, em que as legendas eram deslocadas para acompanhar o posicionamento dos personagens na tela. A pergunta era formulada da seguinte maneira: “Qual é o grau de importância da mudança do posicionamento das legendas para identificar o turno de fala dos personagens, como na imagem a seguir:”. Logo abaixo, aparecia a referência da fonte da imagem: “Fonte: Filme *Carnage*”.

Assim, os respondentes observavam a cena apresentada e, em seguida, indicavam, por meio da barra de rolagem, o quanto consideravam importante o parâmetro da mudança de posicionamento das legendas para diferenciar os personagens em tela.

Figura 43 – Captura de tela exibida na Pergunta 21 do questionário



Fonte: Filme Carnage (2011)

Como pode ser observado na Figura 43, que apresenta uma cena do filme *Carnage* (2011), vê-se uma captura de tela em que os personagens aparecem com uma legenda centralizada — traduzindo a fala do personagem masculino em cena — e uma legenda deslocada para a direita, representando a fala da personagem que aparece de costas, no lado direito da tela. Assim, o objetivo da pergunta 21 foi identificar a percepção dos participantes quanto ao grau de importância da mudança de posicionamento das legendas para acompanhar os personagens em tela.

A maioria dos respondentes (32 indivíduos) votou que a mudança de posicionamento das legendas seria totalmente importante. Em seguida, 10 pessoas avaliaram o parâmetro como totalmente desimportante; sete indivíduos o consideraram nem importante nem desimportante; cinco apontaram que era desimportante; e apenas uma pessoa o classificou como importante. Esses resultados podem ser visualizados no Quadro 11.

Quadro 11 – Grau de importância da mudança de posicionamento para diferenciar falantes nas legendas

Categorização	Quantidade de respondentes
0-20: Totalmente Desimportante	10 respondentes
21-40: Desimportante	5 respondentes
41-60: Nem importante nem desimportante	7 respondentes
61-79: Importante	1 respondente
80-100: Totalmente Importante	32 respondentes
Total	55 respondentes

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Como mostra o Quadro 9, a maioria (32 pessoas) considera que mudar o posicionamento das legendas para diferenciar os falantes de um filme ou série é totalmente importante. Ainda, se dividirmos os resultados em dois grandes grupos (32+1), temos 33 participantes que consideram o parâmetro importante, em comparação com 15 indivíduos (10+5) que o consideram não importante. Esse resultado indica que a maioria dos respondentes acredita que esse recurso deve ser considerado na Legendagem Descritiva. No entanto, a diferença entre os dois grupos (importante e não importante) é menos expressiva do que a observada nos outros parâmetros analisados, sugerindo uma maior divisão de opiniões quanto à relevância do deslocamento das legendas.

Esse resultado é interessante, pois o deslocamento de legendas para além da centralização inferior já é utilizado em situações específicas, como em sobreposições de placas ou informações textuais. Portanto, não se trata de um recurso totalmente inovador. Seu propósito, entretanto, é distinto, já que a mudança constante de legendas para “seguir” os personagens em tela ainda não é aplicada em larga escala na Legendagem industrial no Brasil, sendo mais comum no contexto da Legendagem amadora ou em vídeos que circulam em redes sociais.

No Brasil, a pesquisa conduzida por Araújo, Monteiro e Vieira (2013) testou a recepção de pessoas surdas em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro a partir de parâmetros do que as autoras chamam de modelo europeu de Legendagem: “nesse modelo, as legendas são colocadas *sobre os falantes*, com informações adicionais em amarelo e a legenda de cor branca” (Araújo; Monteiro; Vieira, 2013, p. 297, grifos nossos). Considerando que a legenda foi posicionada *sobre* os falantes, entendemos que seu deslocamento variou conforme a localização dos personagens na tela. As autoras concluíram que, inicialmente, esse formato causou estranhamento, especialmente entre os participantes de Belo Horizonte; entretanto, os dados mostraram que a compreensão geral do enredo do produto audiovisual testado foi preservada.

É possível que os dados obtidos em nossa pesquisa revelem tendência semelhante à identificada pelas autoras em 2013. Pode ter ocorrido que, em um primeiro momento, os respondentes tenham sentido estranhamento diante da captura de tela que exibia a legenda deslocada para a direita. No entanto, a recepção desse parâmetro pode se diferenciar quando aplicada na prática, ou seja, durante a exibição efetiva de um vídeo, em que fatores como movimento da cena, contexto visual e continuidade narrativa podem influenciar positiva ou negativamente a compreensão e a aceitação do recurso.

Antes de concluir a apresentação dos resultados sobre o grau de importância de cada parâmetro testado, exibimos, no Quadro 10, um comparativo com todos os parâmetros e as

opiniões dos 55 respondentes, apresentando tanto os números absolutos quanto as porcentagens correspondentes.

Quadro 12 – Grau de importância dos parâmetros da Legendagem testados na pesquisa

Parâmetro	Importante	Não importante
Descrição de músicas e efeitos sonoros	36 respostas (65,4%)	11 respostas (20%)
Legendas coloridas para diferenciar personagens	41 respostas (74,5%)	8 respostas (14,5%)
Mudança de posicionamento para diferenciar personagens	33 respostas (60%)	15 respostas (27,2%)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Observamos que a maioria dos respondentes considera os parâmetros importantes. O menos valorizado foi a mudança de posicionamento para identificação de falantes. Surpreendentemente, mais pessoas declararam que o uso de cores para diferenciar falantes é mais importante do que a descrição de músicas e efeitos sonoros — parâmetro já consolidado na Legendagem Descritiva no Brasil há anos, como mencionado nos primeiros trabalhos sobre LSE, por exemplo em Araújo e Nascimento (2011). A partir desse resultado, formulamos a hipótese de que a maioria dos participantes tenderia a demonstrar menor satisfação em relação à mudança de posicionamento das legendas para a identificação dos falantes. Contudo, reconhecemos que considerar um recurso importante não implica, necessariamente, estar satisfeito com sua aplicação.

Por esse motivo, nas seis perguntas seguintes do questionário foram exibidos trechos de vídeos legendados com tais parâmetros, a fim de investigar de forma mais precisa a recepção e as percepções dos respondentes. Cada parâmetro foi testado em dois vídeos (um com legenda controle e outro com legenda experimental). Ou seja, os participantes assistiram a cada vídeo duas vezes, legendado de formas diferentes, e avaliaram a satisfação por meio de uma barra de rolagem com valores de 0 a 100. A extremidade esquerda correspondia à opção “totalmente insatisfatórias” e a extremidade direita à opção “totalmente satisfatórias”.

Assim como nas perguntas 19, 20 e 21, os valores numéricos da barra (0 a 100) não eram visíveis para os participantes, que apenas deslocavam o marcador conforme sua percepção subjetiva. Para fins de análise, os dados foram transformados em categorias, semelhantes a uma escala Likert: 0–20 (totalmente insatisfatórias), 21–40 (insatisfatórias), 41–60 (nem insatisfatórias nem satisfatórias), 61–79 (satisfatórias) e 80–100 (totalmente satisfatórias). Códigos de cores também foram utilizados para distinguir cada categoria: vermelho para

totalmente insatisfatórias, amarelo para insatisfatórias, verde para nem insatisfatórias nem satisfatórias, roxo para satisfatórias e azul para totalmente satisfatórias.

As seis perguntas seguintes foram organizadas para testar as preferências em relação aos três parâmetros investigados: perguntas 22 e 23 (preferências sobre tradução de músicas), perguntas 24 e 25 (preferências sobre legendas coloridas) e perguntas 26 e 27 (preferências sobre posicionamento das legendas). Todos os vídeos podem ser acessados no *link* disponibilizado no Apêndice D. A seguir, serão apresentados os resultados de cada par de perguntas em conjunto, dispostos sequencialmente, seguidos da análise e discussão, com o intuito de comparar a recepção das duas estratégias de Legendagem: a legenda controle e a legenda experimental.

4.1.4.1 Perguntas 22 e 23: tradução de músicas

Dando continuidade ao questionário, nas Perguntas 22 e 23, os respondentes foram convidados a avaliar dois trechos da série *Brooklyn 99*, especialmente selecionados para testar suas preferências quanto à tradução de músicas na Legendagem Descritiva. A intenção dessa parte do instrumento era observar de que maneira diferentes estratégias de legendagem musical seriam recebidas pelo público-alvo, fornecendo indícios sobre a adequação, a clareza e a aceitabilidade das soluções tradutórias empregadas.

No caso da Pergunta 22, o enunciado foi formulado da seguinte maneira: “Como você avalia as legendas deste vídeo?”. Logo após ler a questão, os participantes assistiam ao chamado “trecho controle” da série, em que a tradução das músicas se apresentava de forma padronizada, seguindo um recurso bastante recorrente em legendagens convencionais: a adjetivação das músicas entre colchetes. Essa escolha buscou representar uma prática comum em contextos profissionais e comerciais de Legendagem, permitindo que os respondentes tivessem uma base de comparação com outras possibilidades de tradução musical a serem testadas em seguida.

Para ilustrar esse parâmetro tradutório, apresenta-se na Figura 44 uma captura de tela retirada de uma das partes do vídeo utilizado na testagem. Na cena em questão, os personagens cantam a conhecida música *I Want it That Way*, da banda estadunidense Backstreet Boys, momento icônico da série. As legendas exibidas indicavam [canta música pop] quando a canção era entoada individualmente ou por alguns personagens e, em outro momento, [todos juntos cantam música pop] quando a performance envolvia o grupo inteiro. Essa solução representava o padrão de Legendagem adotado como controle, contra o qual os participantes poderiam manifestar suas percepções de clareza, utilidade e adequação. Assim, esse trecho cumpria um

papel metodológico essencial: servir de ponto de referência para a análise das preferências sobre estratégias alternativas de tradução de músicas na Legendagem Descritiva.

Figura 44 – Exemplo de tradução de músicas na pergunta 22 do questionário



Fonte: Brooklyn 99 (2013-2021), legendas elaboradas pela autora

Assim, objetivo da pergunta 22 era descobrir qual era o nível de preferência dos respondentes sobre a Legendagem de músicas utilizando a estratégia de adjetivação das mesmas, conforme Figura 28 a partir da exibição do vídeo controle. Nossos resultados demonstram que: 18 indivíduos votaram que ficaram totalmente satisfeitos com esse parâmetro e 14 pessoas ficaram totalmente insatisfeitos com a adjetivação das músicas entre colchetes. Seguindo os resultados, 10 pessoas sentiram que as legendas do vídeo não eram nem satisfatórias nem insatisfatórias, sete indivíduos ficaram insatisfeitos com as legendas e seis pessoas demonstraram estar satisfeitos com a tradução das músicas entre colchetes. Os resultados podem ser observados de forma sistematizada no Quadro 13.

Quadro 13 – Grau de satisfação com as legendas que apresentam a adjetivação das músicas entre colchetes (vídeo controle)

Categorização	Quantidade de respondentes
0-20: Totalmente Insatisfeito	14 respondentes
21-40: Insatisfeito	7 respondentes
41-60: Nem satisfeito nem insatisfeito	10 respondentes
61-79: Satisfeito	6 respondentes
80-100: Totalmente Satisfeito	18 respondentes
TOTAL	55 respondentes

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

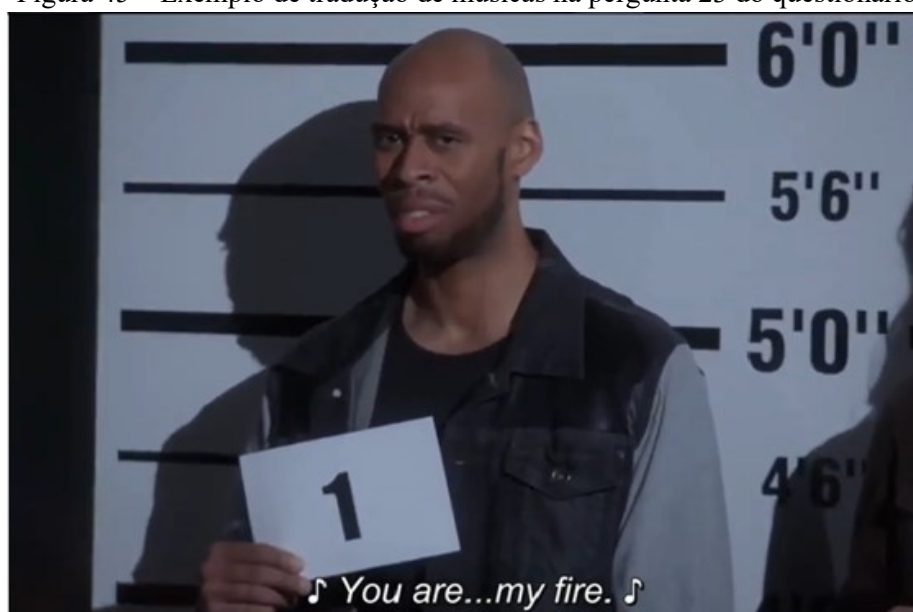
Como pode ser observado no Quadro 13, a maioria dos respondentes (18 pessoas) ficou totalmente satisfeita com as legendas que utilizavam a adjetivação de músicas, embora uma quantidade significativa de indivíduos tenha se declarado totalmente insatisfeita (14 respondentes). Ainda, se dividirmos os resultados em dois grandes grupos (18+6), temos 24 participantes que, em geral, se sentiram satisfeitos com as legendas, em comparação com 21 indivíduos (14+7) que não demonstraram satisfação. Essa pequena diferença (24 satisfeitos contra 21 insatisfeitos) indica que, por uma margem estreita, a maioria dos participantes se mostrou satisfeita com as legendas que apresentavam as músicas adjetivadas entre colchetes.

No Brasil, tradicionalmente, músicas são apresentadas dessa forma na Legendagem Descritiva de produtos estrangeiros exibidos em plataformas de streaming, o que pode explicar a satisfação geral com esse tipo de estratégia: o fato de que espectadores surdos estão habituados a esse padrão. Essa também foi a razão pela qual adotamos esse tipo de estratégia de tradução de músicas como nossas legendas controle. Nascimento (2018) afirma que, quando as legendas de efeitos sonoros — e aqui incluímos também a trilha sonora — são traduzidas sem considerar sua relevância, pode ocorrer perda de conteúdo por parte do espectador. Desse modo, selecionamos um trecho de série no qual a música desempenha papel central no gatilho de humor da cena, como já explicado na seção de Metodologia deste trabalho.

O objetivo ao legendar a música no vídeo controle *MusI* com a indicação “[música pop]” foi compreender se essa estratégia — em comparação com a transcrição da letra da mesma música em seu idioma original — seria percebida como mais ou menos satisfatória pelos participantes. Cabe destacar que se tratava de uma Legendagem Interlingual, aplicada a uma cena em que os personagens mencionavam elementos culturais específicos, como o nome de uma banda norte-americana e o título da música em questão.

Apresentamos, a seguir, os resultados da pergunta 23, que permitem comparar e discutir as duas estratégias de tradução de músicas. A pergunta 23 foi apresentada da seguinte forma: “Como você avalia as legendas deste vídeo?”. Em seguida, os respondentes assistiam ao trecho experimental da série *Brooklyn 99*, legendado com a transcrição da música em seu idioma original, inglês. A Figura 45 mostra uma captura de tela de uma das cenas utilizadas, destacando o parâmetro tradutório testado nessa pergunta.

Figura 45 – Exemplo de tradução de músicas na pergunta 23 do questionário



Fonte: Brooklyn 99 (2013-2021), legendas elaboradas pela autora.

Como pode ser observado na Figura 45, nas cenas da série *Brooklyn 99* em que os personagens cantavam a música *I Want it That Way*, da banda estadunidense Backstreet Boys, as legendas apresentavam a transcrição da letra em itálico, acompanhada do símbolo musical no início e no final. Quando todos os personagens cantavam juntos, aparecia a indicação [todos juntos], seguida da transcrição da letra. Esse correspondeu ao trecho experimental da testagem das preferências sobre a tradução de músicas na Legendagem Descritiva.

O objetivo da pergunta 23, portanto, era identificar o nível de preferência dos respondentes em relação à Legendagem de músicas utilizando a transcrição da letra no idioma original. Nossos resultados demonstram que 28 indivíduos declararam estar totalmente satisfeitos com esse parâmetro, enquanto 12 se mostraram satisfeitos com a transcrição da letra da música em inglês. Além disso, sete participantes afirmaram estar nem satisfeitos nem insatisfeitos, cinco se disseram insatisfeitos e apenas três avaliaram essas legendas como totalmente insatisfatórias. Esses resultados podem ser visualizados de forma sistematizada no Quadro 14 a seguir.

Quadro 14 – Grau de satisfação com as legendas que apresentam a transcrição da letra da música (vídeo experimental)

Categorização	Quantidade de respondentes
0-20: Totalmente Insatisfeito	3 respondentes
21-40: Insatisfeito	5 respondentes
41-60: Nem satisfeito nem insatisfeito	7 respondentes

61-79: Satisfeito	12 respondentes
80-100: Totalmente Satisfeito	28 respondentes
TOTAL	55 respondentes

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Conforme pode ser observado nos resultados da pergunta 23, a transcrição das músicas obteve um nível mais elevado de satisfação entre os respondentes. Ao dividir as respostas em dois grandes grupos, verificamos que 40 participantes (28+12) se declararam satisfeitos com essa estratégia de tradução, enquanto apenas oito indivíduos (3+5) manifestaram insatisfação. Esse dado indica que, mesmo a transcrição da letra da música sendo apresentada em uma língua estrangeira, o inglês, a maioria dos participantes demonstraram satisfação com essa estratégia de Legendagem.

A análise comparativa dos dados de satisfação em relação às duas estratégias de Legendagem revela uma clara preferência pela transcrição da letra da música (legendas experimentais) em detrimento da adjetivação entre colchetes (legendas controle). No vídeo experimental, 40 dos 55 participantes declararam-se satisfeitos ou totalmente satisfeitos com a transcrição literal da letra da canção exibida na cena, sendo 28 totalmente satisfeitos e 12 satisfeitos.

Em contraste, no vídeo controle, apenas 24 respondentes manifestaram satisfação com a estratégia de adjetivação da música, dos quais 18 estavam totalmente satisfeitos e seis satisfeitos. A insatisfação também apresentou diferença relevante: enquanto apenas oito respondentes se disseram insatisfeitos ou totalmente insatisfeitos com o vídeo experimental, esse número subiu para 21 no caso do vídeo controle. Além disso, a quantidade de participantes que se mostraram neutros (nem satisfeitos nem insatisfeitos) foi ligeiramente maior no controle (10 participantes) do que no experimental (sete participantes).

Excluindo as respostas neutras, a comparação da recepção das duas estratégias de tradução de músicas está sistematizada no Quadro 15 a seguir.

Quadro 15 – Comparação da recepção das legendas de tradução de músicas - Questionário

Recepção	Vídeo Controle [Canta música pop]	Vídeo Experimental ♪ <i>You are... my fire.</i> ♪
Satisfeitos	24 respondentes (43,6%)	40 respondentes (72,7%)
Insatisfeitos	21 respondentes (38,1%)	8 respondentes (14,5%)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Nossos dados demonstram que a transcrição da letra da música em seu idioma original — neste caso, em inglês — foi recebida de forma mais positiva pelos participantes do que a adjetivação da música entre colchetes, apontando para a hipótese de que uma Legendagem textual e informativa pode ser mais satisfatória para esse público do que uma estratégia mais “simplificadora”. A maior rejeição observada no vídeo controle pode indicar uma sensação de perda de conteúdo ou de falta de contextualização emocional/musical, elemento essencial na cena escolhida — já que tanto o policial protagonista, Jake Peralta, quanto o grupo de suspeitos de um crime cantam a música *I Want it That Way* com entusiasmo, gerando o gatilho de humor da cena.

Algumas considerações podem ser feitas a partir dos resultados das perguntas 22 e 23. Primeiramente, o fato de uma estratégia ou orientação de Legendagem estar consolidada e ser amplamente familiar ao público não implica, necessariamente, que seja a mais eficaz. No Brasil, por exemplo, palavrões não eram comumente legendados, mas suavizados ou até omitidos. Atualmente, é cada vez mais recorrente encontrá-los em legendas, em grande parte devido à atualização das normas de Legendagem das plataformas de *streaming* (Martinez, 2024; Moura, 2024). É por meio de estudos de recepção que se identificam as necessidades e preferências reais do público, mostrando que até parâmetros consolidados em determinado contexto podem se tornar obsoletos — como ocorreu com o apagamento de palavrões na Legendagem.

Em segundo lugar, diante da rejeição significativa às legendas controle, torna-se necessário desconstruir e problematizar a noção reducionista de que o público surdo necessita de legendas com número reduzido de caracteres e informações simplificadas. Essa perspectiva reforça estereótipos negativos e não contribui para a promoção da acessibilidade midiática. Ao contrário, é fundamental empoderar esses telespectadores, valorizando sua autonomia e sua capacidade de acompanhar cenas complexas, inclusive aquelas mediadas por canções cujo sentido pleno se constrói justamente pela presença da música.

Em terceiro lugar, o estereótipo de que pessoas surdas não gostam de música ou não se interessariam pela letra de uma canção em idioma estrangeiro precisa ser urgentemente desconstruído. Intuitivamente, e considerando o preconceito ainda enraizado em nossa sociedade, seria possível supor que as legendas experimentais — por apresentarem a letra da canção em inglês — seriam as menos bem avaliadas pelos participantes surdos. Tal suposição, no entanto, ignora a possibilidade de que pessoas surdas possam ter algum domínio do inglês ou interesse em aprender a língua por meio desse tipo de recurso. Pesquisas já apontam a utilização da Legendagem para a aprendizagem de L2, como demonstram Vulchanova e Lervåg (2021) e Monteiro, Vieira e Sousa (2023).

Além disso, o nome da música é dito pelo personagem e legendado com seu título original em inglês antes de ser cantada. Isso pode aguçar a curiosidade dos espectadores em ver a letra exibida na tela. Já a indicação entre colchetes [música pop] pode soar repetitiva, visto que cada um dos cinco suspeitos canta um trecho da canção e, ao final, todos cantam juntos — resultando em seis repetições da mesma legenda [canta(m) música pop].

Embora nossos dados revelem uma clara preferência dos participantes por uma estratégia específica de tradução de músicas, esse resultado não encontra respaldo no estudo de Aleksandrowicz (2020). Em sua pesquisa de recepção com 60 participantes surdos poloneses, diferentes formas de tradução de músicas não impactaram significativamente a avaliação dos respondentes. Desse modo, torna-se fundamental que mais estudos de recepção sejam realizados com pessoas surdas, ampliando o número de participantes e comparando outras estratégias de tradução — como a transcrição da letra traduzida — tanto no Brasil quanto no exterior.

Encerrando a discussão sobre os resultados referentes às duas estratégias de Legendagem de músicas, passamos, a seguir, à apresentação e análise dos dados sobre a recepção do parâmetro de uso de legendas coloridas para identificação de falantes, especificamente nas perguntas 24 e 25.

4.1.4.2 Perguntas 24 e 25: uso de cores

Dando continuidade ao questionário, nas perguntas 24 e 25 os respondentes foram expostos a dois trechos da série *Friends*, com o objetivo de testar suas preferências quanto ao uso de diferentes cores nas legendas para diferenciar os falantes. A pergunta 24 foi apresentada da seguinte forma: “Como você avalia as legendas deste vídeo?”. Em seguida, os participantes assistiram ao vídeo experimental da série *Friends*, no qual os diálogos foram legendados utilizando uma cor para cada personagem, com todas as legendas centralizadas na parte inferior da tela. A Figura 46 apresenta uma captura de tela de uma das cenas utilizadas, destacando o parâmetro tradutório da Legendagem testado nessa pergunta.

Figura 46 – Exemplo de legendas coloridas na pergunta 24 do questionário



Fonte: Friends (1994-2004), legendas elaboradas pela autora.

Como pode ser observado na Figura 46, nas cenas da série *Friends* as falas de cada personagem eram legendadas com cores diferentes. Neste trecho, havia cinco personagens em cena; as cores utilizadas foram: branco, amarelo, verde, azul ciano e magenta. Cada cor foi individualmente atribuída a um personagem específico, e a ordem de escolha correspondeu à ordem de aparição e à quantidade de falas, conforme explicado na seção de Metodologia. Esse correspondeu ao trecho experimental da testagem de preferências sobre o uso de diferentes cores nas legendas para diferenciar o turno de fala dos personagens na Legendagem Descritiva.

O objetivo da pergunta 24, portanto, era identificar o nível de preferência dos respondentes em relação à Legendagem que utiliza cores distintas para identificar os personagens, conforme exemplificado na Figura 46. Os resultados demonstram que 18 indivíduos declararam estar totalmente satisfeitos com esse parâmetro, enquanto 14 consideraram que as legendas do vídeo não eram nem satisfatórias nem insatisfatórias. Além disso, 9 participantes se mostraram totalmente insatisfeitos, outros 9 se disseram insatisfeitos e 5 afirmaram estar satisfeitos com o uso de legendas coloridas. Esses resultados podem ser visualizados de forma sistematizada no Quadro 16 a seguir.

Quadro 16 – Grau de satisfação com o uso de cores nas legendas para identificar os personagens (vídeo experimental)

Categorização	Quantidade de respondentes
0-20: Totalmente Insatisfeito	9 respondentes
21-40: Insatisfeito	9 respondentes

41-60: Nem satisfeito nem insatisfeito	14 respondentes
61-79: Satisfeito	5 respondentes
80-100: Totalmente Satisfeito	18 respondentes
TOTAL	55 respondentes

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Como pode ser observado no Quadro 14, um número relevante de participantes (18 pessoas) ficou totalmente satisfeito com as legendas que utilizavam diferentes cores, embora a mesma quantidade de indivíduos tenha se mostrado insatisfeita: 18 respondentes (9 totalmente insatisfeitos e 9 insatisfeitos). Assim, se dividirmos os resultados em dois grandes grupos (18+5), temos 23 participantes que, em geral, se sentiram satisfeitos com as legendas, em comparação com 18 indivíduos (9+9) que não se sentiram contemplados por esse parâmetro de Legendagem. É interessante notar também a quantidade expressiva de pessoas que não se declararam nem satisfeitas nem insatisfeitas com o uso das cores nas legendas.

Esses dados revelam não apenas uma divisão equilibrada entre os que aprovaram e os que reprovaram o uso de cores, mas também a presença de um grupo significativo de participantes que se mostraram indiferentes ao recurso — um dado que merece atenção, pois sugere que, para essa parcela, o parâmetro aparentemente não exerceu impacto perceptível em sua recepção.

No Brasil, as cores tradicionalmente utilizadas na Legendagem Descritiva são o amarelo e o branco, de modo que, em uma determinada produção audiovisual, as legendas costumam ser exibidas uniformemente em uma única cor. Conforme exposto no Capítulo 2, o uso de cores na Legendagem varia de acordo com o país e o tipo de produção. Mesmo no Brasil, a Legendagem amadora já adota, há algum tempo, a alternância de cores. Como o uso desse recurso para identificar personagens se torna cada vez mais comum em alguns países europeus, torna-se relevante investigar a percepção de pessoas surdas brasileiras acerca desse parâmetro.

Como apontado por Nascimento (2013; 2018), o modelo europeu de Legendagem inclui a alternância de cores, enquanto no Brasil a introdução do CC — modelo norte-americano de Legendagem produzida por reconhecimento de voz — se deu com legendas em letras brancas sobre fundo preto. Assim, está consolidado na literatura que o público brasileiro (seja surdo ou ouvinte) está habituado a assistir produções audiovisuais — nacionais ou estrangeiras, no cinema ou em plataformas de streaming — com legendas exibidas uniformemente em uma única cor.

Dessa forma, o objetivo ao legendar o trecho da série *Friends* com diferentes cores para identificar os personagens foi compreender se essa estratégia — em comparação com a utilização de legendas brancas acompanhadas dos nomes dos personagens entre colchetes — seria percebida como mais ou menos satisfatória pelos participantes. Cabe ressaltar que se tratava de um trecho com grande número de falantes, conversando em ritmo acelerado e com falas praticamente sobrepostas — cenário especialmente adequado para testar a recepção da identificação de falantes.

A pergunta 25 foi apresentada da seguinte forma: “Como você avalia as legendas deste vídeo?”. Em seguida, os respondentes assistiram ao trecho controle da série *Friends*, legendado com todas as legendas em branco e apresentando o nome dos personagens entre colchetes. A Figura 47 mostra uma captura de tela de uma das cenas utilizadas, destacando o parâmetro tradutório testado nessa pergunta.

Figura 47 – Exemplo do vídeo controle exibido na pergunta 25 do questionário



Fonte: Brooklyn 99 (2013-2021), legendas elaboradas pela autora.

Assim, utilizou-se o nome de cada personagem entre colchetes no início da legenda para indicar o turno de fala. No entanto, em situações em que apenas um personagem estava em foco — como no caso de Ross, que atuava como narrador da cena —, seu nome deixou de ser repetido após já ter sido previamente identificado. Essa escolha contribuiu para evitar poluição visual e o uso desnecessário de caracteres, prática recomendada inclusive pelo Guia de Legendagem da Netflix para inglês/EUA: “apenas usar a identificação de falantes entre

colchetes quando o falante não puder ser identificado visualmente⁸⁰”. (*Netflix Timed Text Style Guide; SDH — English/USA*).

O objetivo da pergunta 25, portanto, era identificar o nível de preferência dos respondentes em relação ao uso de legendas brancas com a identificação de falantes entre colchetes, conforme exemplificado na Figura 47 a partir da exibição do vídeo controle. Nossos resultados demonstram que 36 indivíduos declararam estar totalmente satisfeitos com esse parâmetro, enquanto 6 afirmaram não estar nem satisfeitos nem insatisfeitos. Além disso, cinco participantes relataram estar satisfeitos, e a mesma quantidade de respondentes se mostrou insatisfeita ou totalmente insatisfeita com as legendas do vídeo controle. Esses resultados podem ser observados de forma sistematizada no Quadro 17.

Quadro 17 – Grau de satisfação com legendas brancas que apresentam o nome dos personagens entre colchetes (vídeo controle)

Categorização	Quantidade de respondentes
0-20: Totalmente Insatisfeito	4 respondentes
21-40: Insatisfeito	4 respondentes
41-60: Nem satisfeito nem insatisfeito	6 respondentes
61-79: Satisfeito	5 respondentes
80-100: Totalmente Satisfeito	36 respondentes
TOTAL	55 respondentes

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Conforme pode ser observado nos resultados da pergunta 25, as legendas brancas com uso de colchetes obtiveram um nível mais elevado de satisfação. Ao dividir as respostas em dois grandes grupos, verifica-se que 41 pessoas (36+5) ficaram satisfeitas com essa estratégia de tradução, enquanto apenas oito indivíduos (4+4) manifestaram insatisfação. Esse dado indica que as legendas que apresentam uma cor uniforme (neste caso, a branca) e exibem o nome dos personagens entre colchetes para identificá-los na cena foram bem recebidas pelos participantes.

A estratégia de Legendagem que utiliza apenas uma cor uniformemente em toda a produção audiovisual e identifica os falantes entre colchetes é amplamente empregada no Brasil, o que pode explicar a grande aceitação por parte dos respondentes. Além disso, a

⁸⁰ Tradução nossa de: “Only use speaker IDs in brackets when the speaker cannot be visually identified”.

quantidade de pessoas que se mostraram indiferentes a esse parâmetro também foi relativamente pequena — apenas 6, dentro do grupo de 55 participantes.

A análise comparativa dos dados de satisfação dos respondentes em relação às duas estratégias de Legendagem revela uma clara preferência pelas legendas brancas (vídeo controle) em detrimento das legendas coloridas (vídeo experimental). No vídeo controle, 41 dos 55 participantes declararam-se satisfeitos ou totalmente satisfeitos com as legendas brancas, sendo 36 totalmente satisfeitos e 5 satisfeitos. Já no vídeo experimental, 23 pessoas se mostraram satisfeitas com as legendas coloridas, enquanto 18 indivíduos relataram insatisfação.

Essas informações podem ser visualizadas de forma sistematizada no Quadro 18 a seguir:

Quadro 18 – Comparação entre a recepção das legendas coloridas e legendas brancas - Questionário

Recepção	Vídeo Controle Legendas Brancas + [Nome do Personagem]	Vídeo Experimental Legendas Coloridas
Satisfeitos	41 respondentes (74,5%)	23 respondentes (41,8%)
Insatisfeitos	8 respondentes (14,5%)	18 respondentes (32,7%)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A comparação entre os dados apresentados no Quadro 16 demonstra que a recepção das legendas brancas foi mais positiva do que a das legendas coloridas. No caso das legendas coloridas, observa-se uma divisão equilibrada entre os que se mostraram satisfeitos (23 pessoas) e os que expressaram insatisfação (18 pessoas). Embora o grupo que aprovou a estratégia seja ligeiramente superior, chama atenção o número expressivo de participantes que adotaram uma postura neutra (14 pessoas), o que aponta para uma possível indiferença ou até mesmo dificuldade de avaliação diante desse recurso visual.

Já no caso das legendas brancas com uso de colchetes para indicar o turno de fala, a resposta foi significativamente mais positiva. Com 41 respondentes satisfeitos em comparação com apenas 8 insatisfeitos, essa estratégia se destacou como a mais bem recebida. Esse resultado já havia sido indicado em Naves *et al.* (2016), que, ao revisarem estudos anteriores, destacam que pesquisas com surdos brasileiros — como Araújo (2008) e Araújo e Nascimento (2011) — apontam preferência pelo uso de colchetes, conforme a convenção com a qual já estão habituados.

Esse resultado também é corroborado no estudo de Araújo (2008), em que a autora, ao testar o uso de legendas coloridas com consumidores surdos, constatou que a maioria preferiu

os colchetes — justamente por se tratar de uma estratégia consolidada no contexto brasileiro. O mesmo, contudo, não foi verificado em pesquisas realizadas em outros países. O estudo conduzido na Polônia por Szarkowska, Żbikowska e Krejtz (2013) indicou que as legendas coloridas tiveram recepção positiva entre participantes surdos. Já na pesquisa de Shokoohmand e Khoshsaligheh (2024), conduzida no Irã, concluiu-se que “a codificação por cores resultou em níveis de compreensão do conteúdo significativamente superior em comparação ao uso da marcação dos nomes [dos personagens]” (Shokoohmand; Khoshsaligheh, 2024, p. 1, tradução nossa⁸¹).

Algumas considerações podem ser feitas a partir dessa discussão. Primeiramente, como o modelo europeu de Legendagem utiliza cores diferentes, é compreensível que pessoas surdas que vivem em países europeus — e também no Irã, que sofre forte influência desse modelo — tendam a preferir ou não estranhar o uso de legendas coloridas. O mesmo não ocorre no Brasil, onde, com exceção da Legendagem amadora e da crescente disseminação de vídeos em redes sociais, o público não está habituado a esse recurso, preferindo legendas uniformes (brancas ou amarelas) com uso de colchetes.

Em segundo lugar, o número relativamente expressivo de participantes que se declararam satisfeitos com as legendas coloridas evidencia o potencial dessa estratégia, ainda que seus resultados, neste primeiro contato, tenham sido inferiores aos da legenda controle. Levanta-se, assim, a hipótese de que, em um cenário de exposição contínua e prolongada, a recepção possa se tornar mais favorável. Isso se justifica pelo fato de que o nível de rejeição no grupo experimental não foi acentuadamente elevado: entre os 55 participantes, 23 se mostraram satisfeitos, 18 relataram insatisfação e 14 permaneceram neutros.

Em terceiro lugar, o uso de diferentes cores nas legendas pode gerar confusão, especialmente em cenas com muitos personagens. Neves (2005) explica que esse excesso pode sobrecarregar os espectadores, o que ajuda a compreender parte da rejeição observada. Embora estudos realizados em países como Polônia e Irã indiquem que legendas coloridas possam ser bem recebidas, isso provavelmente decorre da familiaridade dos espectadores com esse modelo e de preferências socioculturais específicas.

Dessa forma, conclui-se, a partir dos resultados das perguntas 24 e 25, que a uniformidade da cor — neste caso, branca —, associada à identificação dos falantes por meio de colchetes, contribuiu para uma experiência de recepção mais fluida e confortável. Esse

⁸¹ Nossa tradução de: “*Color-coding caused significantly better content comprehension scores than tagging*”.

resultado reforça a importância de considerar hábitos culturais e convenções já consolidadas no contexto brasileiro.

Dando continuidade ao questionário, a próxima etapa investigou outra estratégia de identificação de falantes: a mudança de posicionamento das legendas.

4.1.4.3 Perguntas 26 e 27: posicionamento das legendas

Dando continuidade ao questionário, nas duas últimas perguntas (26 e 27) os respondentes foram expostos a dois trechos do filme *Carnage*, com o objetivo de testar suas preferências em relação ao posicionamento das legendas para diferenciar os falantes. A pergunta 26 foi apresentada da seguinte forma: “Como você avalia as legendas deste vídeo?”. Em seguida, os participantes assistiram ao vídeo controle do filme *Carnage*, no qual os nomes dos personagens apareciam entre colchetes e todas as legendas eram centralizadas na parte inferior da tela. A Figura 48 apresenta uma captura de tela de uma das cenas utilizadas, destacando o parâmetro tradutório testado nessa pergunta.

Figura 48 – Exemplo de legendas centralizadas e com uso de colchetes para identificar falantes na pergunta 26 do questionário



Fonte: Carnage (2011), legendas elaboradas pela autora.

Como pode ser observado na Figura 48, no vídeo controle os diálogos foram legendados com a identificação dos personagens entre colchetes, mantendo as legendas centralizadas na parte inferior da tela. Essa diretriz é amplamente utilizada no Brasil, sendo a forma como a Legendagem tradicionalmente circula no país — apesar de, com o advento das

tecnologias digitais, as legendas interativas e a Legendagem criativa se fazerem cada vez mais presentes. Assim, na pergunta 26 foi exibido o trecho controle da testagem das preferências sobre o uso de colchetes com legendas centralizadas, em comparação com o deslocamento das legendas para diferenciar o turno de fala dos personagens na Legendagem Descritiva.

O objetivo da pergunta 26, portanto, era identificar o nível de preferência dos respondentes em relação à Legendagem que utiliza colchetes para indicar os personagens e é centralizada na parte inferior da tela, conforme ilustrado na Figura 48. Nossos resultados demonstram que 34 indivíduos declararam estar totalmente satisfeitos com esse parâmetro, enquanto 8 consideraram as legendas satisfatórias. Além disso, cinco participantes avaliaram as legendas como totalmente insatisfatórias e outros cinco como “nem satisfatórias nem insatisfatórias”. Por fim, apenas três pessoas se mostraram insatisfeitas. Esses resultados podem ser visualizados no Quadro 19 a seguir.

Quadro 19 – Grau de satisfação com legendas centralizadas na parte inferior da tela e com o uso de colchetes para identificar os personagens (vídeo controle)

Categorização	Quantidade de respondentes
0-20: Totalmente Insatisfeito	5 respondentes
21-40: Insatisfeito	3 respondentes
41-60: Nem satisfeito nem insatisfeito	5 respondentes
61-79: Satisfeito	8 respondentes
80-100: Totalmente Satisfeito	34 respondentes
TOTAL	55 respondentes

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Como pode ser observado no Quadro 19, um número significativo de participantes (34 pessoas) ficou totalmente satisfeito com as legendas centralizadas na parte inferior da tela e com o uso de colchetes para identificar os personagens. Ainda, se dividirmos os resultados em dois grandes grupos (34+8), temos 42 participantes que, em geral, se mostraram satisfeitos com as legendas, em comparação com apenas oito indivíduos (5+3) que não se sentiram contemplados por esse parâmetro de Legendagem. Nota-se também que apenas cinco pessoas permaneceram neutras em relação ao vídeo controle, o que demonstra que as opiniões foram bastante marcadas.

Essa diferença de 34 pessoas — o que representa um saldo positivo de 61,9 pontos percentuais a favor da estratégia apresentada no vídeo controle — revela que esse parâmetro foi recebido de forma positiva pelos respondentes. Tal resultado não surpreende, visto que, no

Brasil, esse tipo de estratégia de Legendagem é amplamente utilizado e recomendado pelos Guias de Legendagem.

Na Legendagem industrial, o posicionamento das legendas é tradicionalmente na parte inferior e central da tela. Esse padrão foi consolidado a partir de uma série de estudos realizados desde os primórdios da Legendagem, principalmente relacionados com o processamento humano, a partir de estudos com rastreamento ocular analisando o comportamento da visão humana. A decisão de posicionar as legendas nessa localização está relacionada ao movimento ocular e à maior facilidade do olhar para acompanhar o texto na parte inferior, sem perder a absorção das imagens da produção audiovisual. Algumas pesquisas, como mencionado por Vieira (2016), apresentam que pessoas surdas podem tender a ter visão periférica ou parafoveal mais aguçada, o que favorece ainda mais esse posicionamento.

Assim, o objetivo ao legendar o trecho do filme *Carnage* utilizando diferentes posicionamentos para identificar os personagens foi compreender se essa estratégia — em comparação ao posicionamento “tradicional” na parte inferior e central da tela — seria percebida como mais ou menos satisfatória pelos participantes. Cabe ressaltar que se tratava de uma cena dinâmica, em que os personagens discutem intensamente, chegando inclusive a arremessar objetos, o que confere ritmo acelerado e agitação ao trecho selecionado.

A pergunta 27 foi apresentada da seguinte forma: “Como você avalia as legendas deste vídeo?”. Em seguida, os respondentes assistiram ao trecho experimental do filme *Carnage*, com mudança de posicionamento das legendas para “seguirem” os personagens em tela. A Figura 49 ilustra uma das cenas utilizadas, destacando o parâmetro tradutório da Legendagem testado nessa pergunta.

Figura 49 – Exemplo do vídeo experimental exibido na pergunta 27 do questionário



Fonte: Carnage (2011), legendas elaboradas pela autora.

Como pode ser observado, foram utilizadas legendas brancas neste trecho; entretanto, o nome de cada personagem entre colchetes, no início da legenda para indicar o turno de fala, não foi empregado. Procurou-se, ao máximo, posicionar as legendas na mesma região da tela em que se encontrava o respectivo personagem. Sabe-se que, na Legendagem tradicional, essas mudanças de posicionamento são realizadas apenas quando há algum recurso textual no vídeo que possa se sobrepor à legenda, e não com a finalidade de indicar aos espectadores a qual personagem pertence determinada fala.

O objetivo da pergunta 27, portanto, era identificar o nível de preferência dos respondentes em relação ao uso de legendas que mudassem de posição para desempenhar o papel de identificação de falantes, conforme ilustrado na Figura 49 a partir da exibição do vídeo experimental. Nossos resultados demonstram que 22 indivíduos declararam estar totalmente satisfeitos com esse parâmetro, enquanto 12 se mostraram totalmente insatisfeitos com as legendas que mudam de posição. Além disso, a mesma quantidade de participantes, 9 pessoas, se declarou satisfeita e neutra (nem satisfeita nem insatisfeita) em relação às legendas do vídeo experimental. Por fim, apenas três pessoas relataram estar insatisfeitas. Esses resultados podem ser observados de forma sistematizada no Quadro 20.

Quadro 20 – Grau de satisfação das legendas com mudança de posicionamento para identificar falantes (vídeo experimental)

Categorização	Quantidade de respondentes
0-20: Totalmente Insatisfeito	12 respondentes
21-40: Insatisfeito	3 respondentes

41-60: Nem satisfeito nem insatisfeito	9 respondentes
61-79: Satisfeito	9 respondentes
80-100: Totalmente Satisfeito	22 respondentes
TOTAL	55 respondentes

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Conforme pode ser observado nos resultados da pergunta 27, ao dividir as respostas em dois grandes grupos, verifica-se que 31 pessoas (22+9) se declararam satisfeitas com essa estratégia de tradução, enquanto apenas 15 indivíduos (12+3) manifestaram insatisfação. Esse dado indica que o uso de legendas que mudam de posição para marcar o turno de fala foi, em geral, bem aceito entre os participantes. Os números também sugerem que, embora tenha havido certa resistência por parte de uma parcela dos respondentes — possivelmente relacionada a diferentes fatores —, essa estratégia apresenta potencial promissor. Isso se deve ao fato de que os telespectadores já estão acostumados a observar mudanças de posicionamento das legendas em outros contextos (como para evitar sobreposição com informações visuais do vídeo), de modo que esse recurso não lhes é totalmente estranho — ao contrário do uso de legendas coloridas, que ainda é menos familiar ao público surdo brasileiro.

A análise comparativa dos dados de satisfação em relação às duas estratégias de Legendagem revela, no entanto, uma clara preferência pelas legendas centralizadas (vídeo controle) em detrimento das legendas que mudam de posição (vídeo experimental). No vídeo controle, 42 dos 55 participantes declararam-se satisfeitos ou totalmente satisfeitos com as legendas brancas, sendo 34 totalmente satisfeitos e oito satisfeitos. Já no vídeo experimental, 31 pessoas relataram satisfação com as legendas deslocadas e 15 afirmaram estar insatisfeitas. Essas informações podem ser visualizadas de forma sistematizada no Quadro 21:

Quadro 21 – Comparação da recepção das legendas centralizadas e legendas com mudança de posicionamento - Questionário

Recepção	Vídeo Controle legendas centralizadas + [nome do personagem]	Vídeo Experimental mudança de posicionamento
Satisfeitos	42 respondentes (76,3%)	31 respondentes (56,3%)
Insatisfeitos	8 respondentes (14,5%)	15 respondentes (27,2%)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os dados apresentados no quadro comparativo revelam uma preferência evidente por parte dos respondentes em relação à legenda centralizada com uso de colchetes para

identificação do falante (vídeo controle). Essa estratégia obteve 42 avaliações positivas, representando uma maioria expressiva em contraste com apenas 8 respostas de insatisfação. Essa alta taxa de aprovação sugere que os participantes reconhecem tal estratégia como clara e não ambígua, em alinhamento com as convenções já estabelecidas na Legendagem Descritiva no Brasil — como já mencionado em Naves *et al.* (2016).

Por outro lado, a estratégia experimental, que consistia na mudança de posicionamento das legendas conforme o falante, foi avaliada positivamente por 31 participantes, o que representa uma recepção ainda significativa. No entanto, o número de insatisfeitos aumentou substancialmente: 15 respondentes demonstraram rejeição a esse parâmetro. Esse dado indica que, embora a proposta apresente potencial, ainda enfrenta certa resistência, possivelmente relacionada a algum tipo de confusão causada aos telespectadores. Isso porque, quando ocorre deslocamento de legendas na Legendagem tradicional, trata-se de algo esporádico (para evitar sobreposição com elementos visuais importantes); no vídeo experimental, entretanto, todas as legendas eram deslocadas sempre que possível.

Esse resultado encontra respaldo em Mangiron (2016), que, em pesquisa de recepção com surdos espanhóis, também identificou preferência pelas legendas centralizadas na parte inferior da tela. Entretanto, como esse estudo foi realizado no âmbito da Legendagem de jogos e com público da Espanha, generalizações devem ser feitas com cautela. Curiosamente, essa tendência não se manteve na pesquisa de Al-Adarbi (2020), conduzida no Catar, onde a maioria dos participantes surdos preferiu as legendas deslocadas para identificar os personagens em tela.

No caso da Polônia, em um estudo inserido na publicação de livro organizado por Romero-Fresco (2016) sobre recepção da Legendagem Descritiva em sete países europeus, Szarkowska, Krejtz, Kłyszajko e Wieczorek (2016) observaram que o uso da marcação de nomes apresentou os maiores índices de compreensão, seguido do deslocamento das legendas. Os autores ressaltaram que o resultado foi surpreendente, “considerando o quão incomum essa estrutura (uma marcação do nome junto com o diálogo) é no contexto polonês” (Szarkowska; Krejtz; Kłyszajko; Wieczorek, 2016, p. 239).

Essas pesquisas, somadas aos resultados das duas últimas perguntas do nosso questionário, demonstram que, de modo geral, estratégias inovadoras, como a legenda que se desloca em tela, podem ser bem recebidas por parte do público, mas ainda não superam, em termos de satisfação, as estratégias tradicionais consolidadas — centralização e uso de colchetes. Isso reforça a necessidade de novas pesquisas de recepção para avaliar o parâmetro

“posicionamento” na Legendagem Descritiva de filmes e séries, especialmente com o público surdo brasileiro.

A última pergunta do questionário (pergunta 28) consistia em um espaço aberto para comentários, críticas e sugestões. Um total de 16 respondentes deixaram mensagens, algumas parabenizando os pesquisadores pela iniciativa, outras destacando a relevância de avaliar a opinião de pessoas surdas sobre Legendagem. Alguns comentários, inclusive, são úteis para orientar futuras pesquisas. Um participante, por exemplo, escreveu: *“A pergunta sobre tipo de audição precisava de mais opções. Minha audição não é só profunda, é severa também.”* Essa observação é relevante, pois evidencia que há casos em que uma mesma pessoa pode apresentar surdez profunda em um ouvido e severa em outro, situação não contemplada pelas opções do questionário.

Quatro outros comentários merecem destaque. O primeiro:

Sim, gostei da ideia de usar cores para diferenciar cada personagem ou incluir o nome do personagem junto com a legenda do que ele disse. Enquanto os ouvintes conseguem perceber as vozes diferentes, as pessoas surdas podem identificar os personagens por meio de cores ou nomes, tornando a experiência mais acessível e inclusiva.

Esse participante se mostrou satisfeito com as duas formas de Legendagem para tradução de músicas, aprovou as legendas experimentais com uso de cores e manifestou insatisfação com o vídeo controle. Em contrapartida, declarou satisfação com as legendas centralizadas que apresentavam os nomes dos personagens entre colchetes, mas rejeitou as legendas experimentais com mudança de posicionamento.

Outro comentário relevante foi: *“Acho que a Legendagem em amarelo é melhor do que a em branco, porque às vezes, quando há tela ou roupa branca, não consigo ler e perco o contexto.”* Em sentido semelhante, outro participante escreveu: *“Questões são ótimas! Prefiro com a legenda do nome do personagem e na cor amarela.”* Esses relatos sugerem uma aparente preferência pelo uso da cor amarela em vez da branca — cor utilizada nos vídeos desta pesquisa. Tal observação é relevante, pois a escolha da cor pode ter influenciado o grau de satisfação ou insatisfação dos participantes em relação a outros parâmetros.

Um terceiro comentário, de caráter motivador, foi: *“Parabéns pela iniciativa! Que essa pesquisa possa ser usada para melhoria na Legendagem dos filmes, em benefício dos surdos, e também dos ouvintes que apreciam esse recurso, por preferir o áudio original à dublagem.”* Nota-se, nesse caso, a percepção de que a pesquisa foi realizada em benefício das comunidades surdas, reforçando a relevância social do estudo.

Por fim, destacamos o comentário de um participante que escreveu: *“Parabéns pela sua pesquisa... Tenho certeza que irá contribuir com nossa luta pela acessibilidade (legendas). Você pesquisará também as legendas em filmes brasileiros?”* Esse relato demonstra engajamento com a luta histórica das comunidades surdas pela Legendagem em produções nacionais, como evidenciado pelo Projeto *Legenda Nacional*, que há anos atua em prol da ampliação da acessibilidade no audiovisual brasileiro.

Para concluir esta seção de apresentação dos dados do questionário, exibimos, a seguir, um quadro comparativo com os níveis de satisfação e insatisfação dos respondentes em relação a todos os vídeos — experimentais e de controle.

Quadro 22 – Resultados das preferências entre parâmetros controle e experimentais - Questionário

Parâmetro	Satisfeitos	Insatisfeitos
Transcrição da letra de músicas no idioma original	40 respostas (72,7%)	8 respostas (14,5%)
Legendas coloridas para diferenciar personagens	23 respostas (41,8%)	18 respostas (32,7%)
Mudança de posicionamento para diferenciar personagens	31 respostas (56,3%)	15 respostas (27,2%)
Adjetivação da música entre colchetes ([música pop])	24 respostas (43,6%)	21 respostas (38,1%)
Legendas brancas e apresentação do nome dos personagens entre colchetes	41 respostas (74,5%)	8 respostas (14,5%)
Legendas centralizadas e apresentação do nome dos personagens entre colchetes	42 respostas (76,3%)	8 respostas (14,5%)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A partir do quadro apresentado, é possível concluir que, de modo geral, os parâmetros do grupo controle obtiveram índices mais altos de satisfação do que os do grupo experimental. No grupo experimental, o parâmetro com maior aprovação foi a transcrição da letra das músicas no idioma original (72,7%), seguido pela mudança de posicionamento das legendas para diferenciar personagens (56,3%). Já as legendas coloridas apresentaram menor aceitação (41,8%) e uma taxa relativamente elevada de insatisfação (32,7%).

No grupo controle, a maior aprovação foi registrada para as legendas centralizadas com a apresentação do nome dos personagens entre colchetes (76,3%), seguidas pelas legendas brancas também com uso de colchetes (74,5%). A adjetivação da música entre colchetes foi a

que apresentou menor aprovação dentro do grupo (43,6%), além de ter alcançado a maior taxa de insatisfação desse bloco (38,1%).

Em síntese, os dados sugerem que os participantes tendem a preferir parâmetros mais próximos da convenção tradicional de Legendagem (controle), especialmente aqueles que incluem identificação textual clara dos personagens. Por outro lado, estratégias mais visuais, como o uso de cores, apresentaram menor aceitação. Esses resultados indicam que a familiaridade e a clareza textual exercem influência positiva na recepção das legendas. Todavia, o nível de rejeição às estratégias experimentais não foi tão alto quanto poderia ser. Em outras palavras, ainda que parte dos participantes tenha demonstrado resistência, os dados sugerem abertura a novidades e a estratégias mais inovadoras de Legendagem Descritiva.

Esse cenário pode estar relacionado à globalização e ao constante contato das pessoas surdas com novidades em redes sociais e outras plataformas digitais, que ampliam as formas de comunicação. Além disso, é possível que haja um interesse contínuo em aprimorar os recursos de acessibilidade midiática, de modo a torná-los cada vez mais eficientes e inclusivos.

Encerramos aqui a apresentação dos resultados do questionário, ressaltando que o levantamento contou com respostas de pessoas surdas de perfis diversos. É importante destacar que as tendências apontadas nesta seção correspondem apenas às respostas fornecidas no questionário, constituindo uma amostragem com limitações. Assim, reforça-se a relevância de aplicar instrumentos semelhantes a um número maior de participantes, contemplando, por exemplo, todas as regiões brasileiras e diferentes níveis de escolaridade, a fim de possibilitar generalizações mais robustas sobre esse público.

Este estudo apresenta algumas limitações que precisam ser explicitadas para balizar a interpretação dos resultados. Em relação ao perfil da amostra, observa-se uma concentração regional, com sub-representação do Nordeste, o que limita a possibilidade de generalizar os achados para todo o Brasil. Além disso, a amostra mostrou-se altamente escolarizada, configurando um viés de cobertura que pode ter impactado a recepção das legendas, já que níveis distintos de escolaridade podem influenciar estratégias de compreensão. Outro aspecto a considerar é a ordem de apresentação dos vídeos no questionário: não houve randomização, o que pode ter gerado efeitos de ordem ou fadiga nos participantes. O pré-teste foi conduzido apenas com dois participantes, o que torna a validação inicial do instrumento restrita; ainda assim, permitiu realizar ajustes pontuais que aprimoraram a versão final.

Concluída esta etapa de apresentação e discussão dos resultados obtidos com o questionário, passamos, a seguir, à análise da relação entre as preferências dos parâmetros da Legendagem Descritiva testados e as informações de perfil dos respondentes (seções 4.1.5 a

4.1.9). Em seguida, apresentaremos também uma breve discussão relacionando as preferências registradas no questionário com os hábitos de consumo de produtos audiovisuais declarados pelos participantes (seção 4.1.10).

4.1.5 Relacionando os resultados – Faixa etária

Nesta subseção, relacionamos alguns resultados do questionário — acerca das preferências pelas legendas controle e experimentais — com os dados de faixa etária dos respondentes. Primeiramente, apresentamos as preferências sobre os parâmetros de Legendagem testados, divididos por faixa etária.

Como mencionado na subseção 4.1.1 deste capítulo, não parece ser vantajoso dividir os participantes em gerações para tentar generalizar suas preferências. A seguir, demonstramos de forma visual a razão pela qual optamos por não utilizar as gerações como ponto de referência:

Quadro 23 – Número de respondentes do questionário por geração

Geração	Número de respondentes
Geração X (1965 – 1980)	4 respondentes
Geração Y (1981 – 1999)	46 respondentes
Geração Z (2000 –)	5 respondentes
TOTAL	55 respondentes

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Como pode ser observado no Quadro 20 acima, não há uma distribuição proporcional entre as gerações dos respondentes para realizar uma comparação entre suas preferências, visto que dentre os 55 respondentes do questionário, 46 pertencem à Geração Y, 5 à Geração Z e 4 respondentes à Geração X. Por essa razão, inicialmente separamos os respondentes em grupos por grupos de faixa etária (faixa dos 20, 30, 40 e 50 anos) e comparamos sua recepção das legendas controle ou experimentais de cada parâmetro testado na pesquisa.

Entretanto, recebemos no total a seguinte quantidade de respostas divididas por faixa etária: 20 anos (14 respondentes), 30 anos (25 respondentes), 40 anos (14 respondentes) e faixa dos 50 anos ou mais (dois respondentes). Desse modo, optou-se por dividir as faixas etárias em três grupos — 20 anos, 30 anos e 40 anos ou mais — visto que, como havíamos recebido apenas duas respostas de pessoas com 50 anos ou mais, ficaria muito desproporcional comparar os

resultados dessa forma. Assim, chegamos a três grupos etários para relacionar os resultados da pesquisa: 20 anos, 30 anos e 40 anos ou mais.

Inicialmente, levantamos a hipótese de que os respondentes mais jovens teriam uma recepção mais positiva dos vídeos experimentais. Com relação à tradução de músicas, lembramos que, dentre o total de 55 respondentes, a maioria (40 respondentes) preferiu as legendas com transcrição da música, ou seja, o vídeo experimental, ao passo que apenas 24 respondentes se sentiram satisfeitos com as legendas controle, com a adjetivação de músicas entre colchetes. Com relação aos insatisfeitos, 21 pessoas acharam as legendas controle insatisfatórias e apenas 8 indivíduos sentiram que as legendas experimentais foram insatisfatórias. 7 pessoas se posicionaram de forma neutra com relação ao vídeo experimental e 10 com relação ao vídeo controle. Agora veremos a quais faixas etárias os respondentes pertenciam de acordo com seu grau de satisfação com as legendas controle e experimentais:

Quadro 24 – Preferências por idade dos vídeos controle e experimental – Tradução de Músicas

Faixa Etária	20 anos	30 anos	40+ anos
Vídeo Controle – Tradução de Músicas			
Satisfeitos	4 respondentes (28,6%)	13 respondentes (52%)	7 respondentes (43,7%)
Insatisfeitos	9 respondentes (64,3%)	8 respondentes (32%)	4 respondentes (25%)
Neutros	1 respondente (7,1%)	4 respondentes (16%)	5 respondentes (31,2%)
Total	14 respondentes	25 respondentes	16 respondentes
Vídeo Experimental – Tradução de Músicas			
Satisfeitos	10 respondentes (71,4%)	19 respondentes (76%)	11 respondentes (68,7%)
Insatisfeitos	4 respondentes (28,5%)	1 respondente (4%)	3 respondentes (18,7%)
Neutros	0 respondentes (0%)	5 respondentes (20%)	2 respondentes (12,5%)
Total	14 respondentes	25 respondentes	16 respondentes

Fonte: elaborado pela autora (2025).

No Quadro 21 acima, são apresentadas as preferências por idade dos vídeos controle e experimental acerca do parâmetro de tradução de músicas. Dentre os 14 respondentes da faixa etária de 20 anos, nove ficaram insatisfeitos (64,3%) e quatro satisfeitos (28,6%) com o vídeo controle de tradução de músicas. Apenas uma pessoa se posicionou de forma neutra (7,1%), nem satisfeita nem insatisfeita. Dentre os 25 respondentes na faixa dos 30 anos, 13 pessoas

(52%) se sentiram satisfeitas e oito insatisfeitas (32%) com o vídeo controle para tradução de músicas, com 4 indivíduos (16%) se sentindo nem satisfeitos nem insatisfeitos. Finalmente, dentre os 16 respondentes da faixa etária dos 40 anos ou mais, sete pessoas (43,7%) se sentiram satisfeitas e apenas quatro insatisfeitas (25%) com o vídeo controle da tradução de músicas, com um número significativo se posicionando de forma neutra: cinco pessoas (31,2%).

Desse modo, a tendência dos dados do questionário — de uma recepção positiva das legendas que apresentam o tipo da música descrita entre colchetes ([música pop]) — foi mantida para as três faixas etárias dos respondentes, com a maioria das preferências vindo do grupo etário dos 30 anos (52%), seguido do grupo dos 40 anos (43,7%) e por último pelos respondentes na faixa dos 20 anos (28,6%).

Assim, o Quadro 21 está demonstrando que, na faixa etária mais jovem, a maioria dos respondentes se sentiu insatisfeita (64,3%) com as legendas controle, ao passo que nas outras duas faixas etárias os respondentes se sentiram mais confortáveis com a estratégia de Legendagem mais tradicional. Esse dado corrobora parcialmente nossa hipótese de que pessoas mais jovens estariam mais abertas a estratégias de Legendagem mais inovadoras. E, para descobrir tal fato, realizamos o mesmo procedimento com o vídeo experimental. Lembramos que, dentre os 55 participantes, 40 se sentiram satisfeitos com as legendas experimentais e apenas 8 insatisfeitos, com apenas sete indivíduos se posicionando de forma neutra.

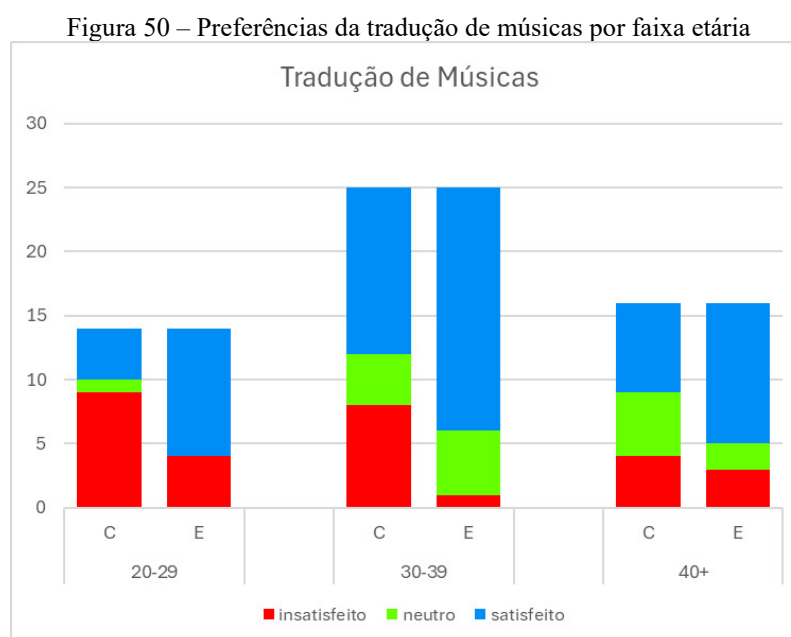
Com relação a quais faixas etárias os respondentes pertenciam de acordo com seu grau de satisfação com as legendas experimentais, percebe-se que nossa hipótese foi confirmada: a grande maioria dos respondentes mais jovens preferiu as legendas experimentais, visto que, dentre as 14 pessoas do grupo etário de 20 anos, 10 indivíduos (71,4%) se sentiram satisfeitos com o vídeo experimental e apenas 4 insatisfeitos (28,5%), com nenhum indivíduo se posicionando de forma neutra. Apesar disso, a mesma tendência foi observada nas duas outras faixas etárias: dentre os 25 respondentes com 30 anos, 19 pessoas (76%) se sentiram satisfeitas com o vídeo experimental e apenas 1 insatisfeita (4%), com 5 indivíduos se posicionando de forma neutra (20%). Dentre os 16 respondentes com 40 anos ou mais, 11 pessoas (68,7%) se sentiram contempladas com as legendas experimentais e apenas três acharam o vídeo insatisfatório (18,7%), com dois respondentes se posicionando de forma neutra (12,5%).

Como pode ser observado no Quadro 21, nossa hipótese de que pessoas mais jovens tenderiam a preferir o vídeo experimental se manteve — visto que 71,4% dos respondentes do grupo etário de 20 anos se sentiram satisfeitos com as legendas que apresentam a transcrição da letra da música em seu idioma original em tela. Entretanto, é interessante observar que tanto o grupo etário de 30 anos quanto o grupo etário dos 40+ anos também se sentiram contemplados

com essa estratégia mais inovadora, visto que 76% e 68,7%, respectivamente, se sentiram satisfeitos com as legendas experimentais — chamamos atenção para o número de pessoas neutras nesses dois grupos, 20% e 12,5%, respectivamente, ao passo que no grupo etário mais jovem, nenhum indivíduo se posicionou de forma neutra.

Esses dados demonstram que, aparentemente, a faixa etária não diz muito sobre as preferências entre parâmetros mais ou menos inovadores, desconstruindo parcialmente a ideia de que pessoas com mais idade sejam menos receptivas para com estratégias modernas de Legendagem. Conforme Aleksandrowicz (2020), em uma pesquisa analisando a veiculação de emoções em legendas de músicas realizada com 66 pessoas surdas com média de idade de 50,7 anos (ou seja, em geral mais velhos do que os nossos participantes), pessoas mais jovens tendem a reconhecer emoções mais facilmente do que pessoas mais velhas (Aleksandrowicz, 2020). Entretanto, o pesquisador não encontrou diferenças significativas nas diversas formas de veicular músicas e transmitir emoções dentre os surdos poloneses. O que foi levemente diferente no estudo descrito aqui, visto que houve uma diferença entre as preferências dos nossos respondentes com 40 anos ou mais: no vídeo controle, 43,7% deles se sentiram satisfeitos e 68,7% se sentiram satisfeitos com o vídeo experimental.

De modo a ilustrar as diferenças nas preferências dentro da mesma faixa etária, exhibe-se no gráfico da Figura 50, demonstrando cada faixa etária separadamente, em relação ao seu grau de satisfação com o vídeo controle e experimental da tradução de músicas:



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Observamos na Figura 50 três barras para cada grupo etário, representando o nível de satisfação dos respondentes, separadas por cores: vermelho para insatisfação, verde para posição neutra e azul para satisfação. No eixo X, encontram-se as três faixas etárias (20 anos, 30 anos e 40 anos ou mais), subdivididas entre vídeo controle e vídeo experimental. No eixo Y, apresenta-se a escala em número absoluto de participantes.

Os dados indicam que as faixas etárias dos 20 e 30 anos apresentaram maior insatisfação com o vídeo controle, ao passo que, entre os respondentes de 40 anos ou mais, poucos manifestaram insatisfação com as legendas que apresentam a adjetivação da música entre colchetes. Todavia, em relação ao vídeo experimental, a satisfação foi predominante em todas as faixas etárias, com destaque para o grupo mais jovem (20 anos), que não registrou posicionamentos neutros.

Esse resultado é particularmente relevante, visto que nossa hipótese inicial era de que a estratégia experimental seria rejeitada, sobretudo pelos respondentes mais velhos, considerando que no Brasil as músicas costumam ser apresentadas entre colchetes, indicando o gênero ou o tipo da canção, e não transcrevendo sua letra — especialmente quando esta se encontra em outro idioma. Como as produções intralinguais no país ainda raramente incluem Legendagem de músicas, e menos ainda a transcrição de letras em português, a expectativa era de rejeição a essa estratégia.

Entretanto, os dados evidenciam uma boa recepção do vídeo experimental em todas as faixas etárias. Esse achado contrasta com os resultados da pesquisa de Szarkowska e Laskowska (2014), realizada na Polônia, na qual a maioria dos respondentes surdos(65,63%) preferiu a descrição do tom emocional da música (ex.: *música de guitarra*), enquanto 40,63% optaram pela descrição do tipo da música (ex.: *música animada*). Importa destacar que mais de 80% dos respondentes nesse estudo polonês tinham entre 21 e 40 anos de idade.

Podem-se discutir alguns pontos relevantes a partir desses resultados. Primeiro, a idade, isoladamente, parece não ser o fator determinante das preferências, mas sim o background dos participantes surdos, sua experiência e o papel que a música desempenha em suas vidas. Isso pode ser observado na comparação com os estudos poloneses: na pesquisa de Aleksandrowicz (2020), com média etária de 50 anos, não houve preferência significativa entre diferentes formas de traduzir músicas, ao passo que no estudo de Szarkowska e Laskowska (2014), com média etária mais jovem, prevaleceu a descrição do tom emocional.

Em segundo lugar, deve-se considerar também o contexto cultural de cada país. A Polônia, tradicionalmente marcada pelo uso do *voice-over* (Szarkowska; Laskowska, 2015),

pode favorecer uma relação diferente das pessoas surdas com as músicas, em comparação ao Brasil, país com forte tradição dubladora, mas que vem assistindo a mudanças nos últimos anos.

Por fim, destaca-se a relevância da música no trecho selecionado para esta pesquisa. No vídeo analisado, a canção é central para o efeito de humor da cena, o que pode ter influenciado a recepção positiva dos respondentes em relação à transcrição da letra no vídeo experimental. O acesso direto à letra (mesmo em língua estrangeira) potencializa o envolvimento com a cena, diferentemente de uma legenda genérica como [música pop].

Dessa forma, para compreender de maneira mais ampla o impacto da faixa etária nas escolhas dos participantes, foi aplicado o mesmo procedimento de análise às demais estratégias testadas. A seguir, são apresentadas as análises relativas ao segundo parâmetro: o uso de cores para diferenciar personagens.

Lembramos que, dentre os 55 respondentes, a maioria preferiu as legendas brancas com o nome dos personagens exibido entre colchetes (controle: 41 respondentes), ao passo que apenas 23 se declararam satisfeitos com as legendas coloridas (experimental). Entre os insatisfeitos, oito avaliaram negativamente as legendas controle e 18 reprovaram as experimentais. Além disso, 14 participantes se mantiveram neutros em relação ao vídeo experimental e apenas seis em relação ao controle. Agora veremos como essas respostas se distribuíram por faixa etária.

Quadro 25 – Preferências por idade dos vídeos controle e experimental – Uso de cores

Faixa etária	20 anos	30 anos	40+ anos
Vídeo experimental – uso de cores			
Satisfeitos	3 respondentes (21,4%)	11 respondentes (44%)	9 respondentes (56,2%)
Insatisfeitos	9 respondentes (64,3%)	7 respondentes (28%)	2 respondentes (12,5%)
Neutros	2 respondentes (14,3%)	7 respondentes (28%)	5 respondentes (31,2%)
Total	14 respondentes	25 respondentes	16 respondentes
Vídeo controle – uso de cores			
Satisfeitos	9 respondentes (64,3%)	20 respondentes (80%)	12 respondente (75%)
Insatisfeitos	4 respondentes (28,6%)	3 respondentes (12%)	1 respondente (6,2%)
Neutros	1 respondente (7,1%)	2 respondentes (8%)	3 respondentes (18,7%)
Total	14 respondentes	25 respondentes	16 respondentes

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No Quadro 22 acima, são apresentadas as preferências por idade dos vídeos controle e experimental acerca do parâmetro de uso de cores. Dentre os 14 respondentes da faixa etária de 20 anos, 9 ficaram insatisfeitos (64,3%) e 3 satisfeitos (21,4%) com o vídeo experimental, que utilizava cores diferentes nas legendas para diferenciar os personagens. Apenas duas pessoas se posicionaram de forma neutra (14,3%), nem satisfeitas nem insatisfeitas. Dentre os 25 respondentes na faixa dos 30 anos, 11 (44%) se declararam satisfeitos e oito (32%) insatisfeitos com o vídeo experimental, enquanto 7 (28%) permaneceram neutros. Finalmente, entre os 16 respondentes da faixa etária dos 40 anos ou mais, nove pessoas (56,2%) se sentiram satisfeitas e apenas duas (12,5%) insatisfeitas, com cinco respondentes (31,2%) se posicionando de forma neutra.

Desse modo, a tendência apontada nos dados do questionário — de uma recepção mais equilibrada, e até tendendo para o lado negativo das legendas coloridas — se manteve parcialmente. A maior rejeição foi registrada entre os mais jovens (20 anos), com 64,3% insatisfeitos, seguida pelo grupo dos 30 anos (32%). Já o grupo dos 40+ anos demonstrou menor rejeição à estratégia, com apenas 12,5% insatisfeitos. Quanto às preferências, os mais jovens foram também os menos satisfeitos (21,4%), ao passo que os mais velhos se mostraram mais receptivos (56,2%), seguidos pelos respondentes na faixa dos 30 anos (44%).

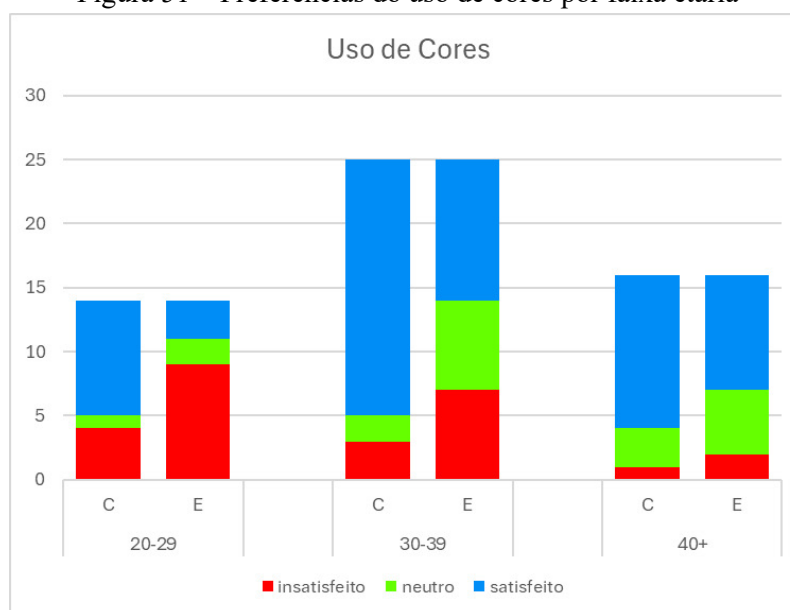
O Quadro 22 demonstra, portanto, que a faixa etária mais jovem apresentou uma tendência clara a preferir o vídeo controle (64,3%). Essa preferência também se repetiu nas outras duas faixas etárias: 80% dos respondentes do grupo de 30 anos e 75% do grupo de 40+ anos se sentiram mais confortáveis com a estratégia de Legendagem tradicional (legendas brancas com nomes entre colchetes). Esses dados refutam nossa hipótese de que pessoas mais jovens estariam mais abertas a estratégias inovadoras de Legendagem. A prova disso está na baixa insatisfação registrada em relação ao vídeo controle: apenas quatro respondentes (28,6%) na faixa dos 20 anos, três (12%) na dos 30 anos e um respondente (6,2%) no grupo dos 40+.

Também merece destaque a recepção altamente positiva do vídeo controle entre os grupos de 30 e 40+: 20 respondentes (80%) e 12 (75%), respectivamente. Além disso, o número de neutros foi relativamente baixo em todas as faixas: quatro (28,6%) no grupo dos 20 anos, três (12%) no dos 30 anos e apenas um (6,2%) no dos 40+. Esses resultados demonstram que, diferentemente do que ocorreu com a estratégia mais inovadora de tradução de músicas, os respondentes mostraram-se menos receptivos ao uso de legendas coloridas para diferenciar personagens.

Essa rejeição pode estar relacionada ao fato de que a mudança de cores das legendas ainda é incomum no Brasil, ao passo que a transcrição de letras de músicas aparece com mais frequência em redes sociais, por exemplo. Assim, o uso de cores como verde, azul ou magenta pode ter causado maior estranhamento nos participantes, independentemente da faixa etária. Esse resultado surpreende, já que havíamos levantado a hipótese de que os mais jovens, por terem maior contato com redes sociais e circularem em diferentes contextos audiovisuais — como a Legendagem amadora, que frequentemente utiliza cores variadas — tenderiam a aceitar melhor esse tipo de estratégia.

De modo a sistematizar esses dados de preferência por faixa etária, apresenta-se a seguir o grau de satisfação e insatisfação no gráfico da Figura 51, que demonstra cada grupo etário a partir de sua recepção.

Figura 51 – Preferências do uso de cores por faixa etária



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Observamos no gráfico da Figura 51, três barras, representando o nível de satisfação dos respondentes do questionário, separados por cores: vermelho para insatisfação, verde para posição neutra e azul para satisfação. No eixo X, visualizam-se as três faixas etárias (20 anos, 30 anos e 40 anos ou mais), bem como a divisão entre vídeo controle e experimental. No eixo Y, apresenta-se a escala em número absoluto de participantes.

Podemos destacar alguns pontos a partir do Gráfico 19. Primeiramente, o vídeo controle apresentou desempenho superior em todas as faixas etárias, sendo mais bem avaliado pelo grupo etário dos 30 anos — o mais numeroso, com 25 respondentes —, no qual houve

poucas respostas neutras. Além disso, chama atenção o fato de que a maioria dos respondentes mais jovens também preferiu as legendas brancas às coloridas, com baixa taxa de neutralidade. Já no grupo 40+, o vídeo controle obteve igualmente uma recepção bastante positiva, inclusive em grau superior ao observado entre os mais jovens. Assim, a preferência por legendas brancas pode não estar relacionada à faixa etária ou aos hábitos de consumo mas sim à desconforto visual.

No que diz respeito ao vídeo experimental, o maior grau de insatisfação partiu do grupo mais jovem: aproximadamente 65% dos respondentes de 20 anos declararam-se insatisfeitos com as legendas coloridas. Em contraste, a menor rejeição veio do grupo 40+, com apenas 18,7% dos 16 respondentes considerando a experiência insatisfatória. O grupo dos 30 anos, embora tivesse clara preferência pelo controle, mostrou-se um pouco mais equilibrado no julgamento do experimental, com percentuais semelhantes entre insatisfeitos e neutros (32% e 28%, respectivamente), e 44% de respostas positivas. Assim, em ordem crescente de satisfação com o vídeo experimental, temos: 20 anos, 30 anos e 40+. Já em relação ao vídeo controle, a ordem do mais satisfeito para o menos satisfeito foi: 30 anos, 40+ e 20 anos.

Essa tendência de maior receptividade ao vídeo experimental por pessoas surdas mais velhas é particularmente interessante, pois contraria a hipótese inicial de que o hábito de consumo de Legendagem levaria a uma rejeição mais acentuada ao uso de cores. É importante notar que esses indivíduos não rejeitaram as legendas brancas em favor das coloridas — visto que o controle também foi muito bem avaliado no grupo 40+ —, mas se mostraram mais equilibrados em suas preferências, sugerindo abertura a novas estratégias de Legendagem. Entre os participantes mais jovens e os de 30 anos, entretanto, a rejeição às legendas coloridas foi mais expressiva, ainda que, de forma geral, todos os grupos tenham se mostrado mais satisfeitos com as legendas brancas do que com as coloridas.

Esse resultado não foi corroborado pelo estudo conduzido com surdos persas por Shokoohmand e Khoshsaligheh (2024), no qual a maioria dos 78 participantes — metade deles com idades entre 18 e 29 anos — preferiu a identificação dos falantes por meio de nomes, em vez do uso de cores, quando analisados os níveis de compreensão do conteúdo. No nosso estudo, avaliamos apenas preferências (nível de satisfação), mas é possível levantar a hipótese de que legendas que alcançam maior grau de satisfação também sejam as que transmitem maior clareza de informação, ou seja, mais compreensíveis.

Em outro contraponto, Szarkowska e Boczkowska (2020), em pesquisa realizada com pessoas ouvintes da Polônia sobre legendas coloridas em filmes multilíngues, concluíram que os espectadores do grupo experimental não relataram frustração nem maior esforço cognitivo

ao assistir às legendas coloridas. Cada grupo (controle e experimental) contou com 26 participantes, com idade média de 21,96 anos. Como os participantes desse estudo polonês tinham idade média inferior à dos participantes desta pesquisa, é possível perceber que a faixa etária não desempenha um papel determinante nas preferências pelo uso de cores — além do fato de serem pessoas ouvintes. Além disso, deve-se lembrar que Shokoohmand e Khoshsaligheh (2024) investigaram o nível de compreensão de pessoas surdas persas em vídeos monolíngues — sem a interferência do multilinguismo —, enquanto Szarkowska e Boczkowska (2020) trabalharam especificamente com a recepção de filmes multilíngues por parte de pessoas ouvintes — variáveis que influenciam os resultados e exigem cautela nas comparações.

Assim, já podemos identificar uma tendência a partir da análise de dois parâmetros: tradução de músicas (clara preferência dos jovens pelo vídeo experimental) e uso de cores (preferências mais equilibradas entre as faixas etárias). A seguir, avançaremos para a comparação com o último parâmetro investigado na pesquisa: o posicionamento das legendas em tela para diferenciar falantes.

O vídeo controle filme *Carnage* (2011) apresentava legendas centralizadas na parte inferior da tela, com identificação dos personagens entre colchetes, enquanto o vídeo experimental apresentava legendas deslocadas na tela para acompanhar os personagens. Entre os 55 respondentes, 42 se mostraram satisfeitos, cinco neutros e oito insatisfeitos com o vídeo controle; já no experimental, 31 se disseram satisfeitos, nove neutros e 15 insatisfeitos. A seguir, apresentamos essa distribuição detalhada por faixa etária no Quadro 26.

Quadro 26 – Preferências por idade dos vídeos controle e experimental – Posicionamento

Faixa Etária	20 anos	30 anos	40+ anos
Vídeo Controle – Posicionamento			
Satisfeitos	8 respondentes (57,2%)	25 respondentes (100%)	9 respondentes (56,2%)
Insatisfeitos	5 respondentes (35,7%)	0 respondentes (0%)	3 respondentes (18,7%)
Neutros	1 respondente (7,1%)	0 respondentes (0%)	4 respondentes (25%)
Total	14 respondentes	25 respondentes	16 respondentes
Vídeo Experimental – Posicionamento			
Satisfeitos	6 respondentes (42,9%)	13 respondentes (52%)	12 respondentes (75%)
Insatisfeitos	6 respondentes (42,9%)	8 respondentes (32%)	1 respondente (6,2%)
Neutros	2 respondentes (14,2%)	4 respondentes (16%)	3 respondentes (18,7%)
Total	14 respondentes	25 respondentes	16 respondentes

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Como pode ser observado no Quadro 26, no vídeo controle, entre os 14 participantes da faixa etária de 20 anos, oito declararam-se satisfeitos (57,2%), cinco relataram insatisfação (35,7%) e um manteve-se neutro (7,1%). Já na faixa dos 30 anos, composta por 25 respondentes, todos se mostraram satisfeitos (100%), não havendo registros de insatisfação ou neutralidade. Na faixa etária acima de 40 anos, que contou com 16 participantes, nove ficaram satisfeitos (56,2%), três relataram insatisfação (18,7%) e quatro permaneceram neutros (25%), indicando uma aceitação majoritariamente positiva, embora mais distribuída entre as três categorias de avaliação.

No vídeo experimental, o cenário foi mais diversificado. Entre os 14 participantes de 20 anos, seis se disseram satisfeitos (42,9%), seis insatisfeitos (42,9%) e dois neutros (14,2%), revelando uma divisão equilibrada nas percepções positivas e negativas desse grupo etário. Na faixa dos 30 anos, composta por 25 respondentes, 13 ficaram satisfeitos (52%), oito insatisfeitos (32%) e quatro foram neutros (16%), o que representa uma queda significativa na aprovação em relação ao vídeo controle nesse grupo etário. Por fim, entre os 16 participantes com mais de 40 anos, 12 demonstraram satisfação (75%), apenas um manifestou insatisfação (6,2%) e três adotaram uma postura neutra (18,7%), sugerindo uma recepção bastante positiva ao modelo experimental por parte do público mais velho.

Pode-se perceber, então, que a tendência geral dos dados do questionário foi mantida, com maior satisfação pelos vídeos controle. Entretanto, alguns pontos merecem destaque. Primeiramente, a total satisfação dos membros da faixa etária dos 30 anos com o vídeo controle (100%). Em segundo lugar, o equilíbrio no grau de satisfação e insatisfação entre os respondentes da faixa dos 20 anos diante do vídeo experimental. Em terceiro lugar, o alto nível de satisfação dos respondentes mais velhos com as legendas experimentais.

Como a maioria dos resultados se apresentou de forma relativamente distribuída, surpreendeu-nos o fato de que as preferências do grupo etário dos 30 anos tenham sido tão uniformes, com todos os respondentes se declarando satisfeitos com o vídeo controle. Nossa hipótese inicial era que essa faixa etária tenderia a uma postura mais neutra e menos polarizada (com os mais jovens sendo mais receptivos aos parâmetros experimentais e os mais velhos preferindo estratégias mais tradicionais, ou seja, os parâmetros controle). Esse resultado nos leva a refletir sobre essa hipótese, sugerindo que a faixa etária pode não ser um fator determinante para essas preferências.

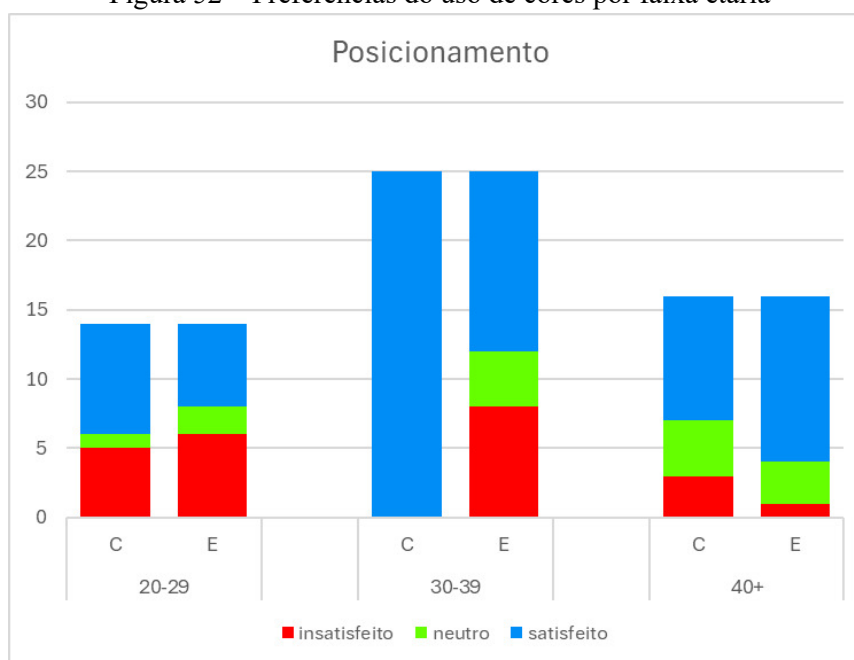
Com relação ao segundo ponto, fomos surpreendidos pelo equilíbrio nas respostas do grupo etário dos 20 anos, em que o mesmo número de respondentes se declarou satisfeito e insatisfeito com o vídeo experimental (seis em cada grupo, ou 42,9% para cada). Esse dado

pode sugerir que as pessoas surdas mais jovens podem estar abertas a estratégias inovadoras, mas, ao mesmo tempo podem manifestar reservas diante de parâmetros mais modernos, ou pelo menos necessitando de mais tempo para se habituarem aos novos formatos de legendas — tendência que também se observou em relação ao uso de cores nessa faixa etária.

Por fim, no terceiro ponto, chama atenção o alto nível de satisfação dos respondentes mais velhos com as legendas experimentais: 12 dos 16 (75%). Esse resultado, além de indicar que a mudança de posicionamento das legendas para identificação de falantes pode ter potencial de aplicação na Legendagem Convencional de filmes e séries, também contribui para desconstruir a ideia — até etarista — de que pessoas mais velhas sempre optariam por estratégias mais tradicionais e menos inovadoras. Nos três parâmetros testados na pesquisa, o grupo 40+ apresentou bons índices de recepção positiva às estratégias experimentais.

Após essa breve discussão, apresentam-se os dados de preferência por faixa etária no gráfico da Figura 52, objetivando uma visualização mais clara e facilitada das informações.

Figura 52 – Preferências do uso de cores por faixa etária



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Observamos no gráfico acima três barras que representam o nível de satisfação dos respondentes, separadas por cores: vermelho para insatisfação, verde para posição neutra e azul para satisfação. No eixo X, apresenta-se a faixa etária dividida em três grupos (20 anos, 30 anos e 40 anos ou mais), além da distinção entre vídeo controle e experimental. No eixo Y, apresenta-se a escala em número absoluto de participantes.

De forma visual, percebe-se no Gráfico 20 que o vídeo controle foi preferido pelos grupos etários de 20 e 30 anos (sendo que, no caso dos 30 anos, todos os respondentes se declararam satisfeitos). Já o grupo de 40 anos ou mais, embora não tenha rejeitado as legendas controle, também se sentiu contemplado pelo vídeo experimental. Esse resultado desconstrói uma perspectiva etarista segundo a qual pessoas mais velhas seriam mais engessadas e menos receptivas a estratégias inovadoras.

Independentemente disso, nossos resultados apontam que, no geral, o vídeo com legendas centralizadas foi o mais bem avaliado pelos participantes. Esse achado também foi constatado por Mangiron (2016) em um estudo conduzido na Espanha, no âmbito da recepção de Legendagem em jogos. A pesquisa, realizada com participantes cuja média de idade era de 24,6 anos — portanto, um grupo mais jovem que o de nosso estudo — utilizou questionários e rastreamento ocular e demonstrou que “[...] todos os usuários preferiram que as legendas fossem centralizadas na tela, embora as legendas de jogos atualmente sejam alinhadas à esquerda por padrão” (Mangiron, 2016, p. 87, tradução nossa⁸²). Assim, nota-se que, também no contexto dos jogos, os participantes tenderam a valorizar o posicionamento tradicional das legendas.

Já no estudo de Szarkowska e Laskowska (2014), realizado na Polônia com pessoas surdas — mais de 80% delas entre 21 e 40 anos —, os resultados mostraram que “os respondentes consideraram as cores como a melhor forma de identificar os personagens [...] e a pior opção era o posicionamento das legendas perto dos personagens” (Szarkowska; Laskowska, 2014, p. 27, tradução nossa⁸³). Esse dado dialoga parcialmente com nossos achados: enquanto nossos respondentes mais jovens também não preferiram o deslocamento das legendas, diferentemente dos participantes poloneses, tampouco se mostraram plenamente satisfeitos com o uso de cores. Já o grupo dos 40+, ao contrário, demonstrou maior abertura às legendas experimentais com mudança de posicionamento.

Indo no sentido contrário, Shokoohmand e Khoshsaligheh (2024), em pesquisa realizada no Irã com 78 participantes surdos (50% deles entre 18 e 29 anos), constataram que o deslocamento das legendas interferiu menos na percepção do produto audiovisual do que as legendas coloridas ou a apresentação dos nomes dos personagens. Ainda que os autores ressaltem que a diferença não foi estatisticamente significativa, o estudo acrescenta nuances ao debate.

⁸² Nossa tradução de: “*All users preferred subtitles to be centred [sic] in the screen, although current game subtitles are of left-aligned by default*”.

⁸³ Nossa tradução de: “*The respondents considered colors to be the best option for identifying characters in subtitles for the deaf, and the worst option was the placement of subtitles next to characters.*”

Esses trabalhos corroboram a percepção de que a faixa etária, isoladamente, pode não ser a variável mais determinante na recepção da Legendagem pelas comunidades surdas. Elementos como a tradição do país, a familiaridade com outras línguas, a experiência prévia com legendas, o tipo de produto audiovisual analisado (jogos, filmes multilíngues e etc.) e o background sociocultural dos participantes parecem exercer maior influência sobre suas preferências. Esse dado também é confirmado por nosso estudo, ao relacionarmos as preferências pelos parâmetros testados com as faixas etárias.

De forma sintética, nossos resultados indicam que:

- Participantes mais jovens (20 anos): demonstraram maior receptividade às legendas experimentais na tradução de músicas (71,4% satisfeitos), contrastando com apenas 28,6% satisfeitos no vídeo controle. Porém, mostraram forte resistência ao uso de cores (64,3% insatisfeitos) e opiniões divididas quanto ao deslocamento das legendas (42,9% satisfeitos e 42,9% insatisfeitos). Isso sugere abertura seletiva à inovação, mas resistência a mudanças visuais mais marcantes.
- Participantes da faixa dos 30 anos: apresentaram opiniões mais homogêneas, com 100% de satisfação no vídeo controle do parâmetro posicionamento. Mostraram alta aceitação das legendas experimentais na tradução de músicas (76%), mas criticaram o uso de cores (44% satisfeitos e 28% insatisfeitos). Quanto ao deslocamento, 52% aprovaram, contra 32% que reprovaram. Esses dados indicam preferência pela clareza e estabilidade, com abertura pontual a inovações que tragam ganho de informação.
- Participantes de 40 anos ou mais: contrariando expectativas etaristas, mostraram alta aceitação das legendas experimentais — 68,7% satisfeitos com a transcrição de músicas, 56,2% com o uso de cores e 75% com o deslocamento. Ainda assim, também valorizaram os parâmetros controle, especialmente as legendas brancas (75%). Esse equilíbrio revela que pessoas mais velhas da amostra não rejeitam inovações e as avaliam positivamente quando estas ampliam a acessibilidade e a clareza da informação audiovisual.

Assim, conclui-se que a variável “idade” mostrou-se pouco determinante, sugerindo que fatores relacionados à experiência, à exposição prévia à Legendagem e ao contexto sociocultural exercem maior peso nas preferências.

Dando sequência à análise, optou-se por relacionar agora os resultados do questionário com outra variável: o grau de escolaridade dos respondentes. As discussões sobre essas comparações serão apresentadas a seguir.

4.1.6 Relacionando os resultados – Escolaridade

A variável escolaridade é frequentemente considerada em pesquisas de recepção como forma de construir e compreender o perfil dos respondentes. No caso desta pesquisa, os participantes surdos puderam indicar, no questionário, em quais níveis de escolaridade se enquadravam. As opções disponíveis eram: Ensino Médio (completo, em andamento e incompleto), Ensino Superior (completo, em andamento e incompleto), Especialização (completa, em andamento e incompleta), Mestrado (completo, em andamento e incompleto) e Doutorado (completo, em andamento e incompleto).

Relembrando os dados obtidos, entre os 55 respondentes, a maioria afirmou ter Ensino Superior completo (16 respostas). Também se verificou um número significativo de participantes com Doutorado em andamento (nove respondentes) e com Ensino Superior em andamento (oito respondentes). Quanto à Especialização, três participantes afirmaram tê-la concluído e um indicou estar em andamento. Apenas dois respondentes declararam ter Ensino Superior incompleto. Além disso, cinco afirmaram ter concluído o Mestrado e quatro concluído o Doutorado. Por fim, sete pessoas afirmaram ter apenas o Ensino Médio completo.

A partir dessas respostas, realizamos as comparações entre os níveis de satisfação de cada respondente, agrupando-os em três categorias:

- Pós-graduação (Doutorado completo, Doutorado em andamento e Mestrado completo);
- Graduação (Ensino Superior completo e Especialização completa);
- Não-graduados (Ensino Superior em andamento, Ensino Superior incompleto, Especialização incompleta e Ensino Médio completo).

Quadro 27 – Grupos de escolaridade dos respondentes

Grupo	Total de Respondentes	Escolaridade	Quantidade
Pós-graduação	18	Doutorado completo	4
		Doutorado em andamento	9
		Mestrado completo	5
Graduação	19	Superior completo	16
		Especialização completa	3
Não-graduados	18	Superior em andamento	8
		Superior incompleto	2
		Especialização incompleta	1
		Ensino médio completo	7

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Como pode ser observado, houve uma divisão relativamente equilibrada entre o número de respondentes de cada grupo, o que favorece análises e correlações mais proporcionais. Destaca-se, no Quadro 23, a presença expressiva de participantes com Ensino Superior completo (16 respondentes), além de um número expressivo de indivíduos em fase de Doutorado (13 respondentes considerando os que já concluíram e os que estão em andamento).

A seguir, apresentaremos a análise das preferências por escolaridade em relação a cada parâmetro testado na pesquisa. Inicialmente, no que se refere à tradução de músicas, recordamos que a maioria dos respondentes se mostrou receptiva às legendas experimentais, que apresentavam a transcrição da letra da canção em seu idioma original. No próximo quadro, detalhamos as preferências de acordo com a escolaridade.

Quadro 28 – Preferências por escolaridade dos vídeos controle e experimental – Tradução de Músicas

Escolaridade	Não-Graduados	Graduação	Pós-Graduação
Vídeo Controle – Tradução de Músicas			
Insatisfeitos	10 respondentes (55,6%)	7 respondentes (36,8%)	4 respondentes (22,2%)
Neutros	3 respondentes (16,6%)	3 respondentes (15,8%)	4 respondentes (22,2%)
Satisfeitos	5 respondentes (27,8%)	9 respondentes (47,4%)	10 respondentes (55,6%)
Total	18 respondentes	19 respondentes	18 respondentes
Vídeo Experimental – Tradução de Músicas			
Insatisfeitos	6 respondentes (33,3%)	1 respondente (5,3%)	1 respondentes (5,6%)
Neutros	2 respondentes (11,1%)	4 respondentes (21%)	1 respondente (5,6%)
Satisfeitos	10 respondentes (55,6%)	14 respondentes (73,7%)	16 respondentes (88,8%)
Total	18 respondentes	19 respondentes	18 respondentes

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

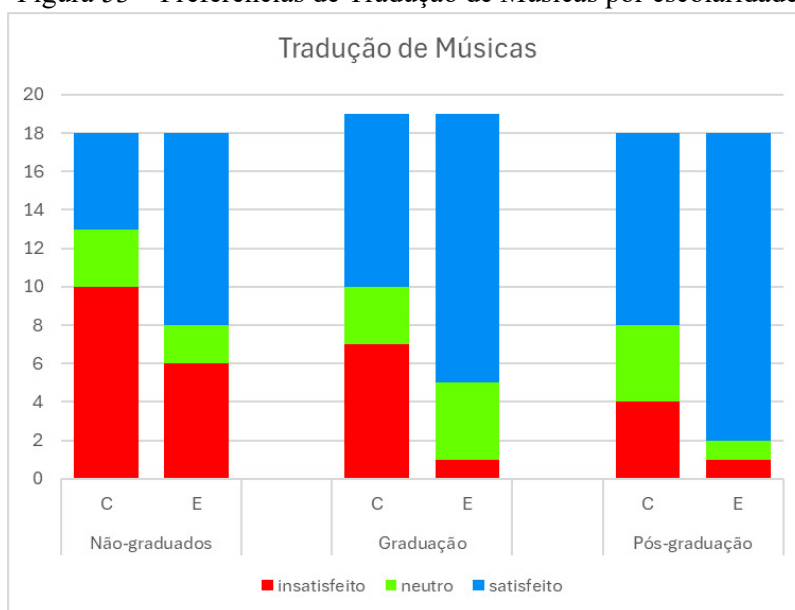
No vídeo controle, em que as músicas eram apresentadas adjetivadas entre colchetes ([música pop]), observa-se uma diferença nas avaliações conforme o nível de escolaridade dos participantes. Entre os não-graduados, a maioria se mostrou insatisfeita: 55,6% (10 respondentes) manifestaram insatisfação, enquanto 27,8% (cinco respondentes) afirmaram estar satisfeitos e 16,6% (três respondentes) permaneceram neutros. No grupo com graduação completa, as opiniões foram mais equilibradas: 47,4% (nove respondentes) ficaram satisfeitos, 36,8% (sete respondentes) insatisfeitos e 15,8% (três respondentes) neutros. Já entre os

participantes com pós-graduação, a maioria demonstrou satisfação com o vídeo: 55,6% (10 respondentes) ficaram satisfeitos, 22,2% (quatro respondentes) permaneceram neutros e 22,2% (quatro respondentes) manifestaram insatisfação.

No caso do vídeo experimental, os resultados foram mais positivos em todos os níveis de escolaridade. Entre os não-graduados, 55,6% (10 respondentes) declararam-se satisfeitos, enquanto 33,3% (seis respondentes) se mostraram insatisfeitos e 11,1% (dois respondentes) neutros. O grupo com graduação apresentou uma aceitação ainda maior: 73,7% (14 respondentes) ficaram satisfeitos, apenas 5,3% (um respondente) se declarou insatisfeito e 21% (quatro respondentes) permaneceram neutros. Já os participantes com pós-graduação foram os mais satisfeitos: 88,8% (16 respondentes) avaliaram positivamente o vídeo, enquanto apenas 5,6% (um respondente) se mostrou insatisfeito e 5,6% (um respondente) neutro.

Esses resultados indicam que o vídeo experimental foi mais bem recebido que o controle em todos os níveis de escolaridade, especialmente entre os participantes com formação mais avançada.

Figura 53 – Preferências de Tradução de Músicas por escolaridade



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Observamos no gráfico da Figura 53 três barras representando o nível de satisfação dos respondentes, diferenciadas por cores: vermelho para insatisfação, verde para neutralidade e azul para satisfação. No eixo X, a escolaridade está dividida em três grupos (não-graduados, graduação e pós-graduação), além da distinção entre vídeo controle e experimental. No eixo Y, apresenta-se a escala em número absoluto de participantes.

Esse gráfico evidencia uma tendência clara: quanto maior o nível de escolaridade, maior a satisfação com as legendas — tanto no modelo controle quanto no experimental. Nota-se também que o índice de neutralidade manteve-se relativamente estável em todos os grupos. Destaca-se, em especial, o elevado grau de satisfação dos participantes com pós-graduação em relação ao vídeo experimental (88,8%). Uma possível explicação para esse resultado é que, por possuírem formação acadêmica mais avançada, esses participantes tendem a ter maior contato com o inglês e com produtos audiovisuais estrangeiros, não estranhando a transcrição da letra da música em outro idioma nas legendas.

O nível de escolaridade também é mencionado em outras pesquisas realizadas no Brasil com pessoas surdas, justamente para compreender o background dos participantes. Por exemplo, Silva (2025), em estudo sobre a recepção de onomatopeias na Legendagem Descritiva, levanta a questão de como a baixa escolaridade pode influenciar os resultados. Em seus achados, um participante com apenas o ensino fundamental completo demonstrou incômodo com as legendas descritivas, levando a autora a se perguntar: “O perfil da audiência, tanto sua fluência com relação ao português oral quanto sua familiaridade com o próprio uso de legendas, poderia estar influenciando essas respostas?” (Silva, 2025, p. 11).

Essa mesma questão pode ser aplicada à análise dos nossos dados. Observa-se que os respondentes com maior formação acadêmica foram os mais receptivos às legendas experimentais de tradução de músicas. Ainda assim, mesmo os não-graduados demonstraram uma recepção relativamente positiva, ainda que em menor grau. Assim como em Silva (2025), pesquisas com maior número de participantes e abordagens mais aprofundadas poderiam esclarecer de forma mais precisa a relação entre escolaridade e recepção de legendas.

No mesmo sentido, Oliveira (2022), ao analisar efeitos sonoros na Legendagem Descritiva de filmes de ação, recrutou 16 participantes surdos, sendo um com ensino técnico, quatro com superior incompleto, quatro com pós-graduação e sete com superior completo. O autor buscava identificar diferenças nas emoções dos participantes ao assistirem a trechos de um filme com e sem tradução de efeitos sonoros. O estudo concluiu que “há diferença na expressão das emoções entre surdos que assistem a trechos de um filme de ação com legendas com e sem tradução de efeitos sonoros” (Oliveira, 2022, p. 117). Como os participantes desse estudo também possuíam, em sua maioria, grau elevado de escolaridade, é possível inferir que a recepção de músicas e efeitos sonoros na Legendagem esteja associada ao nível de contato com o português escrito. Isso reforça a necessidade de novos estudos que incluam participantes com níveis mais baixos de escolaridade, a fim de verificar se os resultados se mantêm ou divergem.

Passando para o próximo parâmetro, o uso de cores nas legendas para diferenciar personagens, repetimos o processo de correlacionar cada preferência com o grau de escolaridade (não-graduados, graduados e pós-graduados). Como já discutido anteriormente, no geral os respondentes não foram tão receptivos às legendas experimentais com uso de cores. A seguir, apresentamos um o Quadro 25, com as preferências pelos vídeos controle e experimental de acordo com a escolaridade dos respondentes.

Quadro 29 – Preferências por escolaridade dos vídeos controle e experimental – Uso de cores

Escolaridade	Não-Graduados	Graduação	Pós-Graduação
Vídeo Controle – Uso de cores			
Insatisfeitos	10 respondentes (55,6%)	6 respondentes (31,6%)	2 respondentes (11,1%)
Neutros	4 respondentes (22,2%)	7 respondentes (36,8%)	3 respondentes (16,7%)
Satisfeitos	4 respondentes (22,2%)	6 respondentes (31,6%)	13 respondentes (72,2%)
Total	18 respondentes	19 respondentes	18 respondentes
Vídeo Experimental – Uso de cores			
Insatisfeitos	4 respondentes (22,2%)	2 respondentes (10,5%)	2 respondentes (11,1%)
Neutros	3 respondentes (16,7%)	3 respondentes (15,8%)	0 respondente (0%)
Satisfeitos	11 respondentes (61,1%)	14 respondentes (73,7%)	16 respondentes (88,8%)
Total	18 respondentes	19 respondentes	18 respondentes

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

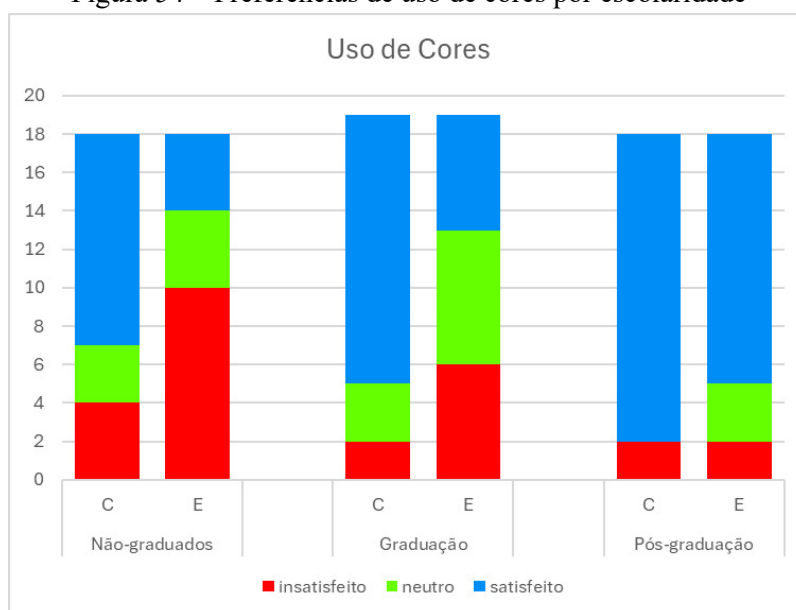
Como pode ser observado no Quadro 29 acima, também se mantendo a tendência dos resultados do questionário, o vídeo experimental com uso de legendas coloridas para identificação de falantes não foi muito bem recebido, no geral. Entretanto, percebemos uma recepção mais positiva do vídeo experimental entre os respondentes com mais formação (72,2% dos respondentes se declararam satisfeitos, enquanto 16,7% foram neutros e apenas 11,1% insatisfeitos). Entre os participantes não graduados, a maioria se declarou insatisfeita com o uso de cores (55,6%), enquanto apenas 22,2% estavam satisfeitos e outros 22,2% permaneceram neutros. Entre os graduados, os resultados foram mais equilibrados: 31,6% estavam satisfeitos, a mesma porcentagem estava insatisfeita, e 36,8% foram neutros.

No caso do vídeo controle, os resultados foram mais favoráveis em todas as categorias de escolaridade. Entre os não graduados, 61,1% ficaram satisfeitos com as legendas sem

mudança de cores, 16,7% foram neutros e 22,2% insatisfeitos. Entre os graduados, a satisfação foi ainda maior, com 73,7% de avaliações positivas, 15,8% neutras e apenas 10,5% negativas. Já entre os pós-graduados, a aprovação foi praticamente unânime: 88,9% estavam satisfeitos, enquanto apenas 11,1% se mostraram insatisfeitos e nenhum respondente permaneceu neutro.

Esses dados sugerem que o vídeo controle foi realmente o mais bem avaliado no quesito uso de cores por todos os níveis de escolaridade. Porém, percebe-se que entre os participantes com pós-graduação houve um predomínio de avaliações positivas nos dois vídeos: 72,2% se disseram satisfeitos com as legendas experimentais e 88,9% se sentiram contemplados com o vídeo controle. De modo a demonstrar esses dados de forma mais visual, apresenta-se a seguir um gráfico contendo as informações de preferência entre níveis de escolaridade dos respondentes:

Figura 54 – Preferências de uso de cores por escolaridade



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Observamos na Figura 54 três barras, representando o nível de satisfação dos respondentes do questionário, separados por cores: vermelho para insatisfação, verde para posição neutra e azul para satisfação. Além disso, no eixo X, observamos a escolaridade dos respondentes dividida em três grupos (não graduados, graduação e pós-graduação), além da divisão entre vídeo controle e experimental. No eixo Y apresenta-se a escala em número absoluto de participantes.

O gráfico da Figura 52 nos apresenta uma tendência de que, quanto maior o nível de escolaridade, maior a satisfação com as legendas, tanto as controle quanto as experimentais —

em maior grau com as legendas controle do que com as experimentais. Percebemos também que o nível de neutralidade se manteve menor nos dois extremos da variável (não-graduados e pós-graduados). Além disso, chama especial atenção o alto nível de rejeição dos não-graduados pelas legendas experimentais, 55,6% dos respondentes desse grupo de escolaridade se sentiram insatisfeitos, ao passo que apenas 31,6% e 11,1% dos graduados e pós-graduados, respectivamente, não se sentiram contemplados pelas legendas coloridas.

Assim como ocorreu com o primeiro parâmetro, chamamos especial atenção para o alto grau de satisfação dos respondentes pós-graduados com o vídeo experimental (72,2%). Como o uso de cores nas legendas já é utilizado no modelo europeu há anos, um possível argumento para esse resultado pode ser que, por já possuírem pós-graduação, esse seria um grupo de participantes com mais conhecimento e familiaridade com produções audiovisuais de outros países, e, portanto, mais abertos a novas estratégias de Legendagem. Entretanto, essa é apenas uma suposição, visto que também é possível que, como o vídeo experimental foi exibido primeiro, sem base de comparação com as legendas brancas, os respondentes tenham votado de forma similar nos dois exemplos.

Como já discutido extensamente, o uso de cores diferentes nas legendas para identificar personagens ainda é pouco utilizado no Brasil, e mesmo em países da Europa com uma tradição maior do uso de cores, sua aplicação ainda é discutida por causar confusão e esforço cognitivo extra nos espectadores, que precisam “decorar” qual cor corresponde a qual personagem (Neves, 2005). Ainda mais, em algumas das pesquisas de recepção com pessoas surdas sobre Legendagem Descritiva utilizadas para embasar nosso estudo, o nível de escolaridade não parece ser um fator normalmente considerado no desenho de perfil dos participantes. Nossa hipótese é que, no Brasil, por ser um país com dimensões continentais e com condições sociais e educacionais tão desiguais, seja importante considerar a escolaridade dos participantes ao realizar pesquisas de recepção com pessoas surdas.

Por exemplo, nos dois principais estudos realizados na Polônia que são utilizados para embasar nossa pesquisa sobre o uso de cores na Legendagem Descritiva não foi relatado o nível de escolaridade dos participantes. Já no estudo realizado por Shokoohmand e Khoshsaligheh (2024), foi reportada a escolaridade dos participantes surdos — que, no teste de compreensão aplicado pelos pesquisadores, preferiram o uso de legendas coloridas à apresentação do nome dos personagens. Os participantes do estudo, todos oriundos de escolas especiais⁸⁴,

⁸⁴ Os autores relatam que a maioria dos participantes avaliou sua proficiência em leitura do persa como suficiente para compreender jornais e livros didáticos (58%), indicando que, em geral, a leitura nessa língua não representa grande dificuldade para eles.

apresentavam os seguintes níveis de escolaridade: ensino fundamental (5%), ensino médio I (31%), ensino médio II (35%) e ensino superior (29%). Desse modo, nossos resultados não se complementam, visto que os participantes do estudo conduzido por Shokoohmand e Khoshsaligheh (2024), apesar de terem menos formação do que nossos respondentes do questionário, também apresentaram uma recepção positiva (no quesito compreensão) das legendas coloridas.

É interessante trazer um contraponto de 20 anos atrás, quando Neves (2005) afirma, como já discutido no Capítulo 2 desta tese, que o uso de diferentes cores nas legendas realmente pode influenciar negativamente a recepção do produto audiovisual. Nesse mesmo sentido, De Linde e Kay (1999) explicam, em citação que Neves (2005) também reproduz, que “pessoas surdas enfrentam duas desvantagens principais: além de apresentarem níveis de leitura abaixo da média, elas também têm seu conhecimento geral limitado devido ao acesso restrito à informação durante a trajetória educacional.” (De Linde e Kay, 1999, p. 12). Essa citação evidencia a luta contra as desigualdades no acesso das pessoas surdas à educação formal — lembrando que as autoras De Linde e Kay, à época, atuavam nos Estados Unidos. Dessa forma, não é novidade que pessoas surdas enfrentam, em diferentes partes do mundo, diversas barreiras impostas por uma sociedade capacitista e pouco acessível — o que se reflete, inclusive, no campo educacional.

Nossos resultados, por sua vez, podem indicar dois pontos importantes: primeiro, que os respondentes surdos do nosso questionário — que também haviam declarado um nível satisfatório de proficiência em português escrito — com maior formação acadêmica foram mais receptivos às legendas experimentais, ou seja, às legendas coloridas, um recurso que, segundo alguns autores, pode prejudicar a experiência audiovisual. Em segundo lugar, estudos mais recentes, como o de Shokoohmand e Khoshsaligheh (2024), realizado com pessoas surdas no Irã com um nível de escolaridade inferior ao dos nossos participantes, porém com um nível satisfatório de leitura em persa, mostraram que as legendas coloridas foram bem avaliadas no quesito compreensão.

Dessa forma, é possível levantar a hipótese de que o nível de escolaridade exerça, sim, algum tipo de influência na recepção das legendas. Contudo, mais relevante do que a escolarização formal pode ser o grau de familiaridade e de proficiência na língua escrita veiculada nas legendas. No caso específico das legendas coloridas, e no caso específico do nosso estudo, realizado no contexto do Brasil, uma recepção mais positiva pode estar relacionada a uma postura mais aberta à experimentação, à inovação e a novas formas de acesso

à informação — características frequentemente associadas a indivíduos com maior nível de escolaridade.

Passando para o próximo parâmetro, o posicionamento das legendas para diferenciar personagens, repetimos o processo de correlacionar cada preferência com o grau de escolaridade (dividido em três grupos: não graduados, graduados e pós-graduados) dos respondentes do questionário. Lembramos que, no geral, os respondentes ficaram mais satisfeitos com as legendas tradicionais: centralizadas e utilizando o nome dos personagens entre colchetes para identificá-los. Abaixo, apresenta-se um quadro com as preferências dos vídeos controle e experimental para o posicionamento de legendas de acordo com a escolaridade dos respondentes.

Quadro 30 – Preferências por escolaridade dos vídeos controle e experimental – Posicionamento

Escolaridade	Não-Graduados	Graduação	Pós-Graduação
Vídeo Controle – Posicionamento			
Insatisfeitos	6 respondentes (33,3%)	1 respondente (5,3%)	1 respondente (5,6%)
Neutros	1 respondente (5,6%)	3 respondentes (15,8%)	1 respondente (5,6%)
Satisfeitos	11 respondentes (61,1%)	15 respondentes (78,9%)	16 respondentes (88,8%)
Total	18 respondentes	19 respondentes	18 respondentes
Vídeo Experimental – Posicionamento			
Insatisfeitos	9 respondentes (50%)	2 respondentes (10,5%)	4 respondentes (22,2%)
Neutros	3 respondentes (16,7%)	3 respondentes (15,8%)	3 respondentes (16,7%)
Satisfeitos	6 respondentes (33,3%)	14 respondentes (73,7%)	11 respondentes (61,1%)
Total	18 respondentes	19 respondentes	18 respondentes

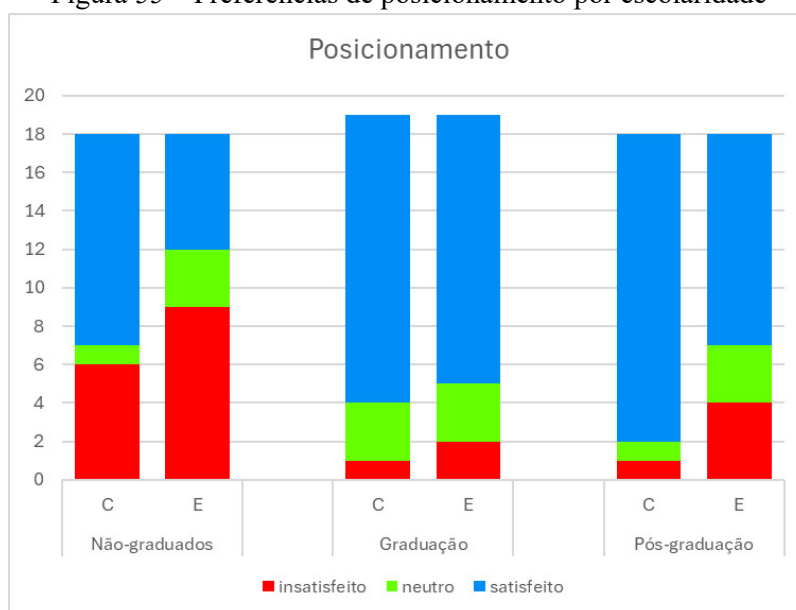
Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Como pode ser observado no Quadro 26, para o vídeo controle os dados indicam uma aceitação majoritariamente positiva quanto às legendas centralizadas, especialmente entre os participantes com maior escolaridade. Entre os não graduados, 11 dos 18 participantes (61,1%) se declararam satisfeitos, seis participantes insatisfeitos (33,3%) e apenas um participante foi neutro (5,6%). No grupo dos graduados, a satisfação aumentou para 15 dos 19 participantes (78,9%), com apenas um participante insatisfeito (5,3%) e três participantes neutros (15,8%). O grupo dos pós-graduados apresentou o maior índice de aprovação: 16 dos 18 participantes

(88,8%) ficaram satisfeitos, enquanto apenas um ficou insatisfeito (5,6%) e um neutro (5,6%). Esses dados sugerem, indo no mesmo caminho do questionário como um todo, que o posicionamento tradicional das legendas no vídeo controle foi amplamente bem recebido.

Com relação ao vídeo experimental, os resultados mostram uma maior divisão nas opiniões, especialmente entre os participantes com menor escolaridade. Entre os não graduados, a metade dos participantes (9 de 18, ou seja, 50%) se declarou insatisfeita com a mudança do posicionamento das legendas, enquanto seis participantes (33,3%) ficaram satisfeitos e três participantes (16,7%) se posicionaram de forma neutra. No grupo dos graduados, 14 dos 19 participantes (73,7%) manifestaram satisfação, 3 (15,8%) foram neutros e apenas 2 (10,5%) estavam insatisfeitos. Já entre os pós-graduados, 11 dos 18 (61,1%) aprovaram o posicionamento, três (16,7%) foram neutros e quatro (22,2%) se declararam insatisfeitos. Em comparação com o vídeo controle, o vídeo experimental obteve níveis mais baixos de aprovação. Esses dados são sistematizados no gráfico a seguir:

Figura 55 – Preferências de posicionamento por escolaridade



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A partir do gráfico da Figura 55, podemos observar algumas tendências (também já percebidas nos outros parâmetros): primeiramente, o alto grau de insatisfação dos não graduados com as duas estratégias de Legendagem, tanto controle quanto experimental. Em segundo lugar, a recepção mais positiva, tanto das legendas controle quanto experimentais, dos respondentes com mais formação. No caso específico do posicionamento, as pessoas com graduação demonstraram mais dúvida e indiferença com ambos os vídeos (demonstrado pela

parte verde do gráfico nas duas barras centrais), ao passo que os respondentes com pós-graduação se posicionaram menos de forma neutra.

Com relação à maioria das pesquisas que embasam o estudo descrito nesta tese acerca do posicionamento das legendas, assim como acontece com a literatura usada sobre o uso de legendas coloridas, percebemos que a questão da escolaridade dos respondentes também não parece ser tão relevante. Por exemplo, na pesquisa conduzida pelos pesquisadores ingleses Brown *et al.* (2015), em que a maioria dos participantes avaliou positivamente as legendas dinâmicas em uma série, destacando maior imersão, relaxamento e facilidade para captar sinais não verbais e identificar o falante, não foi descrito o nível de escolaridade desses participantes.

Já no estudo conduzido por Mangiron (2016), com surdos espanhóis sobre o posicionamento de legendas em jogos, foi relatado o nível de escolaridade dos participantes: um estudante de graduação em engenharia, sete estudantes de cursos profissionalizantes e cinco pessoas empregadas — que depreendemos não serem mais estudantes. Entretanto, não foi especificado o nível de escolaridade dessas últimas. Nesse estudo, lembramos que os resultados mostraram que todos os usuários do jogo testado preferiram que as legendas estivessem centralizadas na tela.

Percebemos que, assim como nos outros dois parâmetros testados, o grupo com maior escolaridade foi mais receptivo às legendas. Isso pode estar relacionado a um maior letramento em Legendagem e a um hábito mais frequente de consumir produtos audiovisuais legendados. No Brasil, observa-se uma tendência na comunidade ouvinte em que, quanto maior a formação acadêmica dos indivíduos, menor a preferência por filmes dublados e maior o interesse por versões legendadas. Embora seja possível que essa lógica se aplique, em certa medida, às comunidades surdas, é difícil afirmar com certeza, pois outras pesquisas que fundamentam teoricamente nossa tese, ao analisar esse mesmo parâmetro de deslocamento das legendas em filmes e séries, raramente apresentam o nível de escolaridade dos participantes.

Além disso, a mudança no posicionamento das legendas, assim como o uso de cores, pode ser influenciada por outros fatores, como o tipo de produto audiovisual em questão. Por exemplo, ao comparar legendas em jogos, conforme a pesquisa de Mangiron (2016), e legendas dinâmicas em séries, como na pesquisa de Brown *et al.* (2015), percebemos que a receptividade e a preferência por diferentes estilos de Legendagem podem variar de forma expressiva. Desse modo, talvez seja interessante investigar as relações entre escolaridade e outras variáveis, como tipo de produto audiovisual, idade e escolaridade, para compreender melhor esses padrões.

Em síntese, a única tendência que ficou clara a partir da comparação entre os resultados do questionário sobre a preferência dos três parâmetros testados na pesquisa foi que, quanto

maior a formação acadêmica, mais satisfeitos os respondentes estavam com as legendas (tanto controle quanto experimentais). O contexto do produto audiovisual e outras características dos usuários também desempenham papel relevante, o que sugere a necessidade de estudos mais aprofundados que integrem múltiplas variáveis para entender a complexidade das preferências em Legendagem.

4.1.7 Relacionando os resultados – Regiões do Brasil

Outra variável interessante de relacionar com os resultados do questionário é a localidade a partir da qual os respondentes se encontram. A localidade, especialmente no Brasil, por ser um país com dimensões continentais e extremamente desigual, é uma variável importante para possibilitar algum tipo de generalização em pesquisas de recepção. No caso do estudo realizado aqui, com o objetivo de analisar as preferências sobre Legendagem Descritiva de pessoas surdas brasileiras, foi perguntado aos respondentes do questionário sua localidade, ou seja, seu local de residência.

Alguns pontos são relevantes nesse tipo de questão. Primeiro, a localidade dos respondentes nem sempre reflete o local de nascimento. Escolhemos perguntar dessa forma porque o local de nascimento pode não significar muito em um país com uma diáspora tão grande como o Brasil. Em segundo lugar, entendemos que, a partir da localidade onde uma pessoa surda mora, ela pode se familiarizar com os costumes da comunidade surda daquele lugar, de modo que a pergunta “onde você mora” nos ajuda a definir melhor o perfil dos respondentes do que a pergunta “onde você nasceu”.

Dito isso, como já mencionado na seção 4.1.2 deste texto, nosso estudo recebeu uma quantidade muito desigual de respostas quando distribuídas pelas regiões do Brasil. A região Sudeste e a região Sul foram as mais proeminentes entre as respostas. Já as regiões Norte e Centro-Oeste foram medianamente representadas. Por fim, o Nordeste foi a região com maior sub-representação entre nossos respondentes. As porcentagens foram as seguintes, em ordem decrescente de respostas: Sudeste (34,5%), Sul (32,7%), Norte (12,7%), Centro-Oeste (10,9%) e Nordeste (7,3%). Um respondente declarou não residir no Brasil, correspondendo a 1,8% do total.

Considerando as preferências sobre os parâmetros de Legendagem testados na pesquisa, analisar os resultados em função da localidade dos respondentes fica praticamente inviável devido ao número desproporcional de respostas em cada região. Embora fosse possível agrupar as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste de um lado, e Sul e Sudeste de outro, tal

divisão poderia reforçar uma perspectiva reducionista e separatista, ao sugerir, por exemplo, que todas as regiões situadas ao norte do Sudeste compartilham características homogêneas, assim como o Sul e o Sudeste seriam necessariamente semelhantes entre si. Como não é objetivo deste trabalho reproduzir estereótipos ou preconceitos regionais, optamos por não adotar esse tipo de agrupamento.

Assim, ao considerar os resultados das preferências dos respondentes surdos em relação à sua localidade, é importante ter em mente alguns pontos. Primeiramente, entre os 55 participantes da pesquisa, a maior parte era das regiões Sudeste (34,5%) e Sul (32,7%) do Brasil. Portanto, a recepção — tanto positiva quanto negativa — das diferentes estratégias de Legendagem analisadas neste estudo reflete, majoritariamente, as percepções de pessoas surdas residentes nessas duas regiões. Esse recorte regional deve ser levado em conta na interpretação dos resultados, uma vez que aspectos socioculturais e de acesso à informação podem variar significativamente entre as diferentes regiões do país.

Em segundo lugar, reconhecemos as limitações impostas por essa desproporcionalidade regional. Como já discutido, estudos de recepção voltados à Legendagem Descritiva com participantes surdos no Brasil costumam delimitar uma região específica como recorte metodológico, justamente para evitar esse tipo de questão. É o caso, por exemplo, do estudo de Araújo, Vieira e Monteiro (2013), em que a análise da recepção das legendas foi realizada com participantes surdos provenientes de dois estados da região Sudeste. De modo semelhante, em Oliveira (2022), todos os participantes surdos pertenciam à região Nordeste. Outros trabalhos seguem estratégias semelhantes, assumindo certa homogeneidade regional no perfil dos participantes.

Por fim, nosso objetivo com o questionário era justamente obter as preferências sobre Legendagem de pessoas surdas em nível nacional — razão pela qual não limitamos nossa amostra a uma única região. Todavia, reconhecemos que o instrumento de pesquisa atingiu alguns estados do Brasil mais do que outros, levando-nos a refletir sobre quais estratégias poderiam ser adotadas em estudos futuros para evitar esse tipo de desproporcionalidade nos dados de localidade dos respondentes. No caso do Brasil, essa variável é extremamente relevante para a realização de generalizações de perfil. Essas estratégias serão detalhadas no Capítulo das Considerações Finais, ao discutir as limitações da amostra obtida por meio do questionário.

4.1.8 Relacionando os resultados – Grau de surdez

Um aspecto adicional considerado na análise dos resultados do questionário diz respeito ao grau de surdez dos participantes. Em pesquisas de recepção voltadas a pessoas surdas, sobretudo no campo da Legendagem Descritiva, é comum incluir essa variável, já que permite avaliar até que ponto os participantes conseguem perceber sons e falas em produções audiovisuais e, ao mesmo tempo, contribui para a caracterização do perfil da amostra investigada.

Na pergunta 8 do questionário, os respondentes deveriam indicar, escolhendo apenas uma opção, o seu grau de surdez⁸⁵ entre as seguintes alternativas: “surdez profunda”, “severa”, “moderada”, “leve” e “não sei meu grau de surdez”. A maioria (76,4%, 42 pessoas) afirmou ter surdez profunda, ou seja, não consegue ouvir praticamente nenhum som. Em seguida, sete respondentes (12,7%) declararam ter surdez severa, três apontaram surdez moderada (5,45%), dois afirmaram não saber seu grau de surdez (3,6%) e apenas um declarou ter surdez leve (1,8%).

Até esse ponto do questionário, é possível inferir que os participantes com surdez profunda e, muito provavelmente, também aqueles com surdez severa — ou seja, 49 respondentes de um total de 55 — dependiam totalmente das legendas para acessar filmes e séries, já que não ouviam praticamente nenhum som (surdez profunda) ou apenas conseguiam perceber algumas palavras gritadas no ouvido com melhor audição (surdez severa). Como essa informação era essencial para a pesquisa, na pergunta 15 do questionário foi questionado aos participantes se dependiam totalmente ou parcialmente das legendas para assistir a filmes e séries. E, como esperado, a grande maioria (87,2%) afirmou depender totalmente das legendas⁸⁶, enquanto apenas sete pessoas (12,7%) declararam depender parcialmente.

Alguns pontos merecem destaque nessa discussão sobre o grau de surdez dos respondentes. Assim como ocorreu com a variável escolaridade, a distribuição dos participantes entre os diferentes graus de surdez foi bastante desigual, o que impossibilitou estabelecer categorias equilibradas para correlação dos resultados, como foi feito com faixa etária e escolaridade. Ainda assim, é possível levantar observações relevantes.

⁸⁵ Os níveis de audição de cada grau de surdez foram detalhados no Capítulo da Fundamentação Teórica e na seção 4.1.2 desse texto.

⁸⁶ Os dois participantes que declararam não saber seu grau de surdez também afirmaram depender totalmente das legendas.

Dentre os sete participantes que declararam depender apenas parcialmente das legendas, cinco afirmaram ter surdez profunda, um relatou surdez moderada e outro surdez leve. No geral, suas preferências pelas legendas controle e experimentais seguiram as tendências do conjunto da amostra: maior abertura ao vídeo experimental de tradução de músicas, recepção menos positiva das legendas coloridas e avaliação semelhante entre os vídeos controle e experimental que testaram o deslocamento do posicionamento das legendas. Isso sugere que o grau de surdez pode, em alguns casos, não estar diretamente relacionado ao nível de dependência das legendas — é possível, por exemplo, que uma pessoa com surdez profunda utilize leitura labial para consumir conteúdos audiovisuais e, por isso, tenha indicado depender apenas parcialmente das legendas.

Em estudos internacionais de recepção, como no projeto DTV4ALL (2015; 2016), buscou-se investigar as reações dos participantes ao assistir à televisão com ou sem legendas. Entre as perguntas estavam, por exemplo, se os respondentes deixavam de assistir TV na ausência de legendas ou se consumiam o conteúdo mesmo assim, além de questões sobre a preferência entre o uso de legendas ou de janela de tradução em Língua de Sinais. Essa abordagem, no entanto, não foi o foco da presente pesquisa, já que entendemos que o consumo de filmes e séries difere do da televisão. Em programas jornalísticos, por exemplo, é comum que pessoas surdas cuja primeira língua seja a Língua de Sinais se sintam mais contempladas com a presença da janela de Libras (cf. Wehrmeyer, 2014), enquanto em filmes outros recursos podem ser mais eficazes.

Um dado relevante do questionário foi o posicionamento identitário dos participantes: 51 (92,7%) se identificaram como pessoas surdas, enquanto apenas 4 (7,2%) se declararam como pessoas com deficiência auditiva. Esse resultado é significativo por três razões. Primeiro, porque no início da pesquisa chegou-se a cogitar a comparação entre recepção de legendas convencionais e descritivas, mas essa proposta foi descartada ao se reconhecer que poderia reforçar uma dicotomia artificial entre dois modelos, sugerindo a necessidade de escolha. O objetivo, ao contrário, é propor estratégias que atendam às diferentes necessidades tanto do público surdo quanto do público ouvinte.

Em segundo lugar, o dado reforça a importância de defender a qualidade das legendas mesmo para pessoas que utilizam línguas de sinais como L1. Em um contexto bilíngue, é legítimo que tanto as 51 pessoas que se identificaram como surdas quanto as 4 que se identificaram como pessoas com deficiência auditiva tenham acesso a legendas que reflitam, da melhor maneira possível, suas necessidades e preferências em situações de lazer audiovisual.

Por fim, no que se refere à relação entre grau de surdez e posicionamento identitário, não se trata de classificar os participantes em categorias fixas, mas de compreender como construir estratégias de Legendagem que contemplem a diversidade da comunidade surda, que é, por natureza, heterogênea. Um exemplo disso é o fato de que, embora a maioria das pessoas com surdez profunda tenha afirmado depender totalmente das legendas, cinco declararam depender apenas parcialmente.

Isso significa que essas pessoas devem simplesmente aceitar os modelos de legendas atualmente disponíveis sem que suas preferências sejam consideradas? Ao contrário: o objetivo é garantir que, independentemente do grau de surdez ou das estratégias de acesso utilizadas, todas as pessoas surdas tenham suas preferências contempladas. Com os recursos tecnológicos disponíveis, é desejável que, futuramente, haja possibilidades mais amplas de personalização, permitindo que cada usuário escolha o tipo de Legendagem que melhor atenda às suas necessidades específicas.

4.1.9 Relacionando os resultados – Português e Libras

Como ocorreu com as variáveis localidade e grau de surdez, as respostas referentes à L1, L2 e à língua de maior conforto dos participantes também não foram distribuídas de forma equilibrada entre as categorias. Por essa razão, não há margem para uma comparação estatisticamente significativa entre grupos e suas preferências em relação aos parâmetros de Legendagem testados na pesquisa. Ainda assim, consideramos relevante discutir esses aspectos, pois eles contribuem para refletir sobre a importância dessas variáveis em estudos de recepção com pessoas surdas.

No questionário, solicitamos que os participantes informassem suas primeiras línguas (L1) e segunda língua (L2), bem como a língua de maior conforto. Entre os 55 respondentes, 47 (85,4%) declararam a Libras como L1, enquanto 8 (14,5%) indicaram o português. Em relação à L2, 43 participantes (78,1%) afirmaram que o português ocupava essa posição, e 12 (21,8%) declararam a Libras. Um dos respondentes utilizou o campo de comentários para informar que possuía o inglês como terceira língua (L3), declarando ainda depender totalmente das legendas e ter surdez profunda.

Na questão sobre a língua de maior conforto, 45 participantes (81,8%) indicaram a Libras, 7 (12,7%) afirmaram que o português era a língua com a qual se sentiam mais à vontade e 3 (5,4%) selecionaram a opção “Outro”, especificando combinações entre Libras e português: “Libras e português (dupla)”, “Usar Libras e português” e “Os dois: Libras e Português”. Um

dado relevante observado na análise cruzada é que todos os participantes que declararam o português como língua de maior conforto também afirmaram depender totalmente das legendas para acessar conteúdos audiovisuais, com exceção de uma pessoa, cujo grau de surdez era leve.

Outro ponto a destacar é que os respondentes atribuíram média 7 para seu nível de proficiência em português escrito. Isso demonstra que, embora muitas pessoas surdas possuam certo letramento em português — frequentemente como L2 —, a Libras continua sendo a língua em que se sentem mais confortáveis para compreender e se expressar. Essa constatação levanta um questionamento central: a Legendagem Descritiva, fundamentada no português escrito, realmente contempla as necessidades dessa parcela do público surdo? Esse dado reforça a defesa de soluções mais visuais, bilíngues ou personalizáveis, como a oferta simultânea da Janela de Libras, legendas em português ou *integrated titles*, sobretudo em contextos de entretenimento.

Assim, a Legendagem Descritiva deve considerar não apenas aspectos técnicos, mas também dimensões linguísticas e identitárias que caracterizam a comunidade surda brasileira. Por isso, é prática recorrente em pesquisas de recepção incluir perguntas sobre L1, L2, uso de interpretação em Língua de Sinais para acesso a produtos audiovisuais, dificuldades na leitura de legendas, entre outras. Esses dados são fundamentais para garantir que as preferências observadas reflitam, de fato, a recepção do recurso, e não fatores externos como familiaridade limitada com a língua.

Nesse sentido, vale lembrar que, caso a maioria dos participantes tivesse declarado não consumir conteúdos com legendas, seria necessário analisar os resultados com maior cautela, já que a falta de hábito poderia enviesar suas avaliações. Esse não foi o caso em nossa pesquisa: apenas um dos 55 respondentes afirmou não assistir a conteúdos audiovisuais com legendas em português, configurando um dado espúrio (*outlier*). De forma semelhante, se os respondentes tivessem atribuído notas muito baixas para sua proficiência em português escrito, as rejeições às legendas poderiam estar mais relacionadas à dificuldade linguística do que às estratégias de Legendagem em si.

No entanto, os dados coletados indicam que, embora a maior parte dos participantes (81,8%) tenha declarado a Libras como língua de maior conforto, a autopercepção de proficiência em português escrito foi satisfatória, com média 7 em uma escala de 0 a 10. Esse resultado nos permite interpretar as preferências expressas no questionário com maior segurança, entendendo que elas estão associadas ao conteúdo, ao formato ou ao estilo das legendas — e não a limitações relacionadas ao domínio da língua portuguesa.

4.1.10 Relacionando os resultados – Hábitos de consumo de produtos audiovisuais

Nossos respondentes demonstraram, em sua maioria, consumir conteúdos audiovisuais por meio de plataformas de streaming e em salas de cinema, o que indica familiaridade com modelos tradicionais de Legendagem. Embora as plataformas de streaming ofereçam algumas opções de personalização, como alteração da cor e do tamanho das legendas, tais recursos ainda são limitados. Funcionalidades como a modificação do posicionamento das legendas na tela ou a atribuição de cores distintas para diferentes personagens, por exemplo, não estão amplamente disponíveis, restringindo a adaptação da Legendagem às preferências individuais de pessoas surdas.

Além disso, os participantes declararam assistir a uma ampla variedade de gêneros de filmes e séries, o que reduz a possibilidade de que eventuais recepções negativas às legendas utilizadas na pesquisa estivessem relacionadas a uma rejeição ao tipo de conteúdo audiovisual. Entre os gêneros mais citados, destacam-se a ação, com maior número de menções, seguida por aventura e comédia, ambos também com índices elevados de preferência. Esses dados reforçam a adequação do material selecionado ao perfil de consumo do público-alvo.

Todos os participantes afirmaram assistir a filmes e séries legendados em português, com exceção de um único respondente — considerado um caso isolado — que declarou não consumir esse tipo de conteúdo, embora tenha indicado depender totalmente das legendas. De modo geral, observou-se que o consumo ocorre com frequência relativamente alta, sendo as respostas mais recorrentes “Algumas vezes na semana” e “Todos os dias”. Isso indica que os participantes mantêm contato regular com filmes e séries legendados, reforçando a validade das respostas sobre preferências em relação à Legendagem Descritiva.

A familiaridade dos respondentes com o universo audiovisual reduz, assim, a possibilidade de viés nas avaliações em razão de uma eventual rejeição ao gênero dos trechos exibidos. Por exemplo, em um cenário hipotético no qual uma pessoa que não aprecia documentários fosse convidada a avaliar legendas nesse contexto, seria provável que sua insatisfação se devesse mais ao gênero do que ao recurso em si. Esse não foi o caso em nossa pesquisa: os respondentes já possuíam hábito consolidado de assistir a filmes e séries legendados, especialmente nos gêneros comédia, drama e ação — justamente os gêneros dos trechos selecionados para o estudo.

Um dado surpreendente foi que a maioria dos participantes afirmou assistir com maior frequência a produções em português. Considerando o predomínio da circulação de obras em língua inglesa no Brasil, esse resultado chama atenção, sobretudo quando lembramos que

grande parte das produções nacionais transmitidas em canais abertos ainda não conta com legendas, mas apenas com CC— recurso que, como se sabe, difere da Legendagem elaborada manualmente.

Entretanto, é importante considerar uma possível ambiguidade na forma como a pergunta foi interpretada. Dado que todo o questionário tratava da temática da Legendagem, é plausível que alguns participantes tenham respondido à questão pensando no idioma das legendas que consomem com maior frequência, e não necessariamente na língua original das obras audiovisuais. Essa interpretação alternativa pode ter influenciado os resultados, em especial no que diz respeito à alta prevalência do português como idioma assinalado.

Podemos concluir, portanto, que os hábitos de consumo audiovisual dos participantes foram relativamente similares entre si, permitindo analisar suas preferências sobre os parâmetros de Legendagem de maneira homogênea, como representativas da amostra. Finalizada essa etapa, e após a apresentação das correlações entre dados de perfil e hábitos de consumo com as preferências sobre os parâmetros analisados, passamos à exposição dos resultados obtidos com os grupos focais.

4.2 RESULTADOS DOS GRUPOS FOCALIS

Com o objetivo de aprofundar e compreender as preferências indicadas pelos participantes surdos no questionário online, foram realizados três grupos focais, compostos por respondentes selecionados a partir de um único critério: terem respondido ao questionário. Além disso, foi conduzido um grupo focal controle, com pessoas surdas que não haviam participado da etapa anterior. A proposta consistiu em reexibir os vídeos utilizados no questionário e solicitar aos participantes que explicassem, de forma livre e espontânea, os motivos de suas escolhas. A combinação entre dados quantitativos (questionário) e qualitativos (grupos focais) possibilita não apenas identificar o que foi escolhido, mas também compreender por que determinadas preferências foram eleitas pelos participantes. Cabe destacar que o perfil dos integrantes dos grupos focais limita, de certa forma, nossa base comparativa, uma vez que, enquanto o questionário contou com respondentes de perfil mais diverso, os participantes dessa etapa apresentaram características mais específicas.

Conforme descrito na seção de Metodologia, os grupos focais foram conduzidos remotamente pela plataforma Zoom, diretamente em Libras, e reuniram ao todo 14 pessoas: 11 distribuídas em três grupos experimentais e 3 em um grupo controle (composto por surdos que não haviam respondido ao questionário). Os vídeos legendados exibidos foram idênticos aos

do questionário e apresentados de forma randomizada entre os três grupos experimentais. O grupo controle, por sua vez, assistiu aos vídeos na mesma ordem em que apareceram no questionário. Ou seja, todos os grupos focais assistiram aos mesmos vídeos apresentados no questionário.

Após a exibição de cada vídeo (controle e experimental para cada parâmetro de Legendagem testado), a pesquisadora solicitava que os participantes atribuíssem uma nota às legendas e justificassem suas preferências. Nesta subseção, os resultados dos grupos focais serão apresentados por parâmetro, acompanhados de trechos relevantes dos relatos individuais dos participantes. A organização seguirá a seguinte estrutura: 4.2.1 (recepção da tradução de músicas), 4.2.2 (recepção do uso de cores nas legendas para diferenciar personagens) e 4.2.3 (recepção da mudança de posicionamento das legendas para diferenciar personagens).

4.2.1 Parâmetro 1: Tradução de músicas

Serão apresentadas, a seguir, as percepções dos participantes dos grupos focais acerca das estratégias de tradução de músicas. Lembramos que foram testados dois tipos de estratégias nas legendas descritivas: primeiro, a adjetivação das músicas entre colchetes — vídeo controle — e, em seguida, a transcrição da letra da música em seu idioma original, em itálico — vídeo experimental. Para essa etapa, utilizou-se um trecho da série *Brooklyn 99*. A seguir, apresentam-se os relatos dos participantes sobre suas preferências em relação a esse parâmetro.

4.2.1.1 Grupo Focal 1

O Grupo Focal 1 foi conduzido com três pessoas surdas, todas residentes na região Sul (duas de Santa Catarina e uma do Rio Grande do Sul). Entre os participantes, um possuía Doutorado Completo, outro Mestrado Completo e o terceiro Ensino Superior Completo. Os três apresentavam surdez profunda e se identificavam como pessoas surdas. Dois afirmaram depender totalmente das legendas para acessar filmes e séries, enquanto um declarou depender parcialmente. O encontro teve duração de 35 minutos e 12 segundos. O Grupo Focal 1 assistiu primeiro ao vídeo controle e, em seguida, ao vídeo experimental.

Ao serem apresentados aos dois vídeos para testagem das estratégias de tradução de músicas, os participantes foram convidados a atribuir uma nota de 1 a 10 para as legendas e, posteriormente, justificar suas avaliações. As seguintes preferências foram observadas:

Tabela 1 – Preferências do Grupo Focal 1 – Tradução de Músicas

Grupo Focal 1		
Participante	Vídeo Controle [Canta música pop]	Vídeo Experimental ♪ <i>You are... my fire.</i> ♪
P01	7,8	10
P02	9	9,5
P03	5	10
MÉDIA	~7,2	~9,8

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Percebeu-se entre os participantes do grupo focal uma clara preferência pelo vídeo experimental, em consonância com a tendência observada nos resultados do questionário — no qual 40 respondentes se declararam satisfeitos com as legendas experimentais e apenas 8 insatisfeitos, desconsiderando-se as respostas neutras. Os participantes do Grupo Focal 1 reiteraram em seus relatos que se sentiram mais contemplados com a presença da transcrição da letra da música nas legendas, mesmo estando em outro idioma que não o português.

O participante 01 demonstrou preferência pela versão experimental por permitir compreender melhor a progressão da música entre os personagens: *“Realmente preferi o segundo vídeo porque mostrava o que as pessoas estavam cantando em cena e também tinha mais uma continuidade [...] dava para ver onde cada personagem parava na música e onde eles continuavam.”* (P01 – GF1). O participante também criticou a versão controle por ser genérica e pouco informativa: *“No primeiro [vídeo] não dava para saber, só dava para saber que era uma música, mas não dava para saber onde cada um [cada personagem] parava ou retomava.”* (P01 – GF1). Seus relatos destacam a importância da continuidade da música legendada — acompanhando o ritmo e a alternância entre falantes na cena.

O participante 02 igualmente preferiu a versão com a transcrição da letra, relatando no GF1: *“Eu também preferi que as músicas estavam... estava sendo mostrada a transcrição dela com os símbolos musicais.”* (P02 – GF1). Ele reconheceu um ponto positivo em ambas as versões — a indicação de que os personagens cantavam juntos, por meio de legendas como “[cantam juntos]” — mas manifestou insatisfação com um aspecto específico: *“Na última cena que a moça responde ‘Ah, foi esse homem que matou meu irmão’, eu vi que não colocaram o nome do personagem dela.”* (P02 – GF1). Percebe-se, então, que esse participante preferiria

que o nome de todos os personagens — mesmo os que não têm protagonismo na cena — fosse apresentado entre colchetes.

O participante 03 ressaltou que, na versão controle, sua única referência era a linguagem corporal: “*No primeiro vídeo a gente só via a graça pela expressão das pessoas, pela expressão dos personagens.*” Já na versão experimental, afirmou: “*Foi mostrado em detalhe, eu achei bem legal a legenda do segundo vídeo, mostrou a letra da música e aí deu para entender que também era essa a questão do policial gostar dessa banda.*” (P03 – GF1). Relatou ainda que, inicialmente, pensou se tratar de uma música instrumental: “*No começo eu achava que era uma música de flauta, que talvez não tivesse letra, fosse mais instrumental.*” (P03 – GF1). Seus relatos destacam a importância de esclarecer para o público que depende das legendas a caracterização da música — por exemplo, se é instrumental ou se contém letra.

Essa diferença expressiva na preferência pelo vídeo experimental sugere que a presença da letra da música nas legendas teve impacto direto na compreensão, no envolvimento emocional e na imersão na narrativa por parte dos participantes surdos. Esse mesmo resultado não foi encontrado por Aleksandrowicz (2020), cujo estudo indicou que diferentes formas de apresentar músicas não alteraram o nível de ressonância emocional dos participantes surdos poloneses.

Ao serem questionados sobre a preferência entre manter a letra da música em inglês ou apresentar uma tradução em português nas legendas, os participantes inicialmente divergiram: dois optaram pela transcrição original em inglês, enquanto um manifestou preferência pela tradução. No entanto, ao final da discussão do Grupo Focal 1, chegou-se a um consenso de que o ideal seria oferecer ao público surdo a possibilidade de escolha, por meio de uma Legendagem bilíngue — com a letra original e sua respectiva tradução em português. Essa opção foi considerada positiva tanto para a compreensão do conteúdo quanto para o contato com outras línguas, permitindo que pessoas surdas se familiarizem com outros repertórios linguísticos.

4.2.1.2 Grupo Focal 2

O Grupo Focal 2 foi conduzido com quatro pessoas surdas, todas da região Sul (uma de Santa Catarina, uma do Paraná e duas do Rio Grande do Sul). Um dos participantes possuía Doutorado Completo, dois Mestrado Completo e um Superior Completo. Todos se declararam como pessoas surdas com surdez profunda e afirmaram depender totalmente das legendas para

acessar filmes e séries. O Grupo Focal 2 teve duração de 1 hora e 13 minutos. Diferentemente do Grupo Focal 1, este grupo assistiu primeiro ao vídeo experimental e, em seguida, ao vídeo controle.

Ao serem apresentados aos dois vídeos para a testagem das estratégias de tradução de músicas, os participantes atribuíram notas de 1 a 10 às legendas e, em seguida, justificaram suas escolhas. As preferências observadas foram as seguintes:

Tabela 2 – Preferências do Grupo Focal 2 – Tradução de Músicas

Grupo Focal 2		
Participante	Vídeo Controle [Canta música pop]	Vídeo Experimental ♪ <i>You are... my fire.</i> ♪
P04	0	9
P05	3	7,5
P06	5	9
P07	5	9
MÉDIA	4	8,6

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Observa-se que, assim como no Grupo Focal 1, os participantes do Grupo Focal 2 também preferiram as legendas experimentais, que apresentavam a transcrição da letra da música. Entretanto, o grau de rejeição às legendas controle foi ainda maior — o participante 4 chegou a atribuir nota zero ao vídeo controle, justificando: *“Os ouvintes quando ouvem a música ouvem as palavras das letras da música, certo? Então para os surdos deveria ser igual.”* Esse mesmo participante atribuiu nota 9 às legendas experimentais, avaliando positivamente a experiência de conseguir identificar a letra da música e reconhecer que estava em inglês. Ressaltou, no entanto, a ausência de informações sobre o país de origem da canção (como Austrália, Reino Unido ou Estados Unidos) e sugeriu a inclusão de elementos prosódicos, como ritmo e entonação, possivelmente entre colchetes. Ao final, afirmou: *“[...] mas isso eu gostei porque eu consegui ver [...] em qual língua original era o vídeo.”* (P04 – GF2).

O participante 05 deu nota 3 para as legendas controle, justificando: *“Com essas legendas dá para a gente entender, mas não dá para acompanhar tudo, então, por isso eu dei a nota 3, é isso.”* Apesar de avaliar melhor o vídeo experimental, foi mais crítico em relação às legendas com a transcrição da letra:

*Eu também fiquei pensando com relação ao inglês porque a língua dessa série é realmente em inglês americano, é uma série americana, estadunidense, eu conheço essa série, eu gosto de assistir, já assisti praticamente todos os episódios. Então a língua que eles falam na série é o inglês e aí nas legendas a gente tem a tradução para o português, então por que não com a música? **Por que a música ficou original, e as falas são traduzidas para português e as legendas [da música] para o inglês? Então é um pouco estranho.** Então o nome da banda, por exemplo, que eu conheço também, é uma banda famosa, então tudo bem você deixou o nome original que é o nome da banda né aí é OK, mas a letra da música podia ter colocado em português, podia ter feito uma tradução, porque eu fico pensando que a letra tem a ver né? A questão da música ter a ver com o contexto da cena, o momento que tá acontecendo. Então se a tradução para o português estivesse lá a gente conseguiria, para quem não sabe inglês né, claro, a gente poderia até entender melhor o humor, conseguir dar mais risada. O inglês a gente consegue entender, claro, a música tanto em inglês [quanto em português] pelo contexto da cena, mas não 100%, fica essa limitação.” (P05 - GF2, grifos nossos).*

Percebe-se que esse participante já era familiarizado com a série e questionou a manutenção da letra da canção em inglês, enquanto todas as demais falas haviam sido traduzidas para o português. Trata-se de uma postura crítica que aponta para a preferência de assistir a cenas com trilha sonora legendada por meio da tradução da letra, permitindo melhor compreensão do humor da cena. Destaca-se a diferença entre as abordagens de P04 e P05: enquanto o primeiro defende que a experiência dos surdos deveria ser equivalente à dos ouvintes (que escutam a música em sua língua original, mesmo sem compreender), P05 preocupa-se com a imersão no produto audiovisual, independentemente da experiência ouvinte.

O participante 06 também manifestou preocupação com a ausência de tradução da letra para o português, sugerindo uma segunda linha de legenda com a respectiva tradução. Relatou:

[...] Talvez a gente poderia ter traduzido para português essa letra. Eu vi que tava em inglês, eu entendo e que as pessoas ouvintes ouvem em inglês essa música, mas nós surdos, como a gente poderia saber a tradução para o português? Então se possível seria legal colocar música em inglês e a tradução [...]. (P06 – GF2).

Basicamente, sugeri uma Legendagem bilíngue para músicas em idioma estrangeiro, demonstrando maturidade e letramento avançado em Legendagem.

Além disso, P06 expressou descontentamento com as legendas controle por não detalharem o que era efetivamente cantado pelos personagens. Embora tenha reconhecido a importância dos colchetes indicando “[cantam juntos]”, afirmou: “*Eu fiquei muito curioso, eu queria saber o que eles estavam cantando [...] principalmente a gente precisa do detalhamento da informação sobre a música, o que o personagem tá falando.*”

O participante 07 seguiu a mesma linha de raciocínio, sugerindo a manutenção da transcrição original em inglês acompanhada da tradução para o português: “[...] *podia só fazer esse complemento, acho que não tirar o inglês, deixa ali a transcrição para a gente mostrar*

qual é a língua original, e aí fazer essa tradução embaixo do português.” Novamente, reforça-se a sugestão de Legendagem bilíngue, prática ainda incomum no Brasil, exceto em Legendagem amadora ou em redes sociais.

Finalizando os relatos do Grupo Focal 2, as principais críticas ao vídeo controle giraram em torno da escassez de informações fornecidas por legendas como “[cantam música pop]”. O participante 07 observou: “[...] Aparece ali ‘música pop’ e aí faltou escrever [e] detalhar mais qual tipo de música pop é essa.” Além disso, destacou a ausência dos nomes dos personagens entre colchetes, sendo utilizados apenas travessões: “Quando aparecem os diálogos só aparece o travessão, não aparece quem tá falando, o nome dos personagens faltou.” (P07 – GF2). Essa crítica é interessante, pois os nomes dos personagens não desempenhavam, aparentemente, papel relevante na cena em questão.

4.2.1.3 Grupo Focal 3

O Grupo Focal 3 foi conduzido com quatro pessoas surdas, as quatro da região Sul (duas de Santa Catarina e duas do Rio Grande do Sul). Dois dos participantes possuía Doutorado Completo, um Especialização Completa e um Superior Completo. Dois participantes afirmaram ter surdez severa, um participante com surdez moderada e um com surdez profunda. Os quatro participantes se declaravam como pessoa surda e afirmaram que dependiam totalmente das legendas para acessar filmes e séries. O Grupo Focal 3 teve duração de 54 minutos e 19 segundos. O grupo focal assistiu primeiro ao vídeo controle e em seguida ao vídeo experimental.

Ao serem apresentados aos dois vídeos para testagem das estratégias de tradução de músicas, os participantes eram requeridos a dar uma nota de 1 até 10 para as legendas e em seguida deveriam justificar suas notas. As seguintes preferências foram observadas:

Tabela 3 – Preferências do Grupo Focal 3 – Tradução de Músicas

Grupo Focal 3		
Participante	Vídeo Controle [Canta música pop]	Vídeo Experimental ♪ You are... my fire. ♪
P08	9	10
P09	9	10
P10	9	10
P11	9	10
MÉDIA	9	10

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A tendência observada nos dois primeiros grupos se repetiu no terceiro: houve preferência pelas legendas experimentais, embora a diferença em relação às legendas controle tenha sido menos expressiva. Notou-se também maior homogeneidade nas avaliações, já que todos os participantes atribuíram exatamente as mesmas notas para cada vídeo. Levantamos, com cautela, a hipótese de que essa uniformidade possa ter sido influenciada pela presença de um participante com maior visibilidade na comunidade surda — reconhecido por seu ativismo em prol da Libras nas redes sociais. Consideramos que seu prestígio pode ter, ainda que de forma sutil, influenciado os demais, que possivelmente procuraram alinhar suas respostas às dele. Ainda assim, é importante destacar que, durante as discussões, todos foram estimulados a expressar suas próprias opiniões, sendo convidados a iniciar as falas em diferentes momentos.

Embora os votos tenham sido homogêneos, as discussões evidenciaram percepções distintas sobre a relação com a música e sua influência na recepção da Legendagem. O participante 08 relatou: “[...] *deu para entender que tinha uma música ali... eu acho que eu não tô muito acostumada a ter contato com música, [...] música para mim não quer dizer muita coisa, mas deu para entender que tinha uma música ali [...]*”. Na mesma perspectiva, o participante 11 afirmou, sobre a adjetivação [música pop]: “[...] *para mim é suficiente*”.

Em contrapartida, os participantes 09 e 10 afirmaram gostar de música e demonstraram maior interesse pela transcrição da letra. O relato do P09 ilustra essa percepção:

Então eu gosto muito de música, eu gosto de acompanhar a legenda com as músicas. Então eu gosto que apareça sim, mas por exemplo em inglês é um pouco complicado para mim, eu não sei se vale a pena eu ler a legenda em inglês ou não. Então eu preferia assim... talvez [com as informações entre colchetes]. Eu fiquei em dúvida, eu queria ver se essa música era realmente em inglês ou não, talvez eu pegaria ali o nome da banda e o nome da música e pesquisaria [...]. (P09 – GF3).

Assim, percebe-se que o P09 aceitou as legendas controle, mas com certo grau de insatisfação. Tanto ele quanto o P10 consideraram que as informações entre colchetes eram insuficientes. P10 observou: “[...] *qual o tipo de música? Uma romântica, uma música de terror, enfim têm vários tipos de música*”. Também ressaltou que a legenda trazia apenas o gênero, [música pop].

Após discutirem as legendas controle, apesar de todos terem dado nota 10 para as legendas experimentais, os participantes sugeriram que apenas a transcrição em inglês não seria suficiente. P08 afirmou: “[...] *a fala sendo inglês a legenda tem que ser em português, a tradução, para a gente poder acompanhar, fica mais claro*”. A partir disso, discutiu-se a possibilidade de Legendagem bilíngue, com a transcrição original em uma linha e a tradução

em português logo abaixo. P09 complementou: “*Eu já vi algumas minisséries no YouTube ou vídeos mais curtos que têm a Legendagem bilíngue inglês e em português e dá para acompanhar, eu consigo ver o original e consigo ver a tradução*”, demonstrando letramento em Legendagem e familiaridade com esse modelo.

P11 concordou com a adoção de Legendagem bilíngue especificamente para cenas com músicas, enquanto P10 ressaltou sua satisfação com a transcrição em inglês, afirmando: “[...] *apareceu em inglês, ‘you are my fire, my desire’. Dá para ver que eu treino um pouco inglês mas é difícil para mim. Eu gostei do jeito da legenda, achei bem fácil de acompanhar e bem gostoso*”. É relevante observar que P10 era o único participante com surdez moderada, ou seja, com alguma percepção auditiva, embora tivesse declarado depender totalmente das legendas para assistir a filmes e séries.

Encerrando o debate, P11 trouxe uma reflexão geracional:

Essa questão da música entre colchetes sendo adjetivada ou a transcrição da letra tem muito a ver com a questão da idade. Sou da geração dos anos 80 e por ter nascido nos anos 80 não se tem uma relação tão íntima com a música quanto os jovens surdos de hoje ou que nasceram a partir dos anos 2000 com a tecnologia, TikTok, essas outras redes sociais e tudo mais. Isso muda um pouco a relação, influencia um pouco a relação que essas pessoas surdas têm com a música. Essa geração ia querer sim a transcrição da letra na legenda ou querer saber para poder seguir o que está sendo cantado diferentemente de mim. (P11 – GF3).

Esse comentário destaca como fatores sociais e culturais moldam a relação das pessoas surdas com a música. Ao se identificar como alguém nascido na década de 1980, P11 reconhece que sua geração não foi incentivada a se apropriar de produtos culturais da comunidade ouvinte, ao passo que as gerações mais jovens, já inseridas em ambientes digitais e redes sociais, desenvolvem uma relação distinta com a música. O relato reforça a ideia de que estratégias de tradução de músicas na Legendagem Descritiva devem considerar não apenas critérios técnicos, mas também dimensões identitárias, culturais e geracionais.

4.2.1.4 Grupo Focal Controle

O Grupo Focal Controle foi conduzido com três pessoas surdas, uma da região Sul (Santa Catarina), uma do Nordeste (Ceará) e uma do Sudeste (Minas Gerais). Dois dos participantes possuíam Mestrado Completo e um, Superior Completo. Dois relataram surdez severa e um, surdez profunda. Todos se declararam como pessoas surdas e afirmaram depender totalmente das legendas para acessar filmes e séries. O Grupo Controle teve duração de 38

minutos e 15 segundos. Os participantes assistiram primeiro ao vídeo controle e, em seguida, ao vídeo experimental.

Ao serem apresentados aos dois vídeos para testagem das estratégias de tradução de músicas, os participantes atribuíram notas de 1 a 10 às legendas e justificaram suas avaliações. As preferências foram as seguintes:

Tabela 4 – Preferências do Grupo Controle – Tradução de Músicas

Grupo Focal 3		
Participante	Vídeo Controle [Canta música pop]	Vídeo Experimental ♪ <i>You are... my fire.</i> ♪
P12	10	10
P13	7	9
P14	5	10
MÉDIA	7,3	9,6

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Observa-se que a tendência registrada nos grupos focais experimentais se manteve no grupo controle, já que as legendas experimentais receberam avaliação mais positiva que as legendas controle. As preferências, contudo, não foram homogêneas. O participante 12, por exemplo, afirmou ter compreendido bem as legendas controle e declarou também ter gostado das legendas experimentais, atribuindo a mesma nota para ambos os vídeos. Ao justificar sua avaliação da transcrição da letra em inglês, P12 relatou:

Para mim entender perfeitamente a legenda precisa ser em português, claro. Mas eu acredito que as legendas estando em inglês eu não me preocupo, porque nesse caso é a transcrição da música. Eu claro não entendo tudo, mas eu gosto porque aí eu consigo ver qual o nome da música, eu consigo ver quais as palavras que estão na música, eu posso pesquisar depois no Google para ver a tradução... Então para mim... isso é uma coisa muito individual minha. Então para mim se eu consigo entender todo o contexto e a música tá ali com a transcrição em inglês para mim tá ótimo. (P12 – GC).

Esse posicionamento, de não se importar com a letra estar em inglês no caso das músicas, não foi compartilhado pelo participante 13, que deu nota 9 ao vídeo experimental e afirmou: “[...] porque eu vi ali a transcrição, a legenda tá muito boa, dá para seguir, dá para acompanhar.” No entanto, destacou sentir falta da tradução: “[...] eu não consegui entender o significado exatamente da música [...] eu fiquei sem entender. Então seria legal ter a tradução da letra em português na legenda.” (P13 – GC).

O participante 14 também demonstrou preferência pela transcrição da letra com símbolos musicais, afirmando: “[...] *isso me avisa que tá tendo uma música, é muito bom [...].*” Não apresentou queixas em relação à presença do inglês, mas reforçou que as legendas controle eram pouco informativas. De fato, os participantes 13 e 14 apontaram críticas semelhantes às legendas controle. A nota 5 de P13 foi justificada da seguinte forma:

Eu senti falta de mais informação sobre a música. Eu senti que eu precisava saber qual era a música que tavam cantando ali. Era música pop, mas que tipo de pop? Eu queria saber a letra também para poder acompanhar o contexto. Eu queria saber o que eles estavam cantando. Inclusive em alguns filmes às vezes eu vejo na legenda assim: ‘fundo musical triste’. Tá, mas o que mais? Eu quero saber! Eu fico curioso, eu fico querendo saber mais sobre essa música: é uma música instrumental? Falada? (P13 – GC).

O mesmo foi corroborado por P14, que afirmou sentir falta de informações adicionais sobre qual música estava sendo apresentada na cena. Apesar disso, considerou positivo o fato de a legenda indicar que os personagens estavam cantando, explicando: “[...] *às vezes eu não sei, às vezes pode parecer que a pessoa está em silêncio ou não tem nenhum som [...].*” Ao ser questionado sobre a possibilidade de Legendagem bilíngue, P14 afirmou preferir a letra da música em português, justificando que não domina o inglês.

Na finalização da discussão, os participantes concordaram que a Legendagem bilíngue poderia ser uma alternativa positiva, já que permitiria acesso simultâneo à língua original e à tradução em português. Reconheceram, contudo, que essa estratégia poderia gerar certo cansaço visual, mas concluíram que, por se tratar de trechos musicais pontuais, o impacto seria mínimo.

4.2.1.5 Resumo Dos Grupos Focais – Tradução de Músicas

Como pode ser percebido, em todos os grupos focais houve uma preferência majoritária pelas legendas experimentais. Os participantes demonstraram interesse em estratégias alternativas e curiosidade em acompanhar a letra da música no idioma original, avaliando essa possibilidade de forma geralmente positiva.

Muitos, no entanto, sugeriram a adoção de uma Legendagem bilíngue, que apresentasse simultaneamente a transcrição da letra em língua estrangeira e, logo abaixo, a tradução em português. Essas considerações reforçam a relevância de explorar soluções mais criativas e inclusivas para a tradução de músicas. A partir dessas observações, apresenta-se a seguir uma sistematização das médias de recepção dos quatro grupos focais quanto às estratégias de tradução musical utilizadas nas legendas. No Grupo Focal 1, os três participantes

relataram que as legendas experimentais permitiram acompanhar melhor a cena e a música, compreendendo inclusive a dinâmica entre os personagens. Destacaram que, mesmo em inglês, a transcrição da letra favoreceu o entendimento e o envolvimento com a narrativa.

Tabela 5 – Avaliação da Tradução de Músicas por Grupo Focal

Grupo Focal	Vídeo Controle	Vídeo Experimental
Grupo 1	7,2	9,8
Grupo 2	4,0	8,6
Grupo 3	9,0	10
Grupo Controle	7,3	9,6
Média Geral	6,88	9,5

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No Grupo Focal 2, as críticas às legendas controle foram ainda mais contundentes. Os participantes questionaram sua falta de detalhamento e sugeriram legendas bilíngues (com a letra em inglês e a tradução em português) como a alternativa ideal. Também pediram informações contextuais adicionais, como o país de origem da canção e elementos sonoros (ritmo, entonação).

No Grupo Focal 3, todos os participantes atribuíram nota máxima à legenda experimental, embora a diferença em relação à legenda controle tenha sido menos expressiva. As discussões evidenciaram a diversidade de relações que pessoas surdas estabelecem com a música, variando conforme a geração e o grau de exposição a conteúdos sonoros. Mesmo entre aqueles menos ligados à música, reconheceu-se que a transcrição da letra acrescenta valor à compreensão da cena. Participantes com maior familiaridade com o inglês destacaram que a Legendagem bilíngue favorece tanto o acesso ao conteúdo quanto a aprendizagem de outros idiomas.

Por fim, o Grupo Focal Controle confirmou a tendência observada nos demais, com preferência pelas legendas experimentais. As justificativas apontaram a limitação da legenda “[cantam música pop]” e o desejo de informações mais detalhadas sobre a canção e seus efeitos na cena. Embora alguns participantes não compreendessem inglês, houve aceitação da transcrição original desde que acompanhada de tradução. Ao final, o grupo considerou a Legendagem bilíngue uma alternativa positiva, desde que utilizada de forma pontual, evitando sobrecarga visual.

Em síntese, os resultados dos quatro grupos indicam que estratégias de tradução de músicas nas legendas precisam ser repensadas, a fim de atender melhor às necessidades e preferências do público surdo.

4.2.2 Parâmetro 2: Uso de cores para identificar personagens

Nesta subseção são apresentadas as percepções dos participantes dos grupos focais acerca do uso de cores nas legendas para identificar personagens em tela. Lembra-se que foram testadas duas estratégias distintas de Legendagem Descritiva: no vídeo controle, as legendas permaneceram brancas durante todo o trecho, e a identificação dos personagens foi feita por meio da apresentação de seus nomes entre colchetes no início de cada linha; já no vídeo experimental, cada personagem recebeu uma cor distinta atribuída às suas falas. O trecho selecionado para a testagem desse parâmetro foi extraído da série *Friends*.

A seguir, apresentam-se os relatos dos participantes sobre suas preferências em relação a esse recurso de Legendagem.

4.2.2.1 Grupo Focal 1

O Grupo Focal 1 foi conduzido com três pessoas surdas, todas da região Sul (duas de Santa Catarina e uma do Rio Grande do Sul). Um dos participantes possuía Doutorado Completo, outro Mestrado Completo e o terceiro Superior Completo. Os três se declararam como pessoas surdas com surdez profunda. Dois afirmaram depender totalmente das legendas para acessar filmes e séries, enquanto um declarou depender parcialmente. O encontro teve duração de 35 minutos e 12 segundos. O Grupo Focal 1 assistiu primeiro ao vídeo experimental e, em seguida, ao vídeo controle.

Ao serem apresentados aos dois vídeos para testagem do uso de cores na Legendagem, os participantes foram convidados a atribuir uma nota de 1 a 10 para as legendas e, em seguida, justificar suas escolhas. As seguintes preferências foram observadas:

Tabela 6 – Preferências do Grupo Focal 1 – Uso de cores

GRUPO FOCAL 1		
Participante	Vídeo Controle Legendas Brancas + [Nome Do Personagem]	Vídeo Experimental Legendas Coloridas
P01	8	7,5
P02	8	8,5
P03	8,5	8
MÉDIA	8,1	8

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Como mostra a tabela 6, não foi observada entre os participantes do Grupo Focal 1 uma preferência claramente definida entre os dois vídeos, visto que as legendas controle obtiveram média de 8,1 e as legendas experimentais média de 8,0. Esse resultado difere dos dados obtidos no questionário, no qual 41 respondentes se declararam satisfeitos com as legendas controle e apenas oito insatisfeitos, sem considerar os neutros; enquanto 23 respondentes avaliaram as legendas experimentais como satisfatórias, 18 as consideraram insatisfatórias, e 14 optaram por uma posição neutra em relação ao uso de cores.

Esses dados sugerem que, ao contrário do que apontou o questionário, o Grupo Focal 1 demonstrou uma recepção mais equilibrada entre as duas estratégias de uso de cores na Legendagem, indicando que a avaliação qualitativa em grupo pode revelar percepções com nuances distintas daquelas captadas por respostas individuais. Além disso, os participantes do grupo focal não possuíam a opção de se manterem neutros — apenas poderiam indicar uma posição intermediária por meio de uma nota “média”, como 5, o que não ocorreu neste caso.

Assim, os participantes do Grupo Focal 1 reiteraram em seus relatos que o uso de legendas coloridas tem potencial e não deve ser descartado. Por exemplo, o P01 afirmou entender que essa estratégia representa uma novidade e que as pessoas ainda não estão habituadas a legendas coloridas. Relatou então: *“Não sei qual seria o significado dessas cores, o que essas cores representariam. Quando vemos legendas de uma única cor, é mais rápido, o ritmo também... Estamos mais acostumados. E as legendas coloridas são um pouco diferentes.”* (P01 – GF1).

Diante disso, a pesquisadora questionou P01 se, em sua opinião, caso esse tipo de legenda circulasse por mais tempo no Brasil, as pessoas se adaptariam e se sentiriam mais confortáveis, ao que respondeu: *“É, exatamente. Isso!”* (P01 – GF1).

O P02 também corroborou essa perspectiva, explicando que entendeu que cada cor representava um personagem, inclusive dizendo: “*Se tudo branca [se as legendas forem todas brancas], como vou saber quem falou?*” (P02 – GF1). Esse posicionamento justifica a nota atribuída: P01 deu 7,5 para as legendas coloridas, enquanto P02 atribuiu nota 10. Já o P03 justificou sua nota 8 para o uso de cores afirmando que sentiu falta de uma combinação entre as cores das legendas e o figurino dos personagens. Seu relato foi o seguinte:

Por que nas legendas as cores combinavam com quem está falando? Porque quando eu vi as legendas eu imaginei que as legendas combinariam com a cor da roupa do personagem. Precisaria ter essa conexão, a cor da legenda é a mesma da roupa do personagem que está falando naquele momento. Então para mim ficou um pouco confuso: [no trecho onde Mônica e Rachel estão em cena], qual mulher estava falando? (P03 – G1).

Após essa fala de P03, a pesquisadora pergunta se as legendas mereceriam nota 10 se as cores das legendas acompanhassem a cor da roupa dos personagens, e a resposta foi positiva. Esse relato de P03 demonstra uma perspectiva crítica acerca da escolha do uso de cores nas legendas. Essa ideia provavelmente foi considerada graças à influência de produções audiovisuais nas quais a roupa do intérprete de Libras muda de acordo com os falantes em questão. Além disso, P03 também acrescentou que gostaria de saber, em séries gravadas com público ao vivo ou com a adição de *canned laughter*, se a plateia estaria aplaudindo em determinadas cenas.

Já em relação ao vídeo controle, alguns participantes afirmaram sua preferência pelo uso dos nomes dos personagens entre colchetes em todas as legendas — além de comentarem preferir legendas amarelas em vez de brancas. O P01 demonstrou sua insatisfação com esse fato, mas declarou entender que muitas vezes, pela questão do *timing*, não há tempo hábil para inserir o nome de todos os personagens em cada legenda. Além disso, fez um apelo interessante a favor da presença de informações mais completas, conforme relatou:

Porque na apresentação das legendas eu percebi que havia o nome dos personagens entre colchetes. Mas nem sempre em todos os momentos apareciam os nomes, porém eu entendo que é porque às vezes as falas são muito rápidas e às vezes tinha a omissão dos nomes. É para as pessoas saberem quem está falando. Eu sei que essas informações são muito rápidas, por essa questão eu dou nota 8. Também porque faltaram algumas informações de som. Eu vi que havia aplausos, gritos, pelo contexto da cena, e eu vi que faltou isso [nas legendas]. Porque às vezes as pessoas surdas não sabem o que tem por trás [ao fundo, ou na cena em off] que há pessoas dando risada, ou que as pessoas estão felizes ou comemorando, elas [as pessoas surdas] seguem só o que está na legenda mesmo, então seria interessante colocar. (P01 – GF1).

Esse relato de P01 evidencia uma reivindicação da comunidade surda por informações mais completas nas legendas, o que realmente não foi contemplado no trecho da série *Friends*, onde há *canned laughter*. Cabe destacar que P01 declarou ter surdez profunda, mas depender apenas parcialmente das legendas.

Talvez por influência desse relato, o P02 afirmou em seguida que concordava com essas colocações e deu nota 8 para as legendas controle pela mesma razão que o P01, acrescentando que, no momento final do trecho, percebeu a informação [todos riem juntos] entre colchetes, sobre a qual comentou: “*Isso aí é legal, né.*” (P02 – GF1). Seguindo para a finalização, o P03 afirmou: “*As legendas estão de acordo com a acessibilidade, para que todas as pessoas consigam assistir com conforto.*” (P03 – GF1).

Entretanto, queixou-se de que nem todas as legendas traziam os nomes dos personagens: “*Eu vi que em algumas legendas não tinha o nome dos personagens, então o nome entre colchetes não estava em TODAS as legendas.*” (P03 – GF1). Ainda assim, também reconheceu que, pela questão do tempo, não seria possível manter os nomes em todas as legendas.

Ao final dessa etapa, o P02 fez um último comentário e alterou sua nota das legendas coloridas. Ele relatou que, embora sua primeira impressão tivesse sido influenciada pelo padrão normalmente visto na TV — legendas em uma única cor, geralmente branca ou amarela — reconheceu que, no trecho exibido na pesquisa, as legendas coloridas contribuíram positivamente para a compreensão. Sua mudança de opinião foi motivada pela sugestão de P03, que propôs a combinação entre a cor das legendas e o figurino dos personagens. Por isso, o P02 modificou sua nota inicial de 10 para 8,5.

Desse modo, percebe-se que as discussões do Grupo Focal 1 giraram em torno do potencial do uso de cores nas legendas. Os participantes não se posicionaram contra essa possibilidade, e as notas médias para as duas estratégias de Legendagem obtiveram uma recepção similar — não reproduzindo os resultados do questionário, no qual a maioria dos respondentes (41 satisfeitos e 8 insatisfeitos) preferiu as legendas brancas com identificação dos personagens entre colchetes em detrimento das legendas coloridas (23 satisfeitos e 18 insatisfeitos).

4.2.2.2 Grupo Focal 2

O Grupo Focal 2 foi conduzido com quatro pessoas surdas, todas da região Sul (uma de Santa Catarina, duas do Rio Grande do Sul e uma do Paraná). Um dos participantes possuía

Doutorado Completo, dois Mestrado Completo e um Superior Completo. Os quatro se declararam como pessoas surdas com surdez profunda e afirmaram depender totalmente das legendas para acessar filmes e séries. O encontro teve duração de 1 hora e 13 minutos. O grupo assistiu primeiro ao vídeo controle e, em seguida, ao vídeo experimental.

Ao serem apresentados aos dois vídeos para testagem do uso de cores na Legendagem, os participantes foram convidados a atribuir notas de 1 a 10 às legendas e a justificar suas escolhas. As preferências foram as seguintes:

Tabela 7 – Preferências do Grupo Focal 2 – Uso de cores

GRUPO FOCAL 2		
Participante	Vídeo Controle Legendas Brancas + [Nome Do Personagem]	Vídeo Experimental Legendas Coloridas
P04	6	8
P05	7,5	6
P06	8	7
P07	8	8
MÉDIA	~7,3	~7,2

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Como mostra a tabela 7, assim como aconteceu no primeiro grupo focal, não foi observada entre os participantes do Grupo Focal 2 uma preferência bem definida entre os dois vídeos, visto que as legendas controle obtiveram nota média de 7,3 e as legendas experimentais 7,2. Esse resultado difere dos dados do questionário, no qual 41 respondentes se declararam satisfeitos com as legendas controle e apenas 8 insatisfeitos (não considerando os neutros); já em relação às legendas experimentais, 23 participantes avaliaram positivamente, 18 negativamente e 14 mantiveram-se neutros.

Apesar de a média do vídeo controle ter sido levemente superior, o P04 queixou-se do uso de colchetes, atribuindo nota 6 às legendas. Relatou não gostar da estratégia de inserir nomes entre colchetes, por considerá-la confusa, pouco informativa e visualmente cansativa. Demonstrou preferência pelo uso do travessão para indicar falas: *“Dá para ver quem está falando pelo movimento da boca e pelo contexto. [...] Acho que o nome de todos os personagens entre colchetes é um pouco exagerado.”* (P04 – GF2). É importante mencionar que esse participante é uma pessoa surda amplamente inserida em contextos internacionais, com domínio da Língua de Sinais Internacionais.

Na direção oposta, o P05, que atribuiu nota 7,5 ao vídeo controle, afirmou considerar importante a apresentação do nome dos personagens entre colchetes, sobretudo em cenas com múltiplos falantes e trocas rápidas de turno. Acrescentou, entretanto, que quando apenas um personagem está em foco, como Ross no trecho analisado, a repetição de seu nome seria desnecessária: *“Ele tá sempre ali sozinho fazendo as perguntas, aí toda hora Ross, Ross... não precisa. Mas no momento em que eles estão em duplas, um falando em cima do outro, é melhor colocar o nome.”* (P05 – GF2). Esse participante também observou que legendas brancas não seriam as mais adequadas, preferindo as amarelas, embora tenha reconhecido que tanto surdos quanto ouvintes já estão habituados ao padrão em branco.

O P06 corroborou essa visão, afirmando: *“Se o personagem está em foco, não precisa do nome entre colchetes. Mas, se é um participante em off, precisa colocar, para eu saber quem está falando. Prefiro legendas amarelas porque dão mais contraste.”* (P06 – GF2).

O P07, por sua vez, relatou inicialmente que preferia que o nome de todos os personagens fosse colocado entre colchetes, independentemente da cor: *“Não colocar o nome de alguns e de outros não. Colocar todos. Para mim a cor pode continuar uniforme, porque o nome entre colchetes já mostra quem está falando.”* (P07 – GF2). Entretanto, ao final das discussões — provavelmente influenciado pelos demais — P07 revisou sua posição, concordando que, quando o personagem está em foco, não seria necessário repetir seu nome entre colchetes.

Após assistirem ao vídeo experimental, os participantes iniciaram a discussão sobre o uso de cores. O P04 manteve sua preferência por legendas amarelas, com apenas o travessão indicando diálogo. Reconheceu, contudo, que em vídeos curtos, como no caso da pesquisa, a mudança de cores poderia ser positiva e visualmente interessante, acrescentando que, em filmes longos, a experiência poderia se tornar cansativa para os olhos.

Na mesma linha, o P05 apresentou um relato mais detalhado acerca de suas reservas em relação ao uso de cores nas legendas, que será reproduzido a seguir:

É cultural porque aqui no Brasil nós não estamos acostumados. Aqui no Brasil pouco a gente vê as legendas mudarem de cor, nós estamos acostumados com uma única cor na legenda toda. Então, por exemplo, às vezes em um vídeo curto pode ser que seja interessante mas eu fico imaginando um filme longo de uma hora ou duas horas... Talvez fosse preciso que nós fôssemos até a Europa para ver como que é a experiência das pessoas lá, como é a experiência cultural lá para a gente poder saber se realmente gosta ou não, porque precisa ter essa troca de experiência. Aqui no Brasil eu acho muito difícil, muito difícil mesmo. Minha nota seria 6. Eu também precisei ficar lembrando das informações então por exemplo, essa pessoa é essa cor, aquela pessoa é aquela outra cor rosa... Eu precisei ficar memorizando e isso me dá um pouco de cansaço. Se a gente vai assistir um filme ou um vídeo tem que ser confortável, não pode ser um trabalho, para a gente ficar trabalhando a memória, tem que ser

confortável, tem que ser prazeroso e eu acho que isso [a mudança de cores] não ajuda, então por isso minha nota é 6. (P05 – GF2)

Percebe-se que o P05 possui uma perspectiva clara acerca da realidade da Legendagem no Brasil. É interessante mencionar que esse participante já atuou como consultor de LSE — conforme seu próprio uso da sigla — em uma série de projetos. Além disso, seu relato reforça a ideia de que, muito provavelmente, a recepção das legendas coloridas está diretamente ligada às tradições culturais da área do audiovisual e ao costume do público brasileiro, habituado a legendas de cor única. O participante reconheceu que a proposta pode ter potencial em vídeos curtos, mas demonstrou preocupação em conteúdos mais longos devido à necessidade de memorizar quais cores correspondem a quais personagens, o que poderia tornar a experiência cansativa e exigir esforço cognitivo adicional.

Após esse relato, o P06 concordou com os anteriores e destacou que a falta de costume com o uso de cores nas legendas pode causar estranhamento. Para ele, a adoção de um padrão fixo de cores ajudaria a melhorar a compreensão e a tornar a experiência mais confortável. Nessa mesma linha, o P07, que atribuiu a mesma nota para o vídeo controle e o experimental, comentou: *“Eu gostei... Gostei que as cores diferentes mostravam personagens diferentes.”* (P07 – GF2).

Um comentário interessante que surgiu nessa discussão foi o sarcasmo de P05, que observou: *“Eu teria que estudar antes de assistir ao vídeo, para saber através de quais cores cada personagem seria legendado.”* (P05 – GF2).

Finalizando a discussão, quando questionados sobre o uso de legendas coloridas em filmes mais longos, como produções de duas horas, os participantes expressaram preocupação com o possível cansaço visual. Comentaram que, nesse contexto, a mudança constante de cores poderia tornar a experiência cansativa.

4.2.2.3 Grupo Focal 3

O Grupo Focal 3 foi conduzido com quatro pessoas surdas, todas da região Sul (duas de Santa Catarina e duas do Rio Grande do Sul). Dois participantes possuíam Doutorado Completo, um Especialização Completa e um Superior Completo. Dois afirmaram ter surdez severa, uma surdez moderada e um surdez profunda. Os quatro se declararam como pessoas surdas e afirmaram depender totalmente das legendas para acessar filmes e séries. O encontro

teve duração de 54 minutos e 19 segundos. O grupo assistiu primeiro ao vídeo experimental e, em seguida, ao vídeo controle.

Ao serem apresentados aos dois vídeos para testagem do uso de cores na Legendagem, os participantes foram convidados a atribuir uma nota de 1 a 10 às legendas e justificar suas escolhas. As preferências foram as seguintes:

Tabela 8 – Preferências do Grupo Focal 3 – Uso de cores

GRUPO FOCAL 3		
Participante	Vídeo Controle Legendas Brancas + [Nome Do Personagem]	Vídeo Experimental Legendas Coloridas
P08	8	7
P09	8,5	8
P10	8	5,5
P11	8	6
MÉDIA	~8,1	~6,6

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No Grupo Focal 3 manteve-se a tendência dos resultados do questionário, já que a preferência pelas legendas brancas com o uso de colchetes foi maior (média 8,1), enquanto as legendas coloridas receberam uma recepção mais negativa (média 6,6). Isso não aconteceu nos dois primeiros grupos focais, nos quais as preferências foram mais equilibradas.

O participante P09 relatou que demorou um pouco para entender qual cor correspondia a cada personagem e afirmou preferir os nomes entre colchetes. O P08 corroborou essa percepção, dizendo que se sentiu confuso e que as legendas não foram suficientemente explicativas, relatando preferir a apresentação dos nomes dos personagens em vez da mudança constante de cores, que atrapalhou sua apreciação do vídeo.

Seguindo esse mesmo sentido, o participante P11 fez um relato detalhado explicando como se sentiu em relação à mudança de cores:

Eu demorei muito para saber qual cor era de cada personagem demorei para fazer essa relação, eu até perdi conteúdo da legenda só tentando saber quem era quem, de qual cor era de qual personagem. Na hora que os dois meninos sentam e as meninas levantam eles falam algo ali bem rápido e eu achei que era as meninas falando mas na verdade era os meninos. Então isso ficou um pouco confuso, essa troca das cores. [...] Nesse vídeo da mudança de cores eu perdi conteúdo, porque sempre quebrava

meu raciocínio, procurando saber de qual personagem eram as respectivas cores.
(P11 – GF3).

Esse depoimento corrobora relatos de participantes de outros grupos, que também declararam sentir-se perdidos e confusos com a troca repentina de cores nas legendas. Ao final da discussão sobre o vídeo experimental, os participantes foram questionados sobre a possibilidade de se acostumarem com esse recurso em um filme mais longo. Eles afirmaram que isso provavelmente seria muito cansativo para os olhos. Um deles chegou a comentar: *"Nossa, imagina por duas horas assistir uma legenda rosa ou magenta, né? Dá até coceira no olho."* Outro participante sugeriu que talvez fosse mais fácil se as cores fossem previamente associadas a cada personagem, mas a maioria concordou que o ideal seria utilizar apenas uma cor ao longo de todo o vídeo. Houve consenso de que a cor amarela seria a mais adequada, e o vídeo com legendas coloridas foi reprovado pelo Grupo Focal 3.

Em relação ao vídeo controle, as legendas brancas com o nome dos personagens entre colchetes foram, em geral, aprovadas. Apenas dois participantes se manifestaram com relatos específicos. O P11 destacou que, em alguns momentos, os nomes dos personagens não estavam presentes, o que dificultava a compreensão, especialmente nas cenas em que vários personagens falavam ao mesmo tempo. Ele afirmou que é essencial que os nomes sejam incluídos em todas as linhas. O P08 também concordou, relatando: *"Vi que em algumas legendas o nome do personagem sumiu, precisa colocar em todas."*

4.2.2.4 Grupo Focal Controle

O Grupo Focal Controle foi conduzido com três pessoas surdas: uma da região Sul (Santa Catarina), uma da região Nordeste (Ceará) e uma do Sudeste (Minas Gerais). Dois participantes possuíam mestrado completo e um, superior completo. Dois afirmaram ter surdez severa e um, surdez profunda. Os três se declararam como pessoas surdas e afirmaram depender totalmente das legendas para acessar filmes e séries. O encontro teve duração de 38 minutos e 15 segundos. O grupo assistiu primeiro ao vídeo experimental e, em seguida, ao vídeo controle. As preferências acerca do uso de cores nas legendas podem ser visualizadas a seguir:

Tabela 9 – Preferências do Grupo Controle – Uso de cores

GRUPO FOCAL CONTROLE		
Participante	Vídeo Controle Legendas Brancas + [Nome Do Personagem]	Vídeo Experimental Legendas Coloridas
P12	7	6
P13	9,5	5
P14	10	3
MÉDIA	~8,8	~4,6

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O Grupo Controle apresentou, de forma bastante acentuada, a recepção mais negativa em relação ao uso de cores na Legendagem para a identificação de falantes. As críticas formuladas pelos três participantes convergiram para uma questão recorrente também nos demais grupos: a sensação de confusão provocada pelo uso de diferentes cores. Cabe ressaltar que os participantes do Grupo Controle não haviam respondido ao questionário anterior, sendo esse o primeiro contato com os vídeos legendados. Assim, de forma comparativa, observa-se uma consistência na recepção crítica das legendas coloridas por parte do público surdo. Levanta-se ainda a hipótese de que, por já terem tido contato prévio com esse parâmetro durante a etapa do questionário, os participantes dos três grupos focais tenham demonstrado uma reação menos negativa, possivelmente por estarem menos surpresos diante do recurso.

Ao discutirem sobre o vídeo experimental, os relatos dos três participantes evidenciaram estranhamento e confusão em relação ao uso de cores. O P12, que coincidentemente era o participante mais jovem dos grupos focais, com 25 anos, relatou que não tinha o hábito de ver diferentes cores nas legendas e sentiu estranhamento ao assistir ao vídeo experimental, pois não sabia qual cor correspondia a cada personagem. Ele também complementou:

[...] Eu preciso saber o nome do personagem, eu quero saber o nome do personagem... Se eles estão fazendo um jogo ali de perguntas e respostas, eu quero saber quem tá falando. Então se antes, no começo, fosse combinado comigo, fosse avisado: 'olha, tal personagem é tal cor', tudo bem. Mas na hora que eu comecei a assistir, assim do nada, eu fiquei pensando quem é quem nessa cor? Eu achei confuso. (P12 – GC).

Como P12 atribuiu nota 5 às legendas experimentais pela justificativa apresentada em seu relato acima, percebeu-se a mesma queixa nos relatos dos outros participantes do grupo controle. Mais especificamente, o P13, que também deu nota 5 ao vídeo experimental, explicou

que concordava com o relato de P12 e que o uso de diferentes cores atrapalhou sua experiência ao assistir ao trecho. Relatou ainda que, quando finalmente começava a associar determinadas cores a personagens específicos, as cores mudavam novamente — queixa que, provavelmente, se refere ao fato de que, no trecho da série *Friends*, as duas últimas personagens a entrarem em cena só aparecem após a metade do vídeo.

O P13 também declarou preferir o uso dos nomes dos personagens entre colchetes, afirmando que: “[...] *eu sei que o nome da personagem é Mônica, então bota o nome Mônica, e depois bota o nome dos outros personagens. Eu acho que assim é mais fácil de acompanhar a cena.*” (P13 – GC). É interessante notar que o grupo assistiu primeiro ao vídeo experimental; portanto, até esse ponto, P12 ainda não havia tido contato com o recurso dos colchetes, o que mostra como esse parâmetro da Legendagem Descritiva já está enraizado na experiência do público surdo.

Finalmente, o P14 justificou sua nota 3 ao vídeo experimental com os mesmos argumentos dos outros participantes, afirmando ter se sentido confuso e sem conseguir identificar quais cores pertenciam a quais personagens. Acrescentou que prefere o uso de colchetes com o nome do personagem e trouxe uma perspectiva relevante em relação ao público surdocego: “*para elas [as pessoas surdocegas] talvez seja difícil de ver essas cores e diferenciar, está muito misturado. As pessoas que têm baixa visão e tudo mais.*” (P14 – GC).

É importante mencionar que o P14 tem participação ativa na FENEIS e em outros movimentos em defesa da comunidade surda, o que explica sua preocupação com pessoas surdocegas ou com baixa visão — perspectiva inédita até então entre os participantes dos grupos focais. Desse modo, destaca-se a importância de considerar esse público ao pensar estratégias de Legendagem Descritiva.

Após a discussão sobre o vídeo experimental, os participantes assistiram ao vídeo com legendas brancas e nomes entre colchetes, o qual recebeu uma recepção muito mais positiva em comparação ao uso de cores. A média das notas foi de 8,8. As críticas giraram em torno de duas questões: P12 afirmou que o nome dos personagens deveria aparecer em todas as legendas, sem exceção; já P13 observou a presença de uma legenda com o sinal de pontuação de dois pontos (:), declarando não estar acostumado com esse tipo de recurso, motivo pelo qual deu nota 9,5 ao vídeo controle.

Por outro lado, P14 atribuiu nota 10 às legendas brancas com uso de colchetes, afirmando não ser necessário apresentar o nome dos personagens em todas as legendas, relatando que:

Eu acho que não precisa colocar o nome entre colchetes em todos os personagens. Então se há uma cena que tem muita gente falando junto, ou com muitas personagens falando ao mesmo tempo, aí você coloca o nome entre colchetes. Mas se só tem uma pessoa na cena, focado nela, e ela tá falando, aí não precisa colocar o nome porque pela imagem e pelo contexto a gente consegue inferir que quem tá falando é aquela pessoa. Eu penso assim. (P14 – GC).

Esse relato também demonstra um conhecimento mais aprofundado por parte do participante P14, assim como já havia sido observado em outros participantes, como o P05, acerca das diretrizes de Legendagem — em especial, o entendimento de que não é necessário repetir o nome dos personagens entre colchetes em todos os momentos, mas apenas quando se faz necessário. Dessa forma, o P14 declarou-se 100% satisfeito com as legendas controle, atribuindo nota 10.

Encerrando as discussões sobre o uso de cores nas legendas no Grupo Focal Controle, observou-se uma tendência semelhante à verificada nas respostas do questionário, nas quais a maioria dos participantes demonstrou preferência pelas legendas brancas acompanhadas do nome dos personagens entre colchetes. Considerando que os demais grupos não apresentaram o mesmo grau de rejeição — tanto em termos de frequência quanto de intensidade das críticas — levanta-se a hipótese de que o primeiro contato com esse tipo de recurso, capaz de provocar estranhamento inicial, já havia ocorrido com os participantes dos outros grupos durante a etapa do questionário. Por esse motivo, pode-se explicar o fato de que a recepção do vídeo experimental foi, de modo geral, mais positiva nos grupos focais do que no Grupo Controle.

4.2.2.5 Resumo dos Grupos Focais

Como pode ser observado, em todos os grupos focais houve rejeição às legendas experimentais. Praticamente todos os participantes relataram que o uso de diferentes cores nas legendas deixou a apreciação do vídeo confusa, fazendo com que se perdessem ao tentar acompanhar as falas dos personagens.

Alguns sugeriram que a recepção poderia ser mais positiva se a cor da legenda fosse combinada previamente com o público ou se houvesse correspondência entre a cor da legenda e a do figurino dos personagens. Apesar dessas sugestões, as legendas experimentais receberam, de modo geral, uma avaliação bastante negativa em comparação às legendas controle.

A seguir, apresentamos a sistematização das médias atribuídas pelos quatro grupos focais em relação ao uso de cores nas legendas, conforme sintetizado na tabela abaixo:

Tabela 10 – Avaliação do uso de cores por Grupo Focal

Grupo Focal	Vídeo Controle	Vídeo Experimental
Grupo 1	8,1	8
Grupo 2	7,3	7,2
Grupo 3	8,1	6,6
Grupo Controle	8,8	4,6
MÉDIA	8	6,6

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Como pode ser observado na tabela 10, as legendas controle foram mais bem recebidas pelos participantes dos grupos focais. As notas mais baixas atribuídas a esse vídeo estiveram relacionadas ao fato de as legendas serem brancas, e não amarelas, bem como à ausência do nome dos personagens entre colchetes em todas as linhas — mesmo em situações nas quais o contexto da cena deixava claro quem era o falante no turno de fala. Diferentemente disso, as críticas às legendas experimentais referiam-se ao entendimento e à própria apreciação do vídeo.

Nos Grupos Focais 1 e 2, a recepção foi relativamente equilibrada entre as duas estratégias. Embora os participantes reconhecessem que as legendas coloridas exigem maior esforço para a associação entre cores e personagens, também apontaram seu potencial como recurso de acessibilidade, especialmente se houver tempo de adaptação cultural. As discussões revelaram que o uso de cores pode facilitar a identificação de falas em cenas com múltiplos interlocutores, mas também gera confusão quando aplicado sem padronização ou explicação prévia. Alguns participantes sugeriram que a eficácia do recurso poderia ser aprimorada caso as cores estivessem associadas ao figurino dos personagens ou se houvesse uma legenda inicial indicando qual cor corresponde a cada falante.

No Grupo Focal 3 e no Grupo Controle, a preferência foi claramente pela legenda tradicional com nomes entre colchetes, seguindo a tendência observada no questionário aplicado anteriormente. Participantes desses grupos relataram confusão, cansaço visual e perda de conteúdo ao tentar compreender quem estava falando por meio das cores. Além disso, destacaram a importância da constância na apresentação dos nomes dos personagens e observaram que as legendas coloridas podem ser ainda mais desafiadoras para pessoas com baixa visão ou surdocegueira. A familiaridade com o padrão tradicional foi apontada como fator determinante para a rejeição das legendas coloridas.

De modo geral, os grupos focais indicaram que, embora exista potencial para o uso de cores como ferramenta de acessibilidade, essa prática ainda enfrenta resistência por parte do

público surdo, sobretudo pela falta de costume e pela ausência de padronização. A pesquisa também mostrou que a interação coletiva nos grupos gerou reflexões mais críticas do que os questionários individuais, permitindo um aprofundamento sobre as demandas específicas da comunidade surda em relação à Legendagem. Recomenda-se, portanto, que futuras iniciativas com legendas coloridas sejam acompanhadas de testes de usabilidade, padronização visual e estratégias de familiarização, para que possam ser bem recebidas e efetivamente compreendidas.

4.2.3 Parâmetro 3: Posicionamento das legendas para diferenciar personagens

Serão apresentadas, a seguir, as percepções dos participantes dos grupos focais acerca da mudança de posicionamento das legendas para identificação de personagens. Lembra-se que foram testados dois tipos de posicionamento: no vídeo controle, as legendas estavam centralizadas na parte inferior da tela, acompanhadas do nome dos personagens entre colchetes; já no vídeo experimental, as legendas se deslocavam horizontalmente para acompanhar a posição de cada personagem em cena.

Para a testagem desse parâmetro foi utilizado um trecho do filme *Carnage* (2011). A seguir, apresentam-se os relatos dos participantes sobre suas preferências em relação a esse recurso.

4.2.3.1 Grupo Focal 1

O Grupo Focal 1 foi conduzido com três pessoas surdas, todas da região Sul (duas de Santa Catarina e uma do Rio Grande do Sul). Um dos participantes possuía Doutorado Completo, outro Mestrado Completo e o terceiro Superior Completo. Os três participantes tinham surdez profunda e se declararam como pessoas surdas. Dois afirmaram depender totalmente das legendas para acessar filmes e séries, enquanto um declarou depender parcialmente. O encontro teve duração de 35 minutos e 12 segundos. O grupo assistiu primeiro ao vídeo controle e, em seguida, ao vídeo experimental.

Ao serem apresentados aos dois vídeos para a testagem da mudança de posicionamento das legendas para identificação de personagens, os participantes foram convidados a atribuir

uma nota de 1 a 10 às legendas e, em seguida, justificar suas escolhas. As seguintes preferências foram observadas:

Tabela 11 – Preferências do Grupo Focal 1 – Posicionamento das legendas

GRUPO FOCAL 1		
Participante	Vídeo Controle Legendas centralizadas + [nome do personagem]	Vídeo Experimental Mudança de posicionamento
P01	9	9,5
P02	9	9,5
P03	9	9,5
MÉDIA	9	9,5

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Percebe-se que os participantes do Grupo Focal 1 tiveram opiniões bastante similares em relação ao posicionamento das legendas. A preferência entre o vídeo controle (média 9) e o vídeo experimental (média 9) foi praticamente a mesma. Esse resultado não correspondeu aos dados do questionário, no qual, no vídeo controle, 42 pessoas declararam-se satisfeitas com o posicionamento das legendas, enquanto, no vídeo experimental, apenas 31 se disseram satisfeitas com as legendas que mudavam de posição para acompanhar os personagens. Entre os insatisfeitos, ainda nos resultados do questionário, 15 pessoas relataram descontentamento com as legendas experimentais e apenas 8 com as legendas controle.

Esse dado revela que os participantes do Grupo Focal 1 não sentiram um estranhamento tão significativo com a mudança de posicionamento das legendas, conforme era nossa hipótese e conforme foi relatado pelos respondentes do questionário. Inclusive, após o fim das discussões do grupo, o vídeo experimental alcançou uma média ligeiramente maior. O P03 comentou que, em um trecho tão curto (1 minuto e 8 segundos), demorou para associar os nomes aos personagens: “[...] *Do começo até o final dá para perceber quem é quem, dá para associar o nome entre colchetes com os personagens.*” (P03 – GF1).

Esse relato chama atenção para o fato de que utilizar trechos muito curtos para testar certos parâmetros da Legendagem pode não ser a melhor alternativa, visto que o tempo necessário para os participantes se acostumarem ao vídeo e julgarem suas preferências precisa ser suficiente. Em alguns casos, como o de P03, a nota mais baixa atribuída às legendas controle não se deveu à insatisfação com o parâmetro em si, mas à falta de tempo hábil para associar os personagens aos nomes, o que gerou certa confusão e estranhamento. Isso não ocorreu com os outros dois trechos analisados (*Friends* e *Brooklyn 99*), pois P03 afirmou já conhecer as séries e seus personagens.

Outros comentários dos participantes P01 e P02 também giraram em torno dessa questão. Os participantes perceberam que os nomes dos personagens estavam entre colchetes e identificaram outras informações no decorrer do trecho, como no momento em que uma personagem imita a fala de outra e as legendas indicam: “[imitando Nancy]”. Além disso, P02 afirmou que, além da ajuda dos colchetes, também conseguia se orientar pelo contexto da cena, acompanhando a direção da câmera: “[...] *Dava para ver a câmera e também seguir o personagem, dava para perceber sim.*” (P02 – GF1). Entretanto, P02 também atribuiu nota 9, justificando que precisaria de mais tempo para associar os nomes aos personagens até o final do trecho.

No vídeo experimental, as discussões giraram em torno de dois pontos principais: (i) a possibilidade de divisão da tela em três partes mais uniformes e (ii) a reflexão sobre a aplicação desse parâmetro em filmes mais longos. Com relação ao primeiro ponto, P02 relatou: “[...] *em cenas que tem três pessoas e a pessoa do meio tá falando aí, se elas falarem ao mesmo tempo, dê para trazer as legendas mais para direita, mais para esquerda e a do meio centralizada, para ficar a pessoa que tá falando... Aí fica muito claro.*” (P02 – GF1). Embora esse comentário pareça fora de contexto, já que no trecho analisado não havia três falantes simultâneos, trata-se de uma contribuição válida que motivou sua nota 9,5 em vez de 10.

Sobre a extensão de filmes mais longos, os participantes foram informados de que o trecho pertencia ao longa *Carnage* (2011). O P03 afirmou achar interessante a mudança de posicionamento em curtas-metragens, mas acrescentou: “[...] *se fosse um filme longo mais comprido eu acredito que seria melhor o nome dos personagens entre colchetes e as legendas sempre centralizadas na parte inferior.*” (P03 – GF1). O P01 concordou com as colocações de P02 e P03 e manteve a mesma nota que os demais, 9,5.

Finalizando a discussão do Grupo Focal 1, quando questionados sobre a preferência entre o uso de cores ou a mudança de posicionamento das legendas para diferenciar personagens, os três participantes foram unânimes em afirmar que preferem a alteração do posicionamento na tela. Segundo eles, essa estratégia torna a identificação mais clara e imediata, facilitando a compreensão do conteúdo. Assim, todos demonstraram preferência por localizar as falas no espaço, em vez de diferenciá-las por cores.

4.2.3.2 Grupo Focal 2

O Grupo Focal 2 foi conduzido com quatro pessoas surdas, todas da região Sul (uma de Santa Catarina, duas do Rio Grande do Sul e uma do Paraná). Um dos participantes possuía

Doutorado Completo, dois tinham Mestrado Completo e um possuía Superior Completo. Os quatro se declararam como pessoas surdas com surdez profunda e afirmaram depender totalmente das legendas para acessar filmes e séries. O encontro teve duração de 1 hora e 13 minutos. O grupo assistiu primeiro ao vídeo experimental e, em seguida, ao vídeo controle.

Ao serem apresentados aos dois vídeos para testagem da mudança de posicionamento das legendas para identificação de personagens, os participantes foram convidados a atribuir uma nota de 1 a 10 às legendas e, em seguida, justificar suas escolhas. As seguintes preferências foram observadas:

Tabela 12 – Preferências do Grupo Focal 2 – Posicionamento das legendas

GRUPO FOCAL 2		
Participante	Vídeo Controle Legendas centralizadas + [nome do personagem]	Vídeo Experimental Mudança de posicionamento
P04	8	7
P05	10	8
P06	9,5	8
P07	10	9
MÉDIA	9,3	8

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

É possível perceber que o Grupo Focal 2 não manteve a tendência observada no Grupo Focal 1, apresentando uma preferência — embora não tão acentuada — pelas legendas controle. Dessa forma, alinhou-se aos resultados do questionário, nos quais houve clara preferência pelas legendas controle. Os participantes do Grupo Focal 2 assistiram primeiro ao vídeo experimental, que recebeu a pior avaliação do P04, com nota 7. Quando questionado sobre sua justificativa, ele afirmou:

Nota 7 porque eu não gosto, eu tô bem acostumado... o meu olho tá acostumado a ver a legenda sempre no meio, sempre centralizada. É mais fácil até para minha cognição. Então quando a legenda mudou de posicionamento me confundiu. Imagina, por exemplo, num jogo de computador em um teclado, que de repente tudo é trocado de lugar, sabe? Eu tô acostumado com a legenda no centro sempre, cresci assim. A gente cresceu ao longo do tempo [vendo dessa forma], então a minha nota é sete porque eu não sei se eu me acostuariam com essa mudança de posicionamento. (P04 – GF 2).

É possível observar, pelo relato do P04, que ele sentiu estranhamento com a mudança de posicionamento das legendas, chegando a usar um exemplo visual para explicar sua

experiência: comparou a situação a estar habituado com a posição das letras e números em um teclado e, de repente, vê-los mudarem de lugar. Essa comparação é interessante, pois demonstra seu entendimento de preferência baseado em experiências visuais anteriores. O participante também mencionou que “*creceu assim*”, ou seja, desde a infância, adolescência e vida adulta acostumou-se a assistir a legendas sempre centralizadas na parte inferior da tela. Nesse sentido, mostrou pouca disposição para se adaptar à mudança, concluindo que não sabia se conseguiria acostumar-se a esse novo posicionamento.

Os outros participantes do Grupo Focal 2 foram mais receptivos ao vídeo experimental, ainda que com reservas. O P07, por exemplo, explicou que sua avaliação poderia variar conforme o trecho do vídeo ou o ambiente (aqui se infere que ele se referia ao espaço em que a cena ocorre). No contexto específico dos vídeos analisados, atribuiu nota 9 às legendas experimentais, demonstrando uma recepção mais positiva que a de P04.

A mesma nota, 8, foi atribuída pelos participantes P05 e P06. O P06 justificou sua avaliação afirmando ter gostado da estratégia de mudança de posicionamento, pois, segundo ele, essa técnica facilita a identificação de quem está falando. Percebeu que, no vídeo usado na pesquisa — em que três personagens falavam principalmente — as legendas foram distribuídas de forma correspondente: uma à direita, outra à esquerda e uma centralizada, acompanhando a posição dos personagens em tela. O P06 refletiu ainda sobre a aplicação dessa técnica em cenas mais complexas, imaginando como seria se houvesse, por exemplo, dez personagens interagindo. Embora não soubesse exatamente como funcionaria, comentou que talvez a estratégia ainda assim fosse interessante.

O P06 também fez uma comparação entre a mudança de posicionamento das legendas e a janela de Libras. Segundo ele, quando a janela é deslocada para o canto esquerdo ou direito da tela, parece “*que cada olho vai para um lado, não tem muito conforto. E isso também pode acontecer com a legenda se ela ficar passeando pela tela*”. Esse relato demonstra que, apesar de certo estranhamento, a estratégia de posicionar legendas de acordo com a posição dos falantes pode ter potencial. Essa inferência se deve à analogia feita pelo participante: ainda que a janela de Libras cause desconforto visual, trata-se de um recurso amplamente aceito como estratégia de acessibilidade midiática — potencial que pode ser estendido às legendas móveis, desde que aplicadas de forma criteriosa.

Finalizando a discussão sobre o vídeo experimental, o P05, que também atribuiu nota 8, apresentou um relato mais extenso justificando sua avaliação. Seu depoimento é reproduzido a seguir:

É... na verdade, esse tipo de deslocamento das legendas eu acredito que também exista na Legendagem Convencional, não apenas na LSE. Então na Legendagem em geral às vezes a gente vê por exemplo quando tem muita luz no espaço da legenda, a legenda é deslocada para cima né. Para mim vale a pena esse tipo de estratégia, então às vezes a legenda é colocada na parte de cima da tela porque tem alguma coisa embaixo que atrapalha, mas isso de mudar só para seguir o personagem eu não sei... Eu achei interessante, eu gostei da experiência de ver, eu gostei. Mas depende muito do filme eu acho. Depende da cena porque em alguns filmes pode acontecer de funcionar e alguns filmes pode atrapalhar, né? Então, por exemplo, um filme de ação que tem muito movimento, muito tiro, muito barulho, eu acho que isso deixaria o nosso olho muito cansado. Teria que deslocar o olhar o tempo todo na tela. Mas, por exemplo em filmes igual esse que você mostrou no exemplo talvez daria certo. O trecho desse filme que você mostrou se passa tudo no mesmo ambiente, é na mesma sala. Então nessa mesma sala a gente consegue acompanhar, aí dá para você fazer essa mudança do posicionamento porque o olho se acostuma com esse ambiente que é o mesmo, então tem essa troca de diálogos no mesmo ambiente. Mas agora em filmes que têm muitos ambientes pode confundir, entendeu? (P05 – GF2).

Esse relato chama atenção em alguns aspectos. Primeiro, como já mencionado, o P06 já atuou como consultor surdo de LSE, o que demonstra um conhecimento mais aprofundado sobre Tradução Audiovisual. Isso fica evidente em sua observação de que o deslocamento de legendas também ocorre na Legendagem Convencional, em situações de sobreposição de outros elementos do vídeo com as legendas. Ressalta-se que essa informação não havia sido apresentada aos participantes, tratando-se de um comentário espontâneo de P06, que evidencia seu conhecimento técnico na área.

Outro ponto importante é que ele atribuiu sua nota 8 especificamente ao deslocamento de legendas no vídeo experimental analisado, afirmando que, em sua opinião (e, inferimos, a partir de sua experiência), esse recurso não seria proveitoso em filmes ou séries de ação, que possuem cenas aceleradas e múltiplos estímulos visuais.

Ao assistir ao vídeo controle, o P06 enfatizou sua nota 10 para as legendas brancas e centralizadas. Relatou que gosta do uso dos colchetes e destacou positivamente o momento em que uma personagem imita a fala de outra, representado pela legenda “[imitando Nancy]”. Além disso, afirmou que achou interessante esse tipo de diálogo mais suave, pois permitiu assistir de forma mais tranquila. Declarou ainda não gostar de filmes muito exagerados ou com excesso de acontecimentos simultâneos, preferindo cenas mais equilibradas — como as exibidas no trecho de *Carnage* (2011). Ao final de sua fala, demonstrou interesse no filme ao perguntar seu título original e a tradução para o português.

Esse relato evidencia como as notas atribuídas às legendas podem ser influenciadas pela preferência pessoal ou pelo prazer sentido ao assistir a determinado gênero audiovisual. Situação semelhante foi observada no Grupo Focal 1, quando o P03 relatou conhecer previamente as séries *Brooklyn 99* e *Friends* e, por outro lado, não conhecer *Carnage* (2011), o que impactou seu tempo de associação entre os nomes e os personagens no vídeo controle.

Esse aspecto demonstra a subjetividade presente nesse tipo de pesquisa, sendo necessário considerar a variável “gosto pessoal” nas conclusões sobre preferências de legendas, já que a Legendagem integra o produto audiovisual e não pode ser analisada de forma isolada.

Seguindo a tendência apontada pelo P05, o P07 também atribuiu nota 10 às legendas controle por se sentir mais confortável e por concordar com o P04, que havia afirmado sentir sobrecarga cognitiva ao assistir às legendas que se deslocavam na tela. O P05 admitiu que o vídeo experimental “[...] dá um pequeno trabalho e no segundo vídeo não, é mais confortável, menos esforço cognitivo [...]”. Ele complementou que as ‘legendas controle’ ofereciam mais tempo para observar as imagens, sem a necessidade de procurar as legendas em diferentes pontos da tela, reconhecendo que às vezes “a gente até perde um pouco da imagem procurando a legenda, mas com ela centralizada no meio tem mais tempo para ver a imagem”. Assim, justificou sua nota 10 para as legendas controle e 9 para as experimentais.

De modo semelhante, o P06 atribuiu nota 9,5 às legendas controle, relatando:

Gostei mais do segundo [vídeo]. Também gostei mais do segundo porque eu senti que eu tava assistindo com mais conforto porque teve esse padrão durante todo o vídeo. No primeiro [vídeo] foi ok... Mas nesse segundo foi mais confortável. Desde o começo já vinha sendo apresentado o nome das personagens entre colchetes e isso aconteceu até o final. Então a gente sempre conseguia fazer essa relação com o nome das personagens durante o filme. Quando uma pessoa falava depois eu sempre lembrava de quem tava falando em função de ter sido apresentado os nomes, eu gostei. Por exemplo, se não tivesse os nomes e tivesse só os personagens falando com a câmera em foco neles, se outra pessoa falasse atrás seria importante eu saber o nome, então daria para ter essa relação. Eu gostei mais desse vídeo e também eu achei que a questão dos colchetes na hora que uma personagem tá imitando a outra e isso tá entre colchetes ali... Ela também deve ter imitado um pouco a voz da outra e também o jeito né? Ela imitou o gestual também da outra mulher, então isso também entre colchetes [imitando], eu gostei. Eu gostei disso porque me mostrou uma informação, né. Eu achei mais confortável assistir esse vídeo. (P06 – GF 2).

Percebe-se que o P06 expressou uma recepção positiva em relação à presença dos nomes dos personagens nas legendas — inclusive mencionando ser importante adicioná-los quando há falas em *off* — e elogiando o uso dos colchetes para informar o público surdo sobre outros elementos captados pela audição, como quando uma personagem imita o tom de voz de outra. Além disso, o participante enfatizou a questão do conforto proporcionado pelo vídeo controle, relacionado à previsibilidade de saber onde as legendas apareceriam ao longo de todo o trecho.

Essa previsibilidade aparentemente contribuiu para uma experiência mais agradável para todos os participantes do Grupo Focal 2. Mesmo o P04, que atribuiu nota 8 ao vídeo controle, justificou sua avaliação não pela posição das legendas, mas por sua insatisfação com

a presença dos nomes dos personagens entre colchetes. Conforme relatou: “*Eu prefiro centralizado no meio mas não gosto dos nomes dos personagens, isso poderia tirar e deixar só o travessão e deixar ela centralizada no meio.*” (P04 – GF2).

O P04 também considerou positivo o uso dos colchetes para marcar elementos paralinguísticos, como imitações de voz e gestos. Quando questionado sobre qual seria sua nota caso fosse possível retirar os nomes dos personagens dos colchetes e deixar apenas o uso dos travessões para indicar diálogos, respondeu que, nesse caso, sua avaliação seria 10.

Finalizando as discussões do Grupo Focal 2, o P05 apresentou um relato interessante sobre sua visão de como seria o “mundo ideal” no contexto da Legendagem. Seu depoimento foi o seguinte:

No mundo perfeito, nós poderíamos escolher entre LSE, Legendagem Convencional, diferentes cores, diferentes posicionamentos... E também eu tenho 40 anos, cresci e estou acostumado assim com as legendas centralizadas. Imagino que para uma criança surda, talvez em um desenho de animação, a experiência possa ser diferente, pode ser que mudar o posicionamento das legendas combine. (P05 – GF 2).

Essa fala do P05, no encerramento do Grupo Focal 2, demonstra que ele possui consciência clara sobre suas preferências e evidencia o entendimento de que diferentes perfis de pessoas surdas podem demandar distintas estratégias de tradução. Além disso, trouxe à tona a questão do hábito, ou seja, do público estar acostumado a um determinado posicionamento das legendas — aspecto que também foi mencionado em outros grupos focais.

Desse modo, encerrou-se o Grupo Focal 2 com a percepção de que as legendas experimentais possuem potencial para obter uma recepção positiva. Contudo, ainda prevalece a preferência pela centralização das legendas na parte inferior da tela e pela apresentação dos nomes dos personagens entre colchetes.

4.2.3.3 Grupo Focal 3

O Grupo Focal 3 foi conduzido com quatro pessoas surdas, todas da região Sul (duas de Santa Catarina e duas do Rio Grande do Sul). Dois dos participantes possuíam Doutorado Completo, um tinha Especialização Completa e um possuía Superior Completo. Dois declararam ter surdez severa, uma surdez moderada e uma surdez profunda. Os quatro se identificaram como pessoas surdas e afirmaram depender totalmente das legendas para acessar filmes e séries. O encontro teve duração de 54 minutos e 19 segundos. O grupo assistiu primeiro ao vídeo controle e, em seguida, ao vídeo experimental.

Ao serem apresentados aos dois vídeos para a testagem da recepção da mudança de posicionamento das legendas para identificação dos personagens, os participantes foram convidados a atribuir uma nota de 1 a 10 às legendas e, em seguida, justificar suas escolhas. As seguintes preferências foram observadas:

Tabela 13 – Preferências do Grupo Focal 3 – Posicionamento das legendas

GRUPO FOCAL 3		
Participante	Vídeo Controle Legendas centralizadas + [nome do personagem]	Vídeo Experimental Mudança de posicionamento
P08	9	7
P09	9	8
P10	10	7,5
P11	9	8
MÉDIA	9,2	7,6

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Como pode ser observado na tabela 13, os participantes do Grupo Focal 3 tenderam a preferir as legendas controle — mantendo a tendência dos respondentes do questionário e do Grupo Focal 2 —, apesar de apresentarem uma diferença um pouco maior entre a rejeição das legendas experimentais (média 7,6) e a preferência pelas legendas controle (média 9,2). Também se percebeu certa homogeneidade nas notas de todos os participantes, padrão que já havia ocorrido nos outros dois parâmetros discutidos por esse grupo.

A análise das notas do vídeo controle pode ser agrupada por convergência de justificativas. Três participantes (P08, P09 e P11) atribuíram nota 9, com motivações bastante semelhantes. Houve consenso no grupo de que incluir os nomes dos personagens entre colchetes é uma prática útil. A nota 9 de P09, entretanto, esteve relacionada ao tamanho da fonte das legendas, conforme relatou: “[...] *Eu prefiro as letras maiores para ter mais foco, mais atenção aos detalhes [...]*” (P09 – GF3).

Já as notas de P08 e P11 foram justificadas pela ausência dos nomes dos personagens em todas as legendas. O P11 relatou: “*Vi que em algumas legendas não tinha o nome dos personagens, então para mim seria melhor se tivesse em todas.*” (P11 – GF3).

[...] *Colocar os nomes ajuda a acompanhar quem tá falando porque quando a gente assiste [algo], nas legendas geralmente tem essa confusão. Às vezes a gente não sabe quem tá falando, então colchetes ajuda. Mas tem alguns momentos em que a legenda é muito rápida e muito longa, e então o nome não está. Então eu acho que podia colocar o nome junto em todas as linhas de legenda. Por que em algumas não está? Eu sei que às vezes dá para compreender quem está falando, mas é melhor em todas,*

em todas as linhas de legenda. E a cor branca eu gosto até... eu prefiro amarelo. Para mim eu sempre coloco as legendas amarelas. Mas branco tá bom. Então acho que nota nove porque em alguns lugares, em algumas linhas de legendas longas, foi omitido o nome dos personagens, eu prefiro que o nome esteja em todas as legendas, em todas as linhas. (P11 – GF 3).

Após o comentário de P11, o P08 pediu a palavra e afirmou concordar, dizendo que em algumas legendas o nome foi mantido e em outras não. Relatou: *“é melhor colocar em todas [as legendas] para eu saber exatamente quem está falando, para evitar confundir. Por isso nota 9”* (P08 – GF3). Essa questão de incluir o nome dos personagens em todas as legendas já havia surgido em outros grupos focais e também em discussões sobre outros parâmetros, indicando que alguns participantes parecem se sentir inseguros quanto à Legendagem, como se necessitassem ser constantemente reassurados de que toda e qualquer informação — mesmo repetitiva — deve ser explicitada. Tanto é que o próprio P11 admitiu: *“às vezes dá para compreender quem está falando, mas é melhor em todas, em todas as linhas de legenda”* (P11 – GF3).

Essa insegurança ou necessidade “exagerada” de ter acesso ao nome dos personagens pode estar relacionada a uma vida marcada pela falta de acessibilidade, especialmente midiática, funcionando também como reafirmação da importância da identificação explícita dos personagens⁸⁷. Indo nesse sentido, o P10 — único a atribuir nota 10 às legendas controle — afirmou sentir-se contemplado pelo uso dos nomes entre colchetes, declarando que rapidamente entendeu o contexto. Destacou ainda: *“antigamente não tinha isso de colocar o nome, não tinha essa coisa dos colchetes”* (P10 – GF3). Ressalta-se que esse participante tinha 37 anos. Embora reconhecesse que é possível compreender a cena pelo contexto, reforçou sua preferência pela adição dos nomes: *“quando se coloca o nome junto eu acho que é mais rápido de entender, eu acho bom, foi bem confortável para leitura”* (P10 – GF3).

Após a discussão sobre o vídeo controle, os participantes enfatizaram sua preferência por legendas com fonte em tamanho maior, a fim de facilitar a leitura. Também houve unanimidade na escolha da cor amarela em detrimento da branca, considerada mais eficaz em cenas com muita luz, como em ambientes externos, no mar ou em cenários claros, onde o branco poderia comprometer a visibilidade.

Passando ao vídeo experimental, as notas foram relativamente menores em comparação às do vídeo controle. O P10, que deu a maior nota entre os quatro, afirmou que,

⁸⁷ Como se a lógica fosse a seguinte: “vamos pedir para ter esse tipo de recurso em todos os momentos para ver se as pessoas responsáveis entendam que precisamos”. Inferimos que seja um pensamento como: “é melhor pecar pelo excesso.”

embora precisasse deslocar o olhar para diferentes pontos da tela, conseguiu ler bem e identificar os falantes, atribuindo nota 8. Já o P09 justificou sua nota de forma crítica: “*Foi confuso para mim porque eu não tenho três olhos, então nota 7,5*” (P09 – GF3). Esse comentário revela o desconforto causado pela necessidade de mover constantemente o olhar.

Na mesma direção seguiram os relatos de P08 e P11, que atribuíram notas 7 e 6⁸⁸, respectivamente. O P08 explicou que, em alguns momentos, sentiu-se atrapalhado por ter que procurar a legenda em diferentes partes da tela. Além disso, considerou negativa a ausência dos nomes dos personagens entre colchetes. Já o P11 justificou sua avaliação da seguinte forma:

Eu não gostei. Eu não gostei de ter que ficar olhando para vários cantos diferentes da tela. Eu acho que nosso olho tá acostumado a estar sempre centralizado nas legendas. Eu daria nota seis, por aí... Falta costume para isso, talvez seja por falta de hábito. Minha nota é 6 porque tá usando a estratégia de mudança de posicionamento em substituição do nome entre colchetes, né? Eu gosto mais do uso dos nomes. (P11 – GF3).

Um aspecto interessante emergiu na finalização da discussão: o P11 mudou sua opinião sobre a mudança de posicionamento após assistir ao vídeo com legendas coloridas. Ele declarou:

Então se eu tiver que escolher entre a mudança de cores ou a mudança de posicionamento [...] eu prefiro a mudança de posicionamento à mudança das cores. Porque o posicionamento das legendas já mostra claramente a quem pertence àquela fala. Não há perda de conteúdo. (P11 – GF3).

Assim, ao encerrar o debate, os participantes levantaram a hipótese de que a dificuldade em aceitar legendas com mudança de posicionamento estaria ligada, em parte, à falta de hábito em consumir filmes e séries com esse recurso. Foi discutido ainda que essa estratégia talvez funcionasse melhor em telas maiores, como as de cinema. Essa reflexão evidencia que o uso de parâmetros técnicos e tradutórios da Legendagem pode se beneficiar de um olhar atento ao contexto de exibição, aproveitando os recursos tecnológicos para permitir que o público escolha a estratégia mais adequada ao ambiente em que assiste a um produto audiovisual.

⁸⁸ P11 mudou sua opinião sobre a mudança de posicionamento das legendas após assistir o vídeo com a mudança de cores posteriormente, e escolheu dar uma nota maior à mudança de posicionamento e uma nota menor para as legendas coloridas. Dando 6 para legendas coloridas e 8 para legendas com mudança de posicionamento. Por isso, no Quadro 43 aparece-se nota 8 para vídeo experimental do P11.

4.2.3.4 Grupo Focal Controle

O Grupo Focal Controle foi conduzido com três pessoas surdas: uma da região Sul (Santa Catarina), uma do Nordeste (Ceará) e uma do Sudeste (Minas Gerais). Dois dos participantes possuíam Mestrado Completo e um tinha Superior Completo. Dois afirmaram ter surdez severa e um, surdez profunda. Os três se declararam como pessoas surdas e relataram depender totalmente das legendas para acessar filmes e séries. O encontro teve duração de 38 minutos e 15 segundos. O grupo assistiu primeiro ao vídeo controle e, em seguida, ao vídeo experimental.

Ao serem apresentados aos dois vídeos para testagem da mudança de posicionamento das legendas para identificação dos personagens, os participantes foram convidados a atribuir uma nota de 1 a 10 às legendas e, em seguida, justificar suas escolhas. As seguintes preferências foram observadas:

Tabela 14 – Preferências do Grupo Controle – Posicionamento das legendas

GRUPO FOCAL CONTROLE		
Participante	Vídeo Controle Legendas centralizadas + [nome do personagem]	Vídeo Experimental Mudança de posicionamento
P12	9	6
P13	9,5	6
P14	10	0
MÉDIA	9,5	4

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Pode-se observar que o Grupo Focal Controle foi, dentre os quatro grupos, o que mais rejeitou a mudança de posicionamento, ou seja, mostrou-se o menos receptivo aos parâmetros experimentais — assim como havia ocorrido no teste com o uso de cores, em que atribuíram média de 4,6. No caso da mudança de posicionamento, a média 4 foi puxada para baixo em razão de uma justificativa recorrente nos três relatos: a perda de informação causada pelo deslocamento das legendas em diferentes pontos da tela.

Já em relação às legendas controle, a única queixa foi, novamente, a ausência dos nomes dos personagens em todas as falas — aspecto já mencionado em outros grupos focais.

Os dois participantes que se queixaram do vídeo controle, P12 e P13, afirmaram que gostariam de ver os nomes dos personagens em todas as legendas. O P12 relatou que, no início do vídeo, teve dificuldade para memorizar os nomes das personagens, mencionando Nancy e

outra cujo nome não recordava. Com o decorrer do trecho, entretanto, passou a compreender melhor quem era quem e conseguiu acompanhar a narrativa, o que justificou a nota 9 atribuída. Esse relato, assim como o do P03 no Grupo Focal 1, sugere que vídeos muito curtos (menos de 2 minutos) podem dificultar a ambientação e prejudicar a avaliação dos participantes.

O P13, que atribuiu nota 9,5 às legendas controle, afirmou que, de modo geral, as considerou claras por apresentarem o nome dos personagens entre colchetes. No entanto, sua nota não foi 10 por dois motivos: (i) o uso do nome “Nancy” entre colchetes acompanhado da indicação “*imitando*”, que gerou dúvida, já que quem proferia a fala era, na verdade, a personagem Penélope; (ii) a ausência do nome de um personagem no final do vídeo, no momento em que ele anuncia que vai embora.

Por outro lado, essas justificativas foram contestadas pelo P14, que atribuiu a maior nota ao vídeo controle, 10, justificando sua avaliação máxima da seguinte forma:

Eu pensei que foram boas as legendas. Eu vi que no final não tinha o nome de um personagem porque já tinha aparecido duas vezes. Então na hora que precisava, tinha o nome das personagens entre colchetes... Quando as duas mulheres estavam conversando ou quando tava [sic] muito sobreposto ali o diálogo. Mas no caso do final, da cena do homem, só tinha ele na tela. Então acho que não precisaria colocar o nome dele. Se tem uma roda de pessoas conversando enfim... Ai você precisa colocar, mas se é só uma pessoa focada na câmera não precisa. Eu fico pensando se colocar o nome de todos os personagens vai ficar muito informação, sabe? Então precisa escolher. A gente já sabe quando são algumas pessoas quando a gente tá vendo pela câmera, né? Eu vou dar nota 10. (P14 – GC).

Percebe-se que o P14 se sentiu confortável com as legendas controle, discordando dos demais participantes que atribuíram notas menores em função da ausência de alguns nomes entre colchetes — já que, segundo ele, esses personagens já haviam sido apresentados em outros momentos do trecho. Ou seja, o P14 compreendeu que o uso dos nomes entre colchetes deve ocorrer apenas quando necessário. Em relação à legenda “[imitando Nancy]”, também divergiu das críticas dos outros dois participantes, afirmando: “*eu acho que tá bom essa parte. A gente consegue ver na linguagem corporal dela, ela está imitando ali, eu acho que tá ok*” (P14 – GC).

Entretanto, ao assistirem ao vídeo experimental, os três participantes manifestaram insatisfação com a mudança constante do posicionamento das legendas. O P14, que havia atribuído nota 10 às legendas controle, avaliou o vídeo experimental com nota 0, explicando que foi desconfortável precisar movimentar o olhar para localizar a legenda, o que gerou cansaço visual e perda de informações. Ressaltou ainda que, de modo geral, o público já está

habituação à legenda centralizada e que essa mudança de posição — ora em cima, ora embaixo, ora em um dos lados da tela — prejudicou sua experiência.

Essa justificativa foi corroborada pelos P12 e P13. Mais especificamente, o P12 relatou: *“eu perdi um pouco de informações do vídeo por causa dessa mudança do posicionamento das legendas”* (P12 – GC). O P13 fez observação semelhante, afirmando não ter gostado da mudança de posição, pois precisou procurar constantemente as legendas, o que resultou em perda de informações visuais do vídeo. Acostumado à legenda centralizada, relatou sentir desconforto ao desviar o olhar repetidamente, declarando: *“Eu não gostei. Eu tive que ficar procurando a legenda e parece que eu até perdi um pouco das informações do vídeo [...]”* (P13 – GC).

A partir dessas discussões, percebe-se que o Grupo Controle foi significativamente menos receptivo às legendas experimentais do Parâmetro 3 do que os demais grupos focais. Novamente, levanta-se a hipótese de que, por ser a primeira vez que esses participantes tiveram contato com esse tipo de recurso, sua recepção tenha sido mais negativa devido ao estranhamento inicial. Situação semelhante ocorreu na etapa do questionário, quando os respondentes também avaliavam essas estratégias pela primeira vez: 42 se declararam satisfeitos com o vídeo controle, enquanto 31 manifestaram insatisfação em relação ao vídeo experimental.

4.2.3.5 Resumo dos Grupos Focais

Como pode ser percebido, em todos os grupos focais, houve uma leve rejeição pelas legendas experimentais. Destacamos a queixa de praticamente todos os participantes de que a mudança de posicionamento das legendas deixou a apreciação do vídeo confuso, deixando os participantes perdidos em tentar acompanhar as falas dos personagens. Alguns participantes destacaram que a recepção seria mais negativa ainda se o trecho de vídeo utilizado na pesquisa fosse de um filme de ação, com muita movimentação de cena, que não era o caso do trecho utilizado no estudo. Além disso, o vídeo controle da testagem do posicionamento das legendas recebeu praticamente pouca ou nenhuma queixa. A partir disso, apresentamos uma sistematização de todas as médias de recepção dos quatro grupos focais acerca da mudança de posicionamento nas legendas. Observa-se na tabela 15 essa sistematização visual:

Tabela 15 – Avaliação do posicionamento por Grupo Focal

Grupo Focal	Vídeo Controle	Video Experimental
Grupo 1	9	9,5
Grupo 2	9,3	8
Grupo 3	9,2	7,6
Grupo Controle	9,5	4
MÉDIA	9,2	7,2

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A tabela 15 evidencia uma recepção bastante positiva das legendas controle e uma leve rejeição das legendas experimentais. A análise das falas demonstrou preferências homogêneas entre os grupos, com maior aceitação geral das legendas controle, embora o Grupo Focal 1 tenha se mostrado uma exceção, apresentando leve preferência pelas legendas que mudavam de posicionamento.

No Grupo Focal 1, as avaliações foram muito próximas entre os dois vídeos, com média ligeiramente maior para o vídeo experimental (9,5). A ausência de estranhamento com a mudança de posição foi destacada, e todos concordaram que esse tipo de Legendagem facilita a associação entre falas e personagens. No entanto, apontaram que o tempo curto do trecho dificultou a adaptação, sugerindo que vídeos mais longos poderiam gerar percepções diferentes. Também indicaram que a divisão da tela em partes claras poderia beneficiar a compreensão em cenas com mais de dois personagens.

O Grupo Focal 2 apresentou leve preferência pelo vídeo controle (média 9,3), em consonância com os resultados do questionário. A mudança de posicionamento gerou estranhamento por romper um hábito visual consolidado. Alguns participantes, entretanto, avaliaram que a proposta experimental poderia ser positiva em contextos específicos, como vídeos com poucos personagens em ambientes estáveis. Ainda assim, houve consenso de que a estratégia exige maior esforço cognitivo e que a previsibilidade das legendas centralizadas torna a experiência mais confortável.

O Grupo Focal 3 também preferiu as legendas controle (média 9,2) em relação às experimentais (média 7,6), destacando a importância de incluir os nomes dos personagens entre colchetes em todas as legendas. Os participantes relataram desconforto com a necessidade constante de movimentar o olhar para localizar as legendas em diferentes pontos da tela.

Por fim, o Grupo Controle, composto por participantes de diferentes regiões do Brasil, foi o mais crítico em relação ao vídeo experimental, atribuindo-lhe a média mais baixa (média

4). As principais queixas se referiram à perda de informações visuais e ao desconforto gerado pela quebra do hábito de leitura das legendas centralizadas.

De modo geral, as discussões indicam que, embora a proposta experimental tenha potencial, ainda prevalece a preferência pela Legendagem centralizada e pela clareza proporcionada pelo uso dos nomes dos personagens entre colchetes.

Com isso, encerra-se a seção de apresentação dos resultados dos grupos focais acerca das preferências e da recepção dos três parâmetros técnicos e tradutórios da Legendagem Descritiva analisados nesta pesquisa. Conforme já mencionado no capítulo metodológico, ao término das discussões de cada grupo focal foi realizada uma última pergunta aos participantes: *“Na sua opinião, se algo pudesse melhorar na área da Legendagem no Brasil, o que seria?”*. Essa questão permitiu que cada participante compartilhasse sua experiência com as legendas no país e apontasse suas necessidades específicas. Esses relatos serão apresentados na próxima subseção deste capítulo.

4.2.4 Relatos dos participantes sobre possíveis melhorias na Legendagem no Brasil

Ao final de cada grupo focal, foi perguntado aos participantes, pensando em suas experiências como pessoas surdas que consomem produtos audiovisuais legendados, seriam as possíveis melhorias que poderiam ser implementadas na Legendagem no Brasil. Os relatos do primeiro grupo focal concentraram-se na necessidade de maior acessibilidade em diferentes meios, especialmente na TV aberta e no cinema. O P01 relatou perceber a ausência de legendas na televisão aberta brasileira, em programas como jornais e novelas. Ressaltou que, embora exista o CC, este é produzido de forma distinta e nem sempre contempla elementos importantes da Legendagem Descritiva, como a descrição de sons e efeitos sonoros. O participante enfatizou que tais recursos deveriam estar presentes em todas as produções audiovisuais.

O P02 corroborou o relato do P01, concordando quanto à falta de legendas na TV aberta e destacando a diferença entre as legendas de filmes e aquelas que circulam na televisão. Em sua fala, evidenciou perceber uma disparidade entre o CC (na TV) e as legendas convencionais (em filmes e séries). Acrescentou que muitas vezes falta visibilidade ou pesquisas que investiguem as demandas reais do público em cada contexto. Ressaltou ainda que os profissionais da área podem contribuir para melhorias em ambos os campos, mas que, por vezes, um recebe mais atenção e investimento do que o outro.

O P03 relatou sentir falta de legendas que apresentem informações sonoras em filmes exibidos no cinema. Contou que, em diversas ocasiões, enquanto assiste a filmes com amigos

ouvintes, depende deles para saber o que acontece sonoramente nas cenas — como ruídos ou efeitos importantes para a compreensão da narrativa. Segundo ele, essa ausência gera frustração e desconforto, pois a legenda não fornece tais informações, fazendo com que se sinta dependente de pessoas ouvintes que têm acesso aos sons nos filmes.

No segundo grupo focal, os quatro participantes também relataram suas experiências com a Legendagem no Brasil. O P04, ao ser questionado se teria algum comentário final sobre as legendas que circulam no país e sobre possíveis melhorias, respondeu em relação às cores. Afirmou preferir legendas amarelas com fundo ou contorno preto, em vez das brancas, pois as primeiras facilitam a leitura e permitem o acesso às legendas independentemente do fundo da cena.

O P05 apresentou um relato mais aprofundado sobre melhorias desejadas na Legendagem no Brasil, abordando três pontos principais: (i) a grande variação e divergências nos guias de LSE, em suas palavras; (ii) a apresentação de informações repetidas nas LSE; e (iii) a importância de descrever melhor as músicas. Em relação ao primeiro ponto, afirmou: “*a LSE no Brasil parece que ainda tá engatinhando. Então ainda tem formas diferentes de fazer legenda. Alguns fazem assim, alguns fazem de outra forma. [...] Alguns legendam mais, alguns omitem mais... Então tá engatinhando ainda.*” (P05 – GF2).

Na sequência, o P05 compartilhou com o grupo suas percepções sobre a repetição de informações, relatando o seguinte:

O que eu sinto é que há muita repetição. [...] As pessoas não acreditam que os surdos são capazes de entender e de compreender o que tá acontecendo só pelo visual. A gente consegue entender, claro, que tem barulho, a gente tá vendo! Então, às vezes repetem muitas vezes a mesma coisa, coloca várias vezes na legenda. Pode colocar uma vez, se necessário, coloca duas vezes... Mas toda hora repetindo aquela mesma legenda parece que quebra um pouco a experiência da pessoa que está assistindo. Isso me incomoda muito, eu fico cansado. Por exemplo, fui assistir ao filme Marighella e [...] eles colocavam a descrição na legenda de “Ambiência Urbana”. Como se fosse o barulho da rua, da cidade, enfim. Isso apareceu várias vezes. Nós surdos já sabemos, a gente entendeu o que tá na rua, a gente sabe que tem barulho, que tem ônibus, que tem carro, né? Enfim, sabemos que existem esses barulhos. Mas toda hora isso na legenda? Coloca umas duas vezes se for necessário, é o suficiente, não precisa ficar repetindo, né? (P05 – GF2).

Como se observa no relato acima, um dos incômodos apontados pelo P05 é a repetição excessiva de determinadas legendas com descrições sonoras que surgem diversas vezes de forma desnecessária. Trata-se de uma questão relevante na Legendagem Descritiva, pois envolve a subjetividade tanto de quem produz a legenda quanto de quem a consome. Esse tema da repetição será retomado com mais profundidade na seção seguinte.

Além disso, o P05 também mencionou a ausência de informações mais específicas sobre músicas, destacando a importância de descrições mais detalhadas nesse aspecto. Em resumo, o participante aponta tanto um excesso — no caso da repetição de legendas, como no filme *Marighella* — quanto uma carência, no que se refere às descrições musicais. Segundo ele: “[...] *Eu acho interessante a gente ter, por exemplo, ‘música instrumental’... Mas eu fico pensando: ‘Ok, mas de qual instrumento? Qual tipo? É piano? É guitarra? É bateria? Há vários tipos de instrumentos existem, né? Qual é o que ele tá falando?’*” (P05 – GF2).

Assim, o P05 demonstra interesse em receber informações complementares sobre os tipos de músicas utilizadas nos filmes. Ele ainda acrescentou: “[...] *Pode ser que algum surdo não dê bola, mas eu acho que é uma informação interessante*” (P05 – GF2). Vale lembrar que o P05 se declarou como pessoa com surdez profunda, tendo o português como L1 e a Libras como L2 e língua de maior conforto. Esse dado evidencia que não apenas pessoas com algum grau de audição demonstram interesse em informações musicais, mas também pessoas com surdez profunda, que reconhecem a relevância de sons no ambiente urbano e, portanto, não veem necessidade de repetir incessantemente esse tipo de informação em um mesmo filme.

Dando prosseguimento aos relatos do Grupo Focal 2, o P06 destacou que, na TV brasileira, ainda faltam legendas mais completas, especialmente no que se refere aos efeitos sonoros. Ele relatou que, em algumas cenas, aparecem apenas reticências, deixando-o sem saber o que está acontecendo. Outro ponto levantado foi a omissão de palavras, substituídos por reticências ou pausas, o que o deixa curioso sobre o conteúdo original. Segundo ele, muitas vezes precisa perguntar a amigos ouvintes o que foi dito, enquanto eles riem das falas que não aparecem nas legendas.

O P06 afirmou ser fundamental que a experiência da pessoa surda seja equivalente à da pessoa ouvinte, o que inclui acesso integral ao conteúdo falado. Também ressaltou a falta de informações sobre músicas — como ritmo ou gênero —, o que gera curiosidade e uma sensação de incompletude. Em sua percepção, a Legendagem no Brasil ainda retira muitas informações importantes, tornando a experiência das pessoas surdas inferior em relação à das ouvintes. Esses seriam, segundo ele, os pontos que mais o impactam e que precisam ser aprimorados.

Encerrando a discussão no Grupo Focal 2, o P07 fez um relato semelhante, apontando como principal falha a ausência de informações sonoras, especialmente ruídos. Ele contou que, em alguns filmes assistidos com sua mãe (ouvinte), percebe visualmente a reação de susto de um personagem — com olhos e boca arregalados —, mas a legenda não indica o motivo. Apenas ao perguntar à mãe descobre que havia um barulho, como passos dentro da casa, que justificava a reação. Em suas palavras: “às vezes falta esses detalhes dos efeitos sonoros nas

legendas, que não mostram” (P07 – GF2). Assim, observa-se que a ausência dessas informações compromete a experiência do público surdo.

Dando continuidade à apresentação dos relatos, no Grupo Focal 3 os quatro participantes afirmaram sentir falta de legendas principalmente em dois tipos de produtos audiovisuais: na TV aberta e em filmes nacionais. Foi mencionada também a questão das legendas em redes sociais e das legendas automáticas do YouTube.

Quando questionados sobre as principais demandas não contempladas pelas legendas no Brasil, o P08 preferiu passar a vez, permitindo que os demais participantes relatassem primeiro. O P09, então, destacou a necessidade de maior atenção às legendas em redes sociais. Criticou o posicionamento das legendas, afirmando: “[...] *a gente precisa deixar elas mais para cima no celular, pois às vezes corta a descrição [do vídeo], às vezes as legendas e a descrição do vídeo no Instagram ficam uma na frente da outra*” (P09 – GF3). Além disso, mencionou que, no YouTube, consegue encontrar legendas automáticas e legendas manuais, considerando que as últimas são de melhor qualidade.

Na sequência, o P11 complementou, fazendo referência às legendas do CC, que muitas vezes cobrem parte da imagem na TV. Relatou: “[...] *às vezes no jornal eu não consigo ver em qual cidade o repórter está porque o CC está tampando essa informação*” (P11 – GF3). Essa observação evidencia que a questão do posicionamento das legendas deve ser analisada considerando o veículo audiovisual e o objetivo das legendas: se, no cinema, a posição inferior costuma ser a mais adequada, em telejornais talvez outra localização seja mais produtiva.

Em seguida, o P10 apresentou seu relato, apontando a ausência de legendas em filmes brasileiros como um grande obstáculo, especialmente porque muitos surdos apreciam esse tipo de produção, citando como exemplo os filmes de comédia. Ele mencionou, por exemplo, o filme *O Auto da Compadecida*, explicando que:

[...] *A maioria das pessoas gostam de assistir esse filme, mas para a gente não tem legenda. Eu queria muito saber o que é. Eu quero saber como é o jeito de falar de lá. Eu sei que parece muito engraçado, é uma comédia. Eu queria aprender mais sobre a cultura do nordeste também, e não tem [legendas].* (P10 – GF 3)

Assim, vemos que o participante lamenta não ser possível ter acesso a um filme tão importante para a cultura brasileira. Ao final de seu relato, o P10 observa que “[...] *filmes estrangeiros têm muitas opções de legenda e para filmes brasileiros nada*”. Esse é um relato muito impactante, pois revela uma questão importante sobre a valorização das produções

audiovisuais nacionais. Nesse mesmo sentido, o participante 11 iniciou seu relato fazendo um gancho com o ponto levantado pelo P10. O participante 11 relatou o seguinte:

Eu lembro que na semana passada eu tava [sic] conversando com um amigo. Ele ama filmes brasileiros, ele tem coleção de DVD, enfim. Eu tava [sic] conversando com ele e ele perguntando para mim sobre filmes brasileiros. Na verdade eu não sei nada sobre filmes brasileiros, eu falei. Ele falou: “Tu precisa assistir”. Eu falei: “Eu sei, mas falta legendas.” Ele disse que tem muitos filmes brasileiros bons. E eu autorrefleti sobre a minha valorização ao cinema nacional mas também pensando na falta de acessibilidade. (P11 – GF 3).

Percebe-se que o participante levanta a questão de dar valor ao cinema nacional, mas apresenta uma barreira: a da acessibilidade midiática. Em seguida, o participante 08 disse que concordava com tudo que havia sido trazido. Foi levantada ainda uma última questão pelo grupo: a falta de legendas no filme nacional *Ainda Estou Aqui*, que, no período de realização desse grupo focal, havia acabado de ganhar o Oscar de Melhor Filme Internacional⁸⁹. Nenhum dos participantes havia assistido ao filme, visto que ele não foi veiculado com legendas em português nos cinemas. O participante 10, inclusive, comentou sobre um meme que circulava na comunidade surda brasileira: “ainda estou aqui esperando por legendas”. Em seguida, o participante 08 reforçou que concordava com tudo o que havia sido dito.

Passando à apresentação dos relatos finais dos participantes do Grupo Focal, novamente foi levantada a questão da falta de legendas na TV aberta, de legendas descritivas no cinema e, principalmente, em filmes nacionais. O participante 12, do grupo controle, relatou que na televisão encontra muita dificuldade em acessar legendas, contando apenas com o CC. Além disso, complementou: “[...] *Também em filmes infantis no cinema às vezes não tem legenda. Isso é bem difícil para crianças e para jovens surdos*”. Lembramos que o P12 era o participante mais jovem de todos os grupos focais, com 25 anos de idade.

Em seguida, o participante 13, com 33 anos de idade, relatou que sente falta de legendas em filmes brasileiros, ou seja, em produções nacionais. Esses relatos demonstram como a experiência das pessoas surdas, mesmo em faixas etárias diferentes, pode ter semelhanças e complementariedades: para o participante 12, destaca-se a importância de legendas em filmes de animação e conteúdos voltados ao público jovem; já para o participante 13, a ausência de legendas em produções nacionais representa um problema. Ambos os relatos revelam lacunas persistentes na acessibilidade audiovisual de pessoas surdas no Brasil.

⁸⁹ Em março de 2025, o filme brasileiro “Ainda Estou Aqui” venceu o Oscar 2025 de melhor filme internacional e fez história como a primeira vitória do Brasil na premiação.

Finalizando a discussão no Grupo Focal Controle, o participante 14 relatou sentir que as legendas do cinema seriam as de maior qualidade, queixando-se das legendas do “ao vivo”, que, segundo ele, apresentam muitas falhas e erros. O participante 14 relatou o seguinte:

[...] *Eu acho que a gente precisa da tecnologia para ajudar a gente, por exemplo na TV, nos jornais. Eu quero assistir o jornal e tem muitas falhas na legenda, vai e volta, apaga... Eu sinto muita falta nisso, eu acho que a tecnologia podia ajudar a gente a fazer essas legendas que são em tempo real.* (P14 – GC).

É possível perceber, por meio desse relato, que, novamente, a questão da televisão aberta foi mencionada no quesito “coisas para se melhorar”. Nota-se que o participante 14 gostaria de ter acesso pleno aos jornais e notícias que circulam na TV aberta, porém, em sua experiência, as legendas apresentadas não correspondem ao necessário para assistir a um produto audiovisual com conforto e sendo informado de forma plena. Assim, por ter surgido várias vezes nos relatos dos participantes dos grupos focais, é possível concluir que a Legendagem na TV aberta é uma demanda real da comunidade surda.

Para finalizar essa seção, organizamos cada relato individual de forma sintética em um quadro, no qual pode ser visualizado o que cada um dos 14 participantes relatou sobre suas opiniões a respeito do que poderia ser aprimorado na Legendagem no Brasil:

Quadro 31 – O que cada participante dos grupos focais pensa que poderia melhorar na Legendagem no Brasil

GRUPO FOCAL 1	
P01	Relatou a ausência de legendas em programas da TV aberta, como jornais e novelas, destacando que o <i>Closed Caption</i> não substitui a Legendagem Descritiva. Enfatizou a importância de incluir sons e efeitos sonoros nas produções audiovisuais.
P02	Concordou com o P1 sobre a falta de legendas adequadas na TV aberta e apontou diferenças entre <i>Closed Caption</i> e legendas de filmes. Destacou a falta de pesquisas sobre demandas reais e o desequilíbrio nos investimentos entre áreas.
P03	Apontou a ausência de legendas com informações sonoras no cinema, relatando frustração por depender de amigos ouvintes para entender sons relevantes. Expressou desconforto por não ter acesso completo à narrativa audiovisual
GRUPO FOCAL 2	
P04	Comentou sobre a preferência por legendas amarelas com contorno ou fundo preto, alegando que são mais fáceis de ler do que as brancas, especialmente quando há variação no fundo das cenas. Para ele, essa escolha favorece o acesso contínuo à informação, independentemente da imagem exibida.
P05	Apresentou três críticas à Legendagem no Brasil: (1) apontou a falta de padronização nas legendas para surdos e ensurdecidos — termo utilizado por ele, que considera ainda em desenvolvimento; (2) criticou a repetição excessiva de descrições sonoras, como no caso da legenda “Ambiência urbana” no filme

	<i>Marighella</i> , que, para ele, compromete a experiência de quem assiste; (3) destacou a ausência de descrições mais detalhadas sobre as músicas, sugerindo que se especifique os instrumentos e o tipo musical. Ressaltou que, mesmo sendo surdo profundo, tem interesse em informações musicais e defende uma Legendagem mais informativa e criteriosa.
P06	Criticou a ausência de legendas na TV, especialmente a omissão de efeitos sonoros e o uso de reticências no lugar de palavras, o que gera frustração e dúvidas. Relatou que muitas vezes precisa perguntar a ouvintes o que foi dito, enquanto eles riem das falas que ele não consegue acompanhar. Também sente falta de informações sobre o tipo e o ritmo das músicas. Defendeu que a experiência surda deveria ser equivalente à dos ouvintes e considerou que a Legendagem atual ainda exclui conteúdos relevantes, tornando o acesso desigual.
P07	Destacou a ausência de efeitos sonoros nas legendas, como barulhos que justificam reações dos personagens. Contou que, em filmes vistos com sua mãe ouvinte, só entende certas cenas após perguntar a ela o que aconteceu, como quando há passos ao fundo que não são legendados. Para ele, essa falta de detalhes prejudica a compreensão plena da narrativa.
GRUPO FOCAL 3	
P08	Concordou com todos os pontos levantados anteriormente pelos demais participantes, sem acrescentar novas observações.
P09	Apontou problemas nas legendas nas redes sociais, principalmente no Instagram, onde o posicionamento interfere na leitura por sobrepor a descrição dos vídeos. Ressaltou que no YouTube há diferença entre legendas automáticas e manuais, defendendo a produção manual por oferecer melhor qualidade.
P10	Criticou a ausência de legendas em filmes brasileiros, citando por exemplo comédias como <i>O Auto da Compadecida</i> , que considera importantes para a imersão cultural no Brasil — nesse caso específico, para aprender sobre a cultura nordestina. Lamentou que filmes estrangeiros ofereçam várias opções de legenda, enquanto produções nacionais seguem inacessíveis para pessoas surdas.
P11	Iniciou seu relato falando sobre a sobreposição do <i>Closed Caption</i> em telejornais, o que dificulta a leitura de informações visuais importantes, como a localização do repórter. Compartilhou uma reflexão sobre a valorização do cinema nacional e a frustração com a falta de acessibilidade, após conversa com um amigo que é fã de filmes brasileiros. Ressaltou que não assiste a essas obras por falta de legendas. O grupo, então, mencionou a ausência de legendas em português no filme <i>Ainda Estou Aqui</i> , recém-premiado com o Oscar, que nenhum deles conseguiu assistir nos cinemas por conta da falta de legendas intralinguais.
GRUPO FOCAL CONTROLE	
P12	Relatou ter dificuldades para encontrar legendas na televisão, contando apenas com o <i>Closed Caption</i> . Ressaltou também a ausência de legendas em filmes infantis no cinema, apontando o impacto disso para crianças e jovens surdos. Como o mais jovem dos grupos focais (25 anos), destacou a importância da acessibilidade para o público infantojuvenil.
P13	Relatou sentir falta de legendas em filmes brasileiros. Seu depoimento complementa o do P12 ao reforçar que, mesmo em diferentes faixas etárias, pessoas surdas enfrentam barreiras semelhantes no acesso a conteúdos audiovisuais nacionais.

P14

Considerou que as legendas no cinema têm mais qualidade em comparação com as transmissões “ao vivo”, como jornais televisivos, cujas legendas são falhas, incompletas e instáveis. Defendeu o uso de tecnologias mais eficazes para melhorar a Legendagem em tempo real na TV aberta, evidenciando a carência de acessibilidade nas notícias televisivas.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Percebemos similaridades na maioria dos relatos, especialmente a respeito da falta de legendas na TV aberta brasileira e em filmes nacionais. Também surgiram menções pontuais sobre acessibilidade midiática em redes sociais e comentários sobre aspectos formais da Legendagem, como a preferência pela cor amarela. Contudo, fica evidente que as principais demandas desses 14 representantes da comunidade surda se concentram nas produções brasileiras — configurando uma luta tanto por acessibilidade midiática quanto por direitos linguísticos. Trata-se de uma luta à qual esperamos contribuir, ampliando sua visibilidade por meio da publicação deste trabalho.

Essa demanda por legendas em produções locais não se restringe ao Brasil. Szarkowska e Laskowska (2015), por exemplo, mostram que, na Polônia, as preferências de consumidores — ouvintes e pessoas com deficiência auditiva — em relação às diferentes modalidades de TAV têm se transformado, impulsionadas por avanços tecnológicos como a televisão digital, que permite maior flexibilidade e personalização na escolha do modo de tradução. Um achado importante das autoras é a grande disparidade entre a demanda por conteúdos legendados e a oferta efetiva na televisão polonesa, tanto pública quanto privada. Esse desequilíbrio afeta não apenas produções estrangeiras, assistidas por diferentes públicos, mas também produções nacionais, frequentemente inacessíveis à comunidade surda.

Outra queixa recorrente nos grupos focais refere-se à ausência de Legendagem Descritiva em filmes e séries. Muitos participantes relataram que, ao assistirem a esses conteúdos com pessoas ouvintes, dependem da mediação destas para compreender sons relevantes à narrativa — como estrondos, tiros ou batidas súbitas. Essa dependência compromete o suspense e prejudica o prazer da experiência audiovisual compartilhada, gerando frustração e reforçando a sensação de exclusão. Os relatos deixam claro que a ausência da Legendagem Descritiva não é apenas um problema técnico, mas uma barreira que interfere diretamente no direito ao lazer pleno e na autonomia da pessoa surda como espectadora. Isso é particularmente relevante frente a afirmações recorrentes como: “se não há legendas descritivas, a legenda convencional já é melhor do que nada”. Esse tipo de pensamento, porém, é reducionista e não deve ser naturalizado, pois desconsidera as especificidades da experiência audiovisual das pessoas surdas e a importância da acessibilidade plena.

Por outro lado, os participantes também demonstraram insatisfação com Legendagem Descritiva excessivamente repetitiva, em que informações sonoras são reiteradas de forma exagerada, como “[barulho de passos]”, “[ambiente urbano]” ou “[porta se abrindo]”. Segundo eles, esse excesso denota falta de confiança na capacidade da pessoa surda de inferir elementos pelo contexto visual, tornando as legendas redundantes, irritantes e desnecessárias. Tais observações reforçam a necessidade urgente de diretrizes que contemplem não apenas a presença, mas também a qualidade e a pertinência da Legendagem Descritiva, respeitando a inteligência interpretativa do público surdo e proporcionando uma experiência mais equilibrada e fluida.

Espera-se, assim, que os relatos de pessoas surdas brasileiras aqui apresentados contribuam para ampliar a conscientização e a visibilidade das necessidades e preferências desse público em relação à acessibilidade midiática. Encerra-se, portanto, esta seção de apresentação dos relatos dos participantes acerca de melhorias na Legendagem no Brasil e, em seguida, passa-se à articulação dos resultados obtidos com a pesquisa.

4.3 COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS: QUESTIONÁRIO E GRUPOS FOCALIS

Nesta última subseção do Capítulo 4, discutiremos como os dados quantitativos, oriundos do questionário, e qualitativos, provenientes dos grupos focais, se articulam. Cada parâmetro testado será apresentado individualmente, comparando-se as preferências observadas nos dois instrumentos de pesquisa. Para fins de organização textual, a recepção de cada parâmetro será acompanhada de um breve resumo das justificativas e explicações fornecidas pelos participantes.

4.3.1 Tradução de músicas

O parâmetro de tradução de músicas foi avaliado em duas modalidades na Legendagem Descritiva: (i) por meio da descrição adjetivada da música entre colchetes ([música pop]); e (ii) pela apresentação da letra transcrita em itálico no idioma original (inglês), inserida nas legendas descritivas.

Os resultados do questionário indicaram ampla aceitação do vídeo experimental: 40 dos 55 participantes (72,7%) relataram estar satisfeitos, com baixo índice de rejeição (oito pessoas; 14,5%) e neutralidade reduzida (sete pessoas; 12,7%). Já o vídeo controle apresentou maior dispersão nas respostas: apenas 24 respondentes (43,6%) se mostraram satisfeitos,

enquanto 21 (38,2%) expressaram rejeição e 10 (18,1%) permaneceram neutros. Assim, os dados quantitativos revelam uma recepção significativamente mais favorável ao parâmetro experimental.

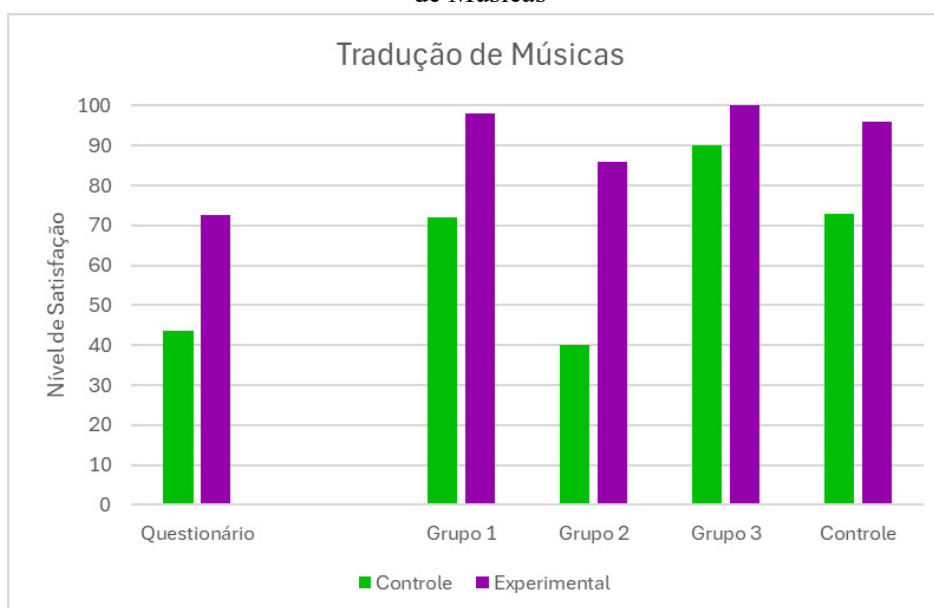
A tendência se confirmou nos grupos focais. O vídeo controle obteve média 6,8, enquanto o vídeo experimental alcançou média 9,5. As justificativas ilustram bem essa diferença: o participante P04 afirmou, sobre o vídeo controle, que *“os ouvintes, quando ouvem a música, ouvem as palavras da letra; então, para os surdos deveria ser igual”*. Já o participante P06 destacou sua preferência pelo vídeo experimental, sugerindo: *“podiam só fazer esse complemento; acho que não tirar o inglês, deixa ali a transcrição para mostrar qual é a língua original e, embaixo, a tradução em português”*. A mesma tendência foi observada nos três grupos focais: notas mais baixas para o vídeo controle e mais altas para o experimental.

Outro ponto recorrente foi a percepção de insuficiência da indicação “[música pop]”, considerada vaga pelos participantes. Esse achado dialoga com Szarkowska e Laskowska (2014), cujos participantes surdos preferiram descrições como “[música de guitarra]” em vez de adjetivos genéricos como “[música animada]”. Em nossa pesquisa, ao menos três participantes sugeriram explicitamente a adoção de Legendagem bilíngue — com transcrição da letra em língua estrangeira seguida de tradução em português.

Além disso, o formato gráfico das legendas experimentais — itálico e símbolos musicais no início e no fim de cada linha — foi bem aceito. As críticas estiveram majoritariamente relacionadas à cor das legendas, aspecto recorrente em todos os parâmetros: houve clara preferência por legendas amarelas em vez de brancas, achado relevante para a análise geral.

Para melhor visualização das preferências, o gráfico da Figura 56 apresenta a combinação dos resultados do questionário e dos grupos focais. O eixo y mostra o nível de satisfação em números absolutos e o eixo x organiza os grupos comparativos. As barras distinguem o vídeo controle (verde — legendas com “[música pop]”) do vídeo experimental (roxo — legendas com a transcrição em inglês em itálico, acompanhada de símbolos musicais).

Figura 56 – Combinação de resultados do questionário e dos grupos focais – Preferências: Tradução de Músicas



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

O gráfico da Figura 56 evidencia, de forma clara, que em todos os casos o vídeo experimental recebeu melhor avaliação do que o vídeo controle. Esse resultado se mostrou surpreendente, uma vez que nossa hipótese inicial era de que a transcrição da letra da música em inglês nas legendas não seria bem recebida pelo público surdo. Nos grupos focais, entretanto, os participantes justificaram sua preferência pela estratégia experimental a partir de três razões principais: (i) a possibilidade de identificar em qual língua a canção estava sendo apresentada; (ii) a oportunidade de treinar uma língua estrangeira por meio da legenda; e (iii) o acesso equitativo entre pessoas surdas e ouvintes ao conteúdo da música, já que os ouvintes também escutam as palavras em língua estrangeira.

O Grupo Focal 2 foi o que apresentou maior rejeição ao vídeo controle. Todos os quatro participantes relataram sentir-se desinformados diante da legenda “[música pop]”, que, segundo eles, não esclarecia se a música era instrumental ou com letra, tampouco fornecia indícios de seu caráter mais romântico, dançante ou outro. Esse grupo tinha média de idade de 35,5 anos (desvio padrão de 2,87 anos). Como já discutido na seção 4.1.5, a variável etária não parece ter desempenhado papel relevante na aceitação de estratégias de Legendagem mais ou menos inovadoras. Atribuímos a forte rejeição ao vídeo controle, neste caso, ao elevado letramento em Legendagem que os participantes demonstraram, o que os tornou mais conscientes da importância de dispor de informações adicionais sobre músicas em cenas narrativamente relevantes.

As sugestões de melhoria apresentadas, de forma praticamente unânime entre os grupos focais, consistiram em incluir a tradução da letra da música em português na segunda linha da legenda, mantendo a transcrição no idioma original. Não houve defesa da retirada da transcrição estrangeira, mas apenas da complementação com a tradução. As legendas do vídeo controle, por sua vez, foram criticadas pela superficialidade da indicação “[música pop]”, que não detalhava aspectos como ritmo, estilo ou atmosfera da canção. Alguns participantes levantaram a hipótese de que a recepção menos positiva da transcrição poderia estar relacionada ao perfil geracional (nascidos nos anos 1980), embora não tenha havido consenso nesse sentido. Importa destacar que os resultados do grupo controle não destoaram substancialmente dos demais grupos focais, o que sugere que o primeiro contato com o parâmetro experimental não influenciou de forma significativa nas preferências.

Em síntese, os resultados do questionário e dos grupos focais — considerados os limites de número e perfil dos participantes — indicam que pessoas surdas podem ser beneficiadas por estratégias de tradução de músicas não instrumentais que ofereçam o maior detalhamento possível sobre a canção. Isso inclui a apresentação da letra no idioma original (no caso, o inglês, enquanto língua franca⁹⁰) e, de forma complementar, sua tradução para o português, salvo quando a ausência de tradução constituir uma escolha intencional da direção de filmes ou séries, especialmente em narrativas que exploram a incompreensão como recurso dramático.

4.3.2 Uso de cores

O parâmetro do uso de cores nas legendas foi testado nesta pesquisa a partir de duas condições: (i) um vídeo controle, com legendas brancas acompanhadas do nome dos personagens entre colchetes; e (ii) um vídeo experimental, em que diferentes cores foram atribuídas às falas de cada personagem.

Os resultados do questionário apontaram menor aprovação do vídeo experimental em relação ao controle. Entre os 55 participantes, 18 (32,7%) se declararam insatisfeitos com o vídeo experimental, contra apenas 8 (14,5%) em relação ao vídeo controle. O índice de satisfação foi de 74,5% (41 respondentes) para o vídeo controle e de apenas 41,8% (23 respondentes) para o experimental. Destaca-se ainda o elevado número de respostas neutras no

⁹⁰ Não sabemos como seria a recepção dos participantes surdos se a música estivesse em outra língua mais removida do cotidiano audiovisual de brasileiros, como alemão, russo, grego, etc.

vídeo experimental — 14 participantes (25,4%), o maior índice entre todos os parâmetros testados. Já no vídeo controle, apenas 6 respondentes (10,9%) se colocaram de forma neutra.

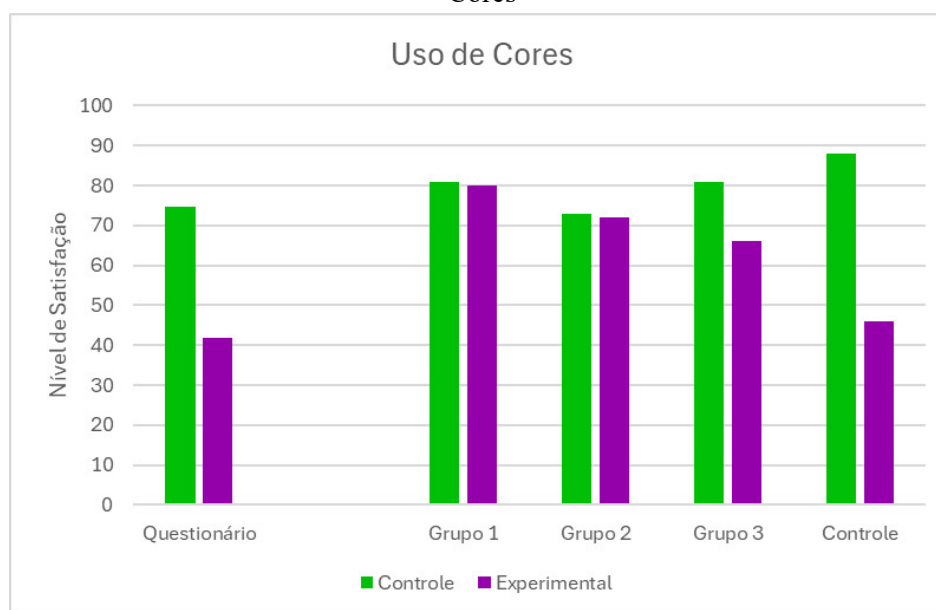
Os grupos focais confirmaram a mesma tendência. O vídeo experimental obteve média de 6,6, enquanto o vídeo controle recebeu média de 8,0. As principais críticas ao uso de cores diziam respeito à confusão e à sobrecarga cognitiva gerada pela mudança constante de tonalidades. O relato do participante P011, do Grupo Focal 3, é ilustrativo: *“Eu demorei muito para saber qual cor era de cada personagem, demorei para fazer essa relação. Eu até perdi conteúdo da legenda só tentando saber quem era quem, de qual cor era de qual personagem”* (P011 – GF3).

Outros participantes reforçaram essa preferência pelo uso do nome entre colchetes, como o P013, do grupo controle: *“Eu sei que o nome da personagem é Mônica, então bota o nome Mônica, e depois bota o nome dos outros personagens. Eu acho que assim é mais fácil de acompanhar a cena”* (P013 – GC). Houve, contudo, sugestões de ajustes no uso de cores: alguns defenderam a correspondência das cores das legendas com o figurino dos personagens; outros sugeriram que a estratégia poderia funcionar melhor em vídeos curtos, mas não em filmes longos.

Essa predominância pela identificação via nomes difere dos resultados de pesquisas internacionais. Shokoohmand e Khoshshalgheh (2024) verificaram melhor compreensão entre participantes surdos quando cores foram utilizadas em vez da indicação nominal. De forma semelhante, Szarkowska e Boczkowska (2020) identificaram níveis satisfatórios de imersão entre *ouvintes* ao assistirem a produtos audiovisuais multilíngues com legendas coloridas. Em contrapartida, um estudo brasileiro realizado por Araújo, Monteiro e Vieira (2013) revelou que participantes surdos no Brasil não se sentiram contemplados pelo modelo europeu de Legendagem com cores.

Para melhor visualizar as preferências sobre esse parâmetro — uso de nomes entre colchetes versus atribuição de cores — o gráfico da Figura 57 apresenta a combinação dos resultados do questionário e dos grupos focais. No eixo y estão representados os níveis de satisfação em números absolutos, enquanto o eixo x organiza os grupos comparativos. As barras distinguem o vídeo controle (verde) do vídeo experimental (roxo).

Figura 57 – Combinação de resultados do questionário e dos grupos focais – Preferências: Uso de Cores



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O gráfico evidencia que, em todos os casos, o vídeo controle obteve avaliação superior ao vídeo experimental, embora nos Grupos Focais 1 e 2 os resultados tenham se mostrado mais equilibrados. Esse achado sugere que as pessoas surdas participantes da pesquisa não se sentiram plenamente contempladas pela mudança constante de cores nas legendas, com destaque para a rejeição identificada no questionário e no Grupo Focal Controle. Esse resultado pode estar relacionado ao fato de que os participantes do questionário e do grupo controle tiveram contato com o vídeo pela primeira vez, o que pode ter gerado maior estranhamento em comparação aos participantes dos Grupos Focais 1, 2 e 3, que já haviam assistido previamente a todos os vídeos durante a etapa do questionário e, portanto, estavam mais familiarizados com o conteúdo.

A principal justificativa para a recepção negativa do vídeo experimental foi a sensação de confusão causada pela mudança frequente de cores, que dificultava inclusive a leitura em determinadas cenas, dependendo do fundo visual. Muitos participantes relataram que a estratégia não se mostrou eficaz para distinguir personagens, pois exigia um esforço cognitivo adicional até associar cada cor ao respectivo falante. Houve ainda comentários relevantes sobre a acessibilidade desse recurso para pessoas com baixa visão ou dislexia, questionando se a estratégia poderia, inclusive, comprometer a legibilidade em alguns casos.

Esses resultados dialogam com a única pesquisa brasileira (até onde alcança o conhecimento da autora) que investigou a recepção de legendas coloridas por pessoas surdas. Araújo, Vieira e Monteiro (2013) constataram que participantes surdos do Sudeste preferiram

legendas em cor única; contudo, nos testes de compreensão, o uso de cores não impactou de forma significativa a performance dos participantes. De modo semelhante, Neves (2005) já havia observado que a mudança constante de cores pode gerar confusão.

Em contrapartida, pesquisas de recepção realizadas em outros contextos apresentam resultados variados. No Catar, Al-Adarbi (2022) verificou que pessoas ouvintes preferiram legendas coloridas, enquanto os surdos optaram pelo deslocamento espacial das legendas para identificar falantes. Em estudo com surdos turcos, Gurkan (2019) constatou que a maioria (89,2%) preferiu a combinação de cores e posicionamento próximo ao falante. Já Shokoohmand e Khoshsaligheh (2024), em pesquisa com surdos persas, identificaram maior compreensão com legendas coloridas do que com a indicação nominal dos personagens entre colchetes.

As sugestões de melhoria oferecidas pelos grupos focais foram praticamente unânimes: apresentar o nome dos personagens entre colchetes no início da legenda e adotar uma única cor para todas as falas, com clara preferência pela cor amarela. Algumas propostas adicionais incluíram a correspondência entre a cor da legenda e o figurino do personagem, bem como a aplicação da estratégia em contextos mais curtos, como *reels* ou vídeos em redes sociais, em vez de filmes longos. Um participante ainda observou que a rejeição pode estar relacionada ao hábito cultural: como no Brasil o padrão é utilizar legendas em cor única, seria necessário maior exposição ao recurso para que se consolidasse uma recepção mais positiva, como ocorre em países europeus.

Em síntese, conclui-se que, em filmes e séries, a utilização de legendas coloridas para identificação de falantes deve ser adotada com cautela. A experiência surda brasileira, fortemente vinculada ao consumo de legendas em cor única — com clara preferência pelas amarelas e pela indicação nominal dos personagens — deve ser considerada. Há, no entanto, espaço para inovações em contextos específicos, especialmente em vídeos curtos, nos quais o uso de cores pode ser explorado de forma criativa e funcional, como na associação entre a cor da legenda e o figurino do personagem.

4.3.3 Posicionamento

O parâmetro do posicionamento das legendas foi testado em duas formas de Legendagem Descritiva: primeiramente, com as legendas centralizadas na parte inferior da tela e o nome dos personagens entre colchetes (vídeo controle); em seguida, com legendas que mudavam de posição na tela, de modo a se alinharem abaixo ou mais próximas de cada personagem em cena (vídeo experimental).

Os resultados do questionário indicaram uma aprovação mediana do vídeo experimental: 31 dos 55 participantes (56,3%) declararam-se satisfeitos com a mudança de posicionamento, 15 (27,2%) relataram insatisfação e nove (16,3%) posicionaram-se de forma neutra. Em contrapartida, o vídeo controle obteve recepção muito mais positiva: 42 respondentes relataram satisfação (76,3%), contra apenas oito insatisfeitos (14,5%) e cinco neutros (9%).

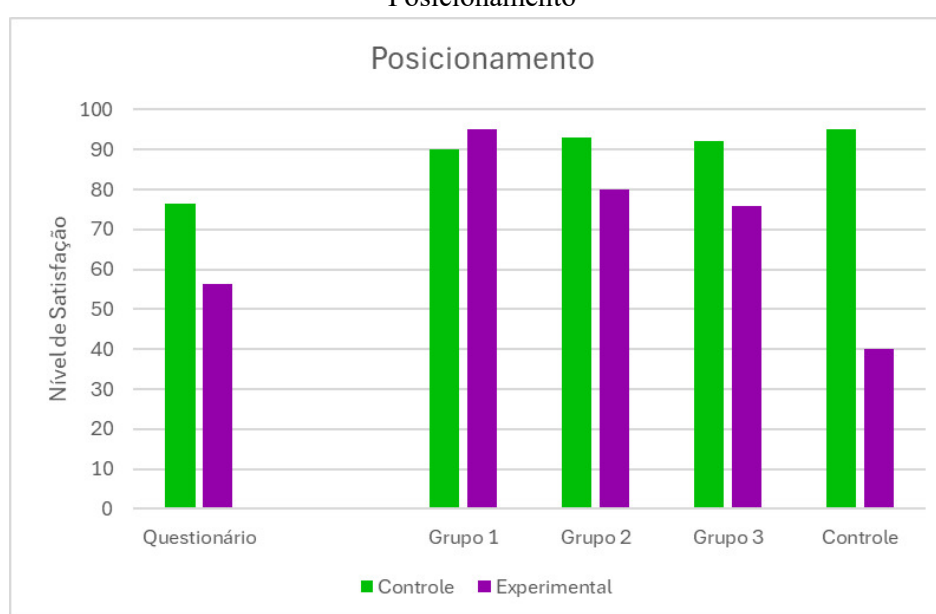
Nos grupos focais, a tendência se repetiu. O vídeo experimental recebeu média de 7,2, enquanto o vídeo controle alcançou média de 9,2, demonstrando aceitação extremamente positiva. As críticas ao vídeo experimental giraram, em sua maioria, em torno de justificativas semelhantes às observadas no parâmetro do uso de cores: sensação de cansaço, estranhamento e maior esforço para acompanhar as legendas, já que era necessário procurar constantemente em que parte da tela apareciam. O participante P07, do Grupo Focal 2, afirmou: *“Gostei mais do segundo [vídeo controle] porque eu senti que eu tava [sic] assistindo com mais conforto porque teve esse padrão durante todo o vídeo”* (P07 – GF2). Já o P10, do Grupo Focal 3, relatou: *“Foi confuso para mim porque eu não tenho três olhos, então nota 7,5”* (P10 – GF3). Esses relatos ilustram como a mudança de posicionamento, ainda que inovadora, causou desconforto a parte significativa dos participantes.

Entretanto, alguns reconheceram que, dependendo do contexto, a estratégia poderia ser válida. Foi mencionado, por exemplo, que filmes mais lentos ou com muitos diálogos poderiam se beneficiar dessa prática, desde que aplicada de forma criteriosa. Em contrapartida, seu uso em cenas de ação foi descartado, por aumentar a dificuldade de leitura e compreensão. Além disso, alguns participantes afirmaram que, caso fosse necessário escolher entre o uso de cores ou a mudança de posicionamento para identificação de personagens, prefeririam a segunda estratégia. Esse dado é relevante, pois indica que, embora ambos os parâmetros tenham recebido avaliações críticas, a mudança de posicionamento obteve uma aceitação ligeiramente maior (média 7,2) do que o uso de cores (média 6,6).

No campo da pesquisa internacional, os resultados são heterogêneos. No Catar, Al-Adarbi (2020) verificou que a maioria das pessoas surdas preferiram legendas que se deslocavam na tela para acompanhar os falantes. Já Mangiron (2016), analisando a Legendagem em jogos eletrônicos, observou uma recepção negativa à mudança de posicionamento por parte de pessoas surdas. No Brasil, até onde alcança o conhecimento da autora, a única pesquisa que investigou esse parâmetro da Legendagem Descritiva foi a de Araújo, Vieira e Monteiro (2013), cujos participantes também relataram estranhamento diante do deslocamento das legendas, confirmando os resultados aqui encontrados.

De modo a visualizar com maior clareza as preferências sobre o posicionamento das legendas para identificação de falantes, apresentamos no Gráfico 26 a combinação dos resultados do questionário e dos grupos focais. No eixo y está representado o nível de satisfação em números absolutos, enquanto no eixo x estão organizados os grupos comparativos. As barras distinguem o vídeo controle (legendas centralizadas na parte inferior da tela com o nome dos personagens entre colchetes — cor verde) e o vídeo experimental (legendas que mudavam de posição para acompanhar os personagens em tela — cor roxa).

Figura 58 – Combinação dos resultados do questionário e grupos focais – Preferências: Posicionamento



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O gráfico acima evidencia, de forma visual, que, na maioria dos casos, o vídeo controle obteve avaliação superior ao vídeo experimental, ainda que este não tenha sido alvo de rejeição significativa. Como mencionado anteriormente, nos grupos focais o vídeo controle obteve média de 9,2, enquanto o vídeo experimental alcançou 7,2. O Grupo Focal 1 foi a única ocasião em que o vídeo experimental foi mais bem avaliado do que o controle. Os participantes desse grupo tinham idade média de 33,3 anos (desvio padrão de 6,8) e incluíam um participante surdo que declarou depender apenas parcialmente das legendas. Nas discussões, afirmaram que, embora se sentissem contemplados pelo vídeo controle, também conseguiram compreender o experimental. O participante P03, por exemplo, considerou interessante a mudança de posicionamento em curtas-metragens, mas ponderou: *“Se fosse um filme longo, mais comprido, eu acredito que seria melhor o nome dos personagens entre colchetes e as legendas sempre centralizadas na parte inferior”*.

Como justificativa para a recepção mais crítica do vídeo experimental, os participantes relataram que a mudança constante do posicionamento das legendas gerava confusão e até perda de conteúdo do vídeo. Além disso, destacaram que já estão acostumados com o padrão de legendas centralizadas, indicando que o hábito consolidado de consumo desempenha papel relevante na recepção. Um dos depoimentos foi particularmente revelador: embora o participante não tenha ficado satisfeito com o deslocamento das legendas, declarou preferir essa estratégia ao uso de cores, que rejeitou de forma enfática. Ele associou essa preferência a fatores geracionais, mencionando que, por ter nascido nos anos 1980, já possui hábitos consolidados de consumo, mas que sua filha surda poderia desenvolver uma relação diferente com legendas mais inovadoras.

Nossos resultados dialogam com a única (até onde alcança o conhecimento da autora) pesquisa brasileira que investigou a recepção de legendas que “seguem” os personagens em tela. Araújo, Vieira e Monteiro (2013) identificaram que participantes surdos do Sudeste do Brasil declararam preferência por legendas centralizadas, mas os testes de compreensão não mostraram impacto significativo dessa mudança no entendimento dos vídeos utilizados. Cabe observar ainda que a Legendagem amadora já emprega, de forma recorrente, a estratégia de deslocamento de legendas para diferentes fins, o que sugere que os participantes tanto da pesquisa de 2013 quanto da presente tese provavelmente não são consumidores frequentes desse tipo de Legendagem.

Em outros países, os resultados variam. Gurkan (2019), por exemplo, constatou que 81% dos participantes surdos turcos preferiram a apresentação de legendas próximas aos falantes em tela. No entanto, Szarkowska e Laskowska (2014), no contexto polonês, verificaram preferência, entre surdos e pessoas com deficiência auditiva, pelo uso de cores em vez da mudança de posicionamento. Já Mangiron (2016), ao analisar a recepção de legendas em jogos por parte de surdos espanhóis, encontrou rejeição à mudança de alinhamento: todos os participantes preferiram legendas centralizadas, apesar de a maioria dos jogos testados utilizarem alinhamento à esquerda.

Conclui-se, a partir dos resultados do questionário e dos grupos focais — guardadas as devidas proporções em razão do número e perfil dos participantes —, que a utilização de legendas com mudança de posicionamento para identificação de falantes pode trazer benefícios em determinados contextos de uso audiovisual. Em filmes e séries mais serenos, com menos movimento e ritmo mais lento, a estratégia pode ser útil. Todavia, o padrão consolidado entre consumidores surdos brasileiros, acostumados a legendas centralizadas na parte inferior da tela, faz com que a mudança constante seja percebida como confusa, pouco imersiva e, em alguns

casos, responsável por reduzir o prazer da experiência audiovisual. Ainda assim, é importante destacar que o grau de rejeição observado não foi tão alto quanto em outros parâmetros, e que, inclusive, o Grupo Focal 1 demonstrou preferência pelo vídeo experimental em relação ao controle.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do presente estudo buscou contribuir para a investigação da recepção de parâmetros específicos da Legendagem Descritiva Interlingual por brasileiros surdos. Especificamente, investigou-se a recepção de três parâmetros das legendas descritivas: (i) as estratégias de tradução de músicas; (ii) a utilização de diferentes cores nas legendas para identificação de falantes; e (iii) a mudança de posicionamento das legendas para identificação de falantes.

Para atingir o objetivo geral desse estudo de recepção, utilizou-se um questionário online de levantamento de perfil e de preferências, voltado especificamente para o público surdo brasileiro. Nele, os respondentes assistiram a trechos de filmes e séries em inglês legendados para português com os parâmetros mencionados acima e eram requeridos a votar em seu nível de satisfação referente a cada vídeo. Recebemos 55 respostas válidas para o questionário, sendo que 51 pessoas se declararam surdas e apenas quatro como pessoas com deficiência auditiva. A média de idade dos respondentes, excluindo-se um indivíduo que marcou ter 50+ anos, foi de 35,2 anos, com desvio padrão de 6,58. A maioria dos respondentes declarou ter algum tipo de ensino superior (completo, incompleto ou em andamento) e residir na região Sudeste do Brasil.

Após concluirmos a etapa do questionário online, foram realizados três grupos focais com 11 participantes surdos que haviam respondido ao questionário e um grupo focal controle com três pessoas surdas que não haviam respondido ao questionário, para fins de comparação dos resultados. O perfil dos participantes dos grupos focais (inclusive do grupo controle) seguiu a tendência do perfil dos respondentes do questionário. Nos grupos focais, os participantes assistiam novamente aos vídeos legendados do questionário e eram requeridos a dar uma nota de 0 a 10 para as legendas, justificando e explicando suas notas, ao mesmo tempo em que interagiam com os outros participantes e discutiam entre si suas preferências. Os grupos focais foram realizados de forma online, totalmente em Libras, e tiveram duração média de 1 hora cada um. De modo a atingir o objetivo geral da pesquisa, estabelecemos três objetivos específicos, três hipóteses e três perguntas de pesquisa, abordando individualmente cada parâmetro duplamente testado na pesquisa (controle e experimental), os quais serão retomados de forma individual a seguir.

Nosso primeiro objetivo foi avaliar a recepção de duas estratégias de tradução de músicas por parte da audiência surda: a apresentação do gênero da música entre colchetes ou a transcrição da letra da música no idioma original da produção. Esse objetivo surgiu a partir da seguinte pergunta de pesquisa: “Os participantes surdos preferem legendas descritivas

interlinguais que indiquem o gênero musical/adjetivação da canção ou que transcrevam a letra da música?”. Para responder a essa pergunta, partimos da hipótese de que os participantes investigados tenderiam a preferir as formas de tradução de músicas nas legendas interlinguais que apresentassem o gênero musical e/ou a adjetivação da música, visto que transcrições de letras de músicas estrangeiras nas legendas poderiam oferecer pouca ou nenhuma contextualização da cena para o público, sendo a adjetivação e/ou a apresentação do gênero musical das canções a estratégia preferida pelo público investigado.

Nossa primeira hipótese foi refutada, visto que os resultados indicaram que os participantes tiveram uma recepção muito mais positiva das legendas experimentais — ou seja, aquelas que apresentavam a transcrição da música em seu idioma original, nesse caso, o inglês — do que das legendas controle, que apenas traziam a informação do gênero da música em questão. Tanto os resultados do questionário quanto os dos quatro grupos focais apontaram que as legendas experimentais foram recebidas de forma satisfatória pelos participantes. No questionário, excluindo-se os participantes neutros, 72,7% se declararam satisfeitos com as legendas experimentais e apenas 14,5% insatisfeitos. Na média das notas atribuídas nos grupos focais, a transcrição de músicas recebeu média de 9,5, enquanto a apresentação do gênero da música recebeu média de 6,8. As justificativas dos participantes para essa preferência giraram em torno de: (i) ausência de mais informações sobre a música nas legendas controle; (ii) interesse em conhecer/aprender uma língua estrangeira por meio das legendas em inglês (embora não saibamos como seria essa recepção em relação a outras línguas estrangeiras); e (iii) entendimento mais claro de qual idioma está sendo utilizado no produto audiovisual. Assim, nosso primeiro objetivo específico foi alcançando.

Como segundo objetivo específico, buscamos examinar como o uso de diferentes cores nas legendas para identificar os personagens é recebido pelo público surdo e/ou com deficiência auditiva. Esse objetivo surgiu a partir da seguinte pergunta de pesquisa: “Os participantes surdos preferem legendas em cor única ou legendas com cores variadas?”. Para responder a essa pergunta, partimos da hipótese de que, por não estarem tão habituados à presença de legendas coloridas em produções audiovisuais que circulam no Brasil, os participantes surdos tenderiam a preferir legendas apresentadas em uma única cor (brancas ou amarelas) ao longo de toda a produção audiovisual, visto que essa opção causaria menor estranhamento.

Nossa segunda hipótese foi confirmada, pois os resultados indicaram uma recepção negativa das legendas experimentais e mais positiva das legendas controle, tanto no questionário quanto nos grupos focais. No grupo focal controle, as legendas coloridas tiveram rejeição ainda maior do que nos outros grupos, provavelmente pelo fato de que aqueles que já

havia visto esse vídeo no questionário o assistiram novamente no grupo, enquanto o grupo focal controle teve contato pela primeira vez com esse uso de cores. No questionário, excluindo-se os participantes neutros, 32,7% dos respondentes (18 pessoas) declararam-se insatisfeitos com as legendas coloridas, enquanto apenas 14,5% (8 pessoas) relataram insatisfação com as legendas brancas. Nos grupos focais, tivemos média 8 para o vídeo controle e média 6,6 para o vídeo experimental. As justificativas dos participantes para essa rejeição giraram em torno de queixas como confusão e estranhamento causados pela mudança constante de cores, além de maior esforço cognitivo para acompanhar o vídeo. Assim, demonstraram preferência pela apresentação do nome dos personagens entre colchetes, mantendo-se as legendas em uma única cor (brancas ou amarelas) durante toda a produção audiovisual. Dessa forma, nosso segundo objetivo foi alcançado.

Por fim, como terceiro objetivo, propusemo-nos a analisar de que forma a mudança de posicionamento das legendas para identificar os personagens em tela foi recebida pelos espectadores surdos. Esse objetivo surgiu a partir da seguinte pergunta de pesquisa: “Os participantes surdos preferem que as legendas mudem de posição para acompanhar os falantes ou que tragam o nome dos personagens entre colchetes?”. Para responder a essa pergunta, partimos da hipótese de que a mudança do posicionamento das legendas para acompanhar os falantes em tela seria preferida em detrimento da adição do nome dos personagens entre colchetes, visto que a primeira opção oferece uma identificação mais visualmente perceptível de qual personagem está com o turno de fala — especialmente em cenas com sobreposição de diálogos e que contenham muitos personagens em uma única cena —, além de diminuir o número de caracteres nas linhas de legenda por não ser necessário adicionar o nome dos personagens entre colchetes.

Nossa terceira hipótese foi parcialmente refutada, visto que houve uma preferência maior pelas legendas centralizadas, mas também um nível de satisfação relativamente alto com as legendas experimentais, que mudam de posicionamento para identificar os personagens. No questionário, excluindo-se os neutros, 56,3% dos respondentes declararam-se satisfeitos com a mudança de posicionamento das legendas, enquanto 27,2% se mostraram insatisfeitos. Uma maioria bastante expressiva preferiu as legendas controle (76,3%), ao passo que apenas 14,5% se declararam insatisfeitos com as legendas centralizadas. Nos grupos focais, essa tendência se manteve, com média de 9,2 para as legendas controle e 7,2 para as legendas com mudança de posicionamento. O grupo focal controle apresentou o maior nível de rejeição às legendas experimentais, provavelmente pelo mesmo motivo observado no segundo parâmetro. Os participantes relataram que as legendas experimentais causavam confusão e perda de conteúdo,

pois não sabiam previamente onde elas apareceriam na tela, o que os levou a se sentirem desorientados ao assistir ao produto audiovisual. Assim, nosso terceiro objetivo foi alcançado.

Em relação aos graus de rejeição, notamos que, diferentemente do primeiro parâmetro experimental testado na pesquisa (transcrição da letra da música em seu idioma original), os dois últimos parâmetros experimentais (uso de cores e mudança de posicionamento) foram mais rejeitados. Contudo, percebemos que os participantes estavam relativamente abertos a conhecer estratégias novas e inclusive sugeriram melhorias, como, por exemplo, o uso de cores combinando com o figurino dos personagens e a transcrição da letra da música no idioma original em uma linha, seguida de sua tradução para o português na segunda linha da legenda — ou seja, uma Legendagem bilíngue. A recepção inicialmente negativa pode ser atribuída a fatores como o estranhamento diante do novo e a desorientação causada pela quebra de expectativas, uma vez que o padrão de consumo audiovisual do público brasileiro encontra-se amplamente consolidado, baseado em convenções muitas vezes rígidas e engessadas, que em grande parte acabam desconsiderando as tendências mais recentes da Legendagem.

Todavia, os participantes mostraram-se relativamente abertos a novas estratégias e apresentaram uma visão crítica da Legendagem — em parte porque a maioria aparentava possuir um letramento avançado em Legendagem. Por isso, é possível concluir que novas tendências podem ser introduzidas nas legendas descritivas voltadas à comunidade surda brasileira (ao menos na parcela investigada neste estudo). Essa conclusão é corroborada pelos resultados obtidos quanto ao entendimento do grau de importância desses parâmetros da Legendagem Descritiva por parte dos respondentes do questionário.

A maioria dos respondentes afirmou que descrever músicas e efeitos sonoros nas legendas é totalmente importante: 35 participantes (63,6%) consideraram esse parâmetro importante, em comparação com apenas 11 indivíduos (20%) que declararam não considerá-lo importante. Essa tendência indica que a maioria dos respondentes do questionário acredita que esse parâmetro deve ser contemplado nas legendas descritivas.

A maioria dos respondentes sente que utilizar diferentes cores nas legendas para diferenciar os falantes de um filme ou série é totalmente importante: 41 participantes (74,5%) consideram esse parâmetro importante, em comparação com apenas 8 indivíduos (14,5%) que sentem que não seja importante. Esse resultado indica que a maioria dos respondentes acredita que esse parâmetro deve ser considerado nas legendas descritivas.

A maioria dos respondentes sente que mudar o posicionamento das legendas para diferenciar os falantes de um filme ou série é totalmente importante: 33 participantes (60%) consideram esse parâmetro importante, em comparação com 15 indivíduos (27,2%) que sentem

que não seja importante. Esse resultado indica que a maioria dos respondentes acredita que esse parâmetro deve ser considerado nas legendas descritivas. No entanto, a diferença entre os dois grupos é menos expressiva, ou seja, mais equilibrada entre os polos “importante” e “desimportante”, quando comparada aos resultados obtidos para os outros dois parâmetros analisados na pesquisa, o que sugere uma divisão de opiniões menos acentuada quanto à relevância do deslocamento das legendas.

Nos resultados dos grupos focais, sobre os relatos dos participantes acerca do que pode ser melhorado na Legendagem no Brasil, recebemos algumas contribuições relevantes. Os participantes, quase de modo unânime, afirmaram preferir legendas amarelas às brancas, independentemente de serem legendas descritivas ou não, devido ao contraste com qualquer fundo e/ou background da cena. Outro ponto levantado foi a repetição de informações redundantes nas legendas descritivas — por exemplo, em um mesmo filme, inúmeras vezes aparecia a legenda [ambiência urbana], como relatou um dos participantes —, o que evidencia a necessidade de maior atenção dos legendistas para evitar o *oversubtitling* e o capacitismo. Esse excesso, segundo os relatos, revela uma falta de confiança na capacidade das pessoas surdas de compreender pistas contextuais ao assistir a uma produção audiovisual, causando irritação e diminuindo o prazer da experiência.

Outros relatos relevantes dos grupos focais destacaram a extrema importância da descrição de efeitos sonoros nas legendas. Os participantes afirmaram que, em determinadas situações, especialmente em filmes de suspense e terror, a ausência dessas informações compromete a compreensão natural da narrativa. Relataram, por exemplo, que, diante de uma cena em que um personagem demonstra medo ou surpresa, nem sempre conseguem entender a razão da reação, sendo necessário recorrer a pessoas ouvintes para esclarecer que havia sons de passos suspeitos em off ou barulhos assustadores, entre outros.

Finalmente, outro ponto amplamente mencionado pelos participantes dos grupos focais — e que merece destaque aqui — foi a falta de legendas na televisão aberta brasileira e em produções audiovisuais nacionais. Os participantes relataram insatisfação e sensação de exclusão ao tentar assistir a jornais ou outros programas na TV aberta. Frequentemente, não encontram legendas disponíveis, tendo como única opção o recurso de CC, cuja qualidade foi amplamente criticada. Segundo os relatos, esse recurso apresenta falhas recorrentes na transcrição das palavras, além de problemas de sincronização — com legendas que desaparecem ou reaparecem abruptamente, dificultando o acompanhamento do conteúdo. Outro ponto levantado foi o posicionamento do CC, que por vezes encobre informações visuais

relevantes em uma reportagem, como o nome da cidade de onde o repórter transmite a notícia, comprometendo a compreensão da informação.

Do mesmo modo, os participantes demonstraram insatisfação por quase nunca conseguirem assistir a filmes brasileiros no cinema devido à inexistência de legendas intralinguais nessas produções, sendo obrigados a esperar que o filme chegue a alguma plataforma de *streaming* para tentar assisti-lo com legendas. Esse problema não ocorre apenas nos cinemas, mas também em filmes exibidos na televisão aberta, que muitas vezes são dublados e, portanto, contam apenas com o CC. Esses relatos evidenciam uma violação do direito à informação (como no caso dos telejornais) e ao lazer desse público, além de contribuírem para a desvalorização do cinema brasileiro — desconsiderando e desincentivando as pessoas a consumirem nossas próprias produções.

Diante do exposto, nossos resultados, tanto qualitativos quanto quantitativos, demonstram que, no panorama teórico e prático da Legendagem Descritiva brasileira, há espaço para inovação e melhoria. Apesar de apenas o primeiro parâmetro experimental testado na pesquisa ter recebido uma recepção positiva, observamos que os participantes demonstraram certa abertura para o uso de novas estratégias de Legendagem, desde que aplicadas com parcimônia e adequação aos diferentes gêneros e contextos audiovisuais. Por exemplo, um participante sugeriu combinar a cor das legendas com a cor do figurino dos personagens; outro afirmou que o deslocamento das legendas na tela pode não ser apropriado em filmes de ação — nos quais o excesso de estímulos visuais poderia gerar confusão ou desorientação —, mas poderia ser eficaz em obras audiovisuais com predominância de diálogos e ritmo narrativo mais pausado. Incluímos aqui também outros gêneros audiovisuais, como documentários e entrevistas, em que o deslocamento das legendas poderia funcionar melhor.

Nossos achados ampliam estudos de recepção anteriores sobre Legendagem Descritiva realizados no Brasil, ao apresentar um tipo inovador de pesquisa que combina dados de questionário online e grupos focais, além de analisar parâmetros ainda pouco explorados no país — tanto nas práticas de Legendagem quanto nas pesquisas acadêmicas. Como mencionado, a vasta maioria das pesquisas brasileiras sobre Legendagem Descritiva analisa parâmetros técnicos da recepção de pessoas surdas, como velocidade e segmentação das legendas. Não desconsideramos essas pesquisas e reverenciamos suas contribuições, mas reiteramos que nosso estudo avança um passo além, trazendo contribuições mais voltadas à abordagem qualitativa e apresentando análises de parâmetros praticamente desconsiderados em pesquisas brasileiras sobre Legendagem Descritiva.

Nossa pesquisa traz contribuições relevantes para a área da Legendagem Descritiva. Em primeiro lugar, apresentamos inovações teóricas e metodológicas — ao articular a aplicação de questionário com a realização de grupos focais —, uma combinação ainda pouco explorada na área, mas que se revelou eficaz e complementar na produção e aprofundamento dos dados. Em segundo lugar, promovemos impacto positivo em um público específico consumidor de legendas descritivas, a comunidade surda brasileira, dando espaço para que expusesse suas necessidades, demandas e preferências como consumidora de legendas descritivas. Por fim, a pesquisa traz implicações práticas importantes ao chamar a atenção de provedores de conteúdo, produtoras de legendas, empresas de comunicação e plataformas de *streaming* para a urgência de se considerar a presença e os direitos do público surdo brasileiro, reforçando a importância da disponibilização de legendas descritivas em toda a programação — seja em filmes, séries ou na televisão aberta, acessada por meios tradicionais ou por plataformas digitais.

Reconhecemos algumas limitações deste estudo, como o número reduzido de respondentes do questionário (55 indivíduos), o perfil muito específico (pessoas surdas principalmente da região Sul do Brasil) e a ausência de representação de indivíduos de determinadas faixas etárias (não recebemos nenhuma resposta de pessoas entre 18 e 24 anos). Além disso, não foi possível realizar um acompanhamento longitudinal com os participantes, o que teria permitido observar se suas preferências em relação aos parâmetros testados na pesquisa se modificariam com o tempo, a exposição e o hábito de uso. Dessa forma, em consonância com uma postura de maturidade acadêmica, compreendemos os limites do que pode ou não ser generalizado a partir dos dados obtidos. Por esse motivo, ao apresentar os resultados, optamos por uma abordagem cautelosa, enfatizando tendências observadas e evitando afirmar conclusões como verdades absolutas ou universais.

Sugerimos, para pesquisas futuras, a replicação deste estudo com: (i) maior número de participantes de diversas regiões do Brasil; (ii) perfis mais variados de escolaridade dos participantes; (iii) faixas etárias mais diversas, por exemplo, apenas com crianças ou apenas com adolescentes; (iv) testagem dos parâmetros analisados em outros gêneros de filmes, séries e outros tipos de produtos audiovisuais, como documentários e programas televisivos; e (v) realização de uma comparação com a recepção da Legendagem Interlingual e Intralingual, para investigar se a leitura labial interfere ou não na recepção desses parâmetros.

Algumas questões que surgiram e não foram respondidas estão diretamente relacionadas a esses cinco caminhos sugeridos para pesquisas futuras, tais como: (i) a recepção de pessoas surdas da região Sul do Brasil seria similar à de pessoas surdas da região Nordeste ou Norte?; (ii) pessoas surdas com níveis de escolaridade mais baixos do que os participantes

deste estudo teriam letramento similar em Legendagem e receberiam os parâmetros testados da mesma forma?; (iii) crianças surdas teriam recepção semelhante (por exemplo, rejeição ao uso de legendas coloridas) à de pessoas surdas de meia-idade?; (iv) os parâmetros testados nesta pesquisa, utilizando filmes e séries, receberiam recepção similar em documentários ou entrevistas?; (v) se investigássemos os mesmos parâmetros em legendas descritivas intralinguais, a recepção dos participantes surdos brasileiros seria semelhante ou diferente daquela observada nas legendas descritivas interlinguais?

Reforçamos a relevância e a inovação de nossa pesquisa, que contribui de forma original para a academia na área da Legendagem Descritiva e para a prática profissional de Legendagem. Descobrimos que nossos participantes: (i) preferem a transcrição da letra de músicas nas legendas, mesmo que em um idioma estrangeiro; (ii) declararam mais estranhamento em legendas coloridas para identificação de falantes, optando por legendas de cor única e o uso do nome dos personagens entre colchetes para sua identificação e (iii) admitiram o potencial da mudança de deslocamento das legendas para identificação de falantes porém tiveram uma leve tendência em preferir as legendas centralizadas na parte inferior da tela com a apresentação do nome dos personagens entre colchetes.

A partir dos resultados obtidos com o questionário e os grupos focais, espera-se que tendências criativas de Legendagem possam ser apontadas e futuramente corroboradas ou refutadas por meio da continuidade deste e de outros estudos brasileiros, sobretudo aqueles voltados à recepção com o público surdo, procurando observar suas preferências com ferramentas metodológicas que permitam a generalização e/ou a identificação de fortes tendências, utilizando diferentes perfis e contando com um número mais elevado de participantes.

Também se evidencia a necessidade urgente de realizar mais pesquisas de recepção com o público surdo sobre suas preferências em Legendagem Descritiva, de modo a levar mais informação e conhecimento aos provedores de legendas no Brasil, além de inspirar a replicação de estudos com diferentes parcelas de consumidores de Legendagem, como, por exemplo, apenas crianças surdas. Sendo assim, espera-se que nosso estudo contribua com a área da TAV e, mais especificamente, com a Legendagem Descritiva no Brasil, apresentando uma abordagem metodológica inovadora (uso de questionário e grupo focal) e analisando variáveis ainda inéditas no contexto brasileiro.

Esperamos contribuir diretamente para o aumento da qualidade e da visibilidade da Legendagem Descritiva no Brasil, principalmente no que diz respeito ao direito de pessoas surdas de acessarem os mais diversos espaços e consumirem os mais variados produtos

audiovisuais. Esperamos também evidenciar como as preferências dos participantes surdos ajudam a orientar práticas de legendagem descritiva no Brasil e oferecer subsídios para plataformas e produtores. Para alcançar essas contribuições, o estudo foi conduzido de modo a refletir a voz da comunidade surda participante, gerando, inclusive, insumos acadêmicos para a justificativa e a reivindicação da presença de legendas de qualidade no Brasil, além de reforçar a visibilidade das preferências dessa comunidade acerca das legendas descritivas, reiterando seu papel essencial na acessibilidade midiática em nosso país.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA (ANCINE). **Instrução Normativa n° 145, de 8 de outubro de 2018**. Altera dispositivos das Instruções Normativas n.º 116, de 18 de dezembro de 2014, e n.º 128, de 13 de setembro de 2016. Brasília: Ancine, 2018. Disponível em: <https://antigo.ancine.gov.br/pt-br/legislacao/instrucoes-normativas-consolidadas/instru-o-normativa-n-145-de-8-de-outubro-de-2018#:~:text=Altera%20dispositivos%20das%20Instru%C3%A7%C3%B5es%20Normativas,Anexo%20I%20ao%20Decreto%20n%C2%BA>. Acesso em: 11 nov. 2024.
- AL-ADARBI, J. Y. The Reception of Enriched Subtitles by the Deaf, Hard-of-Hearing and Hearing Audiences in Qatar: Speaker Identification Strategies. **Dissertação (Mestrado)**. 72f. Faculty of Humanities and Social Sciences. Hamad Bin Khalifa University. Qatar, 2022.
- ALEKSANDROWICZ, P. Subtitling song lyrics in films – pilot reception research. **Across Languages and Cultures**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 173-195, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1556/084.2019.20.2.2>. Disponível em: <https://akjournals.com/view/journals/084/20/2/article-p173.xml>. Acesso em: 11 nov. 2024.
- ALEKSANDROWICZ, P. Can Subtitles for the Deaf and Hard-of-Hearing convey the emotions of film music? A reception study. **Perspectives**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 58-72, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/0907676X.2019.1631362>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0907676X.2019.1631362>. Acesso em: 11 nov. 2024.
- ALVARENGA, Lina. **Subtíler: legendador ou legendista? In: Anais do I CIATI – Congresso Iberoamericano de tradução e interpretação**. São Paulo: [s. n.], 1998. p. 214-216.
- AMAZÔNIA: entre a vida e a morte – episódio 1. [S. l.: s. n.], 2022. **1 vídeo (27 min 20 s)**. Publicado pelo canal Jornalismo TV Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qZXzb7OqdAs>. Acesso em: 13 nov. 2024.
- AMAZON PRIME VIDEO. **Brazilian Portuguese (Brazil) Localization Style and Technical Guide**. Seattle: Amazon Prime Video, 2024a. Disponível em: https://videocentral.amazon.com/home/help?topicId=GGUTLEAY9WXZQD8C&ref_=avd_s_up_GGUTLEAY9WXZQD8C. Acesso em: 11 nov. 2024.
- AMAZON PRIME VIDEO. **Filmes, séries, esportes e muito mais**. Seattle: Amazon Prime Video, 2024b. Disponível em: https://www.primevideo.com/offers/nonprimehomepage/ref=dvm_pds_amz_br_dc_s_g_mkwdc_perid_620438871494?gclid=CjwKCAiAudG5BhAREiwAWMISjOJxExXDYAorMZ4LDsGYOUKF9X9vvKxsengdO7tU9LVQrIE-5dBr6BoCnwQQAvD BwE&mrntrk=slid_pgriid_62046161446_pgeo_1031854_x_adextptid_kwd-297838409645. Acesso em: 13 nov. 2024.
- AMAZON PRIME VIDEO. **Yesterday**. Seattle: Amazon Prime Video, 2024c. Disponível em:

https://www.primevideo.com/region/na/detail/0U8HSIAZ9JFLSWCRI3JF97P2UT/ref=atv_sr_fle_c_Tn74RA_1_1_1?sr=1-1&pageTypeIdSource=ASIN&pageTypeId=B08716XSC5&qid=1731509630629. Acesso em: 13 nov. 2024.

AMAZON PRIME VIDEO. **House**. Seattle: Amazon Prime Video, 2024d. Disponível em: https://www.primevideo.com/-/pt/detail/0QD1AE13OA147F8ZJC97BUD2PE/ref=atv_dp_season_select_sl. Acesso em: 13 nov. 2024.

ARAÚJO, V. L. S. Por um modelo de legendagem para surdos no Brasil. **Tradução & Comunicação**, [S. l.], n. 17, p. 59-76, 2008.

ARAÚJO, V. L. S. Teoria e prática da legendagem: introdução. *In*: ARAÚJO, V. L. S.; VIEIRA, P. A.; MONTEIRO, S. M. M. (org.). **Guia de legendagem para produções audiovisuais**. Curitiba: Editora CRV, 2021. p. 13-26.

ARAÚJO, V. L. S.; ALVES, S. F. Tradução Audiovisual Acessível (TAVa): audiodescrição, legendagem para surdos e ensurdecidos e janela de Libras. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 56, n. 2, p. 1-11, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/010318138650164304021>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/SPwh3QMQcd8dwgvrFbJwkpN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 nov. 2024.

ARAÚJO, V. L. S.; MONTEIRO, S. M. M.; VIEIRA, P. A. Legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE): um estudo de recepção com surdos da região Sudeste. *Tradterm*, v. 22, p. 283-302, 2013.

ARAÚJO, V. L. S.; NASCIMENTO, A. K. P. do.; Investigando parâmetros de legendas para surdos e ensurdecidos no Brasil. *Tradução em Revista*, v. 2, p. 1-18, 2011.

ARCADE. **Portal 2 glitchy fonts**. Arqade, [S. l.], 2016. Disponível em: <https://gaming.stackexchange.com/questions/251640/portal-2-glitchy-fonts>. Acesso em: 13 nov. 2024.

ASSIS, Í. S. A influência do número de linhas e da velocidade no processamento de legendas por surdos e ouvintes: um estudo experimental com rastreador ocular. Tese (Doutorado). 256f. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, Ceará. 2019.

ASSIS, Í. A. P. de; ARAÚJO, V. L. S. A tradução de música e ruídos na Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (LSE) do filme 'O Palhaço'. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 32, n. 1, p. 369-386, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/ll63-v32n1a2016-19>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/33217>. Acesso em: 11 nov. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 11 nov. 2024.

BRASIL. **Instrução Normativa nº 1, de 20 de maio de 2020.** Disciplina a utilização de recursos de acessibilidade na publicidade, nos pronunciamentos e nos discursos oficiais dos órgãos e entidades do Poder Executivo Federal. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 96, p. 46, 21 maio 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/instrucao-normativa-n-1-de-20-de-maio-de-2020-257819019>. Acesso em: 11 nov. 2024.

BRITISH BROADCASTING COMPANY (BBC). **Subtitle guidelines.** Version 1.1.8. Londres: BBC, 2019. Disponível em: <https://bbc.github.io/subtitle-guidelines/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

BRITISH BROADCASTING COMPANY (BBC). **Hustle.** Londres: BBC, 2024. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/iplayer/episodes/b007gf9k/hustle>. Acesso em: 13 nov. 2024.

BROWN, A.; JONES, R.; CRABB, M.; SANDFORD, J.; BROOKS, M.; ARMSTRONG, M.; JAY, C. Dynamic subtitles: the user experience. In: Proceedings of the ACM International Conference on Interactive Experiences for TV and Online Video. P. 103-112. Brussels, 2015.

CARNAGE (2011) / Drunk Scene. [S. l.: s. n.], 2021. **1 vídeo (2 min 57 s).** Publicado pelo canal The Cup Brothers. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IRzMAeGLxgY>. Acesso em: 13 nov. 2024.

CHAUME, F. The turn of Audiovisual Translation: new audiences and new technologies. **Translation Spaces**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 105-123, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1075/ts.2.06cha>. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/ts.2.06cha>. Acesso em: 11 nov. 2024.

COSTANZA, D. P.; RUDOLPH, C. W.; ZACHER, H. Are generations a useful concept? **Acta Psychologica**, v. 241, p. 104059, 2023. DOI: 10.1016/j.actpsy.2023.104059.

COSTA, M. C. Audiovisual com acessibilidade: a importância de incluir e ampliar o público. In: SALASAR, D. N.; MICHELON, F. F. (org.). **Acessibilidade cultural: atravessando fronteiras.** Pelotas: Editora da UFPel, 2020. p. 28-37.

D'ANGELO, Claudia Gabriela. El desafío de hacer accesibles los materiales educativos visuales y audiovisuales. **Revista Electrónica de Didáctica en Educación Superior**, v. 4, 2012. Disponível em: <https://ojs.cbc.uba.ar/index.php/redes/article/view/34>. Acesso em: 23 set. 2025.

DE LINDE, Z.; KAY, N. **The semiotics of subtitling.** Manchester: St. Jerome Publishing, 1999.

DÍAZ-CINTAS, J. **Teoría y práctica de la subtitulación: inglés/español.** Barcelona: Ariel, 2003.

DÍAZ-CINTAS, J. Audiovisual Translation today – A question of accessibility for all. **Translating Today Magazine**, [S. l.], n. 4, p. 3-5, 2005. Disponível em: https://aplicacionesua.cpd.ua.es/tra_int/usu/vercompleto.asp?txtId=45490. Acesso em: 11 nov. 2024.

DÍAZ-CINTAS, J. The name and nature of subtitling. *In*: BOGUCKI, Ł.; DECKERT, M. (ed.). **The Palgrave Handbook of Audiovisual Translation and Media Accessibility**. [S. l.]: Palgrave Macmillan, 2020. p. 149-172.

DÍAZ-CINTAS, J.; REMAEL, A. **Audiovisual Translation: Subtitling**. Manchester: St. Jerome Publishing Company, 2007.

DI GIOVANNI, E.; GAMBIER, Y. Reception Studies and Audiovisual Translation. *In*: DI GIOVANNI, E.; GAMBIER, Y. (ed.). **Introduction**. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 1-3.

DISNEY. **Soul**. Burbank: Disney, 2024. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/soul/77zlWrb9vRYp>. Acesso em: 13 nov. 2024.

D'YDEWALLE, G.; DE BRUYCKER, W. Reading Native and Foreign Language Television Subtitles in Children and Adults. *In*: HYONA, J.; RADACH, R.; DEUBEL, H. (org.). **The Mind's Eye: Cognitive and Applied Aspects of Eye Movements**. Oxford: Research Lirias, 2003. p. 671-684.

ENSURDECIDO. *In*: **Dicionário Michaelis Online de Português**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=ensurdecido>. Acesso em: 11 nov. 2024.

EUGENI, C. Long questionnaire in Italy. *In*: ROMERO-FRESCO, Pablo (ed.). **The reception of subtitles for the deaf and hard of hearing**. Bern: Peter Lang, 2015. p. 75-95.

FOX, W. Integrated titles: An improved viewing experience? *In*: HANSEN-SCHIRRA, S.; GRUCZA, S. (ed.). **Eyetracking and Applied Linguistics**. Berlim: Language Science Press, 2016. p. 5-30.

FOX, W. **Can integrated titles improve the viewing experience? Investigating the impact of subtitling on the reception and enjoyment of film using eye tracking and questionnaire data**. Berlim: Language Science Press, 2018.

FRANCO, E. P. C.; ARAÚJO, V. S. Questões terminológico-conceituais no campo da Tradução Audiovisual (TAV). **Tradução em Revista**, Rio de Janeiro, v. 11, p. 1-23, 2011. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18884/18884.PDFXXvmi>. Acesso em: 11 nov. 2024.

FRIENDS: **Lightning Round (Clip) | TBS**. [S. l.: s. n.], 2014. **1 vídeo (2 min 11 s)**. Publicado pelo canal TBS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uYMIuQ7QrTc>. Acesso em: 13 nov. 2024.

GOTTLIEB, H. Subtitling: diagonal translation. **Perspectives: Studies in Translatology**, Copenhagen, v. 2, n. 1, p. 101-121, 1994. DOI: <https://doi.org/10.1080/0907676X.1994.9961227>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0907676X.1994.9961227>. Acesso em: 11 nov. 2024.

GÖKCE, İmren. (In)accessibility of the deaf to the television contents through sign language interpreting and SDH in Turkey. **Dokuz Eylül Üniversitesi Edebiyat Fakültesi Dergisi**, v. 5, n. 1, p. 109-122, 2018.

GRECO, G. M.; JANKOWSKA, A. Media Accessibility Within and Beyond Audiovisual Translation. In: BOGUCKI, Ł.; DECKERT, M. (ed.). **The Palgrave Handbook of Audiovisual Translation and Media Accessibility**. Cham: Springer International Publishing, 2020. p. 57-81.

GRECO, G. M.; ROMERO-FRESCO, P. Universalist, user-centred and proactive approaches in media accessibility: the way forward. **The Journal of Specialised Translation**, [S. l.], v. 38, p. 3-10, 2023. Disponível em: https://www.jostrans.soap2.ch/issue39/art_greco.pdf. Acesso em: 13 nov. 2024.

GÜRKAN, Ali. Subtitling for the Deaf and the Hard-of-hearing: A Reception Study in the Turkish Context. 2019. 338 f. Tese (Doutorado em Tradução) – University College London, Centre for Translation Studies (CenTraS), London, 2019.

HERRERO, R. S.; OLIVER, B. R. Los iconos como estrategia para la representación de la información sonora en la subtitulación para sordos: un estudio experimental sobre la percepción de la audiencia. **Hikma – Revista de Traducción**, v. 22, n. 2, p. 61-102, 2023.

I WANT It That Way | Brooklyn Nine-Nine. [S. l.: s. n.], 2018. **1 vídeo (1 min 27 s)**. Publicado pelo canal Brooklin Nine-Nine. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HIBYdiXdUa8>. Acesso em: 13 nov. 2024.

JIMÉNEZ HURTADO, C.; SEIBEL, C. Traducción accesible: narratología y semántica de la audiodescripción. In: **IV Congreso El español, lengua de traducción, cooperación y diálogo. Actas**. 2007. p. 451-468. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/lengua/esletra/pdf/04/048_jimenez-seibel.pdf.

JBÍ STUDIOS. **JBÍ Studios' Blog on Voice-Over, Dubbing, and Multimedia Localization**. JBÍ Studios, [S. l.], 2020. Disponível em: <https://jbilocalization.com/blog/>. Acesso em: 13 nov. 2024.

JORNAL DA USP. **Mais de 10 milhões de brasileiros apresentam algum grau de surdez**. São Paulo: Jornal da USP, 21 ago. 2023. Disponível em: [https://jornal.usp.br/atualidades/mais-de-10-milhoes-de-brasileiros-apresentam-algum-grau-de-surdez/#:~:text=Dados%20do%20IBGE%20\(Instituto%20Brasileiro,ou%20seja%2C%20n%C3%A3o%20escutam%20nada](https://jornal.usp.br/atualidades/mais-de-10-milhoes-de-brasileiros-apresentam-algum-grau-de-surdez/#:~:text=Dados%20do%20IBGE%20(Instituto%20Brasileiro,ou%20seja%2C%20n%C3%A3o%20escutam%20nada). Acesso em: 12 nov. 2024.

KARAMITROGLOU, F. **Towards a Methodology for the Investigation of Norms in Audiovisual Translation**. Amsterdã: Rodopi, 2000. 300 p.

KOGLIN, A. **A tradução de metáforas geradoras de humor na série televisiva Friends: um estudo de legendas**. 2008. 99 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/90889>. Acesso em: 11 nov. 2024.

LADD, P. **Understanding Deaf Culture: In Search of Deafhood**. Clevedon: Multilingual Matters, 2003. DOI: <https://doi.org/10.21832/9781853595479>.

LANCASTER, L. C.; STILLMAN, D. **When generations collide: Who they are, why they clash, how to solve the generational puzzle at work**. New York: HarperCollins, 2002.

MANGIRON, C. Reception of game subtitles: An empirical study. **The Translator**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 72-93, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/13556509.2015.1110000>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13556509.2015.1110000>. Acesso em: 11 nov. 2024.

MARTINEZ, S. L. Palavrões e turpilóquios à vontade: os serviços de streaming e a atualização das normas de tradução para legendagem. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 44, n. esp. 2, p. 1-14, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2024.e99146>.

MARTINEZ, S. L. **Tradução para legendas: uma proposta para a formação de profissionais**. 2007. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_RIO-1_03cb381d2d5d9d692a51047bdced510e. Acesso em: 11 nov. 2024.

MCBURNEY, S. L. Pronominal reference in signed and spoken language: Are grammatical categories modality-dependent? *In*: MEIER, R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. (ed.). **Modality and Structure in Signed and Spoken Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 329-369.

MLICZAK, R. **A Diachronic Study of Subtitling for the Deaf and the Hard-of-Hearing in Poland**. 2018. 309 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Centre for Translation Studies, University College London, Londres, 2018. Disponível em: <https://discovery.ucl.ac.uk/10072695/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

MONTEIRO, S. M. M. **Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (LSE) e Legendagem para Ouvintes: um estudo sobre a segmentação e a velocidade na legendagem da campanha política de 2010**. 2016. 234 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UECE-0_79c75bbbc7bb343ed192a6551c38f9e3. Acesso em: 11 nov. 2024.

MONTEIRO, A. da S.; VIEIRA, E. B.; SOUSA, A. L. de. A LSE como ferramenta de ensino de Língua Inglesa para surdos: Uma proposta de atividade didática. **Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 14, n. 1, p. 63–82, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/10600>.

MORETTINI, A. Profiling deaf and hard-of-hearing users of subtitles for the deaf and hard-of-hearing in Italy: a questionnaire-based study. **MonTI. Monografias de Traducción e Interpretación**, n. 4, p. 321-348, 2012. Universitat de València, Alicante, España.

MOURA, W. The Subtitling of Swearing: A Pilot Reception Study. **Languages**, v. 9, n. 184, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3390/languages9050184>.

NASCIMENTO, A. K. P. do. **Convencionalidade nas legendas de efeitos sonoros na legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE)**. 2018. 241 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8160/tde-31072018-164135/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

NAVES, S. B. *et al.* **Guia para produções audiovisuais acessíveis**. Brasília: Ministério da Cultura, 2016.

NETFLIX. **Brazilian Portuguese Timed Text Style Guide**. Los Gatos: Netflix, 2022.

Disponível em: <https://partnerhelp.netflixstudios.com/hc/en-us/articles/215600497-Portuguese-Brazil-Timed-Text-Style-Guide>. Acesso em: 11 nov. 2024.

NETFLIX. **Brazilian Portuguese Timed Text Style Guide**. Los Gatos: Netflix, 2024a.

Disponível em: <https://partnerhelp.netflixstudios.com/hc/en-us/articles/215600497-Portuguese-Brazil-Timed-Text-Style-Guide>. Acesso em: 11 nov. 2024.

NETFLIX. **Brooklyn Nine-Nine**. Los Gatos: Netflix, 2024b. Disponível em:

<https://www.netflix.com/title/70281562>. Acesso em: 11 nov. 2024.

NETFLIX. **Friends**. Los Gatos: Netflix, 2024c. Disponível em:

<https://www.netflix.com/watch/70274222?trackId=200257859>. Acesso em: 11 nov. 2024.

NETFLIX. **Gonzaga: de pai para filho**. Los Gatos: Netflix, 2024d. Disponível em:

<https://www.netflix.com/title/81380287>. Acesso em: 11 nov. 2024.

NETFLIX. **Pedaço de mim**. Los Gatos: Netflix, 2024e. Disponível em:

<https://www.netflix.com/title/81578306>. Acesso em: 11 nov. 2024.

NETFLIX. **Quem canta seus males espanta**. Los Gatos: Netflix, 2024f. Disponível em:

<https://www.netflix.com/title/80117526>. Acesso em: 11 nov. 2024.

NETFLIX. **Tudo bem no Natal que vem**. Los Gatos: Netflix, 2024g. Disponível em:

<https://www.netflix.com/title/81160045>. Acesso em: 11 nov. 2024.

NEVES, J. Interlingual Subtitling for the Deaf and Hard-of-Hearing. *In*: DÍAZ-CINTAS, J.; ANDERMAN, G. (ed.). **Audiovisual Translation: Language Transfer on Screen**. London: Palgrave Macmillan, 2009. p. 151-169.

NEVES, J. **Audiovisual Translation: Subtitling for the Deaf and Hard-of-Hearing**. 2005.

357 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – University of Surrey Roehampton, Londres, 2005. Disponível em: <https://iconline.ipleiria.pt/handle/10400.8/409?locale=en>. Acesso em: 11 nov. 2024.

NEVES, J. Subtitling for deaf and hard of hearing audiences: moving forward. *In*: PÉREZ-GONZÁLEZ, L. (ed.). **The Routledge Handbook of Audiovisual Translation**.

Londres/Nova Iorque: Routledge, 2018. p. 82-95.

OLIVEIRA, J. S. **A Comunidade Surda: Perfil, Barreiras e Caminhos Promissores no Processo de Ensino-Aprendizagem em Matemática**. 2005. 78 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro (CEFET/RJ), Rio de Janeiro, 2005.

OLIVEIRA, S. L. S. de. **A influência da tradução dos efeitos sonoros durante a recepção de legendas para surdos e ensurdecidos (LSE) por espectadores surdos em um filme de ação**. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://ppgpoet.ufc.br/pt/nova-dissertacao-publicada-a-influencia-da-traducao-dos-efeitos-sonoros-durante-a-recepcao-de-legendas-para-surdos-e-ensurdecidos-lse-por-espectadores-surdos-em-um-filme-de-acao/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

ORERO, P. Audiovisual translation: a new dynamic umbrella. *In*: ORERO, P. (ed.). **Topics in Audiovisual Translation**. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2004. p. 7-13.

PERES, T. **Legendagem tradicional e seus parâmetros técnicos: uma estratégia formal de tradução audiovisual**. 2023. 154 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_eda090035061d4a297c8cf52214b2055. Acesso em: 11 nov. 2024.

PERLIN, G. **O Ser e o Estar sendo Surdos: Alteridade, Diferença e Identidade**. 2003. 156 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PETROCÍNIO, M. S. **A arte de legendar: um estudo descritivo sobre as legendas nas séries Friends e Friends From College**. 2021. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Inglês) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

QUALIQUANTITATIVO. *In*: **Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro: ABL, 2024. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/qualiquantitativo#:~:text=Defini%C3%A7%C3%A3o%3A,de%20estat%C3%ADsticas%20e%20dados%20num%C3%A9ricos>. Acesso em: 11 nov. 2024.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REBOLLO-COUTO, L.; SILVA, L. P. N. da; SILVA, C. G. da. Tradução audiovisual: estratégias pragmáticas e conversacionais americanas e europeias na legendagem das formas de tratamento nominais. **Caracol**, São Paulo, v. 14, p. 274-306, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caracol/article/view/131712>. Acesso em: 11 nov. 2024.

REID, H. Literature on the screen: subtitle translation for public broadcasting. *In*: BART, W.; D'HAEN, T. (org.). **Something understood: studies in Anglo-Dutch literary translation**. Amsterdam: Rodopi, 1990. p. 97-107.

REILLY, Peter. Understanding and teaching Generation Y. **English Teaching Forum**, v. 50, n. 1, p. 2-11, 2012.

RODRIGUES, C. H. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 57, n. 1, p. 287–318, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8651578>. Acesso em: 24 nov. 2025.

RODRIGUES, C. H. Interpretação Simultânea Intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 44, p. 111-129, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i44.1146>. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1146>. Acesso em: 11 nov. 2024.

ROMERO-FRESCO, P. **Accessible filmmaking: integrating translation and accessibility into the filmmaking process**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2019.

ROMERO-FRESCO, P. Accessible Filmmaking. In: BOGUCKI, Ł.; DECKERT, M. (ed.). **The Palgrave Handbook of Audiovisual Translation and Media Accessibility**. Cham: Springer International Publishing, 2020. p. 545-566.

ROMERO-FRESCO, P. Moving from Accessible Filmmaking toward Creative Media Accessibility. **Leonardo**, [S. l.], v. 55, n. 3, p. 304-309, 2022. DOI: https://doi.org/10.1162/leon_a_02204. Disponível em: <https://direct.mit.edu/leon/article-abstract/55/3/304/109950/Moving-from-Accessible-Filmmaking-toward-Creative?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 13 nov. 2024.

ROMERO-FRESCO, P. (ed.). **The Reception of Subtitles for the Deaf and Hard of Hearing in Europe: UK, Spain, Italy, Poland, Denmark, France and Germany**. Berna: Peter Lang Group AG, 2016.

SECARĂ, A. Surtitling and captioning for theatre and opera. In: PÉREZ-GONZÁLEZ, L. (ed.). **The Routledge Handbook of Audiovisual Translation**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2019. p. 130-144.

SELVATICI, C. Closed caption: conquistas e questões. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, jan. 2010.

SEQUEIRA, T. A. D. **Relatório de estágio na Sintagma – Traduções Unipessoal, Lda.: Reflexão sobre a aplicação de estratégias de Tradução para Legendagem**. 2018. 130 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Tradução Audiovisual) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/RCAP_7e07488daeca79ed6878df3d9a070591. Acesso em: 11 nov. 2024.

SHOKOOHMAND, F.; KHOSH SALIGHEH, M. Media accessibility via intralingual subtitling: A study on deaf viewers' reception. **Media and Intercultural Communication: A Multidisciplinary Journal**, v. 2, n. 2, p. 1-20, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22034/MIC.2024.451622.1017>.

SILVA, M. C. da.; Onomatopeias e efeitos sonoros não literais na legendagem para surdos e ensurdecidos: uma pesquisa de recepção. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 64, 2025. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla>.

SILVA, S. C. M.; MOURA, F. de A. Legenda descritiva: pensando em acessibilidade para pessoas surdas em processo de aprendizagem da língua portuguesa. **Cambiassu – Dossiê Temático, Pesquisa Aplicada em Comunicação**, v. 18, n. 32, p. 185-205, jul./dez. 2023.

SILVA, V. T. C. **Direcionalidade na pesquisa empírico-experimental em interpretação intermodal entre Libras e português**. 2021. 201 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/221327?show=full>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SILVEIRA, J. G. P. da. **Legendagem, tradução automática e recepção: um estudo empírico-experimental**. 2022. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/47515>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SLUZALA, L. B. **Tradução de sons da natureza na legendagem descritiva da série Cidade Invisível**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras-Libras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/257885>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SOUZA, G. T. O efeito da segmentação e da velocidade de legendas no processamento linguístico de surdos e ouvintes em vídeos de campanhas políticas: um estudo de rastreamento ocular. **Dissertação (Mestrado)**. 82f. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará. 2020.

SPOLIDORIO, S. Mapeando a Tradução Audiovisual Acessível no Brasil. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 56, n. 2, p. 313-345, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/010318138648885280741>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/B78rPN4kTVQkbgm5kBpNBLf/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SUTTON-SPENCE, R.; WOLL, B. **The Linguistics of British Sign Language: An Introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

SZARKOWSKA, A.; BOCZKOWSKA, J. Colour coding subtitles in multilingual films – a reception study. **Perspectives**, [S. l.], v. 30, n. 3, p. 520-536, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/0907676X.2020.1853186>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0907676X.2020.1853186>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SZARKOWSKA, A.; LASKOWSKA, M. "What should subtitles be like?" **Report on the study of viewer preferences regarding television subtitles**. Institute of Applied Linguistics, University of Warsaw: Warsaw. 2014.

SZARKOWSKA, A.; KREJTZ, I.; KŁYSZEJKO, Z.; WIECZOREK, A. Eye Tracking in Poland. In: ROMERO-FRESCO, P. (ed.). *The Reception of Subtitles for the Deaf and Hard of Hearing in Europe: UK, Spain, Italy, Poland, Denmark, France and Germany*. 2016.

SZARKOWSKA, A.; LASKOWSKA, M. Poland – a voice-over country no more? A report on an online survey on subtitling preferences among Polish hearing and hearing-impaired viewers. In: BOGUCKI, L.; DECKERT, M. (ed.). **Accessing Audiovisual Translation**. Łódź Studies in Language, v. 35. Frankfurt: Peter Lang, 2015. p. 179-197.

SZARKOWSKA, A.; ŻBIKOWSKA, J.; KREJTZ, I. Subtitling for the deaf and hard of hearing in multilingual films. **International Journal of Multilingualism**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 292-312, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1080/14790718.2013.766195>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14790718.2013.766195>. Acesso em: 11 nov. 2024.

TANCREDI, Marcela. Traducción de la lengua de señas al español escrito. **Revista LSI — Lengua de Señas e Interpretación**, n. 6, 2015. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República, Montevideo. Disponível em: <https://www.tuilsu.edu.uy/biblioteca/espanol/lsi2015.pdf>. Acesso em: 23 set. 2025.

TSAOUSI, Aikaterini. Sound effect labelling in subtitling for the deaf and hard-of-hearing: an experimental study on audience reception. 2016. Tese (Doutorado em Traducción y Estudios Interculturales) – Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2016.

VENUTI, L. **The Translator's Invisibility: A History of Translation**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1995.

VIEIRA, P. A. **A influência da segmentação e da velocidade na recepção de legendas para surdos e ensurdecidos (LSE)**. 2016. 247 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UECE-0_a7faf52e71f6f4e9f66e1c1ab2d2bd9f. Acesso em: 11 nov. 2024.

VIEIRA, P. A.; ASSIS, Í. A. P. de; ARAÚJO, V. L. S. Tradução audiovisual: estudos sobre a leitura de legendas para surdos e ensurdecidos. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 40, n. 2, p. 97-124, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2020v40nesp2p97>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/78424>. Acesso em: 11 nov. 2024.

VIEIRA, P. A.; TEIXEIRA, E. N.; CHAVES, E. G. Caminhos do olhar: a movimentação ocular de espectadores surdos durante a exibição de vídeos legendados. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 56, n. 2, p. 493-526, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/010318138649288277571>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/QH5HSstxjXxFvpkCT8hWf5g/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 nov. 2024.

VIGATA, H. S. Parâmetros para a criação de legendas em leitura fácil para discentes surdos: uma proposta preliminar. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 15, n. 2, p. 100-121, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/10263>. Acesso em: 11 nov. 2024.

VULCHANOVA, M.; LERVÅG, I. K. Role of subtitles in L2 acquisition and comprehension: a pilot study of hearing-impaired students. **Languages**, v. 6, n. 1, p. 17, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3390/languages6010017>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Report of the informal working group on prevention of deafness and hearing impairment: programme planning, Geneva, 18-21 June 1991**. Geneva: World Health Organization, 1991. Disponível em: <http://www.who.int/iris/handle/10665/58839>. Acesso em: 29 jul. 2025.

WEHRMEYER, J. Eye-tracking Deaf and hearing viewing of sign language interpreted news broadcasts. **Journal of Eye Movement Research**, v. 7, n. 1, p. 1-16, 2014.

ZABALBEASCOA, P. The nature of the audiovisual text and its parameters. In: DÍAZ-CINTAS, J. (ed.). **The didactics of audiovisual translation**. Amsterdam: John Benjamins, p. 21-37. 2008.

ZÁRATE, S. **Captioning and Subtitling for d/Deaf and Hard of Hearing Audiences**. Londres: UCL Press, 2021.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ONLINE

Análise de parâmetros técnicos e tradutórios da Legendagem Descritiva: levantamento de perfil do público surdo brasileiro

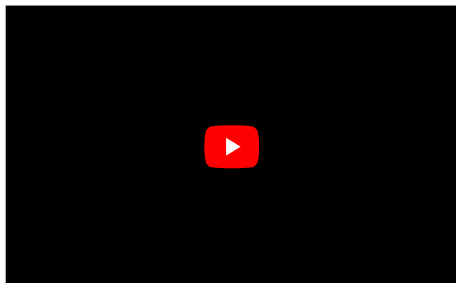
1. Convite:

Prezado(a) participante,
Você está sendo convidado(a) a responder a um questionário com o objetivo de contribuir para uma pesquisa de doutorado que visa analisar a recepção da **Legendagem Descritiva para pessoas surdas** em materiais audiovisuais que circulam no Brasil. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética número 60652622.7.0000.012.

A pesquisa está sendo conduzida pela doutoranda Vitória Tassara, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Rodrigues (UFSC) e sob a coorientação da Profa. Dra. Norma Fonseca (CMBH/ LETRA-UFMG).

Antes de começar a responder às perguntas do questionário, é importante que você leia o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) na próxima seção e assinale se aceita ou não participar da pesquisa.

Vídeo-convite em Libras:



* 1. Você é pessoa surda ou com deficiência auditiva?

Sim

Não

Análise de parâmetros técnicos e tradutórios da Legendagem Descritiva: levantamento de perfil do público surdo brasileiro

2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa "**Análise de parâmetros técnicos e tradutórios da Legendagem Descritiva: pesquisa de recepção com o público surdo brasileiro**", conduzida pela doutoranda Vitória Tassara do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues (UFSC) e sob a coorientação da Profa. Dra. Norma Barbosa de Lima Fonseca (CMBH/LETRA-UFMG).

O objetivo é descobrir, a partir de uma pesquisa de recepção, como o público surdo e com deficiência auditiva se relaciona com um tipo específico de recurso de acessibilidade midiática e audiovisual: a Legendagem Descritiva. A investigação das percepções do público surdo será realizada a partir das respostas às perguntas deste questionário e contribuirá para o campo disciplinar da Tradução Audiovisual (TAV), permitindo um diálogo entre a pesquisa acadêmica com o mercado audiovisual para atender melhor às necessidades dos telespectadores que integram a comunidade surda brasileira.

Esses dados não serão usados para outros fins, salvo a produção da Tese de Doutorado a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC) e de artigos para revistas especializadas, livros, capítulos de livros e demais produções acadêmicas relacionadas à tese.

Esta etapa da pesquisa apresenta o risco de um eventual cansaço que pode ocorrer durante o preenchimento de um questionário. No entanto, caso a sua participação na pesquisa provoque mal-estar, desconforto, constrangimento, sofrimento ou aborrecimento, pedimos que informe imediatamente a um dos pesquisadores abaixo relacionados. Você pode se recusar a participar da pesquisa, retirar o seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa. Sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou prejuízo.

Os benefícios da pesquisa estão relacionados com o desenvolvimento do campo da TAV (Tradução Audiovisual), com enfoque nas modalidades de Legendagem, mais especificamente das Legendas Descritivas para pessoas surdas. Além disso, a pesquisa se configura como uma forma de expandir as relações entre o campo disciplinar da TAV e as produções ofertadas pelo mercado audiovisual aos consumidores surdos.

Vale salientar que essa pesquisa não lhe oferecerá nenhum tipo de benefício financeiro (pagamento ou bens materiais) e que você não terá nenhuma despesa ou custo ao participar. Caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer, você poderá ser ressarcido nos termos da lei. No caso de algum eventual dano material ou imaterial decorrente da pesquisa, você poderá solicitar a indenização, conforme a legislação vigente. Após a conclusão do estudo, nos comprometemos a garantir que você tenha acesso aos resultados da pesquisa, podendo disponibilizar uma versão digital da tese.

O CEPSSH é um órgão interdisciplinar, deliberativo e educativo, vinculado à UFSC, que tem como objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, a fim de contribuir para o desenvolvimento da pesquisa normatizada pelos padrões éticos.

A pesquisadora responsável por esta pesquisa, Vitória Tassara, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução CNS 510/16, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Asseguramos sua privacidade. Caso queira receber mais informações sobre o andamento e os resultados da pesquisa, sinta-se à vontade para nos contatar:

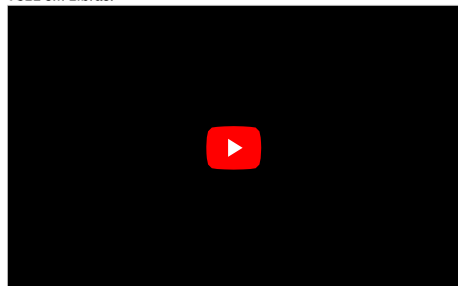
Doutoranda Vitória Tassara – (13) 99775-4422 (WhatsApp)/ vitoriatassara26@gmail.com

Prof. Dr. Carlos Rodrigues – carlos.rodrigues@ufsc.br

Profa. Dra. Norma Fonseca – normafonseca@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) – (48) 3721-6647/ secpget@gmail.com - Campus Reitor João David Ferreira Lima, CCE – Prédio B, Sala 301. Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88040-900.

TCLE em Libras:



Você poderá aceitar participar da pesquisa clicando na opção — “Estou ciente e aceito participar” — ou poderá se recusar a participar, clicando na opção — “Me recuso a participar da pesquisa”.

Ao clicar na opção abaixo — “Estou ciente e aceito participar” — você declara estar informado (a) sobre a pesquisa, e, também, de que ela não oferece nenhum risco além daqueles desconfortos comuns, como desgaste cognitivo e cansaço, que podem ocorrer enquanto se responde a um questionário; estar ciente que não receberá nenhuma remuneração e não terá qualquer ônus financeiro (despesa) em função de seu consentimento espontâneo em participar; estar informado(a) que tem assegurada sua privacidade, a manutenção do sigilo dos dados confidenciais fornecidos, a garantia de quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa, antes e durante seu curso, e a liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer momento da pesquisa, bastando comunicar sua decisão a qualquer um dos pesquisadores; e por fim, estar ciente de que responderá a um questionário sobre Legendas Descritivas para pessoas surdas.

* 2. Eu:

- Estou ciente e aceito participar.
- Me recuso a participar da pesquisa.

3. Informações gerais

* 3. Nome completo:

* 4. Qual é a sua idade?

* 5. Onde você mora:

* 6. Você se identifica como:

- Pessoa surda
- Pessoa com deficiência auditiva

* 7. Marque sua primeira língua (L1) e segunda língua (L2):

	Libras	Português	Outra
Primeira Língua (L1)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Segunda Língua (L2)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Se você assinalou a coluna "Outra", especifique sua L1 e L2:

* 8. Qual a sua língua de maior conforto?

- Libras
- Português
- Inglês
- Espanhol
- Outro (especifique)


* 9. Grau de surdez:

- Leve
- Moderada
- Severa
- Profunda
- Não sei meu grau de surdez

* 10. Como você classificaria o seu nível de proficiência em **português escrito**:

- Para assinalar "não fluente" apenas clique no círculo abaixo da opção.


Não fluente Fluente



* 11. Como você classificaria o seu nível de proficiência em **Libras**:

- Para assinalar "não fluente" apenas clique no círculo abaixo da opção.

Não fluente Fluente



* 12. Escolaridade:

Análise de parâmetros técnicos e tradutórios da Legendagem Descritiva: levantamento de perfil do público surdo brasileiro

4. Preferências sobre produtos audiovisuais

* 13. Você assiste a filmes e séries legendados em português?

	Sim	Não
Filmes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Séries	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 14. Atualmente, com que frequência você assiste a filmes e séries legendados em português?

	Menos de uma vez por mês	Uma vez por mês	Poucas vezes por mês	Aproximadamente uma vez na semana	Algumas vezes na semana	Todos os dias
Filmes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Séries	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 15. Qual a importância das legendas para que você tenha acesso a filmes e séries?

- Dependo totalmente das legendas
- Dependo parcialmente das legendas
- Não dependo das legendas

* 16. Em que idioma são, na maioria das vezes, os filmes e séries que você assiste?

	Português	Inglês	Espanhol	Francês	Italiano	Outra
Filmes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Séries	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Se você marcou a opção "Outra", especifique qual língua:

* 17. **Onde** você costuma assistir a filmes e séries legendados?

- Você pode marcar mais de uma opção.

- Cinema
- Plataformas de streaming (Netflix, HBO Max, Disney+ Amazon Prime Video etc.)
- TV

Outros:

Séries e filmes baixados da internet

YouTube

Outro (especifique)

* 18. Qual gênero cinematográfico de filmes e séries você assiste com mais frequência?

- Você pode marcar mais de uma opção.

	Ação	Animação	Aventura	Comédia	Drama	Documentário	Ficção científica	Musical	Romance	Suspense	Terror	
Filmes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Séries		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Outro:

Análise de parâmetros técnicos e tradutórios da Legendagem Descritiva: levantamento de perfil do público surdo brasileiro

5. Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (LSE)

Nesta seção do questionário, você verá algumas capturas de telas de cenas de filmes e séries com diferentes tipos de legendas. Depois de ver as imagens, você vai dizer o que acha das legendas.

- * 19. Qual é o grau de importância da **descrição de informações sonoras** (músicas, sotaques, tons de voz e outros sons) nas legendas de filmes e séries, como na imagem a seguir:



Fonte: Filme "Bohemian Rhapsody"

- Para assinalar "nada importante", apenas clique no círculo abaixo da opção.

Nada importante

Muito importante

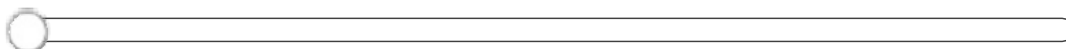
* 20. Qual é o grau de importância do **uso de diferentes cores** nas legendas para **diferenciar os personagens**, como na imagem a seguir: Muito importante



Fonte: Filme "Soul"

- Para assinalar "nada importante", apenas clique no círculo abaixo da opção.

Nada importante



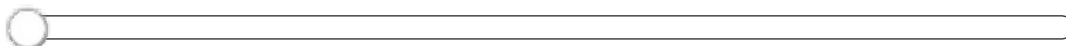
* 21. Qual é o grau de importância da **mudança do posicionamento** das legendas para **identificar o turno de fala dos personagens**, como na imagem a seguir: Muito importante



Fonte: Filme "Carnage"

- Para assinalar "nada importante", apenas clique no círculo abaixo da opção.

Nada importante



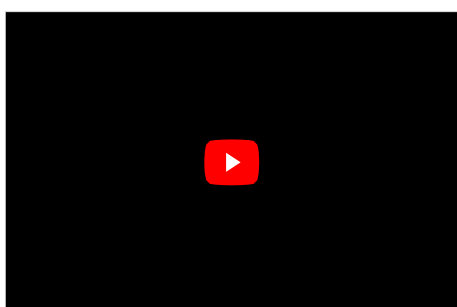
Análise de parâmetros técnicos e tradutórios da Legendagem Descritiva: levantamento de perfil do público surdo brasileiro

6. Vídeos com diferentes tipos de legendas:

Agora você assistirá a alguns trechos de filmes e séries parecidos porém com diferentes tipos de legendas. Após visualizar os vídeos, você vai dizer o que achou das legendas.

* 22. Como você avalia as legendas deste vídeo:

- Você pode clicar no ícone  para aumentar o tamanho do visor.

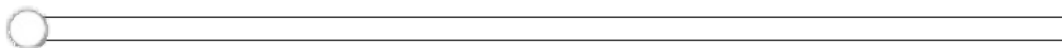


Fonte: Série "Brooklyn 99"

- Para assinalar "totalmente insatisfatórias", apenas clique no círculo abaixo da opção.

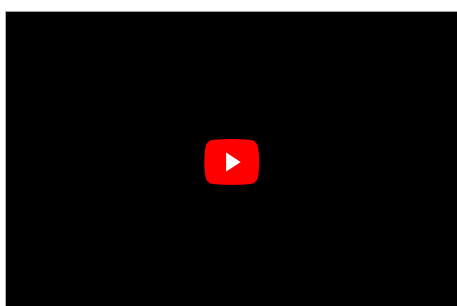
Totalmente insatisfatórias

Totalmente satisfatórias



* 23. Como você avalia as legendas deste vídeo:

- Você pode clicar no ícone  para aumentar o tamanho do visor.

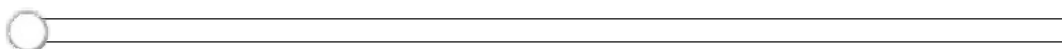


Fonte: Série "Brooklyn 99"

- Para assinalar "totalmente insatisfatórias", apenas clique no círculo abaixo da opção.

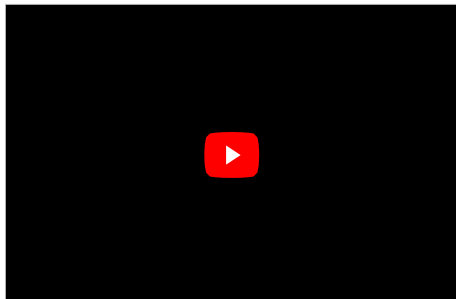
Totalmente insatisfatórias

Totalmente satisfatórias



* 24. Como você avalia as legendas deste vídeo:

- Você pode clicar no ícone  para aumentar o tamanho do visor.

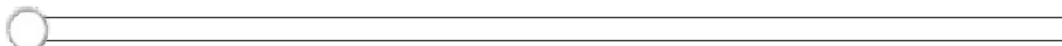


Fonte: Série "Friends"

- Para assinalar "totalmente insatisfatórias", apenas clique no círculo abaixo da opção.

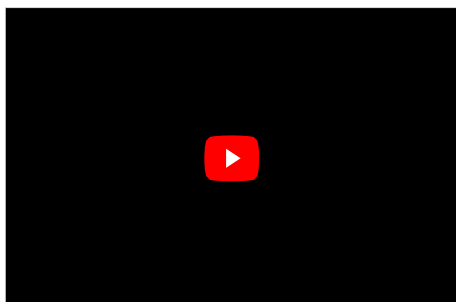
Totalmente insatisfatórias

Totalmente satisfatórias



* 25. Como você avalia as legendas deste vídeo:

- Você pode clicar no ícone  para aumentar o tamanho do visor.

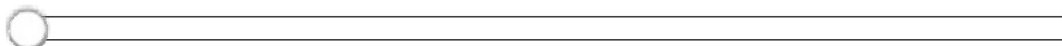


Fonte: Série "Friends"

- Para assinalar "totalmente insatisfatórias", apenas clique no círculo abaixo da opção.

Totalmente insatisfatórias

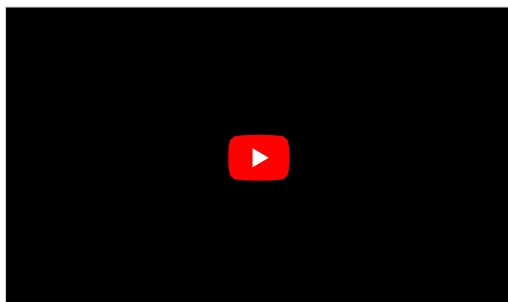
Totalmente satisfatórias



* 26. Como você avalia as legendas deste vídeo:

- Você pode clicar no ícone  para aumentar o tamanho do visor.

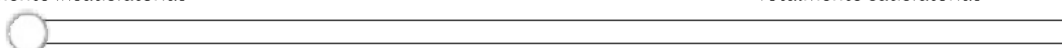
Fonte: Filme "Carnage"



o círculo abaixo da opção.

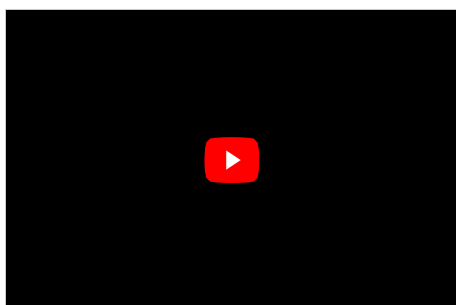
Totalmente insatisfatórias

Totalmente satisfatórias



* 27. Como você avalia as legendas deste vídeo:

- Você pode clicar no ícone  para aumentar o tamanho do visor.

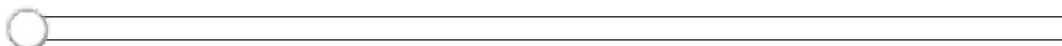


Fonte: Filme "Carnage"

- Para assinalar "totalmente insatisfatórias", apenas clique no círculo abaixo da opção.

Totalmente insatisfatórias

Totalmente satisfatórias



28. Agradecemos pelas suas respostas! Sinta-se à vontade para escrever qualquer comentário, dúvida ou sugestão sobre o questionário ou sobre a pesquisa.

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE FILMAGEM

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE FILMAGEM

Participante: _____

Título da pesquisa: Análise de parâmetros técnicos e tradutórios da Legendagem Descritiva: levantamento de perfil do público surdo brasileiro

Sua privacidade e seu bem-estar no decorrer do grupo focal são muito importantes para nós. Visto que filmagem e gravação são elementos sensíveis, elaboramos um Termo de Autorização de Filmagem, que será assinado em duas vias, para fins da gravação do grupo focal – que é uma espécie de entrevista em grupo – que faz parte da pesquisa e será todo conduzido de forma online.

Assim, ao assinar esse Termo de Autorização de Filmagem, você:

- Autoriza a gravação do grupo focal ao qual você está participando de forma online;
- Fica ciente que a gravação será analisada e transcrita apenas pela pesquisadora, para fins da continuidade da pesquisa de doutorado em andamento;
- Fica ciente que suas filmagens/imagens não serão utilizadas para outros fins salvo a produção da Tese de Doutorado a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução e de artigos para revistas especializadas, livros, capítulos de livros e demais produções acadêmicas relacionadas à tese.

Eu, _____, RG _____, CPF _____, li o Termo de Autorização de Filmagem e aceito autorizar a gravação/filmagem do grupo focal ao qual estou participando de forma online. Estou ciente também que meus dados de filmagem não serão divulgados em nenhum meio de modo algum, salvo a produção da tese de Doutorado a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução e de artigos para revistas especializadas, livros, capítulos de livros e demais produções acadêmicas relacionadas à tese da doutoranda que aqui refere-se.

Portanto, assino este Termo de Autorização de Filmagem em duas vias, que serão assinadas também pela pesquisadora Vitória Tassara, sendo que uma cópia se destina a mim, como participante, e a outra aos pesquisadores.

Florianópolis, __ de __ de 2025.

Assinatura do participante

Pesquisadora Vitória Tassara

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado (a) participante,

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa "Análise de parâmetros técnicos e tradutórios da Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE): pesquisa de recepção com o público surdo brasileiro", conduzida pela doutoranda Vitória Tassara do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues (UFSC) e sob a coorientação Profa. Dra. Norma Barbosa de Lima Fonseca (CMBH/ LETRA-UFMG).

O objetivo é descobrir, a partir de uma pesquisa de recepção, como o público surdo e com deficiência auditiva se relaciona com um tipo específico de recurso de acessibilidade midiática e audiovisual: a Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE). A investigação das percepções do público surdo será realizada a partir das respostas a esse questionário, e servirão como grande contribuição ao campo disciplinar da Tradução Audiovisual (TAV), gerando também retorno à sociedade, e se convertendo em um diálogo com o mercado audiovisual brasileiro, de modo a atender da melhor as necessidades dos telespectadores que integram as comunidades surdas brasileira.

Esses dados não serão usados para outros fins, salvo a produção da Tese de Doutorado a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC) e de artigos para revistas especializadas, livros, capítulos de livros e demais produções acadêmicas relacionadas à tese.

Esta etapa da pesquisa apresenta o risco de um eventual cansaço que pode ocorrer durante o preenchimento de um questionário. No entanto, caso a sua participação na pesquisa provoque mal-estar, desconforto, constrangimento, sofrimento ou aborrecimento, pedimos que informe imediatamente ao pesquisador através dos contatos relacionados a seguir. Você pode se recusar a participar da pesquisa, retirar o seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa. Sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou prejuízo.

Os benefícios da pesquisa estão relacionados com o desenvolvimento do campo da TAV (Tradução Audiovisual), com foco nas modalidades de LSE. Além disso, a pesquisa se configura como uma forma de expandir as relações entre o campo disciplinar da TAV e as produções ofertadas pelo mercado audiovisual aos consumidores surdos.

Vale salientar que essa pesquisa não lhe oferecerá nenhum tipo de benefício financeiro (pagamento ou bens materiais) e que você não terá nenhuma despesa ou custo ao participar. Caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer, você será ressarcido nos termos da lei. No caso de algum eventual dano material ou imaterial decorrente da pesquisa, você poderá solicitar a indenização, conforme a legislação vigente.

Após a conclusão do estudo, os pesquisadores se comprometem em garantir que você tenha acesso aos resultados da pesquisa, podendo disponibilizar uma via do estudo, se houver interesse.

Esta pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH). O CEPSH é um órgão interdisciplinar, deliberativo e educativo, vinculado a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que tem como objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, a fim de contribuir no desenvolvimento da pesquisa normatizada pelos padrões éticos.

A pesquisadora responsável por esta pesquisa, Vitória Tassara, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução CNS 510/16, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Asseguramos sua privacidade. Caso queira receber mais informações sobre o andamento e os resultados da pesquisa, sinta-se à vontade para nos contatar:

Doutoranda Vitória Tassara – (13) 99775-4422 (WhatsApp)/ vitoria.tassara@ufsc.br
Prof. Dr. Carlos Rodrigues – (48) 99948-5725 (WhatsApp)/ carlos.rodrigues@ufsc.br
Profa. Dra. Norma Fonseca – (31) 98472-4546 (WhatsApp)/ normafonseca@gmail.com
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) – (48) 3721-6647/
secpget@gmail.com - Campus Reitor João David Ferreira Lima, CCE – Prédio B, Sala 301.
Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88040-900

Você poderá aceitar participar da pesquisa assinalando a opção — “Estou ciente e aceito participar” — ou poderá se recusar a participar, assinalando a opção — “Me recuso a participar da pesquisa”.

Ao assinalar a opção abaixo — "Estou ciente e aceito participar" — você declara estar informado (a) sobre a pesquisa, e, também, de que ela não oferece nenhum risco além daqueles desconfortos comuns que podem ocorrer enquanto se responde a um questionário: desgaste cognitivo e cansaço; estar ciente que não receberá nenhuma remuneração e não terá qualquer ônus financeiro (despesa) em função de seu consentimento espontâneo em participar; estar informado (a) que tem assegurada sua privacidade, a manutenção do sigilo dos dados confidenciais fornecidos, a garantia de quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa, antes e durante seu curso, e a liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer momento da pesquisa, bastando comunicar sua decisão aos pesquisadores; e por fim, estar ciente de que responderá, a a um questionário sobre Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE).

Eu:

Estou ciente e aceito participar da pesquisa.

Me recuso a participar da pesquisa.

APÊNDICE D – VÍDEOS LEGENDADOS UTILIZADOS NA PESQUISA

Quadro 32: Trechos de vídeos legendados utilizados na pesquisa

PARÂMETRO TESTADO	TRECHO LEGENDADO
Tradução de músicas – Vídeo Controle	https://youtu.be/c_iiRpQj9oU
Tradução de músicas – Vídeo Experimental	https://youtu.be/YHAGmixK6q0
Uso de cores – Vídeo Experimental	https://youtu.be/Bv4WMSkOryE
Uso de cores – Vídeo Controle	https://youtu.be/w2Oj1ULVXZ8
Posicionamento – Vídeo Controle	https://youtu.be/zDyjEvHOi58
Posicionamento – Vídeo Experimental	https://youtu.be/PPw3X0noUgI

Fonte: Elaborado pela autora (2025).